



**UFAM**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**



**INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA**

**DELTA PAULA MELO**

**SE ESSA RUA FOSSE MINHA: AYAHUASQUEIROS E A COMUNIDADE PARAÍSO**  
**TROPICAL TARUMÃ, MANAUS/AM**  
**(UM ESTUDO DAS RELAÇÕES DE VIZINHANÇAS)**

**Manaus - AM**

**2019**



**UFAM**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**



**INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA**

**DELTA PAULA MELO**

**SE ESSA RUA FOSSE MINHA: AYAHUASQUEIROS E A COMUNIDADE PARAÍSO**  
**TROPICAL TARUMÃ, MANAUS/AM**  
**(Um estudo das relações de vizinhanças)**

Dissertação de Mestrado apresentada a Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia. PPGSCA/UFAM, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre, na linha de Processos Socioculturais na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Gláucio Campos G. de Matos

**Manaus - AM**

**2019**

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Melo, Delta Paula  
M528s Se essa rua fosse minha: Ayahuasqueiros e a Comunidade Paraíso Tropical Tarumã, Manaus/AM. : (um estudo das relações de vizinhanças) / Delta Paula Melo. 2019  
165 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Gláucio Campos Gomes de Matos  
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Ayahuasca. 2. Comunidade. 3. Figurações. 4. Interdependências. 5. Vizinhança. I. Matos, Gláucio Campos Gomes de II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

**DELTA PAULA MELO**

**SE ESSA RUA FOSSE MINHA: AYAHUASQUEIROS E A COMUNIDADE PARAÍSO  
TROPICAL TARUMÃ, MANAUS/AM  
(um estudo das relações de vizinhanças)**

Esta Dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do grau de Mestra no Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, linha de pesquisa 1, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2019

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Gláucio Campos G., de Matos – Presidente  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

---

Prof. Dr. Odenei, de Souza Ribeiro  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

---

Prof. Dr. Nilton Paulo Ponciano  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM

Manaus – AM

2019



## DEDICATÓRIA

A Excelentíssima Sra. Izabel dos Santos Paula, mãe, por minha vida, pelo agasalho nas noites frias em Vila Plácido de Castro/AC, pelos cuidados que resultaram na cura da leishmaniose, cuja cicatriz em minha face é motivo de eterna gratidão, por sua coragem em abandonar os seringais em busca de dias melhores para os seus, apesar das intempéries que a vida lhe impôs.

As minhas filhas, Ana Clara dos Santos Silva e Maria Fernanda dos Santos Melo, a razão das minhas vitórias.

A tia Dulce Maués (*in memoriam*), por ter estendido a mão, quando as forças e a esperança de um futuro melhor se exauriam junto às árvores chorosas.

Aos filhos e filhas das raízes amazônicas cuja exuberância afaga nosso ego e nos instiga a construir outras formas de pensar, trazendo à baila novos conhecimentos sobre nós e sobre aquela a quem chamamos de nossa casa: a Amazônia.

## AGRADECIMENTOS

Á Deus na sua infinita forma de energia ou nos mais diversos nomes, Jeová, Javé, Jesus, Alá.

Aos espíritos de luz: Mestres Irineu e Gabriel a fé de vocês emoldurou esse estudo.

Ao meu Orientador Professor Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos, pelas horas desprendidas, pelo espírito calmo e nobre, próprio dos sábios e humildes e por me apresentar ao grande Pensador Norbert Elias, cuja teoria norteou caminhos.

A minha Coorientadora Professora Dra. Marilina Bessa, pela apresentação as Igrejas Daimistas da Rua Caravele, e pelas orientações quanto á quebra de paradigmas nessa pesquisa.

Ao Professor Dr. José Cardoso Neto – Departamento de Estatística da Universidade Federal do Amazonas pela prestimosa orientação na apuração dos resultados.

A minha pequena família, minha mãe Izabel dos Santos Paula e Filhas Maria Fernanda e Ana Clara, pela paciência e silêncio nos dias de estudo.

A minha amiga, irmã e amora, que o Mestrado trouxe para minha vida, Maria Isabel de Araújo, “ajuri”, lhe encontrei na hora e lugar certo, sem você, ainda estaria “tentando”.

Ao meu dileto, controverso e competente amigo Professor Dr. Celso Torres do Nascimento, pelo incentivo inicial e por ter acreditado que eu seria capaz.

A colega Miriam Araújo, pela companhia nas madrugadas nos rituais do Santo Daime e discursões acadêmicos.

A Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, na pessoa ilustre Professora Dra. Iraildes Caldas Torres, bem como o quadro de colaboradores da Secretaria, especialmente o “nosso” Jonhny, cuja simpatia contribuiu para melhorar o ânimo diante de assuntos burocráticos.

A amiga Gisele Bahia Lins, a doçura em forma de ser humano, pelo coleguismo e companheirismo, cuja iguaria, a famosa “bôla da Gi”, fará parte das memórias de momentos indelévels dessa época da vida.

Colegas de modo geral do Programa de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia, especialmente, “nosso” Padre Francisco de Assis, pela honra em poder sentar ao lado de vocês.

Professores do Programa Sociedade e Cultura na Amazônia, especialmente Dra. Selda Vale da Costa e Dr. Odenei de Souza Ribeiro, pelo olhar de vocês, ousei mirar o horizonte.

Aos grupos religiosos Santo Daime da Rua Caravele no Bairro Tarumã, especialmente Juliana Belota, Walderes Nascimento, Viviane, Ítalo Chelsea, Igor Monteverde, Manuel Nunes, Alysson, Adir Sales e Maria Maciel, a fé de vocês me inspirou a prosseguir.

Ao Centro Espirita Beneficente União do Vegetal – especialmente Mestre Representante do Núcleo Tiuaco Sr Edson Souza, Dr. Julliem Thévenin, Sr Júlio, Sr Mário Kokay e esposa pela gentileza e acolhida.

A Comissão Científica da União do Vegetal – Brasília-DF, na pessoa do Dr e Mestre hoasqueiro Joaze Bernardino, cujo parecer sobre meu projeto, ampliou o olhar.

Ao amigo e conterrâneo Eliezer Barreto Garcia, pelo livro sobre nossa terra acreana.

A todos que contribuíram direta e indiretamente a realização dessa dissertação

## **SE ESSA RUA FOSSE MINHA**

**Mario Lago**

Se essa rua  
Se essa rua fosse minha  
Eu mandava  
Eu mandava ladrilhar  
Com pedrinhas  
Com pedrinhas de brilhantes  
Para o meu  
Para o meu amor passar  
Nessa rua  
Nessa rua tem um bosque  
Que se chama  
Que se chama solidão  
Dentro dele  
Dentro dele mora um anjo  
Que roubou  
Que roubou meu coração  
Se eu roubei  
Se eu roubei teu coração  
É porque  
É porque te quero bem  
Se eu roubei  
Se eu roubei teu coração  
É porque  
Tu roubaste o meu também

## RESUMO

O princípio básico da Sociologia afirma que o homem não vive só, o processo civilizador o moldou a viver dentro de determinados padrões de comportamento, de estruturas sociais: ruas, bairros, cidades etc., estabelecendo-se em comunidades produziu meios de subsistência, construiu relações sociais entre seus próximos (vizinhos), mais a dinâmica social se nutre do conflito, nem sempre a convivência social é harmoniosa. Por outro lado, a Sociologia não tem um conceito estanque de comunidade, o senso comum infere que fazer parte de uma comunidade não significa apenas partilhar a mesma vizinhança e localidade geográfica, mas os mesmos ideais de solidariedade entre pessoas que partilham padrões e ideologias semelhantes, em épocas globalizantes independem da geografia do lugar, bastando um aparelho móvel, uma senha e acesso à internet para que uma nova relação social seja construída. Este estudo envolve pessoas, mais especificamente os grupos religiosos *ayahuasqueiros* Santo Daimé e União do Vegetal oriundos da Floresta Amazônica em fins do Séc. XIX e início do Séc. XX e suas relações entre vizinhos, no âmbito do lugar onde moram, rezam e vivem a Rua Caravelle bem como a Comunidade Paraíso Tropical, uma área de ocupações desordenadas, ambos estabelecidos no bairro Tarumã, Manaus/AM, revela as relações de interdependências funcionais por meio das figurações sociais, baseadas na teoria de Norbert Elias (1897-1990), trazem à baila práticas sociais, tais como solidariedade, beneficência ou tensões por questões ambientais e religiosas que possam interferir na vida cotidiana entre os sujeitos dessa pesquisa. Fixar moradia, igrejas ou outras instituições sociais em uma área privilegiada pela natureza, com recursos naturais como igarapés, reservas ambientais, impõe a todos um papel protagonista no que tange a comportamentos e atitudes de preservação e isso nem sempre é sinônimo de paz e união entre os vizinhos, trata também de estigmas, preconceito e intolerância tendo como raiz o (des)conhecimento diante do discurso moderno, perpassa pela história e trajetória dos nordestinos Raimundo Irineu Serra e José Gabriel da Costa fundadores das religiões *ayahuasqueiras*, na Amazônia durante o Ciclo da Borracha(1912-1945), traz reflexões sobre o histórico embate entre ciência e religião. A pesquisa é descritiva, de abordagem qualitativa, por explorar aspectos subjetivos contém aspectos quantitativos pela necessidade em quantificar o problema e entender a dimensão deste, com observação participante tanto nos rituais dos grupos religiosos ayahuasqueiros/hoasqueiros, como no cotidiano da comunidade Paraíso Tropical.

Palavras-chave: Ayahuasca, Comunidade, Figurações, Interdependências, Vizinhanças.

## ABSTRACT

The basic principle of Sociology asserts that man does not live only the civilizing process shaped him to live within certain patterns of behavior, social structures: streets, neighborhoods, cities, etc., establishing themselves in communities produced livelihoods, built relationships social relations among their neighbors, the social dynamics are nourished by conflict, social coexistence is not always harmonious. On the other hand, sociology does not have a watertight concept of community, common sense infers that being part of a community does not only mean sharing the same neighborhood and geographical location, but the same ideals of solidarity between people who share similar patterns and ideologies, in times of globalization are independent of the geography of the place, just a mobile device, a password and Internet access for a new social relationship to be built. This study involves people, more specifically the Santo Daime ayahuasqueiros and Unity do Vegetal religious groups originating from the Amazon Rainforest in the late 19th and early 20th centuries and their relationships within the place where they live, pray and live on Street Caravele, as well as the Paraíso Tropical Community, an area of disorderly occupations, both established in the Tarumã neighborhood, Manaus/AM, reveals the relations of functional interdependencies through social figurations, based on the theory of Norbert Elias (1897-1990). dances social practices such as solidarity, beneficence or tensions over environmental and religious issues that may interfere with daily life among the subjects of this research. Fixing housing, churches or other social institutions in an area privileged by nature, with natural resources such as streams, environmental reserves, imposes on everyone a leading role in regard to preservation behaviors and attitudes and this is not always synonymous with peace and unity between the neighbors, also deals with stigma, prejudice and intolerance, having as root the (dis) knowledge of modern discourse, perpasses the history and trajectory of the Northeastern Raimundo Irineu Serra and José Gabriel da Costa founders of the ayahuasca religions, in the Amazon during the Cycle of Rubber (1912-1945), brings reflections on the historical clash between science and religion. The research is descriptive, with a qualitative approach, to explore subjective aspects. It contains quantitative aspects by the necessity to quantify the problem and to understand the dimension of this problem, with participant observation both in the rituals of the ayahuasqueiros / hoasqueiros religious groups and in the daily life of the Paraíso Tropical community.

Keywords: Ayahuasca, Community, Figurations, Interdependencies, Neighborhood.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Divisão do Bairro Tarumã.....	26
Figura 2 - Resort Aqua Ville .....	29
Figura 3 - Igarapé da Ponte de Bolívia - 1978.....	34
Figura 4 - Igarapé da Ponte da Bolívia - 2018.....	34
Figura 5 - Igarapé do Tarumanzinho 1978.....	34
Figura 6 - Igarapé do Tarumanzinho 2018.....	34
Figura 7 - Cachoeira Alta do Tarumã - 1978.....	34
Figura 8 - Cachoeira Alta do Tarumã - 2018.....	34
Figura 9 - Paisagem urbana. Av. Tarumã. 2018.....	35
Figura 10 - Obra licenciada Tarumã 2018.....	35
Figura 11 - <i>Banisteriopsis Caapi</i> .....	44
Figura 12 - <i>Psychotria Viridies</i> .....	44
Figura 13 - 1ª Igreja S. Daime Céu do Sol Nascente.....	54
Figura 14 - Pousada Uarumã.....	54
Figura 15 - CC Pousada Uarumã.....	55
Figura 16 - Eventos Xamânico na Pousada Uarumã .....	55
Figura 17 - Calendário ICEFLU/2018.....	57
Figura 18 - Medicina indígena rapé.....	58
Figura 19 - Igarapé da Água Branca.....	58
Figura 20 - Padrinho Alfredo Gregório de Melo.....	59
Figura 21 - União do Vegetal – Núcleo Tiuaco.....	61
Figura 22 - Propaganda do governo getulista sobre a vida do seringueiro na Amazônia. 66	
Figura 23 - Compromissos com a Pátria.....	67
Figura 24 - Contrato de trabalho do seringueiro.....	67
Figura 25 - Agressão candomblé.....	84
Figura 26 - Umbandaime.....	84
Figura 27 - Imagem por satélite – loteamento Paraíso Tropical.....	88
Figura 28 - Lote a venda.....	88
Figura 29 - Lote para alugar.....	88
Figura 30 - Loteamento Paraíso Tropical - PMM.....	89

Figura 31 - Lote comercial regularizado.....	92
Figura 32 - Lote não regularizado.....	92
Figura 33 - Poço artesiano.....	95
Figura 34 - Rua no inverno.....	95
Figura 35 - Bueiros.....	96
Figura 36 - Rua no verão.....	96
Figura 37 - Casa construída com refugos de construção.....	97
Figura 38 - Árvores e outras plantas.....	97
Figura 39 - Associação CNI - 2018.....	99
Figura 40 - Reforma CNI 2019.....	99
Figura 41 - Localização dos grupos religiosos da Rua Caravele.....	102
Figura 42 - Igarapé da Água Branca.....	103
Figura 43 - Espaço de Socialização.....	103
Figura 44 - Local Provisório Ritual RF/Txais.....	112
Figura 45 - Antes da reforma RF - Txais.....	112
Figura 46 - Rainha da floresta depois da reforma - visão externa e interna.....	112
Figura 47 - Avenida principal da Comunidade Paraíso Tropical.....	115
Figura 48 - Rua Transversal - CPT.....	115
Figura 49 - Moradias a margem esquerda da Avenida Principal- CPT.....	116
Figura 50 - Religião CPT.....	123
Figura 51 - Conhecer x aceitar convite para assistir .....	125
Figura 52 - Trabalho nos grupos ayahuasqueiros.....	126
Figura 53 - Maiores problemas apontados pela CPT.....	127
Figura 54 - Conhece o chá ayahuasca/hoasca? .....	129
Figura 55 - Religião não se discute.....	130
Figura 56 - Ações sociais e beneficência.....	132



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 População residente nos bairros – Manaus – 1996 – 2000.....	27
Tabela 2 População residente por bairro – variação 2000 – 2010.....	31
Tabela 3 Faixa etária dos participantes.....	123
Tabela 4 Tempo de moradia e gênero.....	123
Tabela 5 Benefícios do chá ayahuasca/Hoasca.....	133
Tabela 6 O Sr. conhece a Comunidade Paraíso Tropical? .....	134
Tabela 7 O Sr. já sofreu algum preconceito por parte de seus vizinhos?.....	135
Tabela 8 Em nome do seu grupo religioso o Sr (a) participou de alguma ação social, benfícica voltada à comunidade Paraíso Tropical? .....	136
Tabela 9 O Sr já convidou alguém das comunidades próximas para visitar seu grupo religioso? .....	138
Tabela 10 Tensão por questões ambientais.....	138
Tabela 11 Conhecimento sobre contratação de trabalhador?.....	140

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Santo Daime - Raimundo Irineu Serra – Fundação - Acre 1930.....	52
Quadro 2 União do Vegetal – José Gabriel da Costa UDV - Fundação Rondônia 1961..	53
Quadro 3 Algumas diferenças nos rituais - Santo Daime e UDV.....	53

## LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

<b>BID</b>	Banco Interamericano de Desenvolvimento
<b>CEBUDV</b>	Centro Espirita Beneficente União do Vegetal
<b>CEFLURIS</b>	Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra
<b>CICLU</b>	Centro de Iluminação Cristã Luz Universal
<b>CONAD</b>	Conselho Nacional Antidrogas
<b>CONAMA</b>	Conselho Nacional de Meio Ambiente
<b>CRF</b>	Círculo de Regeneração e fé.
<b>CSN</b>	Céu do Sol Nascente
<b>DMT</b>	Dimetiltriptamina
<b>FUNAI</b>	Fundação Nacional do Índio
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>ICEFLU</b>	Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal
<b>IDARIS</b>	Instituto de Desenvolvimento Raimundo Irineu Serra
<b>IMPLURB</b>	Instituto Municipal de Planejamento Urbano
<b>IPTU</b>	Imposto Territorial Urbano
<b>ONG</b>	Organização Não Governamental
<b>PMM</b>	Prefeitura Municipal de Manaus
<b>PROSAMIM</b>	Programa Social E Ambiental Dos Igarapés De Manaus
<b>SEMMAS</b>	Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade
<b>SEMSA</b>	Secretaria Municipal de Saúde
<b>SPI</b>	Serviço de Proteção ao Índio
<b>STF</b>	Supremo Tribunal Federal
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>UDV</b>	União do Vegetal

## SUMÁRIO

RESUMO .....	9
ABSTRACT .....	10
LISTA DE FIGURAS .....	11
LISTA DE TABELAS .....	13
LISTA DE QUADROS .....	14
LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS .....	15
INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I – BAIRRO TARUMÃ: UM LUGAR PARA MORAR, REZAR e VIVER .....	24
1. Aspectos sociais e demográficos .....	24
1.1 - Memória Social .....	31
1.1.2 Questões ambientais.....	35
CAPÍTULO II - AYAHUASCA/HOASCA: DAS PLANTAS A RELIGIÃO.....	39
2.1 Santo Daime e União do Vegetal – Seita ou Religião? .....	39
2.1.2 Plantas de Poder – Tradições antigas .....	42
2.2 Religiosos Ayahuasqueiros/hoasqueiros: quem é de onde vieram .....	45
2.2.1 Espaço Holístico e Terapêutico Pousada Uarumã.....	53
2.2.2 Igreja do Santo Daime Céu do Sol Nascente.....	55
2.2.3 Igreja do Santo Daime Rainha da Floresta – Tenda dos Txais.....	58
2.2.4 Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – UDV .....	60
CAPÍTULO III – ESTIGMA, PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA - AS RAÍZES NO (DES) CONHECIMENTO .....	64
3.1 – Nordestinos Seringueiros e Negros: estigma e encontro marcado “com” a Amazônia... 64	
3.2 Alucinógeno ou Enteógeno – Ciência e Religião um diálogo possível.....	73
3.3 Preconceito e Intolerância religiosa – a realidade no discurso da modernidade .....	82
CAPÍTULO IV – LOTEAMENTO – COMUNIDADE PARAÍSO TROPICAL.....	87
4.1 – Loteamento – Aspectos Legais.....	87
4.1.1 Conceitos Socioantropológico de Comunidade.....	889
4.1.2 Indígenas – por um pedaço de terra batida para viver.....	93
CAPÍTULO V – SE ESSA RUA FOSSE MINHA: RELAÇÕES DE VIZINHANÇA – AS FIGURAÇÕES SE REVELAM .....	102
5.1 – Rua Caravele – Questões ambientais – tensões sociais.....	102

5.1.2 O barulho do vizinho te incomoda?.....	108
5.1.3 Trocas na Rua Caravele e outras figurações na comunidade .....	110
ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	122
6. 1 – Comunidade Paraíso Tropical. ....	122
6.2 – Grupos Religiosos ayahuasqueiros.....	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	141
REFERÊNCIAS .....	144
APÊNDICES.....	157

## INTRODUÇÃO

Relações sociais, intolerância religiosa, comunidade, tensões, beneficência e solidariedade, foram temas que marcaram de forma indelével a vida desta pesquisadora, desde a saída dos seringais no estado do Acre, (onde nasci) em fins dos anos 1960.

No cenário global, os anos 1960, foram marcados por grandes eventos: o homem pisou a face da lua, comunismo e capitalismo revelaram uma nova temperatura de guerra, a guerra fria, a juventude alterou e instituiu novos padrões de comportamento (COUTO, 1995), *The Beatles* e *The Rolling Stones* embalaram mentes e corações naqueles anos.

*Woodstock* Festival (EUA-1969), auge da Contracultura revelou o protagonismo de uma geração, hippies e não hippies protestaram contra o moralismo vigente, a favor da liberdade sexual, dos direitos civis, dos negros, pela transformação da consciência e dos valores,” sexo, drogas e *rock in holl*” foram expressões que fizeram a cabeça daquela geração conhecida como paz e amor! (BENVENUTI 2009).

Não houve surpresa quando os ventos desses tempos sopraram deste lado do Atlântico, os anos rebeldes como ficara conhecido essa década, mostrou a rebeldia da juventude brasileira, mobilizada contra a ascensão dos militares, censura, normas e valores estabelecidos na sociedade vigente, expressados nas roupas e cabelos, sendo a música um dos principais instrumentos, “Proibido proibir” canção de Caetano Veloso, “Pra não dizer que não falei das flores” de Geraldo Vandré dentre outras canções do tropicalismo, tornaram-se a principal manifestação do movimento contracultura, traduzindo a efervescência cultural da época, embevecendo a sociedade brasileira com uma cultura contemporânea, formada por uma nova consciência sobre direitos políticos e liberdade de expressão, a chegada da TV em cores, corroborou com esse momento de transformações sociais.

Entretanto, a euforia dessa geração, não ecoou na dinâmica da região da borracha, o estado do Acre, muito menos na vida das famílias de seringueiros, cuja única preocupação era sobreviver à expulsão de suas colocações, fome e doenças, principalmente a malária e leishmaniose, a exemplo da família desta pesquisadora.

O início dos anos 1970 trouxeram diversas transformações econômicas e sociais aquela região, pelo final do ciclo extrativista que perdurava desde o início do Séc. XX. No novo modelo de exploração, os seringais, deram lugar aos pastos, Benchimol (1999), revelando a saga das famílias de seringueiros que como os judeus em sua diáspora rumaram para outras capitais da Amazônia, como a próspera cidade de Manaus, em busca de melhores condições de vida. As diversas fábricas que começavam a se instalar no Distrito Industrial de

Manaus, eram depositárias de sonhos de prosperidade, ou, no mínimo de uma vida melhor para aquelas famílias que por aqui aportavam, incluindo a minha.

Trabalhar nas linhas de montagens, estudar a noite, preenchia a vida material no adolescer, (apesar do cheiro da solda a impregnar o corpo), amainando a rebeldia contra os ditames da religião familiar: Testemunhas de Jeová, professada até os dias atuais pelo núcleo familiar materno, cujos mecanismos de controle, se traduziam em intolerância, violência doméstica e exclusão da convivência familiar para aqueles ou aquelas (como esta pesquisadora) que se rebelava contra a Igreja, ou melhor, contra o Salão do Reino, como é chamado o local de reunião desse grupo religioso. Quaisquer atividades de lazer eram monitoradas pelo corpo de anciãos da igreja (salão), ir ao cinema era motivo de disciplina pública, também não viam com bons olhos, “perder” tempo na escola, posto que aprender ler e escrever seria suficiente, diante do iminente fim do mundo que se aproximava, o Armagedom.

Se comunidade e família é a base social e afetiva do ser humano, a religião, em tese deveria fortalecer esses vínculos, já que a expressiva maioria delas, independentemente de suas matrizes: cristãs, africanas, europeias, etc., exalta o amor, respeito, misericórdia e compaixão entre os semelhantes, condição apregoada para o autoconhecimento e salvação do homem enquanto ser cognoscente, porém, não é o que a humanidade traz registrado em sua história.

A intolerância fundamentada na crença de que um único caminho leva a Deus, cuja verdade divina é pertença de um determinado grupo religioso, marca as fronteiras da divisão, exclusão e alijamento das relações sociais, gerando intolerância religiosa, cabendo à sabedoria popular a tentativa de promover uma espécie de pacificação, “religião não se discute”.

Nesse curso cego, são as experiências marcantes da vida que aproximam o pesquisador de seu objeto de estudo, e, num primeiro momento tecem a teia, alimentam as decisões quanto ao que estudar e quais conhecimentos produzir, no entanto, não faço desse estudo, uma bandeira, ou uma espécie de desforra pelas experiências da vida, mais uma forma de analisar e compreender as figurações sociais, que formam o que Norbert Elias (2008) chamou de rede de interdependências funcionais, tendo os grupos religiosos *ayahuasqueiros/hoasqueiros*, como sujeito principal, em virtude de que suas práticas ritualísticas possam implicar no cotidiano da comunidade onde estão inseridos, bem como ações de beneficência e solidariedade como contraponto e contrapeso dessas interações humanas, sob a análise das ciências sociais e seus pensadores, especialmente a sociologia e antropologia.

Vai longe o tempo dos seringais, mas as relações sociais entre indivíduos, vizinhos, familiares revelam a dinâmica figuracional, transformadas por novas formas de se relacionar (redes sociais), aproximando pessoas, por afinidades, ideologias, interesses etc.

Indubitavelmente, na era das “curtidas/compartilhamentos/hashtags” de imagens, texto e voz, não existe fronteiras físicas, cercas ou muralhas que isolem o ser social, sendo necessário tão somente, a internet, um aparelho móvel e uma senha, para que uma nova relação social seja construída, revelando as interdependências.

No entanto, se por um lado, há novas formas de se relacionar, por outro, os conflitos, as tensões e as dicotomias nos aspectos sociais, políticos e religiosos, mantem-se, atravessam os tempos. O Pensador Norbert Elias, um dos teóricos que iluminam esse estudo, disse que não existem pessoas isoladas, que nunca tenha estado em uma teia entre pessoas (Elias 2008) demonstrando um pensamento visionário sobre os indivíduos e sociedade das próximas gerações.

Minhas primeiras leituras sobre as religiões de matriz *ayahuasqueiras*, especialmente: Santo Daime e União do Vegetal deram-se em virtude de estas serem oriundas da floresta, do estado onde nasci o Acre. Lendas, histórias de seringueiros picados por cobras, seres míticos como a matita perera, rasga mortalha, bem como a crença quanto a cura dos males do corpo procedente da floresta, em forma de chás, rezas e banhos, fizeram parte da infância nos seringais, como também, por ser este grupo religioso envolto em estigmas, mistérios, onde possivelmente o medo e desconhecimento, possam dar vazão a intolerância e preconceito, manifestados do outro lado de suas cercas e muros.

Assim, comecei a frequentar a Igreja do Santo Daime Céu do Sol Nascente, no início de 2017, como visitante. Nas duas primeiras sessões, consegui a permissão da direção da Igreja, para não beber o chá *ayahuasca*, acreditava que poderia driblar as relações de interdependências passando despercebida nesse ritual além de ter receios quanto aos efeitos do chá no organismo, pois voltaria sozinha para casa, por outro lado, sentia-me mais espiã do que observadora participante. Desta feita, tomei o chá *ayahuasca* na terceira visita, cuja experiência será relatada nas considerações finais desse estudo.

A partir de então revezei as visitas em outros grupos religiosos da Rua Caravele: União do Vegetal, Rainha da Floresta e Pousada Uarumã, passei por entrevistas e apresentação aos líderes das mesmas, meu Projeto foi enviado a – Comissão Científica do Centro Espirita Beneficente União do Vegetal – CEBUDV ou UDV em Brasília-DF, que após análises, concedeu parecer favorável para que pudesse assistir ao ritual no Núcleo Tiucaco, estabelecido nº 01, da Rua Caravele – Bairro Tarumã, na condição de pesquisadora,



comportamento acompanhado/autorizado pelas outras Igrejas Daimistas, por meio da assinatura dos Termos de Anuência, requisitos que colaboraram para aprovação do projeto na Plataforma Brasil - Comitê de Ética da Universidade Federal do Amazonas em 01 de Novembro de 2018, sob o parecer 2.995801.

A cada participação nos rituais, bebendo o chá *ayahuasca*, novos aprendizados se configuravam na mente e no horizonte.

O objetivo geral desse estudo é analisar as relações sociais, entre os grupos religiosos *ayahuasqueiros/hoasqueiros* (Santo Daime e União do Vegetal) a vizinhança da Rua Caravele (onde se localiza as igrejas) e a comunidade fronteira Loteamento/comunidade Paraíso Tropical – ambos estabelecidos no bairro Tarumã – Manaus/AM.

Quanto aos objetivos específicos, buscamos: a) identificar nas relações sociais, tensão, conflitos, poder, carisma, solidariedade e beneficência, b) mapear a percepção da vizinhança, possíveis mudanças no cotidiano, por conta dos rituais religiosos dos grupos *ayahuasqueiros/hoasqueiros*, c) averiguar de maneira a responder se há ou não, atitudes que demonstrem preconceitos ou intolerância, tanto por parte dos vizinhos com relação aos rituais religiosos das igrejas *ayahuasqueiras* como também por parte dos grupos religiosos em relação à vizinhança.

O referencial teórico será ancorado por estudiosos clássicos e contemporâneos, tendo como fio condutor, a teoria de Norbert Elias, (1897-1990) que versa sobre figurações, redes de interdependências funcionais e poder, bem como Pierre Bourdieu (1987, 1997, 2002 e 2010) sobre campos de poder, economia das trocas e poder simbólico, Emile Durkheim (1996) e suas análises sobre religiões, Michel Meslin (2014) que versa sobre a experiência humana do divino, bem como Peter Berger (1985 e 2017) e o novo paradigma da religião em uma época pluralista e demais autores.

Quanto às práticas ritualísticas das religiões *ayahuasqueiros/hoasqueiros*, leia-se Santo Daime e União do Vegetal é consenso nas diversas teses, dissertações e artigos sobre essa temática, os estudos de Beatriz Labate (2004 e 2005), Vera Fróes (1986), Edward MacRae (1992-2011) e Maria Betânia Albuquerque (2007 e 2011), dentre outros, formando robusto material de consulta.

Sobre comunidades, os estudos de Bauman (1998, 2001 e 2007), Florestan Fernandes, (1973), Ferdinand Tönnies (1944) e demais autores nos permitirão compreender aspectos importantes de uma comunidade em formação.

Sobre as relações sociais que se estabeleceram na Amazônia entre o autóctone e os

Nordestinos que chegaram a Amazônia em fins do Séc. XIX e início do Séc. XX Euclides da Cunha (2006) e Samuel Benchimol (1992 e 1999) serão âncoras nessa pesquisa, dentre outros pensadores da Amazônia.

Importante, também, as contribuições de diversas teses e dissertações, como, por exemplo, a de Josué Bertolin (2015), sobre ciência e fé e Luiz Henrique Barreto de Moura Costa (2015) que descreve as primeiras relações sociais estabelecidas a Rua Caravele, dentre outros pesquisadores.

Quanto à abordagem teórico-metodológica, trata-se de uma pesquisa básica que visa ampliar conhecimentos, porém, com perspectivas de aplicação prática, na medida em que colocamos os sujeitos participantes face a face, no sentido de se reconhecerem nesse estudo, de maneira que possa resultar em alguma ação concreta.

Atribuímos o método descritivo que segundo Marconi; Lakatos, (2017), visa descrever determinado fenômeno, por meio da identificação das características de determinada população, distribuída por idade, opiniões, atitudes e crenças, é qualitativa por explorar aspectos subjetivos, e quantitativos pela necessidade em quantificar o problema e entender a dimensão destes, inserimos procedimentos etnográficos, pela importância em retratar aspectos históricos e do cotidiano.

Quanto aos procedimentos técnicos metodológicos, será por meio da observação participante e pesquisa de campo, para os moradores da Comunidade Paraíso Tropical será aplicado um formulário e para os religiosos *ayahuasqueiros*, aplicaremos entrevistas semiestruturadas.

Estimamos o tamanho inicial da amostra para a população da Comunidade Paraíso Tropical como sendo o mínimo necessário para estimar a proporção de indivíduos que conhecem os grupos religiosos *ayahuasqueiros/hoasqueiros* da Rua Caravele, com um erro de 5% e um intervalo de 95% de confiança.

A Pesquisa de campo permitiu a contagem *in loco* de 70 pessoas/domicílios, os quais foram confirmados por meio de imagens de mapa por satélite, nesse intento contamos com a contribuição do Estatístico Professor Dr. José Cardoso Neto, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, que nos apoiou nessa demanda.

De uma amostra piloto de 16 domicílios, apenas dois entrevistados responderam sim a questão de interesse, portanto usamos  $\hat{p} = \frac{2}{16} = 0,125$ . O tamanho inicial da amostra foi calculado como segue:

$$n_0 = \left(\frac{z_{\alpha/2}}{\epsilon}\right)^2 \times \hat{p} \times (1 - \hat{p}) = \left(\frac{1,96}{0,05}\right)^2 \times 0,125 \times 0,875 \cong 169,$$

Onde  $\epsilon$  é o erro amostral admitido e  $z_{\alpha/2}$  é o valor da distribuição normal correspondente ao intervalo de 95% de confiança.

Fazendo a correlação de população finita encontramos o tamanho final da amostra de domicílios:

$$n = \frac{n_0}{1 + \frac{n_0}{N}} = \frac{169}{1 + \frac{196}{70}} \cong 52.$$

Apesar de ser uma área ocupada por aproximadamente 230 indígenas de diversas etnias, estes não fazem parte desse estudo, apenas foram retratados no Cap. IV, posto que estejam dentro da área de estudo, Bairro Tarumã, por conta das especificidades (leis/autorizações de órgãos públicos e políticas públicas) destinadas a essas populações tradicionais.

Em relação à amostra dos grupos religiosos *ayahuasqueiros/hoasqueiros* que se associam em um dos grupos Centro Espirita Beneficente União do Vegetal – UDV – Núcleo Tiuaço, Igreja do Santo Daime Céu do Sol Nascente – CSN, Igreja do Santo Daime Rainha da Floresta – Movimento dos Txais e Pousada Uarumã, totalizam 23 indivíduos, adotei como critério de exclusão: menor de idade e não residente a Rua Caravele ou nas comunidades próximas ou, ainda, fora do Bairro Tarumã, e para manter a identidade preservada, os moradores da comunidade Paraíso Tropical, que tiverem sua fala analisada nesse estudo, serão nomeados por cores, por exemplo: morador (a) lote “azul”, “verde” e assim sucessivamente.

Para a consecução desse intento, no primeiro capítulo: Bairro Tarumã: Um lugar para morar, rezar e viver fiz uma caracterização da área investigada, o Bairro Tarumã, Manaus/AM, cenário de diversas tensões que desencadeiam disputas por terra, especulação imobiliária, degradação ambiental, onde o rio e as belezas naturais são produtos vendidos em catálogos de construtoras e imobiliárias.

Retrato aspectos sociais e demográficos, memória social dos famosos igarapés daquele bairro, bem como questões ambientais que reverberam na vida de todos, na medida em que possam originar tensões e conflitos entre os sujeitos objeto desse estudo.

No segundo capítulo: *Ayahuasca/Hoasca*: das plantas a religião, descrevo a trajetória das religiões *ayahuasqueiras/hoasqueiras*, suas origens, práticas ritualísticas, detalhando a

formação dos grupos religiosos que se estabeleceram a Rua Caravele, validando tanto a União do Vegetal – UDV como o Santo Daime, como religião e não como seita, fundamentada nas análises de Émile Durkheim, em sua obra referênciada: *As Formas Elementares da Vida Religiosa – O Sistema Totêmico na Austrália* (1996).

O terceiro capítulo: Estigma, preconceito e intolerância – destaco o desconhecimento, como raiz, que ergue e dá vida ao medo, promove o estigma pela cor da pele, profissão e região de nascimento, embasado na vida e trajetória de Raimundo Irineu Serra e José Gabriel da Costa, fundadores do Santo Daime e União do Vegetal respectivamente, de maneira a clarificar como se deu o encontro “com” a Amazônia, proposição alocada propositadamente, para construir a ideia de combinação, posto que nessas plagas, o autóctone os recebeu, sob o estigma de miseráveis, desvalidos das secas do nordeste, conhecidos como cearenses, arigós e brabos, ou ainda curandeiros, feiticeiros e macumbeiros, tendo estes, a despeito de quaisquer análises paradigmáticas, resignificado uma bebida indígena, reunindo diversas vertentes religiosas em uma religião nascida no seio da floresta Amazônica, mais que a bom tempo, deixou a mata rumo aos centros urbanos no Brasil e no mundo, tornando-se um “produto de exportação” legitimamente Amazônico (LABATE, 2004).

Disserto sobre o histórico embate entre Ciência e Religião, convergindo para um diálogo possível, tendo como pano de fundo o caminho percorrido por esse grupo religioso rumo à legalização do chá *ayahuasca/hoasca* no Brasil, sob o olhar da ciência, que apesar do diagnóstico de alucinógeno, deu parecer favorável para uso religioso ao passo que pesquisas científicas avançam nas análises das propriedades medicinais e terapêuticas da *ayahuasca*.

Finalizo o capítulo com reflexões sobre intolerância religiosa diante da realidade do discurso moderno, pelo recrudescer de novas identidades religiosas, pontuando alguns eventos da história recente.

O capítulo quarto: Loteamento – Comunidade Paraíso Tropical descrevo aspectos legais e por meio de aproximações teóricas conceituais sobre comunidade, denomino esse loteamento como comunidade, independentemente de ser uma ocupação desordenada.

O capítulo quinto e último: Se essa rua fosse minha: relações de vizinhanças – as figurações se revelam, é cerne dessa dissertação, onde desvelo as redes de interdependências, identifico as relações sociais existentes (ou não) entre os grupos *ayahuasqueiros* da Rua Caravele a vizinhança de cerca e fronteira, no caso a Comunidade Paraíso Tropical.

Este é um trabalho que assume uma perspectiva de entender pesquisas em áreas de ocupações desordenadas, cujo risco é sumir diante da reivindicação da posse pelo poder

público, caso isso venha a acontecer, a validade desse estudo reside em trazer a Academia, as relações de vizinhanças que se estabeleceram nesta comunidade, poder e redes de interdependências, assumindo importância acadêmica.

Nas considerações finais, relato as formas de abordagens, reflexões e achados, bem como minha experiência nos rituais do Santo Daime e União do Vegetal, que transcende o espírito e nos impõem a quebra de paradigmas em nome da *práxis* científica, da mesma forma o caminhar pelas ruas, de asfalto e de lama da Comunidade Paraíso Tropical, em busca de respostas, equilibrando razão e emoção, ora aproximando, ora distanciando o olhar.

Assim sendo, invoco as estrofes do hinário de Padrinho Sebastião Mota de Melo, responsável pela expansão do Santo Daime no Brasil e no mundo, que aprendi a cantar nas madrugadas de ritual *ayahuasqueiro*.

♪ *Daime força! Daime amor! Para eu poder trabalhar!*

## CAPÍTULO I – BAIRRO TARUMÃ: UM LUGAR PARA MORAR, REZAR e VIVER

### 1. Aspectos sociais e demográficos

O processo de colonização da cidade de Manaus, no Séc. XVII se deu pelas mãos do colonizador europeu, espanhóis e portugueses, pelos mesmos “*modus operandi*” de tantas outras terras por estes exploradas, populações indígenas escravizadas ou mortas, carnificina, bens naturais expropriados para enriquecimento de reis e coroas de além-mar, conforme o estudioso da Amazônia, Samuel Benchimol,

Especiaria, drogas do sertão, erva medicinais, madeiras, óleo, essências, frutos, animais, pássaros, bichos de casco e peixes ornamentais constituíram um mundo novo e exótico que exacerbava a cobiça do colonizador... Eles acabaram por desintegrar a identidade cultural indígena, pelas tropas de resgates, aldeias, missões, reduções, catequeses, queima de malocas, dízimos e trabalho servil (BENCHIMOL, 1999, p. 27).

Nas reflexões de Matos (2015), o Amazonas nesse período passou por um surto descivilizatório. Estabelecer um forte, fincar bandeira, traduzia o poder dominante sobre determinado território invadido. Foi neste cenário, que o bairro que hoje se denomina Tarumã<sup>1</sup>, serviu como berço a colonização da cidade de Manaus “com a criação da Missão do Tarumã, por conta dos indígenas desta etnia, que junto com os Aruaques e Manaós habitavam essas plagas” (SILVA, 2004, p. 113).

A história retrata várias expedições realizadas ao Tarumã, executadas por padres, destacando um personagem famoso a quem é tributado à caça, escravização e morte de grandes contingentes de populações indígenas: Pedro da Costa Favela. Uma cruz jesuítica fincada marcava o local do nascedouro da cidade de Manaus, com a construção do Forte de São José.

No período áureo da borracha, final do Séc. XIX, as belezas naturais desta região já despertavam cobiça, interesses comerciais e econômicos, por parte de grupos e empresas, pelas reservas naturais de carvão, barro, areia, pedra, o que tornava a região do Tarumã, uma espécie de estoque de suprimentos para os trabalhos de urbanização que ocorria na então Paris dos Trópicos<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> A palavra Tarumã, significa árvore frutífera da família das verbenáceas, trata-se de uma árvore que pode chegar aos 10 metros de altura, com casca acinzentada – escura: flores numerosas, pequenas de coloração branco-arroxeadas. (CHIARADIA, 2009, p. 172)

<sup>2</sup> Atribuído a cidade de Manaus, pelo crescimento econômico proporcionado pelo boom da borracha Sec. IX, XX, primeira cidade a ter: bonde, luz elétrica e telefone, obras como o Teatro Amazonas e o Mercado Municipal, sofrem grandes influência de Paris. (BENCHIMOL, 1999, p. 72).

As transformações empreendidas no final do século XIX em Manaus objetivavam, além da remodelação e ampliação dos espaços públicos e implantação de inovações na dinâmica do espaço urbano, a consolidação de outro tipo de sociabilidade, que estava identificada com o padrão que estabelecia a “vida moderna” e cosmopolita, ou seja, o perfil dos habitantes da cidade deveria estar condizente com uma nova urbanística da Belle Époque (SANTOS JR, 2013, p. 03).

Mais de dois séculos se passaram, desde a colonização de Manaus, o Bairro Tarumã, *locus* desse estudo, vive outra realidade. Marcado historicamente por loteamentos habitacionais regulares e irregulares consolidados ao longo da BR 174, que liga a cidade de Manaus ao país vizinho – Venezuela.

O Bairro Tarumã é alvo de grande especulação imobiliária por concentrar nessa região o binômio (tranquilidade e belezas naturais), segundo Estevam Bartoli: “a expansão dos loteamentos fechados como nova forma de moradia das classes média/alta vem ocorrendo de maneira intensa, no Bairro Tarumã, zona oeste de Manaus” (BARTOLI, 2011, p. 1).

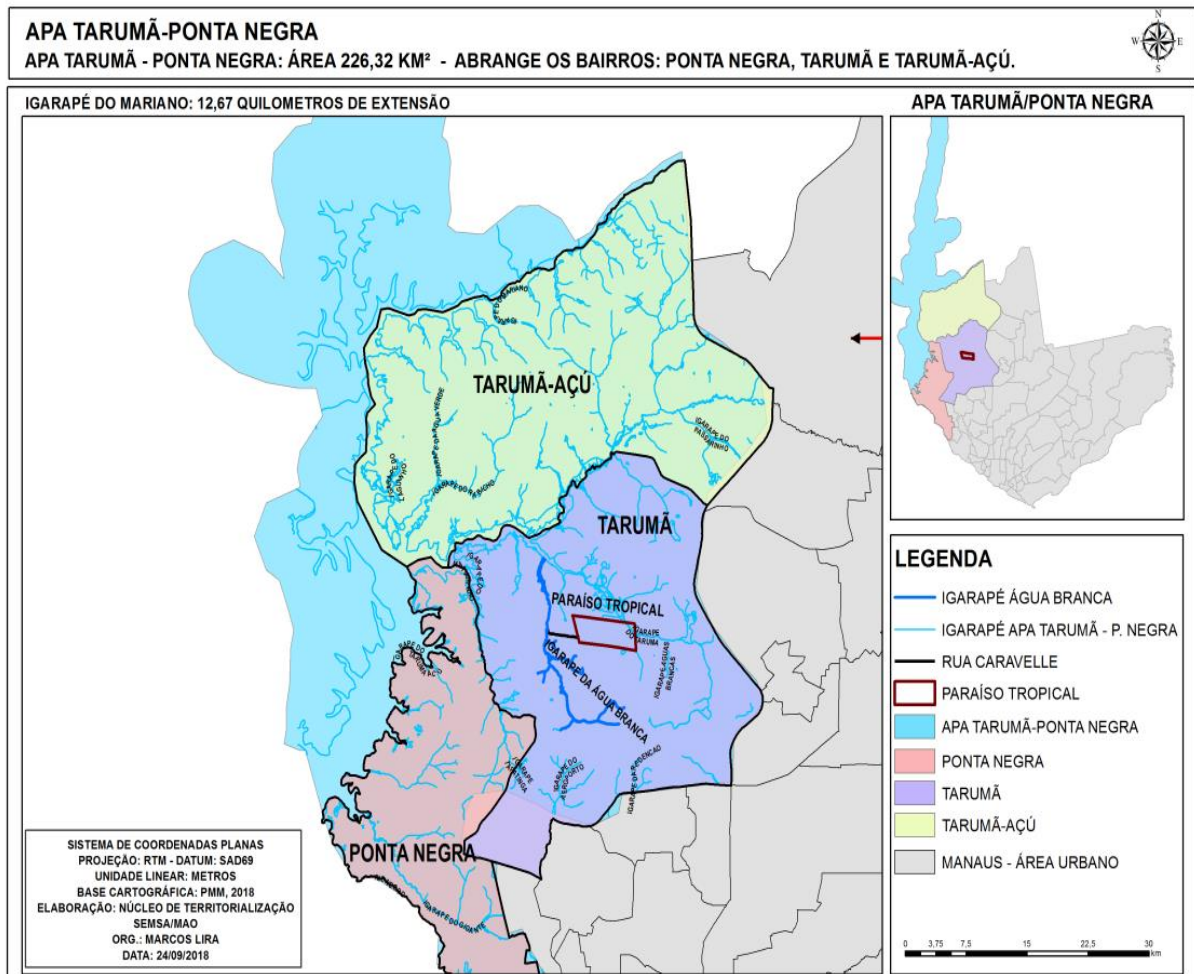
A cidade marcada pelas contradições do sistema capitalista atraiu para o Bairro Tarumã, além da classe média e alta, a chamada indústria da invasão, onde grileiros e posseiros estão à frente de grupos humanos na invasão às terras verdes, áreas de proteção ambiental, margens de rios e igarapés, despertando a vigilância de órgãos ambientais, federais, estaduais e municipais de gestão ambiental, posto que o Bairro Tarumã esteja inserido em uma Unidade de Conservação, sendo uma área protegida, com ampla legislação ambiental sobre uso do espaço urbano.

O bairro Tarumã assistiu o nascimento e crescimento desordenado da cidade de Manaus, tendo um papel ora protagonista, ora espectador. As demandas sociais acumularam-se, em virtude dos diversos atores envolvidos no processo: populações de baixa renda, oriundas de áreas de risco na cidade, (desmoronamentos, beira de igarapés) que buscaram no bairro Tarumã, o direito a melhores condições de moradia, mobilidade e demais infraestrutura urbana. Por outro lado, especuladores imobiliários apregoam não vender imóveis, e sim um sonho em morar no paraíso, transformaram o Bairro Tarumã, em um balcão de negócios.

Há, também, pequena comunidade multiétnica indígena, tratada no capítulo IV desse estudo, aproximadamente dezoito etnias (SOUZA, 2017), ocupando a área, reivindicam o direito a posse da terra, segundo os órgãos de controle, trata-se de Área Verde invadida.

No processo de urbanização da cidade de Manaus, o Bairro Tarumã, atendeu o plano de expansão urbano da cidade de Manaus absorvendo populações carentes e vulneráveis socialmente, ao mesmo tempo em que o poder público nas diversas instâncias, municipal, estadual e federal, se esforça em aplicar lei, códigos, normas para uso daquele espaço, como pode ser visualizada na (Figura 1).

**Figura 1 Divisão do Bairro Tarumã**



Fonte: SEMSA, (2018)

Nesse cenário, os problemas de falta de estrutura são associados às precárias formas de urbanização, o que corrobora com a degradação ambiental, sendo a ocupação de espaços vazios um chamariz para aqueles sem acesso a moradias em áreas urbanas. Num outro contraponto, o poder para se apossar desses espaços, pode estabelecer entre vizinhos, diversos tipos de conflitos, tensões, conluios, violência, conforme a força de cada parte envolvida, nesse sentido, diz o pensador,

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora da comunhão, a política se territorializa (SANTOS, 2001, p.322).

O valor monetário desses espaços é questão menor para poucos privilegiados que podem pagar para morar em espaços e lugares apazíveis. A preservação, manutenção e conservação dos biomas existentes na região do Bairro Tarumã, encontra amparo e fundamentação numa ampla legislação ambiental, posto que o Bairro esteja assentado numa



Unidade de Conservação – UC<sup>3</sup>, sendo uma Área de Proteção Ambiental – APA<sup>4</sup>. Com uma população estimada em 2.145.444 pessoas a cidade de Manaus, apresenta um quadro crônico de acelerada urbanização. Quando comparamos os censos de 1996 e 2000, nota-se claramente duas situações que explicam o espraiamento da cidade rumo à zona oeste de Manaus (IBGE, 2018).

Pela Lei n. 1.401, de 14 de janeiro de 2010, o grande Bairro Tarumã foi dividido em dois: Bairro Tarumã e Bairro Tarumã-Açú (AMAZONAS, 2018). Trata-se de uma das áreas mais extensas da cidade, possui 8.243,25 hectares, (sendo: 3.928,07 hectares Bairro Tarumã – representam 47,7% da área do bairro) e (4.807,08 ha – Bairro Tarumã Açú), faz fronteira com os Bairros da Ponta Negra, Lírio do Vale, Planalto, Redenção, Bairro da Paz, Colônia Santo Antônio, Novo Israel, Colônia Terra Nova e Santa Etelvina (SEMMAS, 2014). O Bairro Tarumã (na época sem divisão), representava tão somente (0,52%) da população residente na cidade, conforme Tabela 1.

**Tabela 1 População residente nos bairros – Manaus – 1996 – 2000**

<b>Censo Demográfico 1996 – 2000</b>				
<b>Bairro</b>	<b>População residente</b>		<b>%</b>	
	1996	2000	1996	2000
<b>Total</b>	<b>1.157.357</b>	<b>1.405.835</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
Alvorada	67.212	66.494	5,81	4,73
Cidade Nova	116.510	193.490	10,07	13,76
Compensa	69.652	75.525	6,02	5,37
Coroado	41.387	45.109	3,58	3,21
Flores	19.697	34.343	1,70	2,44
Japiim	47.468	52.376	4,10	3,73
Jorge Teixeira	46.377	78.631	4,01	5,59
Ponta Negra	3.254	1.465	0,28	0,1
Redenção	31.509	33.019	2,72	2,35
São José Operário	56.956	84.490	4,92	6,01
Tancredo Neves	24.016	35.772	2,08	2,54
<b>Tarumã</b>	<b>2.312</b>	<b>7.291</b>	<b>0,2</b>	<b>0,52</b>

Fonte: IBGE (2018)

<sup>3</sup> Ressaltamos nesse estudo, aspectos ambientais do Bairro Tarumã, assentado em uma Unidade de Conservação sob legislação específica, porém, não faz parte do objetivo desse estudo aprofundar análises relativas a questões ambientais.

<sup>4</sup> Constituem-se um tipo de área protegida previstas na legislação brasileira é integrante do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, caracterizada por ser áreas em geral extensas, com um certo grau de ocupação humana, dotadas de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente (SEMMAS, 2014).

No ano 2000, apenas 10 dos então 56 bairros existentes em Manaus, concentravam 56,37% da população residente, sendo os maiores: Cidade Nova com (13,76%), São José do Operário (6,01%) e Jorge Teixeira (5,59%) demonstrando forte concentração populacional nessas áreas da cidade.

Diante da concentração populacional em poucas áreas da cidade, coube ao poder público procurar alternativas para desafogar a malha urbana, assentando famílias oriundas das invasões urbanas, áreas de risco de desmoronamento e margens de igarapés, por meio da ampliação de bairros, desviando populações para bairros como Cidade Nova na zona norte e São do José do Operário (Zona Leste), bem como a criação de novos conjuntos habitacionais nas proximidades. Segundo Oliveira e Costa (2007):

A importância de se entender a cidade a partir da produção da moradia é que ela possibilita unificar os vários campos de análise urbana, especialmente quando se observa que os atuais problemas da sociedade parecem ser cada vez mais articulados como problemas de natureza espacial, visto que eles são explicitados pelas desigualdades sócio espacial (OLIVEIRA; COSTA, 2007, p. 245).

Segundo Oliveira e Costa (2007), a mudança do fluxo de crescimento e horizontalização de Manaus, rumo às Zonas Leste e Norte, são explicadas pelo financiamento de casas populares nessas zonas, bem como da abertura de importante eixo de circulação para a Zona Leste, pela Estrada Grande Circular, promovendo o adensamento urbano da área. O vetor de expansão da malha urbana de Manaus, nos anos 1996 a 2000 concentrava-se nas Zonas Leste e Norte, explicando a baixa densidade demográfica do Bairro Tarumã (Zona Oeste), que “o fez ocupar a 53ª posição na lista dos 56 bairros com maior população residente de Manaus” (BENTES, 2014, p. 63).

O cenário do então tranquilo bairro do Tarumã mudou consideravelmente, a partir da modernização do Bairro Ponta Negra – adjacente, visto como cartão postal de Manaus, atraindo para aquela região, classes sociais de maior renda *per capita* de Manaus, que viu na infraestrutura privilegiada desses espaços, atrativos que melhor satisfazem suas necessidades como *shoppings centers*, condomínios fechados, fatores explorados pelo mercado imobiliário que vende além da moradia, o rio, a vegetação e a tranquilidade da região próxima à natureza, conforme anúncio de uma grande construtora. Versa a propaganda:

Projetado em um terreno com mais de 380 mil m<sup>2</sup> no bairro Ponta Negra, em Manaus (AM), o Aqua Ville Tarumã é o primeiro resort residencial de Manaus, um empreendimento exclusivo, com projeto audacioso e jamais imaginado, cercado de natureza por todos os lados. Com lazer, segurança, entretenimento e conforto que só um resort pode oferecer, e áreas comuns entregues equipadas e decoradas, o Aqua Ville Tarumã conta com mais de 300 itens de diversão e convivência para toda a família, entre eles 4 parques aquáticos, 13 quadras para esportes diversos, 26

playgrounds, 17 espaços gourmet, 33 áreas de convivência e mais de 50 praças. Além disso, para os amantes dos barcos, tem como uma das suas entradas uma charmosa marina, com acesso exclusivo aos moradores, projetada por Sérgio Sandler, um especialista na área. Mas não pense que para desfrutar de tudo isso você precisa deixar de lado a vida urbana e ir muito longe: a facilidade de deslocamento é outro grande diferencial do empreendimento. O Aqua Ville Tarumã está a apenas 9 minutos da orla de Ponta Negra, 11 minutos do Aeroporto Internacional Eduardo Gomes e 15 minutos do Shopping Ponta Negra. **É uma nova experiência de viver bem, perto da tranquilidade da natureza, com um pé no rio e outro no sonho realizado, ao lado de uma belíssima reserva ambiental e do rio Tarumã.** (Grifo nosso). Encante-se com o Aqua Ville Tarumã, um conceito de moradia inédito, que chega para valorizar toda a potencialidade que a natureza tem a oferecer, juntamente com um estilo de vida exclusivo e privilegiado, como tudo no Aqua Ville (ADEMI,2018).

Figura 2 Resort Aqua Ville

UM RESORT RESIDENCIAL AO LADO DE UMA MARINA.  
PARA VOCÊ VIVER COM UM PÉ NO RIO E OUTRO NO SONHO REALIZADO.

APARTAMENTOS DE 127M<sup>2</sup> PRIVATIVOS,  
3 SUÍTES, VARANDA GOURMET, 2 VAGAS.  
COBERTURAS DE 256M<sup>2</sup> PRIVATIVOS,  
4 SUÍTES, ESTAR ÍNTIMO E LAVABO. 4 VAGAS.  
AMBOS COM DEPÓSITO PRIVATIVO NO PAVIMENTO.

CONHEÇA O APARTAMENTO DECORADO NO ESTANDE CONCEITO  
COLMEIA E AGENDE UMA VISITA AO EMPREENDIMENTO:  
RUA MARIO YPIRANGA COM RUA BELO HORIZONTE, ADRIANÓPOLIS.  
19) 5643-8077 - AQUAVILLETARUMACOLMEIA.COM.BR

**COLMEIA**

Fonte: ADEMI, 2018.

Devido à ineficiência do Estado, o mercado imobiliário apropria-se dos recursos naturais como propriedade particular (rio propriedade da Marinha) supervalorizando por meio do *Marketing* usado, atraindo, cada vez mais pessoas para um ambiente outrora pacato. Os

diversos estabelecimentos de lazer e entretenimento distribuídos ao longo da Avenida do Turismo (vida noturna) consolida aquela região como *point* de Manaus.

Dessa maneira a região oeste se transformara em novo eixo de deslocamento urbano, e espraiamento da cidade de Manaus, tendo como direção o Bairro Tarumã, espécie de primo pobre que ao contrário do estruturado Bairro Ponta Negra, assistiu às lutas por apropriação dos espaços físicos e recursos naturais, ora pelas elites, ora pelas populações marginalizadas (indígenas), usurpadores, invasores e grileiros dentre outros substratos das camadas da sociedade.

A divisão do Bairro Tarumã em dois bairros: Tarumã e Tarumã-açu, foi estratégia do Governo Municipal enquanto solução para transferir e assentar populações de outras áreas ocupadas irregularmente para aquela região, como é o caso da comunidade São Pedro, essa comunidade está situada no bairro Tarumã, Zona oeste de Manaus. Inicialmente, era conhecida como comunidade Carbrás, por conta do líder da invasão, surgiu em 2004, somente a partir de 2011 recebeu melhorias (ano em que a prefeitura Municipal de Manaus desapropriou as terras) Wikimapia (2018), hoje, é uma das maiores comunidades do Bairro Tarumã, com o nome de Parque São Pedro.

O Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus – PROSAMIM, concebido em 2003, operacionalizado em 2006, de iniciativa do Governo do Estado do Amazonas, Governo Federal, com recursos do Banco Interamericano em Desenvolvimento – BID, removeu das margens dos igarapés, populações de baixa renda e vulnerabilidade social, realocando-as em outras áreas de Manaus.

Sem opções de moradia e sem renda, muita gente começou a se instalar às margens dos igarapés da cidade e, até 2003, governos de administrações anteriores não conseguiam captar financiamentos para fazer investimentos em obras de infraestrutura, saneamento e habitação (AMAZONAS, 2018).

O *déficit* entre ofertas e demanda por moradias, explica a invasão de terras ou ocupação de áreas de risco, forçando o poder público buscar soluções por meio da desapropriação de áreas, acelerando o processo de urbanização e/ou espraiamento da cidade rumo a determinadas zonas urbanas de Manaus.

A tabela 2 demonstra a dinâmica e crescimento populacional rumo à Zona Oeste, “é a necessidade da população por moradia, provocando pressão demográfica e incorporando novas áreas ao processo de urbanização pujante da capital Amazonense”. (BENTES 2014 p. 60).

**Tabela 2 População residente por bairro – variação 2000 – 2010**  
**Censos demográficos – 2000 e 2010.**  
**Manaus-AM**

Bairro	2000	2010	Varição (%)
Cidade Nova	193.490	121.135	-37,39
Colônia Terra Nova	27.146	45.076	66,05
Distrito Industrial I	15.467	2.708	-82,49
Jorge Teixeira	78.631	112.879	43,56
Monte das Oliveiras	18.108	40.162	121,79
Ponta Negra	1.465	5.007	241,77
São José Operário	84.490	66.169	-21,68
<b>Tarumã</b>	<b>7.291</b>	<b>28.057</b>	<b>284,82</b>
Distrito Industrial II	-	3.899	-
Novo Aleixo	-	96.611	-
Cidade de Deus	-	70.142	-
Nova Cidade	-	59.576	-
Tarumã-Açu		12.053	-
Gilberto Mestrinho		55.347	-
Lagoa Azul		7.632	-

Fonte: IBGE (2018)

## 1.1 - Memória Social

As linhas que descrevem a história da cidade de Manaus perpassam necessariamente pelo entendimento do significado dos igarapés para sua população. Como veias a céu aberto mostraram os caminhos a serem concretados, pavimentados, na construção de nova realidade urbana. Igarapé vem do tupi cuja junção *ygara* (canoa) e *apé* (caminho) forma o caminho da canoa, trata-se de um curso d'água caracterizado como amazônico e que possui um longo braço de um canal ou rio (CHIARADIA, 2009). Para compreender o espaço urbano, a partir dos igarapés, é necessário, segundo Oliveira:

Entender o espaço urbano construído a partir do aterro dos igarapés do centro de Manaus,... Significou caminhar por confusas e tortuosas ruas de aterros e desaterros, pela formação de pântano nas laterais das ruas que iam surgindo e por todos os problemas causados pelos projetos europeizados que iam sendo implantados na cidade dos trópicos, numa tentativa constante de excluir da cidade os igarapés, obstáculos ao crescimento e ao acesso às novas áreas a serem ocupadas (OLIVEIRA 2003, p. 156).

Com efeito, o Amazonas, em especial a cidade de Manaus, após expansão urbana e crescimento econômico por conta do boom da borracha, em fins do Séc. XIX e início do Séc. XX voltou à pauta do Governo Federal. Segundo Pereira (2006), a nova matriz de

desenvolvimento econômico para a região Amazônica fora criada pelo governo Juscelinista nos anos 1950, operacionalizado a partir de 1967, na cidade de Manaus, por meio da implantação do modelo Zona Franca com a instalação de indústrias de bens duráveis e incentivos fiscais por parte do Governo Federal. Diante do novo modelo de desenvolvimento econômico social, a cidade de Manaus, demandou outra configuração no espaço urbano, como a pavimentação de ruas, calçadas, construção de prédios e mobilidade urbana. O aterramento ou desvios dos caminhos d'água que pontilhavam a cidade tornara-se um mal necessário, sobre esse aspecto, assim diz:

A criação da Zona Franca foi, sem dúvida, o que marcou o início do processo de expansão urbana que se verifica hoje na cidade de Manaus. Com a política habitacional do BNH a partir de 1967, por meio da COHAB/AM, hoje SUHAB, e com o crescimento populacional motivado pela criação da ZF e a implantação do Distrito Industrial e a falta de alternativas de sobrevivência no campo, a demanda por moradia foi apenas parcialmente suprida (OLIVEIRA, 2003, p. 110).

No passado, era processo comum em todas as grandes cidades do mundo aterrar igarapés para desviar os obstáculos naturais ao progresso e crescimento urbano, dinamizando o processo “civilizador”. No Séc. XXI, apesar dos igarapés estarem inseridos em áreas de proteção permanente e integrem o patrimônio natural da cidade, o bairro Tarumã, traz em sua história, relatos, narrativas de tempos vividos, um passado marcado pelos caminhos das águas.

Nessas reminiscências, destacamos o Igarapé da Água Branca, cujo braço, corta a Rua Caravele, considerado o último igarapé urbano de água limpa da cidade de Manaus (ROCHA, 2016), razão pelo qual é alvo de preservação e vigilância, por parte dos moradores (nem todos) daquela rua, o que pode desaguar em tensões pela forma de uso desse espaço de consentimento social, independente do amparo da legislação sobre este.

Os igarapés de Manaus são Áreas de Proteção Permanente - APP's, bens integrantes do Patrimônio Natural da Cidade, consoante artigo 8º da Lei Municipal nº. 671/2002 (IMPLURB 2018).

A legislação é clara na definição de Área de Proteção Permanente, encontra-se no Código Ambiental Municipal de Manaus, Lei 605/2001, artigo 31, 32 e incisos. Com posições antagônicas em relação ao termo delimitação - largura, presente no capítulo II artigo 4º inciso I e II do Novo Código Florestal, Lei nº 12.651/201 (IMPLURB, 2018).

Infelizmente, a degradação dos igarapés do bairro Tarumã, teve como marco a década de 1970, uma geração marcada pelos ideais de liberdade, paz e amor, como dizia o Maluco Beleza<sup>5</sup>, uma sociedade alternativa, onde a natureza era o elo dessa utopia, os balneários (CETUR, Tarumã e Ponte da Bolívia) era o ponto de encontro dos moradores de Manaus.

A lembrança de igarapés famosos outrora existentes no bairro Tarumã, como o Igarapé da Ponte da Bolívia (Figura 03 e 04), Igarapé do Tarumanzinho (Figura 05 e 06) e Cachoeira Alta (Figura 07 e 08) traduz um tempo em que a dinâmica das águas moldava a vida social da cidade em torno do Bairro Tarumã e outros logradouros, nesse sentido contribui (MATOS 2015).

No processo civilizatório, o homem se individualizou e se tornou menos sensível ao ambiente. Atomizado, sentiu-se superior e se afastou da essência de suas origens naturais. Vivendo como um ser eminentemente sociocultural, virou as costas para o ambiente. Essa marca do processo fez negar sua natureza e procurou negar sua natureza e usufruir dela. Perdeu-se ou quase se perde em seu empoeiramento econômico, científico e tecnológico... para manter-se vivo, precisa dentre outros elementos naturais, do mesmo ar que polui para respirar. Para hidratar o corpo precisa de água, a mesma água que polui. (MATOS, 2015, p. 118,119).

O homem não só alterou o curso das águas, o poluiu e o matou, deixando na memória social e coletiva dos manauaras, momentos vividos sob o frescor das águas, ainda segundo Matos (2015, p. 96) “a espécie humana e, portanto, nossa sociedade é a única na esfera terrestre que se mostra ‘capaz’ de dominar a natureza em prol de si, sem dar atenção ou pouca atenção às consequências”. Palavras cristalizadas pelos antes e depois das águas dos igarapés do Bairro Tarumã, apresentadas nas figuras 03, 04, 05, 06, 07 e 08. Nesse contexto, os antigos Igarapés do Bairro Tarumã contam histórias de um tempo daquele Bairro e da cidade de Manaus, narradas como forma de reviver o passado ditoso, das águas cristalinas, das relações construídas que reproduzem a identidade e a memória manauara, diz o pensador:

A memória histórica é entendida como o passado vivido, construído pela sucessão de acontecimentos/momentos marcantes da vida do grupo, da nação, do país, e que possibilita a construção e uma narrativa sobre o passado... Pode ser entendida como processo social e histórico, de expressões, de narrativas, de coisas vividas, que legitimam, reforça e reproduz a identidade do grupo. RODRIGUES (2018), apud CRUZ (1989 p. 63-74).

---

<sup>5</sup> É atribuído ao cantor e compositor brasileiro Raul Seixas que criou o mito do Maluco Beleza, através de sua música, considerada subversiva pela ditadura militar, (1964-1985) Raul pregava uma sociedade alternativa um lugar onde o ser humano pudesses ter total liberdade para escolher seu modo de vida (Revista Pesquisa Fapesp,2008).



A água limpa dos igarapés de outrora pertencem ao passado, cuja história mostra exploração e expropriação dos bens naturais na dinâmica do capitalismo.

**Figura 3 - Igarapé da Ponte de Bolívia - 1978**



Fonte: Acervo de: CARVALHO, Clauter. (1978)

**Figura 4 – Igarapé da Ponte da Bolívia – 2018**



Fonte: Autora (2018)

**Figura 5 - Igarapé do Tarumanzinho - 1978**



Fonte: Acervo de: CARVALHO, Clauter. (1978).

**Figura 6 – Igarapé do Tarumanzinho - 2018**



Fonte: Autora (2018).

**Figura 7 – Cachoeira Alta do Tarumã – 1978**



Fonte: Acervo de: CARVALHO, Clauter. (1978).

**Figura 8 – Cachoeira Alta do Tarumã – 2018**



Fonte: Autora (2018).

Entre a madeira que vira móveis, o terreno que dá lugar ao condomínio de luxo, ou a pele do animal que se transforma em bolsa de grife, há o homem insensível, que não compreende a finitude dos recursos naturais que lhe sustenta a vida, assim diz Matos (2015, p. 117): “não é de se esperar que o ambiente com suas características naturais, toque a



sensibilidade de todos”, porém, a insensibilidade é devolvida na forma de desastres, desequilíbrios naturais, lixões e na formação do conflito entre tantos.

**Figura 9 – Paisagem urbana. Av. Tarumã. 2018**



Fonte: Autora (2018).

**Figura 10 – Obra licenciada Tarumã 2018**



Fonte: Autora (2018)

O descarte em via urbana (figura 9) reflete o desrespeito com o meio ambiente, alterando a paisagem no Bairro Tarumã, nem mesmo a licença do poder público (figura 10) é garantia do respeito às dádivas e recursos naturais.

### 1.1.2 Questões ambientais

Imprescindível caracterizar o Bairro Tarumã, pelo viés macro da legislação ambiental, posto que no decorrer desse estudo, as relações de vizinhança, que se estabeleceram naquela região urbana, possam (ou não) envolver tensões por questões ambientais. Conforme diz Matos (2015, p. 53) “a floresta foi derrubada, mas o que mais mudou nisso tudo, foi à forma como homens e mulheres passaram a se relacionar com o ambiente”. Pela profundidade da temática, será priorizado o descritivo das categorias ambientais principais em que o bairro Tarumã se insere segundo a legislação vigente.

Por constituir um importante espaço geográfico próximo à zona urbana, as alterações na paisagem estão diretamente ligadas às ocupações urbanas, regulares e irregulares, as atividades humanas, vinculadas ao grau de organização destas ocupações, constituem a base dos problemas socioambientais, o que pode desencadear conflitos e tensões na região entre a comunidade Paraíso Tropical, grupos religiosos *ayahuasqueiros* e vizinhança em torno das igrejas.

O Governo Brasileiro se enaltece por ter uma das legislações ambientais mais avançadas do mundo, tendo implantando em 1981, a Política Nacional de Meio Ambiente (Lei 6.938), que instrumentaliza o planejamento, gestão ambiental e fiscalização, advindo a Lei de Crimes Ambientais, que segundo o poder público, reordenou a legislação ambiental

brasileira, quanto a infrações e punições (BRASIL, 1988), observando que a Política Nacional de Meio Ambiente é anterior a Constituição Federal de 1988, que a acolheu plenamente.

A Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 1988, trata de forma abrangente os assuntos ambientais, reservando à União, aos estados, ao Distrito Federal e aos municípios a tarefa de proteger o meio ambiente. Trata-se da Lei superior, precípua, na qual todo o ordenamento jurídico em todas as unidades federativas do País segue. No caso da proteção e conservação do meio ambiente deve ser observado o previsto no artigo 225, que estabelece:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para os presentes e futuras gerações (BRASIL, 1998).

Destarte, a Constituição Federal protege espaços ambientais, compreendido os recursos naturais, a áreas especiais de relevante interesse ecológico e social, ao mesmo tempo em que promove a educação ambiental, como forma de preservar os recursos naturais de propriedade do povo brasileiro e das futuras gerações. Um desses espaços protegidos pela Carta Magna são as Unidades de Conservação-UC que segue, portanto, as diretrizes da Lei nº 6.938 de 31 de agosto de 1981 que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente assim como sua tutela específica está prevista na Lei 9985/2000 que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC. Segundo o art. 2º Unidade de Conservação pode ser entendida juridicamente como:

I - Unidade de Conservação: espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob-regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção; (BRASIL 2000).

As Áreas de Proteção Ambiental – APA's, são previstas na Lei Federal nº 9985/2000, regulamentada pela resolução do Conselho Nacional de Meio Ambiente - CONAMA 010/14 de 1988, reza a Lei em seu Art. 14. Constituem o Grupo das Unidades de Uso Sustentável as seguintes categorias de unidade de conservação:

I - Área de Proteção Ambiental;

Art. 15. A Área de Proteção Ambiental é uma área em geral extensa, com certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais.

§ 1º A Área de Proteção Ambiental é constituída por terras públicas ou privadas.

§ 2º Respeitados os limites constitucionais, podem ser estabelecidas normas e restrições para a utilização de uma propriedade privada localizada em uma Área de Proteção Ambiental (BRASIL, 2000).

Neste contexto, é criada pelo Poder Público do Município de Manaus a Área de Proteção Ambiental - APA Tarumã – Ponta Negra,

Criada pelo Decreto 9.556/2008 abrange área de 22.698,84 ha, distribuída em área urbana, área de transição e área rural, na parte oeste de Manaus, para onde o processo de ocupação da cidade tem migrado. Os limites da APA foram traçados em função da bacia do igarapé do Tarumã-Açu, que representa um importante contribuinte do Rio Negro. Os benefícios da conservação dos seus recursos naturais abrangem a cidade como um todo, uma vez que contribuem para a melhoria da qualidade ambiental do município de Manaus, prejudicada pelas fortes intervenções antrópicas, como desmatamento, impermeabilização do solo, queimadas, supressão de mata ciliar e perda de biodiversidade. (AMAZONAS, 2018).

Dentro do território da Área de Proteção Ambiental - APA Tarumã – Ponta Negra, cresce vertiginosamente diversas atividades comerciais, industriais, econômicas, turísticas dentre outras, principalmente ao longo da Av. Torquato Tapajós, bem como ocupação populacional as margens da BR 174, nesta situação, tanto pessoas físicas como jurídicas podem cometer crimes ambientais, como previsto na Lei nº 9605/98 art. 2º,

Art. 2º Quem, de qualquer forma, concorre para a prática dos crimes previstos nesta Lei, incide nas penas a estes cominadas, na medida da sua culpabilidade, bem como o diretor, o administrador, o membro de conselho e de órgão técnico, o auditor, o gerente, o preposto ou mandatário de pessoa jurídica, que, sabendo da conduta criminosa de outrem, deixar de impedir a sua prática, quando podia agir para evitá-la (BRASIL 1998).

Segundo Araújo (2013), apesar da relevância ecológica da área em questão, as atividades antrópicas são bastante predatórias, ocasionando diversos impactos ambientais, com destaque ao desmatamento que é incentivado por interesses econômicos que continuam existindo por meio de grileiros com projetos de assentamento/invasão, com pagamentos irrisórios por área desmatada.

Considerando a grande extensão da área, a localização e a relevante flora existente constituída por espécies autóctones, e assim, adaptadas as condições climáticas e de solo, características da região Amazônica, pode-se enumerar os possíveis impactos ambientais, diretos e indiretos – Desmatamento; Assoreamento das margens dos igarapés e nascentes com a deposição de material carreado por erosão. Queimadas; Lançamentos de dejetos sobre o solo; nos corpos hídricos com risco de contaminação do lençol freático, pela infiltração e percolação de resíduos líquidos a partir das fossas negras existentes no terreno. Sobre a população: perda de fonte de água potável, fechamento de poços e cacimbas. (ARAÚJO, 2013, p.25-27).

De acordo com a Gestora das Áreas de Proteção Ambiental da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade – SEMMAS e Presidente do Conselho Consultivo da

Área de Proteção Ambiental – APA – Tarumã – Ponta Negra, Angeline Ugarte Amorim, a área do Tarumã, vem sofrendo pela expansão urbana, assim diz,

Necessariamente há décadas o bairro Tarumã, Tarumã-Açu... Segundo a Lei Orgânica do Município, já previa a zona oeste, como área de relevante interesse ecológico. Do ponto de vista ambiental, essa área vem sofrendo todos os malefícios da expansão urbana, num processo social, dinâmico, virulento, massivo sobre o meio ambiente. Temos uma discussão, um paradoxo, pois termos na nossa lembrança uma região vegetada rica em eco sistemas, então o mote da discussão é como essas populações, (no âmbito dessa pesquisa), empresas, tradições religiosas amazônicas resistem à fragmentação do meio ambiente, a essa antropização. Mesmo que o bairro tenha legislação ambiental... Ele vem lidando também com outras formas de ocupações /populações imigrantes, onde se discute sobre o abrigo social..., estamos num tempo de contemporaneidade onde o uso do solo tem sido privilegiado para as populações humanas em detrimento de outras formas de vida, da qualidade ambiental, do que era o Tarumã. (AMORIM, 2018).

Sobre os principais desafios enfrentados no Bairro Tarumã, Juliana Belota, membro do Conselho Consultivo da Unidade de Conservação – APA Tarumã – Ponta Negra – e Presidente da Associação dos Moradores da Rua Caravele – AMORC, se posiciona,

Do ponto de vista da Unidade de Conservação, o desafio é ter um plano de manejo e gestão da área, ter um conselho consultivo e deliberativo, a Unidade de Conservação é garantida por lei, mas se não há um respeito às leis, ela carece de um reforço legal, e ele se dá a medida e que os moradores, usuários, fiscalizadores, solicitam esse reforço, se não, ela fica sujeito a todo tipo de ilegalidade, invasões, agressões, destruições... Criada no início de 90 era uma área de relevante interesse ecológico, já em 1996, o governo municipal declarou que era área de expansão urbana. Como é uma área de relevante interesse ecológico para a cidade de Manaus, essa expansão urbana, tem que seguir alguns critérios... Não é parque industrial, não é todo tipo de atividade comercial que pode ser realizada aqui, mas quem é que fiscaliza? O governo não fiscaliza a população do Tarumã e de Manaus, não se apropria dessa fiscalização, e a população do Tarumã não arruma mecanismos eficazes para fiscalizar, punir e tirar o que não deve estar aqui, então está entregue às baratas. (BELOTA, 2018)

O meio ambiente ecologicamente equilibrado é um direito de todos, transcende a esfera do indivíduo, do interesse coletivo e projeta-se como direito transgeracional, fixando responsabilidades desta geração para com as gerações futuras, consubstanciando no dever de proteção e defesa para que haja sustentabilidade ambiental e são através das relações sociais de amizade, afeto, inimizade ou conflito que as redes de interdependências são construídas entre as pessoas no espaço urbano, entre um vizinho e o outro, as quais tanto a cerca, quanto o muro ou o igarapé podem produzir tensões, disputas e denúncias, quanto ao cumprimento das normas, códigos e leis ambientais, em outras palavras, o bem-estar de uns pode representar o mal-estar e o prejuízo de tantos outros. A natureza é privatizada para o deleite de poucos, devolvendo as agressões para todos, sem se importar quem ou quantos a agrediram.

## CAPÍTULO II - AYAHUASCA/HOASCA: DAS PLANTAS A RELIGIÃO

### 2.1 Santo Daime e União do Vegetal – Seita ou Religião?

O estudo cuja teia perpassa pelo fenômeno social Religião torna-se necessário buscar caminhos conceituais, de maneira a fundamentar o uso do termo “religião” em detrimento do uso do termo “seita”, objetivando fundamentar a decisão.

Historicamente, em diferentes épocas e culturas, há muitos conceitos e nenhum consenso sobre o que é religião, segundo Simmel (1997) apud Rodrigues (2013, p.101): “ninguém é capaz de definir religião de uma forma que seja, ao mesmo tempo, precisa e compreensiva”, posto que seja variável dependente do contexto histórico cultural dos povos e dos processos civilizadores.

No entanto, apesar de não existir uma definição unívoca nas ciências sociais em relação ao conceito de religião, cabe ao pesquisador, à compreensão das diversas construções conceituais acerca do fenômeno, objetivando fundamentar o uso do termo em dado estudo.

Notadamente alguns estudiosos (membros) do Santo Daime se referem à mesma como seita:

O surgimento e o desenvolvimento inicial da doutrina do Santo Daime... Os componentes básicos da **seita** (grifo nosso) têm suas matrizes na cultura rústica nordestina e na tradição ameríndia MacRae (1992, p. 95) na União do Vegetal, **seita** (grifo nosso) que utiliza o cipó e a folha, um ex-membro, contou-me uma sessão de instrução de memória (FRÓES, 1986, p. 148).

A palavra “seita” traduz uma carga negativa, tanto quanto o uso do termo alucinógeno, o qual os mesmos estudiosos evitam designar o chá *ayahuasca/Hoasca*, preferindo “designá-lo pela palavra *enteógeno*, do grego *entheos*, que significa deus dentro” (ALBUQUERQUE, 2007, p. 27)

Há uma lacuna na definição evolutiva da palavra seita, tanto no sentido gramatical, quanto na definição socioantropológico, pode-se afirmar que a sociedade de forma geral faz juízo de valor, atribuindo um sentido negativo, nebuloso.

A história recente liga a palavra seita a acontecimentos dramáticos como o suicídio coletivo da Guiana na década de 1970, estando à frente o pastor Jim Jones, do Templo Popular da Igreja Pentecostal Cristã (BBC, 2015), dentre outros grupos ideológicos, como *Ku Klux Klan*, segundo Fillaire:

Em 10 de dezembro de 1993, a Comissão dos Direitos Humanos definiu seita como grupamento apresentando-se ou não como religião, cujas práticas são suscetíveis de serem enquadradas na legislação que protege os direitos das pessoas ou o funcionamento do Estado de direito”, e descreve assim o comportamento sectário:

[...] a negação das leis, exercida através de atos que constituam desvio, abuso de confiança, apropriação indébita, infração financeira e fiscal, maus tratos, falta de assistência à pessoa em perigo, incitação ao ódio racial, tráfico de drogas. (FILLAIRE, 1997, p. 5).

Outras decisões de Estado, como na França 1992, trazem interpretação sobre o que é seita, definem como “voltadas à manipulação das pessoas, fins obscuros”, (FILLAIRE, 1997 p. 08), o termo significa seguidor (de corrente ideológica, política), os gregos definiam tais seguidores como hereges.

Segundo Weber (2009) apud Berger (2017) em um ensaio pouco conhecido, intitulado, “As seitas protestantes e o espírito do capitalismo” (não confundir com sua obra referência “A ética protestante e o espírito do capitalismo”) emprega o termo seita para designar “um grupo religioso a qual alguém se junta” (BERGER, 2017, p.92), descreve o grosso do protestantismo americano como sectário, inclusive os metodistas e os presbiterianos, Berger (2017) discorda entende que são igrejas.

Curiosamente, o termo sectário sobreviveu no inglês americano como sinônimo de “confessional” – como, por exemplo, quando uma organização educacional ou caritativa se define como “não sectária”, significando “não confessional”, isso é não filiada a qualquer tradição religiosa particular (BERGER, 2017, p. 94)

Independente do juízo de valor, o estudo sobre o sentido e significado de seita carece de aprofundamentos epistemológicos no âmbito das ciências sociais quanto à aplicabilidade do termo em estudos de grupos cujas práticas, crenças, ritos sejam objeto de estudos (consolidados) das diversas áreas do conhecimento (empíricos, teológicos, científicos) possuindo um melhor enquadramento teórico conceitual em estudos sociais.

Desta feita, necessário se faz retroagir no tempo, antes de denominar neste estudo como religião os *ayahuasqueiros/hoasqueiros* do Santo Daime e União do Vegetal, de maneira a descrever algumas de suas práticas, ritos, buscando fundamentação teórica para sustentar o intento.

A religião é inerente à condição humana, “o homem é um animal religioso do mesmo modo que é um animal político... sua religiosidade se exprime visivelmente, socialmente em estruturas e instituições” (MESLIN, 2014, p.55), manifestação única dos *hominídeos*.

A história da origem do termo religião, segundo Meslin (2014), revela variações semânticas, religião procede do latim *religio*. Após o reconhecimento do Cristianismo como religião verdadeira e oficial do Império Romano, por Constantino Sec. IV a palavra religião, adquiriria, nova significação,

Lactânio, pagão convertido ao cristianismo (304 e 313), redige as *Instituições divinas...* Rejeita a definição da palavra religio... Não vem como se afirmou depois de Cícero do verbo *relegere* (que significa: dar uma atenção a...), mas do verbo latino *religare* =religar a (MESLIN, 2014 p. 28).

Em outras palavras, o termo religião, passou a significar religar, unir pessoas em torno da fé em Deus, Deuses ou qualquer outra entidade sobrenatural aos homens (RODRIGUES 2013).

Para Karl Marx (1818 – 1883) religião significava alienação do homem posto que o desviasse para um mundo de sonhos e ilusões utópicas, comparou a religião com ópio (MARX, 2005) condição que impedia os homens de fazerem a revolução diante do recrudescer do Capitalismo do Sec. XVIII. Segundo Ortiz (1980), ao analisar a religião nos escritos de Antônio Gramsci, Filósofo Marxista, (1891-1937), assim disse,

A religião aparece como uma concepção de mundo intermediária entre “o folclore da filosofia”, tanto a religião como o folclore são concepções de mundo que se opõem as outras concepções de mundo, não enquanto essências alienadas, mas, sobretudo segundo relações de força que se exprimem politicamente no decorrer da história dos homens, a fórmula” religião é o ópio do povo, se traduz para Gramsci como “religião loteria do povo” (ORTIZ, 1980, p. 167-187)

De acordo com Rodrigues (2013, p. 20) apud Robertson (1970, p. 47) “a religião refere-se à existência de seres sobrenaturais que tem efeito de reger a vida”. Tylor (1920) se atreve a um conceito minúsculo de religião, “a crença em seres espirituais”. Independente dos substantivos/adjetivos inseridos nas concepções sobre Religião, ópio, loteria, alienação, folclore, o fato é que a religião é imanente à condição humana desde tempos imemoriais.

Segundo Durkheim (1996) o mundo é independente da vontade humana, fatos sociais são expressos por regras jurídicas, códigos morais e ditos populares são representados objetivamente, o ponto de partida da ciência é a observação, assim sendo:

As declarações metodológicas de Durkheim a respeito da definição tentam conciliar, assim, as exigências da constituição de conceitos que atendam às necessidades de verificações da ciência, mas, que ao mesmo tempo não se distancie do uso comum, já que os fenômenos sociais, se não são constituídos pelas representações pessoais do investigador são, afinal, constituídas pelas representações compartilhadas e impostas aos atores (MASSELA, 2006 p. 125).

Buscamos na obra de Durkheim (1996; 2006) “As formas elementares da vida religiosa e as Regras do método sociológico” um caminho teórico sociológico, de maneira a fundamentar como religião, tanto o Santo Daime como a União do Vegetal, pelo conjunto de práticas sagradas, carregadas de simbolismos que transcendem a racionalidade e todo o sistema de ritos e crenças que unem essas pessoas em rituais em volta do chá *ayahuasca/Hoasca*, disse Durkheim,

[...] é um sistema solidário de crenças, mitos, dogmas, ritos e de práticas relativas às coisas sagradas, isto é, separadas, interditas, crenças e práticas que unem em uma mesma comunidade moral... A religião é inseparável da ideia de igreja (DURKHEIM, 1996, p 18,32).

Para Durkheim (1996 p. 07), “não existe religião falsa, todas são verdadeiras a seu modo; todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condições dadas da existência humana”, é um fenômeno eminentemente social, exprime realidades coletivas, os quais suscitam as mais diversas análises na busca de uma compreensão que ultrapassa os limites da racionalidade humana, quanto ao rito e as ciências, Durkheim (1996), afirma,

Os ritos mais bárbaros ou os mais extravagantes, os mitos mais estranhos traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, seja individual ou social. As razões que o fiel concede a si próprio para justificá-los podem ser – e muitas vezes, de fato, são – errôneas: mas as razões verdadeiras não deixam de existir; compete à ciência descobri-las. (DURKHEIM, 1996, p. 07)

Na visão durkheimiana, as crenças e as práticas individuais envolvem obrigações, conduta, razão pela qual necessita de uma Igreja ou uma comunidade moral, cuja força é impositiva a sociedade.

Por outro lado, não há como contrapor Durkheim, quanto ao ritual extravagante dos *ayahuasqueiros/hoasqueiros*, posto que o chá *ayahuasca* seja amargo, de cheiro forte, provoca desconfortos que vão da simples náusea ao vômito.

Vários antropólogos como, por exemplo, Mauss (1974), Turner (1974) e Peirano (2003), analisaram rituais em países na (África do Sul) os quais não faziam sentido para a racionalidade humana, mais apesar de serem considerados extravagantes, possuíam um simbolismo subjacente na construção de relações sociais entre os membros do grupo.

Produzir conhecimentos sobre todos os tabus que o limitem é que deve prevalecer nos ensina Morin (2001), o passo decisivo para conceituar um fenômeno é a busca dos traços comuns compartilhados.

Segundo Massela (2006), tanto o Santo Daime como a União do Vegetal, compartilham um sistema de crenças, cujo principal elemento sacralizado por estes é o chá *ayahuasca* ou *Hoasca*, envolvendo práticas ritualísticas dentro de uma cosmovisão do mundo material e imaterial, em um espaço chamado Igreja.

### **2.1.2 Plantas de Poder – Tradições antigas**

As sociedades primitivas já faziam uso de plantas para curar dores do corpo, como parte de rituais. As sociedades modernas continuaram a usá-las, ampliando seu significado diante de novos conhecimentos.



Há uso de plantas nos rituais: cristãos, espíritas, indígenas, africanos etc. O livro dos cristãos, a Bíblia, mostra os benefícios das plantas, na cura dos males, “Tomai uma pasta de figos; tomaram-na e a puseram sobre a úlcera, e ele recuperou a saúde” (BIBLIA, 1969, p.417)

Os escritos sagrados também citam outras plantas: açafraão, hortelã, arruda, algumas eram dadas como dízimo, “Porque dais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortaliças” Bíblia (1969 p. 80) eram importantes moedas de troca por suas propriedades serviam como oferenda e pagamento dos deveres religiosos. O sincretismo é sedimento das religiões *ayahuasqueiras/hoasqueira*, cuja origem remonta a Amazônia no final do Sec. XIX e início do Sec. XX, o conhecimento indígena-caboclo foi fundamental por conta dos saberes sobre as matas, plantas e ervas medicinal, assim diz Benchimol:

Dessa herança cultural indígena-cabocla destacam-se muitas contribuições, alucinógenos como ipadu, coca, ayahuasca, iagê, caapi; estimulantes e afrodisíacos como guaraná, muirapuama catuaba, xexuá; e plantas tóxicas e venenosas como buiuçu, cipó amargoso, curare, galeria, timbó, outros”. (BENCHIMOL, 1999, p.28).

Por outro lado, entre os povos indígenas, as práticas de cura com uso ritualístico das plantas, fazem parte da cultura e são pertencas do xamã, espécie de líder, tido pela tribo como sábio, “o xamã recebe seus poderes a partir de contatos com espíritos, são grandes conhecedores da floresta, especialmente nas atividades de cura” (MACRAE, 1992, p. 28).

A esse ritual, dá-se o nome de xamanismo ou pajelança. A decocção de determinadas plantas, não só a *ayahuasca*, mais cogumelos, raízes, cascas de árvores, produz beberagem, que em conjunto com o fumo (tabaco) e defumações no ambiente, espantam os maus espíritos, conectam com outras entidades, segundo MacRae (1992).

O xamã recebe seus poderes a partir de contatos com espíritos... A ingestão de preparados feitos com a casca de certas árvores e tabaco o coloca em contato com o mundo espiritual, deve obedecer às instruções dos espíritos e prestar atenção aos cantos e melodias que lhe são sussurrados para aprender os seus segredos. (MACRAE, 1992, p.28).

Segundo Monteiro (2013) a raiz da palavra xamã deriva da língua dos povos Tugus da Sibéria, assim diz,

Adotada amplamente pelos antropólogos para se referirem a pessoas de uma grande variedade de culturas arcaicas que antes eram conhecidas por: pajés, curandeiros, magos, videntes... A prática xamanicas se deu pela primeira vez nos seres humanos antes mesmo que o homem primitivo dominasse completamente as vogais. Existem duas vias para o xamanismo, o clássico que vem de lugares onde a floresta não é tão fechada como a floresta amazônica, mais perto do mar, das montanhas, seu uso no meio indígena é milenar, e sempre voltado para as soluções de doenças e problemas psíquicos dos nativos, mesmo nas tribos onde o pajé usa alguma planta de poder. O

pensamento xamânico se introduziu no sistema urbano a partir da entrada de pesquisadores na floresta, levando o telegrafo como foi o caso do Marechal Rondon, no ciclo da Borracha na época de Getúlio Vargas (MONTEIRO, 2006, p. 23)

Durante a realização deste estudo, a palavra *Ayahuasca* apresenta 7.810.000 resultados na maior plataforma de buscas da internet, números que traduz interesse das diversas áreas do conhecimento humano (sociológico/antropológico/farmacológico etc.) em relação tanto as propriedades psicoativas do chá, como relacionadas ao mundo espiritual no âmbito das religiões de matriz *ayahuasqueiras*.

O termo ayahuasca é procedente da cultura incaica, origina-se do dialeto andino quéchua forma as expressões *Hoasca* (cipó) e *aya* (alma dos espíritos), podendo traduzir como “cipó das almas” ou “cipó dos espíritos” ou ainda “vinho das almas” (METZNER, 2002, p.1).

Na religião do Santo Daime, a bebida sagrada chama-se *ayahuasca* ou daime, feito através da decocção das plantas *Banisteriopsis caapi* chamada de cipó (figura 11) e a folha *Psychotria Viridies*, chamada de folha rainha (figura 12). Na União do Vegetal, a bebida chama-se *Hoasca* as plantas são as mesmas, mais são chamadas de mariri (cipó) e chacrona (folha), cujas explicações mítico-religiosa serão dadas no decorrer do estudo.

**Figura 11 - (*Banisteriopsis Caapi*)**



**Figura 12 - (*Psychotria Viridies*)**



Fonte: Acervo de FRANCISCO, Antônio. (2010).

Fonte: Acervo de FRANCISCO, Antônio. (2010).

Segundo Albuquerque (2007) do ponto de vista farmacológico é encontrado no cipó dois alcaloides: harmina e tetrahydroharmina e na folha o terceiro alcaloide mais importante, posto que seja este elemento que possibilita as mirações, trata-se da Dimetiltriptamina (DMT), conforme Luna, essa:

Não é ativa oralmente, sendo desativado no sistema digestivo e no fígado por uma enzima chamada MAO (monoamina oxidasa), que forma parte do sistema de defesa do organismo contra possíveis substâncias tóxicas. A harmina presente no cipó inibe temporariamente a ação da enzima MAO, possibilitando, assim, que a não desativação da DMT atravesse a barreira hematoencefálica (sangue-cérebro) e chegue até o sistema nervoso central. (LUNA, 2005 p.335)

Os efeitos, segundo Luna (2005), permitem ao sujeito adentrar espaços sensoriais, ter estranhas percepções de o próprio corpo transformar-se em seres não humanos, animais, plantas ou objetos inanimados, contatar entidades espirituais, recordar acontecimentos de vidas passadas, ou outras experiências místicas de vários tipos.

Normalmente, as plantas sagradas são cultivadas no próprio terreno onde se localiza a Igreja *ayahuasqueira/hoasqueira*, tanto para consumo próprio como para distribuição a outras Igrejas.

## 2.2 Religiosos Ayahuasqueiros/hoasqueiros: quem é de onde vieram

Historicamente, as origens dos grupos religiosos *ayahuasqueiros*, remonta à Amazônia no final do Séc. XIX e do início do Sec. XX tem como cenário os últimos estados incorporados à República do Brasil: o Acre em 1903, e Rondônia em 1981 (BENCHIMOL, 1999).

Raimundo Irineu Serra, maranhense de São Vicente Férrer, negro, neto de escravos chegou ao Acre em 1912 e José Gabriel da Costa, baiano de Coração de Maria, desembarca em Porto Velho - RO em 1944, fundadores do Santo Daime e União do Vegetal, respectivamente, atemo-nos primeiramente a figura do maranhense Raimundo Irineu Serra.

Segundo MacRae (1992), Raimundo Irineu Serra aprofundou conhecimentos com indígenas e caboclos da região, que já faziam uso da bebida *ayahuasca*, e após vários dias na mata, tomando o chá *ayahuasca*, comendo macaxeira insossa e abstendo-se de relações sexuais, teve mirações, visões, com um ser divino da floresta, segundo Fróes,

Clara, que se apresenta como Nossa Senhora da Conceição a Rainha da Floresta, a qual dá as primeiras instruções sobre o uso da bebida, regras para constituição dos pilares do ritual do santo daime, “passa por uma fase de iniciação no interior da floresta, típica de xamãs indígenas, onde o jejum e a abstinência sexual são condições indispensáveis na formação de xamã” (FRÓES, 1986, p. 29).

Decerto, Raimundo Irineu Serra trouxe consigo conhecimentos do tambor de mina, uma religião afro-brasileira muito difundida em sua terra natal, o Estado do Maranhão, Moreira; MacRae (1992). A literatura *ayahuasqueira*, não é clara sobre a ocasião que tanto Raimundo Irineu Serra como José Gabriel da Costa foram aclamados Mestres em solo amazônico.

Brandão e Rios (2011, p. 160-168) referem-se a “Mestres” como “categorias de entidades espirituais identificadas como pertencente ao universo do culto da jurema, uma árvore que floresce no agreste e na caatinga nordestina”, de sua casca e das raízes é feita uma bebida sagrada, (análoga à *ayahuasca*) segundo os articulistas, o termo mestre é de origem

portuguesa, onde tinha o sentido tradicional de médico, ou segundo na fala de Cascudo (1951 p. 42),” *feiticeiro*”, o que faz sentido nessa narrativa.

Antes de serem reconhecidos como Mestres por seus seguidores, tanto Raimundo Irineu como José Gabriel, foram chamados de feiticeiros, bruxos e curandeiros. Segundo autores, Fróes (1986), MacRae (1992) e Albuquerque (2007) entidades espirituais denominaram Raimundo Irineu do Santo Daime como: General Chefe do Império de Juramidam<sup>6</sup>, identificando-o com outras entidades espirituais dos tempos dos incas, precursoras na utilização da *Ayahuasca* (MACRAE, 1992).

Raimundo Irineu Serra participou do Círculo de Regeneração e Fé- CRF em sessões caracterizadas por fenômenos mediúnicos de comunicações espirituais e que se identificavam com títulos de reis, rainhas, príncipes, princesas e marechais.

Dessa forma, “os participantes do CRF portavam patentes militares, que variavam de marechal a soldado para fazer distinções hierárquicas entre os membros do culto” (MOREIRA; MACRAE, 2011, p. 112).

A chegada de Raimundo Irineu Serra a Amazônia fora inspiração para as primeiras estrofes de um dos mais conhecidos Hinos<sup>7</sup> – do Santo Daime, bailado<sup>8</sup> em datas festivas, acompanhado por maracás<sup>9</sup> que diz, “De longe, Eu Venho de Longe, das ondas do mar sagrado (...). Para conhecer os poderes da floresta e, Deus amar” (MOREIRA; MACRAE 2011, p.78).

A religião fundada por Raimundo Irineu Serra possui um caráter sincrético, tendo influência de outras matrizes religiosas, cristãs: acreditam em Jesus Cristo, santos, principalmente Nossa Senhora da Conceição, a quem chamam de Rainha da Floresta, rezam Pai Nosso, Ave Maria e Salve Rainha; indígena: o xamanismo e a própria bebida *ayahuasca* consolida; afro-brasileira: elementos da umbanda como Iemanjá, incensos, caboclos como Jurema, São Jorge dentre outros; espiritismo e esoterismo: por meio de trabalhos mediúnicos, de cura, mesa branca, alguns rituais são iniciados com as orações: Chave de Harmonia e Consagração do Aposento (FRÓES, 1986).

Dando sequência ao desenvolvimento da doutrina, em 1963 Mestre Irineu, funda o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal – CICLU – Alto Santo, sendo o primeiro esforço

<sup>6</sup> Juramidam representa a segunda volta de Cristo na terra, Jura é o pai e Midam é o filho, sendo Mestre Irineu designado como Chefe do Império de Juramidam. (FROES 1986)

<sup>7</sup> Espécie de evangelho, doutrina do santo daime, recebidos mediunicamente do plano espiritual (ALBUQUERQUE, 2007, p. 66).

<sup>8</sup> Danças realizadas em datas especiais (dias de santos, morte de Mestre Irineu), instituído pelo próprio Mestre Irineu em 1935 são dançados três ritmos: valsa, mazurca e marcha. (ALBUQUERQUE, 2007, p. 81).

<sup>9</sup> Instrumento feito de lata acompanha os ritmos dos hinos, usados por membros fardados (MACRAE, 1992).

para institucionalizar a religião conhecida hoje como Santo Daime, expressão que significa: “Dai-me paz, dai-me amor! Em 1964 autoriza abertura do primeiro Centro Daimista fora do Estado do Acre, em Porto Velho – RO” (ALBUQUERQUE, 2007, p. 27).

Após sua morte em 1971, ocorrem descentendimentos internos quanto à sucessão do legado espiritual de Raimundo Irineu, seu principal discípulo Sebastião Mota de Melo, amazonense, conhecido como curandeiro por conta de suas faculdades mediúnicas, deixa o Alto Santo, (igreja raiz) em 1974, seguindo novos caminhos, desenvolve os trabalhos com Daime em sua casa junto aos familiares e alguns companheiros (FROÉS, 1986).

Em 1975 funda o Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra – CEFLURIS, reformulado em 1997, atualmente IDARIS – Instituto de Desenvolvimento Ambiental Raimundo Irineu Serra,

O Instituto tem formato associativo, os associados são frequentadores dos grupos filiados ao ICEFLU agrega quatro instituições que tem como missão: Fortalecer o trabalho social e comunitário que herdamos desde os tempos de Padrinho Sebastião Mota tem como papel desenvolver os trabalhos sócios ambientais da entidade, especialmente os realizados no âmbito da floresta amazônica. (ICEFLU, 2019).

Uma das quatro instituições que compõe o CEFLURIS é a ICEFLU – Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal – Patrono Sebastião Mota de Melo, cuja sede localiza-se às margens do igarapé Mapiá, entre os municípios de Boca do Acre e Pauini, na divisa dos estados do Amazonas e Acre, a Comunidade Céu de Mapiá foi para onde na década dos anos oitenta seguiu Sebastião Mota de Melo, levando os primórdios da doutrina de Raimundo Irineu, mais incorporando outras diretrizes doutrinárias e ritualísticas.

É prevista para 2020, a inauguração da nova estrutura da Igreja cuja cobertura (telhado) principal é uma estrela de seis pontas, um dos símbolos da fé dos Daimistas “a obra da nova igreja no Céu do Mapiá acontece desde 2009, à inauguração acontecerá em 2020, ano do setentenário do Padrinho Alfredo e centenário do Padrinho Sebastião” (ICEFLU, 2019).

De lá emana todas as instruções espirituais para o chamado povo de Juramidam tornando-se para os Daimistas uma espécie de cidade sagrada ou uma Nova Jerusalém (FROÉS, 1986).

A maioria das Igrejas Daimistas estabelecidas no Brasil e no mundo seguem a linha de Sebastião Mota de Melo que incorporou outras práticas ritualísticas como, por exemplo, a inserção da *Cannabis sativa*, rebatizada de Santa Maria, sendo posteriormente retirado dos rituais em virtude da ilegalidade do uso desta no Brasil, permanecendo em rituais Daimistas em países cujo uso da mesma seja livre, como a Holanda (ASSIS; LABATE, 2014).

Sobre as dissidências e disputas pelo legado espiritual de Raimundo Irineu ocorrido após sua morte em 1971,

Os anos que seguiram viram o acirramento das tensões... Que acabaram irreprimíveis, dando lugar a dissidência do grupo original, resultando no surgimento de profundas animosidades entre integrantes do daime. (MOREIRA; MACRAE, 2011, p. 404)

A sociologia analisa as diversas relações da vida do homem em sociedade, nos ensina que o poder está no cerne das relações sociais, segundo Elias (1980, p. 80): “o poder constitui o elemento integral de todas as relações humanas, é uma ocorrência cotidiana”, dissera ainda que o poder não é um tipo de amuleto que um indivíduo tem e outro não, é imanente a todas as relações humanas e “se mostra conforme as relações se estabelecem” (MATOS, 2015, p. 101).

Contudo, Elias (1980) refletiu que à medida que há uma dependência maior de um sujeito em relação aos outros, este deterá maior poder, principalmente se essa dependência ocorrer por conta de alguma necessidade, como por exemplo, ser amado, obtenção de dinheiro ou mesmo de cura, estabelecendo uma relação de interdependência funcional.

Realmente, os discípulos de Raimundo Irineu dependiam dele quanto aos ensinamentos da doutrina, curas e atendimentos espirituais, além do mais o carisma de Raimundo Irineu retratado por diversos autores Fróes (1986), MacRae (1992), Groisman (1999), etc.

O carisma foi uma característica marcante que o transformou em um líder, com forte influência sobre seus discípulos lhe conferindo poder espiritual, e isso na ótica de seus discípulos significava benção divina, cuja missão era ensinar a doutrina, conforme diz o hino de nº 09 – o chefe veio a terra, “o chefe que veio a terra como mestre ensinador, recebeu essa missão que a virgem mãe lhe entregou” (MOREIRA; MACRAE, 2011, p. 453). O poder do carisma foi citado por Weber, ao analisar as diversas relações sociais no âmbito das religiões protestantes:

A convicção emocional é decisiva para a crença dos discípulos e seguidores no direito do líder carismático de governar, uma crença que terá um efeito interno radicalmente transformador na personalidade dessas pessoas: o carisma... Manifesta seu poder revolucionário ‘de dentro’ desde uma metanoia [transformação espiritual] essencial das atitudes de seus seguidores. (WEBER, 2004, p. 117).

Quanto às regras para ingerir o chá *ayahuasca* são específicas, a doutrina do Santo Daime é clara, não comer carne vermelha, alimentos gordurosos ou usar quaisquer tipos de drogas e principalmente se abster de relações sexuais, três dias antes e três dias depois

(MACRAE 1992). O calendário de ritual ano 2018 emitido pela ICEFLU mostra mais de 05 rituais em alguns meses do ano, especialmente, junho, julho e dezembro.

Outra Igreja de matriz *ayahuasqueira/hoasqueira* presente à Rua Caravele, Bairro Tarumã, chama-se Centro Espirita Beneficente União do Vegetal – CEBUDV, ou simplesmente – UDV, fundada em 1961 pelo seringueiro baiano José Gabriel da Costa que chegou a Amazônia em 1944. O chá é chamado de *Hoasca* em detrimento de *Ayahuasca*, conforme (COSTA, 2011):

*Hoasca* é a palavra utilizada... Para designar o chá produzido pela decocção do cipó *Banisteriopsis caapi* e da folha *Psychotria Viridies*... Ao falarmos de *Hoasca* – ou simplesmente vegetal – não nos atemos à substância em sua dimensão bioquímica. Partimos do ponto de vista de um universo simbólico, cultural e social de uma religião específica, a União do Vegetal. (COSTA, 2011, p. 21)

Em outras palavras, a bebida sagrada é feita dos mesmos ingredientes, porém a chamam de *Hoasca*, as plantas em vez de Jagube e Folha Rainha como são denominadas pelos Daimistas, a chamam de mariri e chacrona, tal diferença tem explicações em narrativas mítico-religiosas.

Em sua pesquisa: O Fenômeno do Chá e a Religiosidade Cabocla – Um estudo centrado na união vegetal, Andrade (1995), reconstrói essa narrativa mítica.

Conta que existia um rei inca cuja conselheira se chamava *Hoasca*, após sua morte, o rei encontra em sua sepultura um pé de árvore, deduziu que era a conselheira em forma de planta. No reinado, nasce um menino chamado Tiuaco, chegando a ser homem da confiança do rei, Tiuaco morre após tomar chá feito das folhas de *Hoasca*, o rei então enterra Tiuaco ao lado da sepultura de *Hoasca*, passado tempo, encontra na sepultura um pé de cipó, deu o nome de Tiuaco, tempos depois o rei inca também morre e encarna novamente, na época de Rei Salomão, com o nome de Caiano. Salomão, considerado o rei da ciência torna Caiano seu vassalo. Ato contínuo, o rei acompanhado de seu vassalo visita as sepulturas de *Hoasca* e Tiuaco, vê as plantas crescendo nas sepulturas os quais chama de Mariri para Tiuaco e Chacrona para *Hoasca*. Caiano bebe o chá, morre e reencarna. “Finalmente, que ele mesmo, o mestre Gabriel, era o mesmo rei inca, o mesmo Caiano, que unia as pessoas em torno do chá.” (ANDRADE 1995, p. 122, 123, 124).

Personagens como o Rei Inca, Salomão, Caiano, Iagora, *Hoasca* e Tiuaco, fazem parte dessa narrativa mítica, perpassando por explicações de cunho espiritualista, quanto às sucessivas reencarnações do Mestre Gabriel, segundo o Mestre Edson Representante do Núcleo Tiuaco, assim diz,

As reencarnações do Mestre Gabriel, foram: Rei inca, Caiano, Iagora e Gabriel, essa é a sequência... Rei Inca desencarnou (morreu) com pensamento preso em *Hoasca*, reencarnou em Caiano que desencarnou, reencarnando como Mestre Gabriel (SOUSA, 2019, p. 37).

Foi na sessão de comemoração do aniversário de nascimento, (*in memoriam*) de Mestre Gabriel, em 10 de Fevereiro de 2019, uma espécie de Natal dos *hoasqueiros*, com apresentação de coral, peça teatral, capoeira (comemorado em todos os Núcleos e Representações da União do Vegetal, no Brasil e nos 11 países, em que está se faz presente), que pude ampliar entendimento sobre as várias reencarnações de José Gabriel da Costa, posto que não encontrasse na literatura hoasqueira maiores detalhes sobre essas narrativas, durante a sessão foi apresentado a todos, uma mensagem gravada de Mestre Gabriel, onde este narra um pouco de sua vida de infortúnios, antes de ser apresentado aos mistérios de sua fé, segundo Maués e Villacorta (2011),

É importante considerar dessas crenças, as concepções de reencarnações e de carma, ou seja, uma pessoa não tem apenas uma vida, e sim, várias, estando, em suas muitas existências num processo de purificação. (MAUÉS; VILLACORTA 2011 p. 37).

Na referida gravação Mestre Gabriel, conta também, à história do mariri e da chacrona, deixando claro na narrativa que foi o Rei Salomão quem fez a união dos vegetais, “eu venho fazer a união dos vegetais” o mariri (rei da força) procede de Marechal, uma patente concedida a Tiuaço, chacrona, (rainha da luz), significa um chá temeroso, (chá+crona) o qual revela todos os segredos do homem para ele mesmo dentro da borracheira, ou visões.

Quanto ao processo de formalização da União do Vegetal – UDV ocorreu no final de 1964, na cidade de Porto Velho - RO, de certa forma, antecipada pelas perseguições policiais por parte das autoridades, no início tratava-se de uma Associação Beneficente, após fora transformada para Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. (COSTA, 2011)

A trajetória da União do Vegetal, enquanto instituição religiosa, em muito difere do Santo Daime, a ausência de dissidências, após a morte, de José Gabriel da Costa – ocorrido em 1971 (mesmo ano de morte de Raimundo Irineu – Santo Daime) foi fator primordial para a continuidade e estruturação da religião, os quais permitiram, a rápida organização desta como instituição religiosa, por meio de um processo hierarquizado, formação de um quadro de Mestres responsáveis pela doutrina, estrutura ritualística, sócios e associados.

O forte senso de disciplina corroborou para amainar egos, segundo Costa (2011, p. 37) “um desses mecanismos de retração de abuso de poder, é a própria lei da UDV, que preceitua que aquele que sabe mandar, também tem que saber obedecer”, nas sessões que estive presente, observei que um dos Mestres usava uma faixa com as inscrições,” UDV é OBDC”.

Com mais de cinquenta anos de existência, a UDV conta com 20 mil associados no Brasil, distribuídos em 206 núcleos, presentes em 10 Países do Mundo (EUA,



Canadá, Portugal, França, Espanha, Peru, Reino Unido, Itália, Suíça, Holanda), com sede em Brasília- DF adota como valor precípua: Luz, Paz, amor, acredita na evolução e amadurecimento do espírito através das sucessivas reencarnações e nos ensinamentos de Cristo (UDV, 2018).

Historicamente é creditado a União do Vegetal, todos, se não, os maiores esforços para a legalização do uso do chá *ayahuasca/hoasca*, dentro de ritual religioso, fazendo valer o direito constitucional de liberdade à crença religiosa, resultando na Resolução nº 1, de 25 de Janeiro de 2010, do Conselho Nacional Antidrogas – CONAD publicado no Diário da União sob o nº 17 de 26/01/2010, (apêndice 1) que legaliza o uso religioso da bebida, disciplinando a matéria, além de diversas orientações seguidas pelos religiosos no que tange a comercialização, sustentabilidade, formas de produção, uso terapêutico, procedimentos para recepção de novos membros, uso em menores de idade e grávidas, dentre outras normas de controle de acesso à bebida.

No entanto, apesar da legalização do uso religioso do chá *ayahuasca*, há uma fragilidade ou uma tensão aparente, posto que a legalização deste seja ancorada em uma “Resolução”, em outras palavras, não é regulado por uma lei específica, apesar de o Estado Brasileiro ser laico e a liberdade religiosa cláusula pétrea da Constituição Federal do Brasil.

Segundo Albuquerque (2011, p. 31): “O processo de legitimação foi marcado por conflitos de poder que envolveram perseguições ao culto, prisões, queimas de plantas, comissões interdisciplinares de estudo, processos e portarias”.

De certo, na medida em que assume o poder, lideranças ultraconservadoras, voltadas à determinada vertente religiosa, constitui-se um cenário preocupante para grupos minoritários, incluindo os religiosos *ayahuasqueiros/hoasqueiros*, situação que demonstra a dinâmica da sociedade que se nutre do conflito.

A legislação que protege e legitima é a mesma que impõem limites, por exemplo, o Estado pode intervir para garantir o direito à vida de uma criança, filho (a) de um membro das Testemunhas de Jeová, religião conhecida por não aceitar transfusão de sangue, foi o que aconteceu em Goiânia-GO, assim diz matéria publicada no jornal Goiás Notícias em 03 de março de 2019,

A Justiça autorizou que um bebê recém-nascido prematuro receba transfusões sanguíneas, contrariando a vontade dos pais, que são adeptos à religião Testemunhas de Jeová, a qual veta o procedimento. A liminar foi deferida após a maternidade onde a criança está internada, em Goiânia, entrar com pedido. Magistrado alega que recém-nascido sofre de anemia e depende de tratamento. A determinação ocorreu mesmo diante de negativa de casal, que alegou que procedimento 'ofende' seus preceitos religiosos. (TÚLIO, 2019).

Outro exemplo são as reformulações de leis, como no caso da decisão tomada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) sobre a constitucionalidade do sacrifício de animais em culto religioso, assim diz a matéria publicada no jornal O Globo, em 28 de março de 2019,

O Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu nesta quinta-feira (28), por unanimidade, que é constitucional o sacrifício de animais em cultos religiosos... Não se trata de sacrifício ou de sacralização para fins de entretenimento, mas sim para fins de exercício de um direito fundamental que a liberdade religiosa, não existe tratamento cruel desses animais. “Pelo contrário, a sacralização deve ser conduzida sem o sofrimento inútil do animal” disse o Ministro Barroso (BARBIÉRE; OLIVEIRA, 2019, p. 8).

As leis, a interpretação e cumprimento destas, são moedas de uma mesma face, avançam conforme o desenvolvimento das sociedades modernas. Reescrevi esse parágrafo para atualizá-lo, numa clara evidência que o processo social é dinâmico e evolutivo, como disse (ELIAS, 2008).

A religião *hoasqueira* União do Vegetal é espírita, não kardecista, considera a doutrina cristã reencarnacionista, assim diz,

A doutrina da União do Vegetal é fundamentada na existência do espírito, que evolui ao longo de sucessivas reencarnações. Mestre Gabriel, com seus ensinamentos, fez seu reconhecimento a Jesus como o Salvador da humanidade, “o verdadeiro Homem, o filho de Deus”. A UDV transmite de forma oral e traz, em essência, os mesmos ensinamentos de Jesus. Orientando para a evolução espiritual, a União do Vegetal ensina a respeito da reencarnação. O espírito tem como missão evoluir para chegar até Deus e as religiões existem para mostrar o caminho da retidão. “O caminho de Deus é limpo”, disse o Mestre. (UDV, 2018).

**Quadro 1 Santo Daime - Raimundo Irineu Serra – Fundação - Acre 1930**

<b>Chá Ayahuasca</b>	
<b>Plantas (nome científico)</b>	<i>Banisteriopsis Caapi e Psychotria Viridis</i>
<b>Plantas (nome doutrinal)</b>	Jagube e Folha Rainha.
<b>Influências de outras religiões</b>	Cristã, Espírita, Afro-brasileiro, Esotéricas e Indígenas.
<b>Rituais</b>	Concentração, Bailados e Missa das almas.
<b>Símbolos</b>	Beija Flor, Cruz de Caravaca, Estrela de 6 pontas, Hinários, Maracas.
<b>Doutrina</b>	Transmitidas oralmente/hinos.
<b>Títulos</b>	Soldados, rainhas, princesas, marechal, madrinhas, padrinhos, mestre.
<b>Farda</b>	Verde, Branca, azul (oficiais e não oficiais)

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Nos rituais dos *ayahuasqueiros e hoasqueiros*, as diferenças e semelhanças neste universo simbólico são complexas, procuramos sumarizar nos quadros 1, 2 e 3 algumas diferenças mais visíveis entre elas.

**Quadro 2 União do Vegetal – José Gabriel da Costa UDV – Fundação Rondônia 1961**

<b>Chá Hoasca</b>	
<b>Plantas (nome científico)</b>	<i>Banisteriopsis Caapi e Psychotria Viridies</i>
<b>Plantas (nome doutrinal)</b>	Mariri e Chacrona.
<b>Influências de outras religiões</b>	Espirita reencarnacionista, Umbanda, Cristã, Esotérica.
<b>Rituais</b>	Sessões de escala, instrutivas, de conselho.
<b>Símbolos</b>	Elementos ligados a natureza: arcos, estrelas, sol, lua, mar, dentre outros.
<b>Doutrina</b>	Transmitidas oralmente chamadas (cânticos), boletins e leis presentes no estatuto deixado por José Gabriel da Costa.
<b>Títulos</b>	Mestres e sócios
<b>Farda</b>	Mulheres/Homens: laranja e verde Mestres/homens: azul e branca

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

**Quadro 3 Algumas diferenças nos rituais - Santo Daime e UDV**

<b>Grupo</b>	<b>Chá</b>	<b>Ritual</b>	<b>Cores</b>	<b>Efeitos do chá</b>	<b>Nome dos cultos</b>
<b>Santo Daime</b>	Ayahuasca	Sentado/bailado (valsa/mazurca/marcha) separados H/M	Verde/Branco Azul – fitas coloridas	Mirações, Visões. (Péia) = vômitos Diarreia.	Trabalhos
<b>UDV</b>	<i>Hoasca</i>	Sentado juntos h/m.	Verde/Branco Azul/Laranja	Borracheira (visões, mirações)	Sessões

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

A posse do terreno e das plantações é privado, constituindo o que chamam de dono da igreja, Costa (2015), cabendo aos membros o rateamento dos custos operacionais, em média, a colaboração para participar nos rituais é no valor de quinze a trinta reais, na União do Vegetal os sócios dividem os custos operacionais da Igreja.

Assim, contabilizamos quatro grupos religiosos estabelecidos a Rua Caravele, Bairro Tarumã. Manaus/AM, os quais disserto sobre aspectos sociais, de forma a identificar os sujeitos desta pesquisa em ambiente urbano.

### **2.2.1 Espaço Holístico e Terapêutico Pousada Uarumã**

Os primeiros rituais com o chá *ayahuasca* na Rua Caravele – Bairro Tarumã, Manaus/AM, deu-se onde hoje funciona – o Espaço Holístico e Terapêutico Pousada Uarumã, no início era somente a casa da família de Juliana Belota, precursora dos grupos religiosos *ayahuasqueiros* estabelecidos aquela rua.

Na década de 1990, recebem a visita do casal Marcio e Beatriz ou Jalal e Rama, que trazem conhecimentos sobre terapias com uso de ervas e outros ensinamentos procedentes da cidade de Poona, na Índia.

Em 1992, é fundada a primeira Igreja do Santo Daime chamada Céu do Sol Nascente localizada no mesmo terreno (onde hoje está estabelecida a Pousada), tempos depois foi desativada por problemas na família, falecimento do pai de Juliana.

A partir de 2005 com vocação natural do lugar cercado pela natureza, a família de Juliana buscou sustentabilidade econômico/financeiro das instalações, ocasião em que nasce o conceito de Pousada ou Projeto Uarumã, recebendo desde então, pessoas oriundas de diversas parte do Brasil e do Mundo em busca de conhecimentos espiritualizados aliados a terapias holísticas/alternativas: yoga, massagens, alimentação natural, vegana, desintoxicação corporal e uso de medicinas indígenas como o rapé, sananga, dentre outras.

Entrelaçando medicinas indígenas ao trabalho terapêutico e físico, a Pousada Uarumã estabelecida num terreno de 1,5 ha, (poucos metros) da Avenida do Turismo, tem capacidade para receber 16 pessoas para pernoite.

**Figura 13 - 1ª Igreja S. Daime Céu do Sol Nascente**



Fonte: Autora, (2018).

**Figura 14 - Pousada Uarumã**



Fonte: Autora, (2018)

A figura (13) mostra a 1ª instalação da Igreja do Santo Daime Céu do Sol Nascente na época sob a direção da família de Juliana Belota, a velha estrutura fez parte da memória dos grupos religiosos da Rua Caravele, até ser reativada novamente por outro grupo religioso, conforme será relatado, foi nesse lugar onde tudo começou a poucos metros do Igarapé da Água Branca, que produz, na corredeira de suas águas sensação de bem estar e leveza, fuga do mundo materialista que atrelado a Pousada no mesmo espaço, (figura 14) torna o lugar convidativo a reflexão.

Conta com um Centro de Convivência – chapéu de palha, (figura 15) onde realiza eventos ligados à natureza e espiritualidade, como rituais de xamanismo (figura 16).

**Figura 15 - CC Pousada Uarumã**



Fonte: Autora, (2018).

**Figura 16 - Eventos Xamânico na Pousada Uarumã**



Fonte: Autora, (2018).

Juliana Belota, proprietária da Pousada, nasceu em família espiritualizada, teve proximidade com Centro Espirita Kardecista ainda jovem, através de seu pai, na cidade de Brasília, onde nasceu, veio para Manaus no final de 1992 aos 19 anos, assim diz,

Em 1992 voltei para Manaus, me considero pesquisadora, tive que internacionalizar a vivência com a espiritualidade, a partir da passagem do meu pai. Quando se toma o daime, há um contato multidimensional com a realidade extra comum de consciência de outra ciência, através do daime, recebi curas e possibilidades de contato com outros conhecimentos, também adquirido no curso de Mestrado em Sociologia pela UFAM, participo do Projeto do INPA de manejo de fauna que atua em terras indígenas Eware I e II na várzea do Alto Solimões. (BELOTA, 2018, p 18).

Segue buscando a espiritualidade por meio do trabalho na Pousada Uarumã, e participação nos rituais das Igrejas do Santo Daime, bem como pelo ativismo em prol das questões ambientais que envolvem o Bairro Tarumã.

### **2.2.2 Igreja do Santo Daime Céu do Sol Nascente**

Costa (2015) conta que houve dissidências na primeira Igreja do Santo Daime – Céu do Sol Nascente, nome originado na família de Juliana Belota, que conforme descrito acima, funcionava no mesmo terreno da Pousada Uarumã. Desta forma, Sr. Chester Gontijo, funda nova Igreja no Bairro Puraquequara em Manaus denominada: Igreja do Santo Daime Céu das Águas.

Após fundar esta Igreja, Sr. Chester retorna para a Rua Caravele, onde constrói em terreno próprio sua Igreja no sentido oposto onde se localiza a Pousada Uarumã, no início chamada de Rainha da Floresta, após retoma o nome: Igreja do Santo Daime Céu do Sol Nascente, no ano de 1996.

Associada à Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal – Padrinho Sebastião Mota de Melo- ICEFLU, a Igreja cultiva as plantas sagradas no terreno onde se localiza a Igreja e residência da família de Chester Gontijo dirigente da mesma.

O cultivo das plantas Jagube e Folha Rainha, (*Banisteriopsis caapi* e *Psychotria Viridies*) além de suprir o consumo da Igreja produzem excedentes que são exportados para outros países, como o Japão.

No local também funciona uma espécie de hospedaria, recebe pessoas de várias partes do mundo que estão em trânsito para a comunidade Céu de Mapiá - AM, onde se localiza a sede da ICEFLU. Objetivando entender a dinâmica da Igreja do Santo Daime Céu do Sol Nascente, fomos recebidos pelo Sr. Chester Gontijo, que assim disse,

Tomei Daime aos 25 anos, é a mais nova religião do mundo, se você tiver merecimento, terá força para passar a noite bailando, o cipó da força para você ficar ligado, a folha dá miração, em alguns países é proibida a folha, fazemos o chá só do cipó para mandar para o Japão, como medicina natural que o prepara de dia para coincidir com o Brasil, todos sincronizados, independente do fuso. É ilitrado por uma empresa local, aqui temos uma casa de passagem, recebe pessoas do mundo todo com destino a Céu do Juruá e Céu do Mapiá. O daime parece farinha vai para todo o Brasil, o governo petista, expandiu a saída da erva para outros estados, liberou tudo... Vai tônico da floresta, tudo. Os maiores festejos na Igreja são dia 23 de junho dia de São João, 07 de dezembro dia de Nossa Senhora da Conceição, e 14 de dezembro aniversário do Mestre Irineu. Igreja cresce 20% ao ano, no Céu de Mapiá, tem 1.000 pessoas, em Manaus são 200 e Parintins é 50. Normalmente o visitante contribui com R\$ 30,00, o filiado com 10% do salário mínimo.

No Mapiá, o pessoal vai para a mata buscar o cipó que está acabando, então vão buscar cada vez mais longe na mata, encarecendo o feitiço no Acre, o custo do litro feito em Rio Branco é o dobro do custo do litro produzido em Manaus (GONTIJO, 2018).

Sr. Chester Gontijo além de dirigente da Igreja do Santo Daime Céu do Sol Nascente, é empresário o que lhe confere poder material e espiritual, sua fala retrata a expansão da doutrina do Santo Daime mundo a fora, ao mesmo tempo em que revela preocupação com a escassez das plantas, o que encarece a produção da *ayahuasca*.

A Igreja do Santo Daime Céu do Sol Nascente obedece ao calendário anual da – ICEFLU, realizam trabalhos de concentração dias 15 de 30 de cada mês, o uso da farda oficial acontece em datas especiais para a doutrina, como por exemplo, nascimento de Raimundo Irineu 14 de Dezembro ou dia dos santos consagrados pela doutrina como 19 de Janeiro dia de São Sebastião, 23 de Abril dia de São Jorge, “nessas ocasiões acontece os bailados ao ritmo



de marcha, mazurca e valsa, a missa das almas é realizada as segundas-feiras, reza-se o terço, canta-se o hinário, todos tomam o chá *ayahuasca*” (ALBUQUERQUE, 2007, p.46).

Durante os rituais que participei, vi algumas pessoas sendo convidadas a retirar-se do local, outras a levantar-se da cadeira (estavam dormindo) para voltar a integrar a corrente, ou o batalhão como denominam a disposição/formação dos homens e mulheres no salão. A Igreja possui um grupo no *Whatsapp* onde reúne todos os membros da Igreja para tratar de assuntos diversos relativos aos rituais da Igreja, sendo designado um fiscal para cuidar dos trabalhos, normalmente um membro fardado é designado para tal, os trabalhos (rituais) começam com o badalar do sino por duas vezes, quando o dirigente dá início aos trabalhos, declarando a todos que “está aberto o despacho do santo daime”. É nesse momento em que homens e mulheres, tomam seus lugares na fila para ingestão do sacramento, não sem antes fazer o sinal da cruz, retornando aos seus lugares silenciosamente, a ICEFLU, divulga anualmente o calendário onde constam os eventos anuais, figura (17).

Figura 17 – Calendário ICEFLU/2018



Fonte: ICEFLU, 2018

A página da Igreja na internet traz recomendações informações para os visitantes, dentre outras instruções, onde se lê:

A Igreja Céu do Sol Nascente é um centro da Doutrina do Santo Daime em Manaus, inaugurada pelo Padrinho Alfredo, no ano de 1992. Temos como patronos de nossa Igreja, Madrinha Cristina Raulino da Silva e Padrinho Nel, seguimos o calendário oficial estabelecido pelo ICEFLU, na matriz. (CSN, 2018)

Porém, todo visitante deve fazer contato antes com algum membro da Igreja, posto que a visita repentina possa ocasionar alguns transtornos, como por exemplo, se abster de tomar o chá e ser convidado a retirar-se do local em virtude de que segundo os Daimistas, “ninguém pode ir lá só por curiosidade e atrapalhar a corrente vibratória de todos”. (Daimista x), ou ainda tomar o chá sem passar por entrevista prévia, chamado de anamnese.

### 2.2.3. Igreja do Santo Daime Rainha da Floresta – Tenda dos Txais

Em 2017, ocorre nova dissidência na Igreja do Santo Daime Céu do Sol Nascente, em virtude da não concordância por parte das lideranças da CSN, quanto ao uso da medicina indígena rapé durante os rituais (figura 18), tais medicinas são aplicadas no Igarapé da Água Branca (figura 19).

No local funciona o Movimento Tenda dos Txais, voltadas aos rituais *ayahuasqueiros* em conjunto com as medicinas indígenas rapé<sup>10</sup>, kambó<sup>11</sup> e sananga<sup>12</sup>.

Figura 18 – Medicina indígena rapé



Fonte: Acervo da autora (2018).

Figura 19 – Igarapé da água branca



Fonte: Acervo da autora (2018)

A partir daí, alguns membros da Igreja, resolveram fundar sua própria Igreja. Renasce então a Igreja do Santo Daime Rainha da Floresta, (nome usado novamente pelos dissidentes) em terreno vizinho a CSN.

<sup>10</sup> O rapé é feito de tabaco e outras ervas e cinzas de árvores, misturado, moído é transformado em um pó fino e aromático. Ele é aspirado ou soprado pelas narinas. (Www.povosdafloresta.com.br)

<sup>11</sup> Kambô é uma resina retirada de uma perereca que vive na Amazônia, a *Phyllomedusa bicolor*. Essa resina contém peptídeos analgésicos e de fortalecimento do sistema imunológico que provocam a destruição de microrganismos patogênicos. (Www.curapelanatureza.com.br)

<sup>12</sup> O colírio da sananga é obtido por meio da extração de um sumo de planta brejeira em forma de arbusto, chamada Tabernaemontana Sananho. Um dos princípios ativos encontrados é a Ibogaína. (Www.povosdafloresta.com.br)



Pelas palavras de Igor, Dirigente da Igreja do Santo Daime Rainha da Floresta – Tenda dos Txais.

Tenda dos Txais é conhecida como o movimento de um grupo de irmãos fardados que saíram da CSN, que juntou alguns moradores da Rua Caravele, entre outras pessoas “novatas” que vieram em busca de conhecer a doutrina. Não está no mesmo terreno. Está no terreno ao lado, vizinho do CSN. Esse movimento “Tenda dos Txais” busca fundar e registrar (se tornar) uma igreja centro de estudos e trabalhos espirituais com o Santo Daime.... Tenda dos Txais devido ser uma irmandade também reverencia as medicinas indígenas (Rapé, Sananga e Kambó) de etnias da região amazônica principalmente dos estados do Acre e Amazonas. (OLIVEIRA, 2018).

A nova Igreja dissidente – Rainha da Floresta – Tenda dos Txais, também segue o calendário da Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal – ICEFLU- vertente Sebastião Mota de Melo.

Porém, em datas especiais, como por exemplo, na visita do Padrinho Alfredo Gregório de Melo, (filho de Sebastião Mota de Melo) atual líder dos Daimistas (Figura 20) em junho de 2018, participaram do bailado em conjunto com outros membros da Igreja do Santo Daime Céu do Sol Nascente com uso das fardas oficiais.

**Figura 20 - - Padrinho Alfredo Gregório de Melo**



Fonte: Acervo da autora (2018).

Nessa ocasião, Alfredo Gregório de Melo, ou Padrinho Alfredo e comitiva estavam de passagem em Manaus posto que seguisse viagem aos Estados Unidos, onde visitaria as igrejas naquele País.

### 2.2.4 Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – UDV

Chama-se Tiuaço, o Núcleo que reúne os Sócios do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – UDV estabelecidos a Rua Caravele Bairro Tarumã, Manaus/AM, iniciou suas atividades em 1983, quando a Administração Geral da UDV de Brasília, autorizou a distribuição do vegetal em Manaus, sob a liderança de Raimundo Monteiro de Souza (Mestre Monteiro). De acordo com o site da instituição.

Em novembro e dezembro de 1983, foi construído o templo ainda provisório, de madeira, medindo 10 x 5 m com piso de cimento e telhas de amianto, com capacidade para 75 pessoas. É bom lembrar que naquele tempo ainda não havia na local água encanada e nem a energia elétrica. A data da inauguração então foi marcada para o dia primeiro de janeiro de 1984, com a primeira sessão sendo instrutiva e dirigida na época pelo Mestre Monteiro, tendo 76 pessoas presentes. Depois de distribuído o Vegetal, foi lido a Ata de Registro do então Pré-Núcleo e a designação do Mestre Geraldo Florêncio de Carvalho para a Representação. Mestre Monteiro então entregou a camisa de Mestre Representante a Geraldo Carvalho, dando posse ao mesmo. O primeiro preparo de Vegetal aconteceu em 10 de março de 1984 em Rondônia com chacrona e Mariri da região. Foram então preparados 40 litros de Vegetal. Começava então o trabalho com poucos e determinados discípulos que fizeram ao longo destes 33 anos, com suor e dedicação junto com os irmãos que aqui chegaram um Núcleo forte, de patrimônio considerável e uma irmandade solidária e trabalhadora, dedicada ao aprendizado, a prática do bem e aos ensinamentos do nosso grande Mestre Gabriel. (UDV, 2018).

Como já mencionado, o projeto de pesquisa foi analisado pelo Departamento de Comissão Científica na Sede da UDV em Brasília, em janeiro de 2019, fiz uma exposição do projeto numa Sessão de Escala perante os presentes, ocasião em que explanei os objetivos da pesquisa bem como as entrevistas que passaram a ocorrer nos dias sucessivos.

Observa-se a forma institucionalizada, organizada da União do Vegetal, há departamentos específicos para cada área da Igreja: beneficência, social, doutrinário, científico e ambiental.

Há áreas verdes, várias árvores frutíferas, quadras de esporte, campo de futebol, centro de convivência e área externa para atar redes ou montar barracas de camping onde famílias podem pernoitar após as sessões *hoasqueira*, bem como áreas de plantio do mariri e chacrona, além de estrutura com banheiros, cozinha, espaços para crianças, após as sessões, é servido um lanche composto por sopa, bolos, sucos e outras iguarias, demonstrando ações civilizatórias.

As instalações da União do Vegetal – UDV localizada a Rua Caravele possuem um padrão chácara (Figura 21),

**Figura 21 - União do Vegetal – Núcleo Tiuaco**



Fonte: Acervo da autora, (2018).

Possui licença ambiental e da vigilância sanitária, nota-se o cuidado com a preservação ambiental, inclusive com capacitação de seus sócios que passam por cursos sobre técnicas de cultivo e manejo das plantas sagradas,

A Central de Formação de Plantadores da União do Vegetal criada em 2010, tem como objetivo principal reunir informações e práticas de experiências sobre as técnicas e vivências no plantio de mariri e chacrona, lenha e nove vegetais, ela foi criada para que possamos na pratica trabalhar com nossas plantas sagradas. (UDV, 2018).

Em maio de 2019, a União do Vegetal lançou o site UDV-Ciências visando ampliar diálogo com pesquisadores oriundo das diversas áreas do conhecimento com publicações sobre pesquisas no âmbito da temática *hoasqueira*.

As sessões iniciam com a leitura dos estatutos, ou seja, normas e leis que regem o funcionamento da Instituição, após os ritos iniciais, o Mestre que dirige a sessão autoriza beber o chá de forma hierarquizada, primeiro Mestres, após os fardados e na sequência demais.

Observei que o Salão do Vegetal, onde ocorrem às sessões, é simples, sem adornos, com exceção da foto de Mestre Gabriel no alto. Trata-se de um salão com capacidade para 200 pessoas sentadas, uma mesa grande ao centro, demarcada por uma linha, onde todos devem andar no sentido horário, segundo a doutrina para não quebrar a corrente espiritual que circula, oito sócios comporão a mesa, um arco verde luminoso é visualizado na cabeceira da mesa de onde o Mestre dirige a sessão, o qual se lê as palavras: Luz, Paz, Amor.

Um silêncio absoluto paira no ar, quebrado abruptamente por canções que identifiquei como canções antigas estilo quadrilha nordestina, deduzi que eram canções que remetiam a lembrança da época do Mestre Gabriel, os hinos são “chamados”, podem ser recebidos na

própria sessão mediúnic, e normalmente, mencionam os vegetais: mariri e chacrona, as reencarnações do Mestre Gabriel, principalmente Caiano.

Mestre Edson, representante do Núcleo Tiuaco, concedeu a seguinte entrevista.

Em 2019 o Núcleo Tiuaco, fará 35 anos, chamamos de sócios para os membros que são da irmandade, em relação ao relacionamento com a vizinhança e com outros grupos religiosos aqui da Rua Caravele, posso dizer que é muito amistoso, todos nós conhecemos uns aos outros e nunca tivemos nenhum tipo de problema, fazemos algumas ações de beneficência para atendimento a comunidade, como por exemplo, o Dia do Bem, que atende a Instituição Gustavo Capanema. (SOUSA, 2018).

As cores verde e laranja são predominantes na farda usada pelos *hoasqueiros* da UDV, segundo Rabelo (2012), José Gabriel da Costa, apresentava-se como “Sultão das Matas”. Conforme Prandi; Vallado e Souza (2011) trata-se uma entidade espiritual do Candomblé,

No candomblé de caboclo há predominância de muitos elementos do candomblé de Angola... O apelo a uma cultura indígena (...). Proporciona ao candomblé de caboclo uma valorização de elementos nacionais (...). Elementos simbólicos nacionais são ressaltados, como a menção às matas, **as cores verde e amarelo**. (Grifo nosso) (PRANDI; VALLADO; SOUZA, 2011 p. 123-124)

Por outro lado, as cores possuem diversos significados conforme a cultura: (preto/luto, branco/paz, vermelho/amor), e tratando-se do fenômeno religioso, acrescenta-se a simbologia destas, segundo dicionário dos símbolos, assim:

O verde está associado à natureza, pelo fato do Deus da vegetação (Osíris) ser representado por essa cor, azul representa o aspecto do divino, o infinito do céu, branco a paz, rendição e a laranja a renúncia por prazeres cor usada nas vestes dos Monges budistas. (DICIONÁRIO DOS SÍMBOLOS, 2018 p.140).

Estas seriam duas explicações plausíveis para a escolha dessas cores, como não há nada oficialmente escrito na literatura *hoasqueira*, optamos pela dedução/intuição, atentando as palavras de Jung, sobre a complexidade do universo simbólico,

O fato é que a tentativa de entender símbolos não se confronta só com o símbolo em si, mais com a totalidade de um indivíduo que gera símbolos...a intuição é quase indispensável na interpretação dos símbolos (...). O fundamento seguro de um conhecimento e compreensão intelectual (...) se perde quando a gente se contenta com a vaga sensação de haver entendido (JUNG, 2015, p. 93).

Percebe-se certa elitização pela composição dos sócios, profissionais das diversas áreas do conhecimento, advogados, defensor público, médicos, professores, doutores. Quanto ao formato dos rituais: todos sentados, numa posição contida e silenciosa, sendo instruídos por meio de perguntas/respostas aos Mestres.

A União do Vegetal demonstra unidade forte entre as pessoas, pela organização e institucionalização, não só em práticas religiosas. Segundo o site da UDV, há práticas sociais,

voltadas as comunidades em que estão inseridas, por meio de ações de atendimento social, educacional, médico-hospitalar dentre outros.

A Associação Beneficente Casa da União foi a primeira entidade beneficente da UDV, criada em 10 de fevereiro de 1982, em Brasília (DF). Atualmente, são 30 as entidades beneficentes dirigidas por sócios e vinculadas a Núcleos do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. Elas prestam a atendimento social, educacional, médico-hospitalar, financeiro e cultural os sócios do Centro e da comunidade nas quais os núcleos estão instalados. (UDV, 2018).

#### Alfabetização pela inclusão digital.

Em 2010, foi desenvolvido um novo software – a Luz do Saber -, resultado de uma parceria entre a Associação Beneficente Casa da União (unidade assistencial da UDV) com a Casa Brasil (da Presidência da República) e a Secretaria da Educação do Estado do Ceará. O software é livre para distribuição e aberto, podendo ser adaptado e melhorado, conforme as especificações do público. A metodologia foi baseada na teoria do educador Paulo Freire. Fácil de usar, a Luz do Saber está disponível na internet, para download ou para uso online, no site da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Pode ser usado em casa e nas escolas, na educação infantil e de adultos. Para a União do Vegetal, o projeto Luz do Saber é uma forma de promoção humana, oferecendo amplo acesso à alfabetização e à inclusão digital. Em 2014, sempre com o trabalho voluntário de seus sócios, a UDV manteve ou promoveu a estruturação de salas de laboratórios de alfabetização em nove cidades: Alta Floresta e Cuiabá (MT); Campo Grande (MS); Criciúma e Florianópolis (SC); Ilhéus (BA); Belo Horizonte e Ipatinga (MG); e Rio de Janeiro (RJ) (UDV, 2018).

#### Capacitação e serviços sociais.

As unidades beneficentes da União do Vegetal em Macapá (AP) e Santarém (PA) desenvolveram uma ação social de um dia em comunidades, que foi chamado “Dia do Bem”, com apresentações artísticas, oficinas, aconselhamentos em saúde, oportunidades de capacitação e serviços sociais. Em razão dos 50 anos da UDV, o Dia do Bem foi integrado ao calendário comemorativo do Centro e, a partir de uma organização centralizada, os Núcleos da UDV do Brasil e do exterior realizaram na mesma data – 26 de março de 2011 – uma programação semelhante, voltada a comunidades externas. A proposta foi abrir as portas para essas comunidades de forma festiva. Na ocasião, mais de três mil voluntários realizaram quase 40 mil atendimentos. Cerca de 20 mil pessoas foram beneficiadas com a ação nacional. Desde então, o Dia do Bem se tornou uma ação integrada dos Núcleos e ocorre de acordo com calendário próprio. (UDV, 2018).

Estas ações deram a União do Vegetal o reconhecimento social em forma de títulos de utilidade pública concedidos pelo poder público, dos quais, um federal, nove são estaduais e treze municipais perfazendo um total de 23 títulos de reconhecimento, destes 59%, ou seja, 13 títulos foram outorgados a Núcleos localizados na Amazônia.

## **CAPÍTULO III – ESTIGMA, PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA - AS RAÍZES NO AS RAÍZES NO (DES) CONHECIMENTO**

### **3.1 – Nordestinos Seringueiros e Negros: estigma e encontro marcado “com” a Amazônia**

A palavra estigma foi adquirindo ao longo das épocas significados distintos. Logo no início, a Grécia antiga utilizava a palavra para designar sinais e marcas corporais de escravos e marginais, na Idade Média, eram sinais que marcavam a aprovação dos deuses ou sinais físicos causados pelos males do corpo (GOFFMAN, 1988).

Estigma, segundo Goffman, (1988, p 04) significa, “a situação dos indivíduos que estão inabilitados para aceitação social e plena”, para os sociólogos o estigma está relacionado com a identidade social dos sujeitos e grupos, um grupo categoriza o outro, inferiorizando seu status social.

Estigmatizar pessoas, grupos sociais está ligado diretamente as prenoções de que falou Durkheim (1996), em outras palavras, estigmas e estereótipos alimentam o medo, cuja raiz cresce a sombra do desconhecimento.

A preposição “com” em detrimento de “na” Amazônia, contida na frase que abre o primeiro item deste capítulo é proposital, visa transmitir a ideia de um encontro combinado posto que pudesse ter se dado em qualquer parte do território brasileiro, mas foi com a Amazônia, que as valências<sup>13</sup> abertas tanto de Raimundo Irineu Serra, fundador do Santo Daime, (1930) e José Gabriel da Costa, fundador da União do Vegetal, (1961), foram efetivadas.

Esses homens trouxeram de suas origens conhecimentos espiritualizados, místicos, encontrando nessas plagas uma religiosidade oriunda do processo colonizador da Amazônia e cultura própria dos nativos, formada por lendas e seres encantados (boto, matita perera, rasga mortalha) dentre outros mistérios da floresta. Encontraram também seus conterrâneos procedentes de diversas partes do nordeste brasileiro, em condições de miséria, doentes do corpo e da alma, o ambiente se tornara propício para desenvolver a espiritualidade imanente desses sujeitos.

---

<sup>13</sup> Segundo Elias (2008 p. 148), todo ser humano trava uma luta pela própria satisfação orientada desde o início para os outros, nem a própria satisfação pessoal (sexual) depende de nós mesmos, mais que seria um erro acreditar que essa dependência elementar e biológica relativa aos outros se restringe a essas necessidades “procuramos os outros para todo uma gama de necessidades emocionais ”, sintetizando que são essas necessidades emocionais que substitui a imagem de um homem fechado (*Homo Clausus*), por um indivíduo aberto.

Foi com a solidão da Amazônia, envolta em mistérios, que o encontro entre a cultura nordestina e a cultura dos povos da floresta, acontecera, os *ayahuasqueiros* diriam que estava “escrito no austral” resignificadas pelos rituais do Santo Daime e União do Vegetal em fins do Séc. XIX e início do Séc. XX, sob o manto verde de uma Amazônia ora reluzente, ora apagada pelo fim do ciclo do ouro branco, a borracha, diz um poeta da Amazônia, “nesse contexto...o homem amazônico, o caboclo, busca desvendar os segredos do seu mundo, recorrendo predominantemente aos mitos e a estetização” (LOUREIRO, 2015, p. 48).

Privilegiando a didática e por serem dois personagens distintos, embora com histórias de vidas correlatas, destacaremos primeiro os aspectos da trajetória de Raimundo Irineu – Santo Daime e na sequência José Gabriel – União do Vegetal, de maneira a demonstrar estigmas e perseguições sofridos por ambos no início da religião *ayahuasqueira*.

Poucos amazônidas ousam desconhecer a forma de trabalho análogo à escravidão, ocorrida na Amazônia, durante o ciclo da borracha, (1879 – 1912 e 1942-1945), o último período, fora chamado de a Batalha da Borracha, pelo fato da produção desta, estar ligado ao fornecimento de matéria prima para a II Guerra Mundial, (1939 – 1945), episódio que marca o início de uma nova consciência brasileira em relação à Amazônia, tendo os Estados de Rondônia então Território Federal do Guaporé e Acre (elevado a Estado, por conta da economia da Borracha - 1903), um papel protagonista nesse embate (BENCHIMOL 1999).

O episódio fora descrito pelo poeta dos *Sertões* como um crime, escrito na última página dos gêneses, “nas paragens exuberantes das heveas e castilloas o aguarda a mais criminoso organização do trabalho que ainda engenhou o mais desaçamado egoísmo” (CUNHA 2006 p. 49) em outras palavras, o homem construiu uma grande anomalia, se escravizou através de sua própria atividade laboral (CUNHA 2006), as palavras euclidianas descreveram vida e morte de centenas de homens, mulheres e crianças no vale amazônico.

Com efeito, o governo de Getúlio Vargas, (1930-1945) condicionara a política externa brasileira aos Acordos de Washington (1942), tirando o país da neutralidade da II Guerra Mundial (1939-1945). Desta feita, conclamou os nordestinos a quem chamou de soldados da borracha, para produzir borracha na Amazônia, encontrando única “solução” para dois problemas: a seca que assolava o nordeste brasileiro (1932 - 1942), Araújo; Neves (2015) e cooperação com os aliados nos *fronts* da II Guerra Mundial.

No ano de 1940, no discurso que ficaria conhecido como “discurso do rio Amazonas”, o governo getulista, dissera a sociedade amazonense, que era necessário adensar o povoamento, incrementar o rendimento agrícola, aparelhar os transportes... Que somente o nordestino, com seu “instinto de pioneiro”, teria se embrenhado pela floresta, abrindo trilhas de penetração e talhando a seringueira



silvestre, dias depois discursa diante dos nordestinos... A seca teria dado aos cearenses um destino, o de ocupar a bacia amazônica (SECRETO 2007, p. 23,24).

Os Soldados da Borracha como ficaram conhecidos os nordestinos, formavam o exército da borracha, seduzidos pela propaganda do Governo, que mostrava a floresta como um lugar de fartura e esperança de uma nova vida (Secreto 2007), conforme demonstrado na (figura 22)

**Figura 22 – Propaganda do Governo Getulista sobre a vida no Seringal na Amazônia**



Fonte: Jean-Pierre Chabloz 1943.

Poderíamos afirmar que a propaganda foi enganosa e criminosa, uma estratégia do Governo para captar mão de obra barata para produzir borracha. A campanha publicitária desenvolvida pelo Suíço Jean-Pierre Chabloz, contratado pelo governo getulista usava o apelo emocional de uma nova vida na Amazônia,

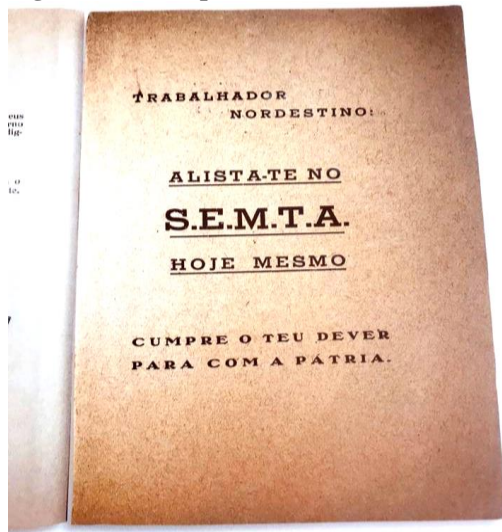
a imagem desenhada pelo artista suíço propõe uma dupla realidade: ir ou ficar, ficar significava continuar preso nesse mundo seco e pobre do nordeste brasileiro...de modo geral, em todas as peças, a vida na floresta aparece como um paraíso perdido, seguro, onde as roupas secam no varal, e os animais domésticos vivem na tranquilidade do quinta.(ARAÚJO; NEVES 2015, p. 55)

Centenas destes, não sabiam, mais estavam assinando sua sentença de morte, ora por malária, beribéri, leishmaniose ou outras doenças tropicais, ou ainda condenados a uma vida miserável, segundo a pesquisadora, um dos idealistas da campanha infame, máquina de manipulação do governo era Lourival Fontes, Diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, conhecido admirador do fascismo e pela figura de Mussolini, usou métodos similares à campanha nazista, ganhou apelido de “Goebbels tupiniquim” (ARAÚJO; NEVES, 2015, p. 45-46).

O apelo nacionalista do dever á Pátria também fora usado, garantido por um “contrato de trabalho” conforme (figuras 23 e 24).



Figura 23 – Compromisso com a Pátria



Fonte: Jean-Pierre Chabloz, 1943.

Figura 24 - Contrato de trabalho do Seringueiro



Fonte: Jean-Pierre Chabloz, 1943.

Dessa maneira, eles chegaram às multidões como pseudo-heróis de uma guerra de vencidos, “mandavam-nos para a Amazônia – vastíssimas, despovoadas, iam com seus famintos, febrentos e os seus variolosos... os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecerem, e não desapareceram” (CUNHA, 2006, p.64.). Eram considerados “expatriados dentro de sua própria pátria”. Muitos estudiosos escreveram sobre esse emblemático período na Amazônia, por exemplo, (TOCANTINS, 1982) e (BATISTA 2007) e (BENCHIMOL 1999) etc.

No decorrer desse longo período acima, a Amazônia recebeu uma considerável massa humana de imigrantes nordestinos, aqui genericamente conhecidos como cearenses. Procediam geralmente das zonas do agreste e do sertão do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e outros Estados nordestinos, sendo tangidos pela seca – imigração por fome -, ora simplesmente atraídos pelo apetite de seringa – imigração por cobiça, fortuna e aventura, ou simultaneamente por ambos... nascia assim, uma nova Amazônia, baseadas na seca e na heveas, e na conjunção de duas linhas: a de maior flagelo e sofrimento – o sertão – e a de mais resistência e atração – a floresta. (BENCHIMOL, 1999 p. 135,136).

De forma geral, estima-se, segundo Benchimol (1999), que desde o início do ciclo da borracha, aproximadamente 500.000 nordestinos vieram “fazer a Amazônia”, sendo o maior movimento humano das migrações internas da história brasileira.

Dentre estes nordestinos, estava Raimundo Irineu Serra e Jose Gabriel da Costa, pilares das religiões *ayahuasqueiras/hoasqueira*. A obra basilar que reproduz a trajetória de Raimundo Irineu Serra é de autoria de Paulo Moreira e Edward MacRae, (2011) *Eu Venho de Longe – Mestre Irineu e seus companheiros*, reconstrói desde a saída de São Vicente Férrer no Maranhão em 1909 com cerca de 20 anos, até a morte no Acre em 1971.

Os autores descrevem a iniciação com a *ayahuasca* e os elementos ritualísticos que consolidaram o Santo Daime como a religião da floresta. O título do livro é inspirado no Hinário de nº 110 – cujas primeiras frases musicais repetimos, “de longe, eu venho de longe, das ondas do mar sagrado, para conhecer os poderes, da floresta e, Deus amar” (MOREIRA; MACRAE, 2011, p. 85).

Conta Moreira; MacRae, (2011) que Raimundo Irineu, trabalhou na Comissão de Limites do Peru, e após dar baixa do serviço, buscou outras ocupações, provavelmente como Regatão<sup>14</sup>, ao contrário de Seringueiro, teve acesso a várias localidades, conheceu e tomou *ayahuasca* num seringal com caboclos do Peru, teve visões com uma entidade feminina chamada Clara, (Nossa senhora da Conceição a Rainha da Floresta), que lhe encarregou de uma missão espiritual, esse é o marco fundante do Santo Daime.

O fato de Raimundo Irineu, ser negro, o tornara alvo fácil de estigmas, os quais se traduziam em perseguições policiais, por supostas práticas de feitiçaria, conta Moreira; MacRae,

A comunidade de Mestre Irineu, formada em sua maioria por negros ou mestiços, usuários de uma bebida indígena de supostos poderes mágicos, passou a ser vítima de preconceito ainda mais acirrado. Desde seu início, o culto Daimista fora estigmatizado como sendo “macumba” e Mestre Irineu, temido por alguns por sua cor e sua avantajada estrutura, era acusado de ser “macumbeiro”... surgiam também outros rumores a respeito do seu carisma entre os seguidores: diziam que enfeitiçavam as pessoas através de trabalhos de macumba, para mandar e desmandar nelas. Havia outras más interpretações de suas atividades devidas, por exemplo, ao termo “trabalho” usado para os seus rituais e que era então também, comumente aplicado a rituais de macumba e magia negra. “Desse modo somaram-se várias incompreensões e estigmas sobre Mestre Irineu e seus seguidores” (MOREIRA; MACRAE, 2011, p. 216)

A perseguição contra a comunidade liderada por Mestre Irineu era devido a promessas de cura pelo uso do chá *ayahuasca*, assim diz MOREIRA; MACRAE (2011, p. 2017), a lei vigente era baseada no decreto de 11 de outubro de 1890, que introduzia no Código Penal os artigos 156,157 e 158, referentes à prática ilegal da medicina e da magia, proibindo o curandeirismo e o uso de “substâncias venenosas”. Outro episódio de perseguição contra Raimundo Irineu Serra foi relatado por MOREIRA; MACRAE (2011).

---

<sup>14</sup> Regatão é um vendedor que usa um barco para percorrer uma região, normalmente atribuído ao um cidadão turco ou sírio que comprava, vendia, trocava de tudo, mas principalmente com os seringueiros que, fugindo ao domínio dos donos de seringais, sentem também o desejo de ludibriar estes, caindo então nas garras daqueles que sugam até o último produto do seu labor”. Era considerado em geral um negociante fora da lei. (BARRETO,2014).

Foi provavelmente nessa época (1914-1916) que aconteceu um episódio, envolvendo a perseguição dos frequentadores do Círculo de Regeneração e Fé – CRF, pela polícia de Cobija, atingido por uma bala no conflito com os policiais bolivianos, deixando sequela nos dedos da mão direita... sendo um exemplo das agruras que Irineu sofreu naquela época e que terminaram por leva-lo a deixar a região. (MOREIRA; MACRAE, 2011, p. 111).

Por ter chegado ao Acre por volta dos anos 1912, Raimundo Irineu, presenciou tanto o *boom* da borracha, como a sobrevida durante a II Guerra Mundial (1939-1945) época em que se intensificou a perseguição ao Santo Daime, posto que o País vivesse um cenário de turbulências no governo de Getúlio Vargas, com o fim da República Velha e criação do Estado Novo, polarizando o debate fascismo versus democracia, com o recrudescimento do nacionalismo e ideias positivistas, que viam na ciência, a fonte do único conhecimento verdadeiro, dentre outras conjecturas políticas (ARAÚJO; NEVES, 2015).

Também fora acusado de charlatanismo e curandeirismo, teve sua casa cercada por policiais, fortemente armados, com armas apontadas a sua cabeça, (MOREIRA; MACRAE 2011).

Estudiosos da doutrina do Santo Daime, Labate (2004), Fróes (1986), MacRae (1992) dentre outros, são contundentes em ressaltar as características de liderança de Raimundo Irineu Serra, sendo o carisma, a principal delas, “sua fama como líder espiritual e conselheiro político propagava-se dentro da esfera política” MOREIRA; MACRAE (2011, p. 283) o que lhe valeu apoio, proteção e prestígio junto aos políticos influentes do Acre, fundamental por conta das perseguições policiais, assim diz,

Mestre Irineu, desde que inicia o daime, pode contar com o apoio de alguns amigos políticos... Como o oficial Fontenele de Castro, Militar, vindo a ser várias vezes Governador e Secretário Geral do Território Federal do Acre... Sempre defendeu Mestre Irineu das perseguições policiais... Outro aliado e amigo político de Mestre Irineu, foi Guiomard dos Santos... Procurou Mestre Irineu por motivos de saúde, a partir daí se tornaram bons amigos... Guiomard chegaria ao posto de General do Exército e depois seria eleito duas vezes Deputado Federal. (MOREIRA; MACRAE, 2011 p. 276).

Em Rio Branco, capital do Acre, há diversas homenagens ao fundador do Santo Daime, como nome de Rua, linha de ônibus, nome de bairro,

Mestre Irineu continua vivo na memória de Rio Branco através de nome de bairro, acervo de Museu, nome de avenida, nome de área de proteção ambiental, em 2010, a Assembleia Legislativa lhe concedeu o título de Cidadão Acreano. (MOREIRA; MACRAE 2011, p. 290).

Do estigma inicial ao reconhecimento público, segundo Moreira; MacRae (2011), o Daime teve grande proximidade com a classe política do Partido dos Trabalhadores – PT, que ocupara o poder a partir de 1988, porém, a eleição (2018) de um candidato do Partido

Progressista – PP, tirou a hegemonia do PT que governava o estado há 20 anos, mais, segundo os estudiosos Labate (2004), Fróes (1986), MacRae (1992) o Santo Daime á muito deixou o isolacionismo da floresta, o chá *ayahuasca* é exportado para vários países do mundo, e a religião não está mais circunscrita a caboclos e mestiços, pessoas de todas as classes sociais, seguem os ritos que vem da Amazônia, em outras palavras á muito ampliou as redes de interdependências.

De forma análoga aconteceu com José Gabriel da Costa, fundador da União do Vegetal, sua trajetória é contada no Livro: Mestre Gabriel – O Mensageiro de Deus, de autoria de Ruy Fabiano Baptista Rabello, (2012), traz relatos sobre perseguições, mediunidade, milagres e curas junto aos caboclos na Amazônia, de maneira a emoldurar a busca do que ele chamou de tesouro espiritual, fincado na Amazônia. A esse respeito, diz Benchimol (1999, p. 91) “a carga psicológica do destino talvez seja uma sobrevivência mística do sertão, mística e beata,” o que auxiliou o sertanejo a adaptar-se no ambiente amazônico.

Não encontrei escritos sobre sua a vida de infortúnios, bebidas, vícios, (antes de se tornar *hoasqueiro*), a qual o próprio José Gabriel se referiu, por meio de gravação de sua mensagem em sessão especial comemorativa (*in memoriam*) de seu nascimento que estive presente, ocorrida em 10 de fevereiro de 2019, indaguei sobre o assunto a alguns membros da União do Vegetal, porém, ninguém fala sobre essa parte da vida de Jose Gabriel, sobre o início das perseguições, assim diz Rabello,

No início de 1967, no final de uma Sessão de Escala, por volta das 23 horas...adentrou o salão da sessão o delegado de Trânsito, Antônio Nogueira da Silva, acompanhado de Policiais armados...finda a sessão, o Mestre Gabriel, foi levado de jipe até a Delegacia...foi colocado no xadrez, mesmo não dispondo de qualquer documento que atestasse que o chá *Hoasca* era uma droga ilícita ou proibida. (RABELLO, 2012, p. 134).

Novo episódio aconteceria no ano seguinte, 1968, continua Rabello,

Dessa vez a ordem partiu de uma autoridade maior, o Chefe de Polícia, Rodolfo Menezes Ruiz... Em 22 de fevereiro, ele determinou, sem nenhum acontecimento objetivo o justificasse, o fechamento da Associação Beneficente União do Vegetal (nome inicial),... Coube a Raimundo Monteiro... Buscou diálogo com o Chefe de Polícia, ao qual foi encaminhada pelo próprio Governador do Território de Rondônia, Coronel João Carlos Marques Henrique Neto. Não conseguiu ser ouvido (...). Fomos expulsos. (RABELLO, 2012, p. 137-138).

O uso do *hoasca* causava medo por falta de conhecimento, posto que fosse visto como droga, entorpecente, também, aconteceu querelas entre o Bispo de Rondônia, Dom João Batista Costa o qual afirmara durante as celebrações, que a UDV era uma “religião de

satanás”, o fato das sessões terminarem de madrugada aumentava ainda mais as maledicências (RABELLO, 2012).

Essa associação entre drogas e alucinações, foi descrito também por Samuel Benchimol em seu livro: *Romanceiro da Batalha da Borracha* (1992) onde traça um perfil socioantropológico, poético e dramático dos nordestinos, se referindo ao chá como “o último recurso da Imaginação”,

Aqui vai outro caso contado pelo meu pai e que se dava frequentemente no Seringal Guarapari (José Gabriel trabalhou neste Seringal). Os “fregueses” costumavam se embriagar nos dias de festa com uma droga do mato, que eles chamavam de “uasca”. Parece ser o mesmo “iagê” dos índios, que produz certas visões de delírios que fazem a vítima enxergarem o futuro... Falando mais tarde com o Seringueiro Francisco Lopes, achei a explicação para o fato. Diz ele: “a gente bebia uasca por que diziam que a gente via as nossas famílias lá no Ceará, quando se estava com aquela droga na cabeça, aquilo ataca o juízo e deixa a gente quase doido. Houve um lá que enlouqueceu e meteu-se pelo mato, dizendo que ia buscar a família... nunca mais se soube do destino dele”. É a posse alucinante do sertão e da família pela visão do delírio, o desespero da ausência. (BENCHIMOL, 1992 p. 54).

O estigma imputado aos religiosos se dava também por suas origens, posto que todo nordestino, independente do estado de procedência era chamado de cearense, arigós, sinônimo de valentões, “cabra ruim”, dado a farras e bebedeiras, ou ainda brabos, que só se tornariam mansos, após aprender o corte na seringueira, segundo Benchimol, (1992, p. 78) “arigó é um homem marcado e armado, marcado pela reação dos naturais da cidade que o olham como soberano da sociedade”, por conta da má fama criada, os imigrantes passaram dificuldades de toda sorte, principalmente sociais, afetivas e econômicas.

Trata-se de um processo perverso, a identidade atribuída por um grupo social a outros indivíduos poderá com o tempo, ser incorporado por esses indivíduos, o termo arigó, até hoje é motivo de risos e chacotas, o que também pode ocasionar o aceite de posições de status social inferior, pela internacionalização do termo que lhe fora imposto.

Em “Os estabelecidos e os *outsiders*” Norbert Elias e John Scotson (1994) discutem os efeitos dessa relação de poder em uma comunidade inglesa. Os autores identificaram nesta comunidade, características gerais deste tipo de relação, que aborda um tema humano universal.

Os pesquisadores evidenciaram que as diferenças entre os grupos em disputa eram muito pequenas, apenas o tempo de residência na cidade, o que os levou a concluir que,

A exclusão e a estigmatização dos *outsiders* pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este grupo preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar. (ELIAS, SCOTSON, 1994, p. 22).

Uma pausa para distanciar o olhar, possibilita compreender as figurações humanas, conforme preconiza Norbert Elias (1991 p. 42), “quem se embrenha apenas nas questões do momento, quem nunca olha para além delas, é cego”.

Segundo Benchimol (1992, p. 227) as condições de vida encontradas pelos nordestinos naquela Amazônia, de águas abundantes, foram benéficas e maléficas, “o homem do rio é a antítese do homem da seca”, para o estudioso, eles não vinham para Amazônia com intuito de ficar, vinham para enriquecer, fazer fortuna e voltar, porém, o fato é que vieram em busca de uma vida melhor, necessitando para isso, de um espírito aventureiro, provocado por situações não planejadas, como a seca que os expropriava de suas terras, assim diz,

A partir de 1943, viajando mais ao sabor da aventura, constituídos de brasileiros cosmopolitas e urbanizados, já sem vínculos regionais, desenraizados, sem afeição a sua “querência”, viria criar sérios problemas de adaptação e integração ao novo meio ambiente, a partir das suas cheganças. A sua psicologia e intenção era mais de **“chegar-ver-e-voltar-logo-que-possível** já a da outra era, **chegar-enriquecer-e-voltar-se-Deus-permitir”** (grifos do autor) (BENCHIMOL, 1992, p. 228).

Entretanto os nordestinos: Raimundo Irineu e José Gabriel chegaram se “abancaram” e voltaram aos seus estados de origens para rever a parentela, regressando a Amazônia, “durante dezembro de 1957... Mestre Irineu visitou parentes... finalmente no início de 1956, após passar cerca de um mês em São Vicente Férrer... retornou ao Acre” (MOREIRA; MACRAE 2011 p. 256). Quanto a Jose Gabriel,

Em novembro de 1970 com a saúde fragilizada, Mestre Gabriel vai para o Ceara... Permaneceu em tratamento por quatro meses, tendo alta em março de 1971 (...). Antes de voltar para Porto Velho, vai à Bahia, fazia 28 anos que não via sua família... Chega (volta) para Manaus em 25 de março de 1971. (FABIANO, 2012, p. 182 -183),

A própria vinda de José Gabriel da Costa a Amazônia em 1944, ocorre quando o “sertão já estava “chovido” e o verde voltara a enfeitar a caatinga” Benchimol (1992 p. 57), contrapondo Benchimol (1992), a história de ambos retrata o desejo de fazer da Amazônia, seu destino final.

Em sua obra Amazônia, Natureza, homem e espaço, Tocantins (1982) apregoa que “a nobre terra, a água essencial, a floresta mágica, é a tricotomia em que o homem na Amazônia se enredou em teias de seda e às vezes em cipó, para um tanto rousseauianamente honrar o contrato ecológico” (TOCANTINS, 1982, p. 47). O encontro dos Mestres com os autóctones da Amazônia aconteceu no isolamento da floresta, criando um ambiente imaginário, mágico e místico, ideal para buscas e reflexões diante das condições de miséria do corpo e da alma.

Resignificando as palavras de Benchimol (1992), “onde quer que haja uma perspectiva de fortuna, (garimpo, um *El Dorado*) haverá aventureiros”, onde quer que haja a possibilidade de milagres e curas para os males do corpo e da alma, haverá médicos, mensageiros, profetas e mestres, para estes, o estigma será companhia alvissareira, no caso de Raimundo Irineu Serra e Jose Gabriel da Costa superado pela fé, resistência e coragem destes em construir uma religião cujo elemento fundante é um chá com propriedades psicoativas, instigando, colocando lado a lado duas matrizes de conhecimentos fundamentais no desenvolvimento das sociedades modernas, a ciência e a religião.

### **3.2 Alucinógenos ou Enteógeno – Ciência e Religião um diálogo possível**

A palavra complexidade define quaisquer reflexões sobre a temática ciência versus religião, posto que ambas, como bases de conhecimento da sociedade humana, influenciaram, transformaram comportamentos, instituíram leis e códigos de conduta, novos conhecimentos mudaram o curso da história humana, mesmo quando a ciência tinha por objetivo único, desvelar as leis do universo e a matéria que o constitua, era complexo, “só vivia em e por uma dialógica de complementariedade e de antagonismo entre empirismo, racionalismo, imaginação e investigação” (MORIN, 2001, p 35).

Precisamos reconhecer que a ciência é, intrínseca, histórica, sociológica e ética, Morim (2001), quanto à religião, nos ensina Malinowski, no clássico *Magia, ciência e religião*,

Não existem povos, por mais primitivos que sejam sem religião nem magia. Assim como não existem, diga-se de passagem, quaisquer raças selvagens que não possuam atitude científica ou ciência, embora essa falta lhes seja frequentemente imputada. Em todas as sociedades primitivas, estudadas por observadores competentes e de confiança, foram detectados dois domínios perfeitamente distintos, o sagrado e o profano, em outras palavras, o domínio da magia e da religião e o da ciência. (MALINOWSKI, 1988, p. 19)

Razões que nos levam a fazer uma espécie de linha do tempo, objetivando resgatar os primórdios e os progressos dessa relação, de maneira que se possa compreender o estágio atual das pesquisas científicas sobre o chá *ayahuasca/hoasca*, tido pela ciência e grande parcela da sociedade como droga ou alucinógeno, termo que enfatiza somente as alterações perceptivas em detrimento daquelas afetivas e intelectuais, que também caracterizam o efeito dessas substâncias, conforme Albuquerque (2011 p. 93), “as quais geram medo e preconceito”, em dissonância com os religiosos que a reconhecem como um elemento de evolução espiritual através da expansão da consciência, como diz Albuquerque, (2007 p. 25),

“nem droga, nem alucinógeno: um enteógeno” como dito, palavra que vem do grego *entheos* que significa:” Deus dentro”.

No princípio, o homem autoquestionou sua existência: Quem sou eu? De onde eu venho? Para onde eu vou? Obtendo a resposta por meio do divino, do céu, do cosmo, acreditara que tudo era governado por Deus, Deuses ou espíritos, tendo sacerdotes e magos como interpretes entre o mundo real e o sobrenatural. Fenômenos naturais ou sociais, materiais ou imateriais, tais como: escassez/abundância, paz/guerra, bençãos/maldições eram desígnios dos deuses, cujo poder poderia salvar a alma, ou condena-la a danação eterna.

A ruptura se dá na passagem do pensamento mítico-filosófico para o pensamento-científico, tendo como precursores o pensamento grego, o reconhecimento de que a ignorância é o princípio da sabedoria, “sei que nada sei” (SÓCRATES, 470 – A.C – 399 A.C), o idealismo de Platão ou a lógica de Aristóteles como concepção da realidade, a emblemática frase “penso logo existo” (DESCARTES, 1596) mostrava a forma de ver o mundo com base na racionalidade.

Assim diz Elias (1994, p. 83): “são altamente características da passagem de uma concepção dos seres humanos e do mundo solidamente alicerçada na religião para concepções secularizadas, passagem essa, que se fazia sentir na época de Descartes”.

O desenvolvimento das ciências sociais ocorridos no Séc. XIX e XX foram pavimentados pelo nascimento de uma ciência que procurava explicar ações, fatos, fenômenos e interações do homem dentro de uma estrutura social, chamada de sociedade, a sociologia, cuja paternidade é atribuída ao pensador francês, Augusto Comte (1798-1857), chamado de positivista, o termo “positivo” tornara-se um sinônimo de ciência, o único conhecimento verdadeiro, capaz de provar a verdade dos fatos, das coisas, dos fenômenos, através de métodos, observações e experiências (SANTOS JR, 2003).

O Sociólogo Norbert Elias (2008, p. 42), dissera que “uma grande parte da herança de Comte, poderia ser deixada aos cuidados do pó”, apesar de reconhecer as contribuições desse pensador. Elias considerava que o conhecimento humano é um produto final de um processo evolutivo, fruto de centenas de gerações e que nos tempos primitivos as pessoas não tinham estoques de conhecimento e experiência para entender que a observação sistemática poderia ensinar algo sobre as relações entre os fatos, mais que Comte tinha razão em afirmar que todos os fatos científicos surgiram de formas pré-científicas.

Segundo Elias (2008) passado muitos anos, as formulações de Comte encontrariam pouco eco sobre a finalidade da ciência enquanto “dona” das verdades eternas e absolutas ter como origem a teologia, posto que sejam conceitos que incluem,



Valores inefáveis, carecendo de justificação... O avanço científico de certas sociedades se deu pela ação de pequenos grupos que lutam contra sistemas de crenças pré-científicas, não comprovadas experimentalmente (ELIAS, 2008, p.95).

Realmente, o conhecimento teológico é estável, posto que se baseie num mundo sobrenatural e inverificável, mas o conhecimento científico é certo, na medida em que se baseia em dados que podem ser comprovados por experiência e verificação, podendo fazer previsões concretas, porém, “não caminha na direção de uma grande certeza” (MORIN, 2001, p. 23).

Diz Elias (2008) que para pensar cientificamente é preciso criticar, rejeitar ideias dominantes aceitas por grande parte da sociedade, afinal para esse autor:

Os cientistas são destruidores de mitos, por meio de uma observação dos fatos, esforçam-se por substituir mitos, ideias religiosas, especulações metafísicas e todo tipo de imagens não fundamentadas dos processos naturais, por teorias testáveis, verificáveis e susceptíveis de correção por meio da observação factual, a tarefa que ciência tem de perseguir até a morte e de demonstrar que certas crenças generalizadas, não são baseadas em fatos.....nunca será realizada...pois há sempre quem converta as teorias em sistemas de crenças” (ELIAS, 2008, p. 55,56)

Para Durkheim (1996 p. 73), “os mitos, seriam construções parasitárias que, sob a influência da linguagem, teria vindo se enxertar nessas representações fundamentais e desnatura-las”. Mas, segundo o pensador, a mitologia é importante para a religião, pois se for tirar o mito desta, haveria de tirar também os ritos, já que os ritos são direcionados a personalidades com nome, história e trajetória dentro do fenômeno social, neste caso, a religião.

O mitólogo Mircea Eliade (1972) complementa a visão durkheimiana, mais, contrapõe a de Norbert Elias (1980), diz que, “o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio” (Eliade, 1972, p.97), ou seja, os mitos servem para explicar a origem das coisas e a compreensão de fenômenos imateriais, são definidos conforme as áreas de conhecimento, filosofia, antropologia, sociologia, porém, não quer dizer que são reais.

Segundo o pesquisador Josué Bertolin, em sua Dissertação de Mestrado intitulada: *Ciência e Fé em Debate: Perspectivas Históricas*, (2015 p. 38), alude que tais querelas, são discordâncias entre “uma nova visão científica e uma visão científica ortodoxa e santificada, e, em outras pode ser uma defesa de Deus, ou princípios religiosos, a partir de perspectivas antagônicas”, fundamenta seu argumento, através da análise de casos emblemáticos de cientistas renomados da história humana. Por exemplo: Galileu Galilei (Séc. XV XVI) condenado pela Igreja, por defender a teoria do heliocentrismo de Nicolau Copérnico (Séc.

XIV XV) ou o estudo da anatomia humana de Friedrich Hoffman (1660-1742), Georg Albrecht Hamberger (1662-1716) que creditavam a perfeição do funcionamento do corpo humano a um criador, (Deus), diz o pesquisador,

Esse pensamento possibilitou o fomento das investigações nessa área... para apreciar essa maravilhosa constituição do corpo humano, seria necessário dissecar os organismos – uma prática envolta em tabus. No entanto, utilizando argumentos com base teológica, puderam desafiar tal mentalidade, permitindo assim, que avançassem em suas pesquisas. (BERTOLIN, 2015, p. 26)

Bertolin (2015) cita um dos mais importantes pilares da física moderna, Albert Einstein, argumenta por meio das pesquisas do Cientista historiador francês Pierre Thuillier em sua obra: “De Arquimedes a Einstein: A face oculta da invenção científica” (1994), no capítulo Ciência e Subjetividade: o caso Einstein, assim diz,

A opinião de Einstein pode ser resumida assim: embora o cientista, aspire a dar uma imagem “racional” do mundo, ele não tem acesso a uma razão única e absoluta que lhe transmitiria, de modo puramente lógico, os conceitos e os princípios de que necessita. É recorrendo a seus próprios meios e as suas próprias experiências (no sentido mais amplo) que os homens tentam forjar ferramentas intelectuais mais ou menos adequadas à “realidade”. A gênese das teorias científicas não depende apenas da lógica e da epistemologia, mas também da psicologia, da sociologia, da antropologia cultural. As sociedades ditas avançadas difundem uma imagem da ciência põem em relevo, sobretudo seus aspectos rigorosos, lógicos, “objetivos”. Mas Einstein, tanto por suas declarações como por sua atividade científica, nos proporciona, uma bela ocasião para percebermos melhor o reverso dessa imagem – com tudo o que ela comporta de emoções, de impulsos imaginativos, de convicções filosóficas, e até mesmo de paixão “mística” (THUILLIER, (1994, p. 229) apud BERTOLIN, 2015, p. 131).

As análises do pesquisador, como exposto e reprisado, expõem a complexidade do tema, pelo desencontro epistemológico entre a ciência moderna e as novas identidades religiosas. Por outro lado, a relação entre às ciências e as religiões estão se transformando, pós-teoria da secularização de Weber (2004), tornando-se explícitas e visíveis, segundo Sanchis, (2018), a iniciativa (não realizada) do Projeto da Universidade de Brasília de incluir uma Faculdade de Teologia, levantou um problema,

Como articular, na academia, um duplo estudo da religião: a partir de dentro (teologia) e, a partir de fora, com o instrumento objetivante da Ciência Social, fé e razão, problemas de vários rostos e que continua atual, com o surto, nas Universidades. (SANCHIS, 2018, p. 179)

No entanto, o estudo sobre religiões ganha cada vez mais espaços dentro das Universidades, demonstrando a necessidade de buscar outros entendimentos sobre pluralismo, diversidade e novas identidades religiosas, contrapondo e apresentando novas interpretações e releituras das teorias clássicas do passado.

Retornando ao contexto do diálogo no âmbito das religiões *ayahuasqueiras*, que segundo Sanchis (2018, p. 252) “é uma novidade, feita da redescoberta do antigo... uma reemergência contemporânea da mais antiga raiz religiosa brasileira”, o chá *ayahuasca/hoasca* se tornou elemento sacralizado dessas religiões, por estes possuírem propriedades psicoativas, o que fez reacender o debate sobre uso de drogas.

Conforme Albuquerque (2007 p. 26), no início havia intolerância por parte da sociedade acreana, “olhavam com um olhar etnocêntrico para fenômenos culturais de origem indígena”. Assim sendo:

Motivos religiosos, pseudo-éticos ou pseudomoraes, levaram Mestre Irineu e sua gente a serem denunciados como useiros de práticas insensatas e até diabólicas. A denúncia fez com que as autoridades locais intervissem na comunidade do Santo Daime, foram acionadas o Tenente Costa – com fama de crueldade e frieza – da Polícia Militar, para cercar, invadir ou desativar aquele culto que estaria a incomodar e pôr em risco as convicções sócias religiosas então dominantes. (ALBUQUERQUE, 2007, p. 26).

A resistência do grupo obrigou as autoridades a abrir diálogo com Raimundo Irineu Serra, que ao contrário do imbróglia, conquistara a confiança do Governador do Acre, a época Guiomard dos Santos (1946 – 1950). Em relação ao termo *enteógeno*, empregado pelos religiosos e vários pesquisadores do fenômeno, tem como objetivo reconhece-lo como elemento sagrado que transcende a consciência ao permitir acesso a outros cosmos, ao mesmo tempo, retirar conotações negativas que a palavra alucinógena carrega, assim diz,

Um bom número de cientistas e psicólogos do Ocidente admite que tais substância podem propiciar o acesso às dimensões espirituais ou transpessoais da consciência, além de terem proporcionado outras experiências místicas no seio da religiosidade clássica, tanto no oriente, como no Ocidente. O novo termo ‘enteógeno’, é uma tentativa de reconhecer de um modo mais apropriado este elemento de acesso a outras dimensões e aos diversos estados sagrados (METZNER (2002, p.3) apud ALBUQUERQUE, 2007, p. 27).

Com o tempo os grupos religiosos *ayahuasqueiros/hoasqueiros*, atraíram a atenção de pesquisadores, estudiosos, cientistas das mais diversas áreas do conhecimento, (sociologia, antropologia, psicologia, etnobotânica, Direito), os quais formaram um Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT), cujo objetivo era deliberar sobre os efeitos no organismo e a legitimidade do uso religioso do chá ayahuasca.

Em 1993 os religiosos *hoasqueiros* da União do Vegetal, estabelecidos em Manaus foram submetidos a pesquisas sobre os efeitos do chá *Hoasca* no organismo. Por meio do Projeto *Hoasca*, uma equipe multinacional de pesquisadores, composta por médicos, psicólogos e cientistas sociais, brasileiros e norte-americanos, realizaram estudos e avaliações da farmacocinética, neuroendócrinos e da função serotoninérgica, triagens psiquiátricas de

saúde geral e rastreamento neuropsicológico, esta investigação piloto, segundo McKenna, (2002) apud Costa (2011) concluiu que,

Não havia provas de nenhum efeito providencial que poderia ter sido induzido, causado ou relacionado ao uso ritualístico da ayahuasca. Pelo contrário, esses membros antigos da UDV apresentaram uma nítida melhora de transtornos psiquiátricos graves, inclusive pararam de fumar, ingerir bebidas alcoólicas e de fazer uso de drogas recepcionais, depois de entrar para a seita.

O livro *Hoasca – Ciência, sociedade e meio ambiente*, organizado por Joaze Bernardino-Costa, reúne por meio de vários artigos, um histórico, no âmbito do II Congresso Internacional da *Hoasca*, realizada em Maio de 2008 em Brasília- DF, versa sobre os caminhos percorridos pela União do Vegetal – UDV que culminaram no dia 26 de Janeiro de 2010, data em que o poder público por meio do Conselho Nacional de Políticas Sobre Drogas- CONAD, legalizou/autorizou o uso do chá em ritual religioso, o qual regulamenta desde a comercialização, sustentabilidade da produção das plantas, turismo, uso terapêutico, organização das entidades, procedimentos para recepção de novos adeptos, uso do chá por menores e grávidas, dentre outras orientações, assim diz Joaze Bernardino Costa,

Fomos as Universidades e abrimos nossas portas para os cientistas... Autoridades governamentais, autoridades acadêmicas, estivemos sob os olhos dos integrantes do extinto Conselho Federal de Entorpecentes (COFEN), depois CONAD. Pesquisadores internacionais voltaram seus equipamentos e critérios metodológicos para nossas atividades com o fito de conhecer os efeitos do chá sobre nossos sócios, nossas crianças. (COSTA, 2011, p. 48).

Os estudos sobre os efeitos do uso dos vegetais sobre o organismo e a mente, conduzido pelos Cientistas: Charles Grob, Ph. D. (Departamento of Psychiatry, Harbor-UCLA Medical Center – USA), Dennis J. McKenna, Ph. D. (Botanical Dimensions, Ocidental, USA), Guilherme Oberlaender, M.D ( Departamento de Psiquiatria, Universidade Estadual do Rio de Janeiro), dentre outros, contribuíram para alavancar outras pesquisas, até a constituição final do Grupo Multidisciplinar de Trabalho – GMT, resultando na elaboração do Relatório Final aprovado pelo Conselho Nacional de Políticas Sobre Drogas - CONAD em Janeiro de 2010, que legalizou o uso em ritual religioso, como já mencionado.

Transcrevemos o trecho da conclusão desse estudo, por ser um texto longo, optamos pelos pontos chaves da investigação intitulada: Farmacologia humana da Hoasca, chá preparado de plantas alucinógenas usado em contexto ritual no Brasil (2004), a UDV batizou de Projeto *Hoasca*.

Os achados apresentados são intrigantes e, a certo grau, inesperados. Avaliações de diagnóstico psiquiátrico revelaram que, apesar de uma porcentagem apreciável de usuários de longo tempo de a *Hoasca* terem tido desordens relativas ao álcool,

depressivas ou de ansiedade anteriores à sua iniciação com a *Hoasca*, todas as desordens tinham remitido sem recaídas depois de sua entrada na UDV. Tal mudança foi particularmente notada na área de consumo excessivo de álcool, onde, além dos cinco examinados que tiveram diagnósticos anteriores do CIDI relativos a desordens por abuso de álcool, seis examinados adicionais referiram padrões moderados de consumo de álcool, que se aproximava do status de diagnóstico psiquiátrico real na entrevista foram estruturadas. Todos estes onze examinados com envolvimento anterior com álcool alcançaram a completa abstinência pouco depois de se filiarem a seita da *Hoasca*. Além disso, foram bastante enfáticos quanto a transformações radicais no seu comportamento, atitudes em relação aos outros e visão de vida. Eles estão convictos de que têm sido capazes de eliminar sua raiva crônica, ressentimento, agressão e alienação, assim como adquirir maior autocontrole, responsabilidade para com a família e comunidade e realização pessoal através da participação nas cerimônias da *Hoasca* na UDV. Embora os efeitos salutares de um forte sistema de suporte em grupo e filiação religiosa não possam ser minimizados, não é inconcebível que o uso por longo tempo da *Hoasca* por si mesmo possa ter tido um efeito terapêutico e positivo direto no status psiquiátrico e funcional dos indivíduos. Análises bioquímicas anteriores de preparados da *Hoasca* indicaram significativa ação inibidora da monoamina-oxidase (McKenna, 1994), o que pode ser relevante para esses achados clínicos. Este estudo é uma tentativa inicial de aplicar rigorosamente modelos e instrumentos de pesquisa contemporânea ao pouco estudado fenômeno do uso ritualístico da planta **alucinógena** (grifo nosso) *Hoasca*. O uso cerimonial da *Hoasca*, como estudado neste projeto de pesquisa, é claramente um **fenômeno muito diferente da noção convencional de “abuso de drogas”** De fato, seu aparente impacto sobre os examinados avaliados no curso de nossa pesquisa, parece ter sido positivo e terapêutico, tanto nos depoimentos pessoais como nos testes objetivos... é nossa esperança que esforços subsequentes para investigar o fenômeno *Hoasca* irão explorar esses assuntos, e determinar se nossos achados preliminares, podem ser confirmados. . (BRITO 2004) apud (LABATE; ARAÚJO 2004, p. 623-651 (grifo nosso).

Com efeito, essa pesquisa foi a pedra angular para a continuidade das religiões *ayahuqueiras/hoasqueiras*. Seriam essas, as razões errôneas, mais de cunho verdadeiro descrito por Durkheim como necessidade? Que a ciência busca a objetividade é um consenso, mas nos ensina Morin,

A própria objetividade dos dados científicos é mantida por um processo regenerador ininterrupto que questiona as mentes, os indivíduos, os grupos sociais e os cientistas são seres passionais, pulsionais aos emitirem suas opiniões (...). Logo a objetividade não é uma qualidade própria do espírito do sábio. (MORIN, 2001 p.42-43).

Os *ayahuasqueiros/hoasqueiros* buscaram uma relação de parceria e transparência com a Ciência, objetivando resguardar seu direito a crença e ao culto religioso, assegurados pelo Estado Brasileiro de Direito, na medida em que instigaram a comunidade científica, a usar seus métodos, para investigar o elemento objeto de sua fé: *o chá ayahuasca/hoasca*.

A pesquisa científica sobre as propriedades terapêuticas da *ayahuasca* como coadjuvante ao tratamento de doenças como a depressão ganha força no Séc. XXI com a expansão do uso por diversos grupos sociais numa perspectiva global, segundo Labate (2004, p. 31) “*ayahuasca* está sendo usado para recuperação de moradores de rua, na música, nas

terapias corporais, vivências ou terapias coletivas, em terapias de florais, dentre outro grupo chamado de neo-ayahuasqueiros”.

Uma das mais recentes pesquisas científicas foi realizada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, sob a condução do Neurocientista Dráulio Araújo, publicada na revista *Veja* em 06 de julho de 2018 e no periódico britânico *Psychological Medicine* concluiu que,

O chá ayahuasca, utilizado em rituais religiosos como os do santo daime, mostrou-se eficaz no combate ao tipo de depressão mais severa, aquela que responde mal aos medicamentos disponíveis e acomete 100 milhões de pessoas no mundo, 4 milhões delas no Brasil. Conduzido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e recém-publicado no periódico britânico *Psychological Medicine*, o trabalho é o primeiro a avaliar de forma controlada os benefícios de uma substância psicodélica (ou seja, que provoca alterações na percepção e consciência) no tratamento da doença. O estudo envolveu 29 pacientes, com idade entre 21 e 59 anos, que conviviam com a doença havia onze anos, em média. Parte deles ingeriu uma bebida inócua e a outra parte recebeu uma única dose do chá, em quantidades que variaram de um quarto a meia xícara, dependendo do peso corporal de cada um deles. O resultado significa que, de portadores de depressão grave, os pacientes passaram a serem portadores do tipo leve da doença. Os achados ainda não permitem dizer se os efeitos notados — redução de pensamentos suicidas, melhora na qualidade do sono e diminuição do sentimento de tristeza — são permanentes. Para averiguar esse aspecto decisivo, novos estudos serão necessários. As primeiras suspeitas de que a ayahuasca teria alguma ação contra a doença mental surgiram nas últimas duas décadas, quando avaliações psiquiátricas observaram que os consumidores da bebida em rituais apresentavam índices baixos de desânimo crônico. Amargo e de coloração marrom-escura, o chá é feito da mistura de compostos de duas plantas encontradas apenas na Floresta Amazônica: as folhas do arbusto *Psychotria Viridies* e do cipó *Banisteriopsis caapi*. A primeira contém uma substância que causa alucinações cujo nome é difícil pronunciar: Dimetiltryptamina, conhecida pela sigla DMT. Ela age contra a depressão ao se ligar aos neurônios, aumentando a disponibilidade de serotonina, hormônio deficitário na maioria dos portadores da doença. Já o cipó contém substâncias que facilitam a ação da primeira, mantendo a serotonina por mais tempo em circulação no organismo. “Além disso, a ayahuasca estimula a irrigação de sangue em áreas do cérebro envolvidas no processamento das emoções e modulação dos estados de humor”, explica o neurocientista Dráulio Araújo, professor do Instituto do Cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A pesquisa brasileira com a ayahuasca marca uma volta aos estudos dos efeitos das drogas psicodélicas nas doenças mentais, populares nos anos 60 (ADMISTRADOR, 2018).

Ainda segundo Fróes (1986), estudos desenvolvidos na Dinamarca, Suécia e Argentina contribuíram para confirmar as teorias psicanalíticas,

Essas plantas curam doenças psicossomáticas... “Proporcionam também uma mudança de métodos terapêuticos, valorizando a relação médico-paciente”, e continua... Médicos e botânicos europeus e americanos registraram sobre a ayahuasca características terapêuticas como: antelmíntico, certas paralisias, mal de Parkinson, moléstias nervosas em geral e casos de malária (FRÓES, 1986, p. 131).

Valida a pesquisadora em sua obra *História do Povo Juramidam – a cultura do Santo Daime*, agraciada com II Prêmio Suframa de História/1983.

Contudo, o conhecimento científico tem limites intrínsecos em relação ao tipo de intervenção que promove no mundo real, esses limites, são “resultado da ignorância científica e a inabilidade em reconhecer formas alternativas de conhecimentos e se interagir com elas em termos de igualdade de partida” (SANTOS 2008 p. 27)

A ciência moderna dita regras, do certo e errado, os saberes indígenas não são considerados saberes válidos, porém, esse quadro está em ebulição no que tange as investigações sobre a *ayahuasca* versus tratamento de doenças.

Segundo Boaventura Santos em *Um Discurso sobre Ciência* (2003), diz que despertou a ira dos positivistas, ao afirmar,

A ciência moderna não é a única explicação possível da realidade e não há sequer qualquer razão científica para considerar melhor que as explicações alternativas da metafísica, da astrologia, da religião, da arte ou da poesia. A razão por que privilegiamos hoje uma forma de conhecimento assente na previsão e no controle dos fenômenos, nada tem de científico. É um juízo de valor (SANTOS, 2008, p. 139).

Os religiosos *ayahuasqueiros/hoasqueiros* não impuseram ou buscaram a aceitação de suas crenças espirituais, mais, ao compartilhar conhecimentos provocaram estudos, quiçá possam trazer objetivamente cura e alento a materialidade do corpo. Contrapondo o pensamento do Sociólogo Norbert Elias (2008) a ciência “não tem” que perseguir ideias e crenças religiosas, Durkheim (1996), assevera que ritos e mitos estranhos podem transmitir alguma necessidade humana, assim diz,

Ritos e mitos estranhos traduzem alguma necessidade humana, aspectos da vida individual ou social, as razões que o fiel concede a si próprio para justificá-las podem ser... errôneas, mas as razões verdadeiras não deixam de existir, cabe a ciência descobri-las (DURKHEIM, 1996 p. 07).

Todavia, há que se respeitar as complexidades, particularidades e ambiguidades de ambas, que podem promover a paz, mais se envolvem em guerras, uma tem poder de prolongar a vida do corpo, a outra condenar a alma, como disse o vencedor do prêmio Templeton 2019, considerado o “Nobel da espiritualidade”, Físico e Astrônomo Marcelo Gleiser, “a ciência não mata Deus”.

O caminho para a compreensão e a exploração científica não é apenas sobre a parte material do mundo, devemos ter a humildade para aceitar que estamos rodeados de mistério, ciência, filosofia e espiritualidade são expressões complementares da necessidade humana de abraçar e explorar o desconhecido (GLEISER, 2019).

Dessa maneira, Cientistas, religiosos ou ateus, humanistas ou agnósticos precisam saber coexistir, somente desta forma, Ciência e Religião podem ser estudadas como dois mananciais de conhecimentos interdependentes, sem isolacionismo ou pragmatismo, que admitem uma permuta produtiva, *os ayahwasqueiros/hoasqueiros* trilharam esse caminho, independente do preconceito e intolerância que os acompanham até os dias atuais.

### **3.3 Preconceito e Intolerância religiosa – a realidade no discurso da modernidade**

Na contemporaneidade as tensões envolvendo religião e outros entes sociais (governo/instituições/ciência) é matéria inesgotável e controversa no campo das ciências sociais. Um marco temporal nesse debate deu-se por meio do sociólogo Max Weber, (1864-1920) cujo legado repousa em uma sociologia compreensiva sobre fenômenos sociais na sociedade ocidental, descrente das tradições, das crenças religiosas, reduzindo à vida a racionalidade lógica, Weber (2004) referiu-se a esse fenômeno como processo de “desencantamento do mundo”, no qual o sujeito moderno passou a se despir de costumes e crenças baseados em tradições herdadas ou aprendidas que se apoiavam nos pilares fixos das religiões ou da magia.

Para Weber, (2004) era necessária a separação entre Estado e igreja, como uma espécie de mecanismo de controle, que fomentaria a paz, e, ao deslocar a religião de seu protagonismo como definidora do destino dos homens, abrir-se-ia espaços para construção de uma vida moderna onde a racionalidade daria a solução para todos os problemas do ser social.

Por outro lado, as sociedades secularizadas na era moderna, não reconhecem nas religiões, uma função de coesão social, de construção de relações éticas e de tolerância com o pensar diferente, que se traduzem em comportamentos racistas, sexistas, homofóbicos, conforme diz Meslin (2014, p. 57) “quando o homem se julga detentor da verdade, tudo parece ocorrer como se ele não pudesse guardá-la só para si, deseja impô-la aos outros através de seu próprio sistema cultural” quando se fala de tolerância, o discurso volta-se mais para o antônimo: intolerância, posto que esteja mais em evidência pelo produto produzido, o maltrato, conflitos e assassinatos em nome da fé ou da justiça divina, que marca a linha tênue da tolerância/intolerância religiosa, ou seja, uma interdependência incompreensível.

Há uma distância temporal entre o iluminismo do século XVIII, (o século das luzes), que defendia a liberdade religiosa e o Séc. XXI, que apesar de não assistir (literalmente) bruxas queimadas em fogueiras ou a condenação de hereges pela Inquisição da Igreja, se mostra intranquilo com o recrudescer do fundamentalismo religioso os quais deram o tom e a



batida no início deste século, alguns exemplos: Atentados de Nova York (2001), guerra no Afeganistão em 2002, atentado ao Jornal Charlie Hebdo e Casa de Show Bataclan, ambos ocorridos no ano de 2015, (EUA e França), expressam a intolerância nível máximo, segundo Elias,

Em certos estágios, os instrumentos de violência à disposição de alguns podem permitir-lhes negar aos outros aquilo de que este precisa, para garantir e efetivar sua existência social, ou mesmo ameaça-los, subjuga-los e explorá-los constantemente; ou então as metas de alguns podem realmente exigir que se destrua a existência social e física de outros. (ELIAS, 1994, p. 67)

Do lado de cá, o Estado Brasileiro, até então laico, passa por momento de mudanças, apresenta comportamento ultraconservador, apontando para um novo sentido da palavra laicidade, com slogans, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” (GAZETA DO POVO, 2018) como diz Sanchis (2018),

A “moderna”, identidade religiosa brasileira tornou-se múltipla, do ponto de vista do clima cultural... Isso significa, também, no plano político, o fim de uma situação de hegemonia... Não só hegemonia religiosa, mas hegemonia no campo da política em nome da religião. São as relações já tradicionais entre a dimensão política e a religião que estão mudando. Estas relações depois da separação da Igreja e do Estado e na lógica da secularização moderna das instâncias reguladoras da vida social tinham passado a serem tácitas, embora bem reais. Eis que tornam a manifestar-se visível e explicitamente, mais a partir de outro polo religioso. Com as abertas investidas eleitorais de Igrejas pentecostais em peso, a constituição de bancadas no legislativo (a “bancada evangélica”), a barganha de votos denominacionais, inclusive para a eleição dos poderes executivos, estaduais e nacional, o projeto de fundação... De um Brasil politicamente “evangélico” (SANCHIS, 2018, p. 245,246).

A proposta desse estudo é sociológica, livre de prenoções, conforme orientou Durkheim (1996), mas, diante do cenário político que o país atravessa, há razões empíricas para enfatizar a necessidade de manter Estado religiosamente neutro, que possibilite a coexistência pacífica entre todas as confissões religiosas, segundo Berger (2017, p. 206), “ameaçada quando identidades religiosas são mobilizadas para propósitos políticos divisionistas” para que a laicidade não se transforme em um “badulaque” da lei que instituiu o respeito a crença e liberdade religiosa.

Sanchis (2018) em seu livro intitulado, *Religião, cultura, identidades, Matrizes e matizes*, analisa a tendência da religiosidade brasileira, assim diz,

Todas as estatísticas... descrevem o conjunto do Brasil, se comparado a outros espaços, sobretudo a Europa, como marcado pela presença de uma referência a essa dimensão. “Se Deus quiser “ou” Vá com Deus” representação de um anel místico em torno do povo brasileiro. Um anel feito de presença, um povo invisível de protetores, quer sejam anjo quer sejam santos, quer sejam espíritos, orixás ou exus (SANCHIS, 2018, p. 362).

Apesar das palavras do autor, a realidade é que os casos de intolerância religiosa fazem parte do cotidiano dos religiosos, especialmente os de matriz afro-brasileira. Em entrevista concedida a essa pesquisa, Sr Marinho, (figura 25) Ebomi<sup>15</sup> do Candomblé, entende que o desconhecimento, a falta de educação e respeito são as maiores causas da intolerância religiosa, assim diz,

Em uma festa de aniversário de amigos, as pessoas começaram a discutir sobre religião, uma amiga de axé, foi agredida e ofendida por rapazes evangélicos, tentei amenizar a situação explicar sobre o que é o candomblé, fomos brutalmente agredidos por quatro rapazes, entrei com processo na justiça por agressão, pois sou advogado na área de civil e criminal. (MARINHO, 2019).

**Figura 25 – Agressão candomblé**



Fonte: acervo da autora, 2018.

**Figura 26 - Umbandaime**



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Iolanda Cajueiro, (figura 26) 45 anos de Umbandaime (vertente do Santo Daime) também se manifesta, assim diz,

A intolerância religiosa continua na mesma, agora com essa política então, dizem que adoramos o demônio, mas nós adoramos a Deus. Moro aqui no bairro há 30 anos tenho vizinhos evangélicos, budistas, carismáticos, quando eles estão no culto deles, paramos nosso tambor, no conjunto residencial aqui moram pessoas cultas, na periferia é que você não pode usar um turbante, um colar de conta que você é logo chamado de macumbeiro. (CAJUEIRO, 2019)

Sra. Iolanda mantém um centro de atendimento em sua residência, um conjunto residencial em bairro de classe média em Manaus.

Segundo matéria publicada no Jornal A Crítica de 05 de março de 2018, um grupo denunciou o Estado por não investigar crimes de intolerância religiosa no Amazonas, a ação

<sup>15</sup> Conforme escreve Santos (2018) a palavra ebômi, do iorubá egbomi, significa exatamente “meu mais velho”, é um adepto do candomblé que já cumpriu o período de iniciação (iaô) na feitura de santo, já tendo feito a obrigação de sete anos, no processo hierarquizado de iniciação”.

teve como motivo a tentativa de assassinato contra um pai de santo ocorrida em Manaus, segundo eles, os delegados se negam a apurar o caso, diz a matéria,

Representantes do Povo Tradicional de Terreiro de Matriz Africana de Manaus foram nesta segunda-feira (5) ao Ministério Público Federal do Amazonas (MPF-AM) denunciar o Estado por não tomar as medidas cabíveis para acolhimento das denúncias de crimes de intolerância religiosa, bem como de proteção as vítimas. A ação é motivada por uma tentativa de assassinato contra um pai de santo ocorrido no último dia 1º, por volta de 20h, na Rua Louro Tachi, bairro Monte das Oliveiras, Zona Norte.

De acordo com o presidente da Articulação Amazônica de Povos Tradicionais de Matriz Africana (Aratrama), Alberto Jorge, após a Recomendação 009/2014 do MPF-AM, o Estado do Amazonas, por meio da portaria normativa 000611014-GDG/PC, atribuiu a Delegacia Especializada de Ordem Política e Social (Deops) o registro e apuração das notícias crimes por motivação religiosa, cabendo as demais unidades policiais tal competência nos horários que a Deops não funciona. Mas os delegados se negam a fazer isso. Ele citou como exemplo a situação vivenciada pelo pai de santo André Luiz Ferreira Franco, 45, que quase foi morto, no último dia 1º, dentro da própria casa, e houve negativa por parte do 18º Distrito Integrado de Polícia (DIP) em registrar o caso como sendo de crime de ódio religioso quando todas as evidências apontavam para tal situação. “Esse tipo de ocorrência sempre é tipificado como ‘briga de vizinho’. Não dá mais para aceitar. Não é problema só de Manaus, acontece em todos os municípios do Estado”, afirmou (SOUSA, 2019)

Neste contexto tanto o Santo Daime quanto a União do Vegetal podem adquirir contornos e cores fosforescentes, (apesar da superação dos estigmas iniciais conforme relatado) trata-se de uma religião que nasceu nas matas, cujos fundadores eram negros e nordestinos e tem como “hóstia” sagrada, um chá que promove visões, mirações, cujas raízes deitam no sincretismo, o que Sanchis (2018) chamou de “porosidade de identidades”, o religioso de matriz afro é genericamente chamado de macumbeiro, os *ayahuasqueiros/hoasqueiros*, de “noiados”, “drogados” ou “bebedores de chá”.

Especificamente no caso das religiões *ayahuasqueiras/hoasqueiras*, o Estado entrevistou para averiguações, por conta do uso de substância psicoativa, legalizando-os após estudos científicos. O arranjo legal sinalizou a sociedade moderna, os múltiplos altares, formados pela diversidade religiosa, porém, no nível individual, saber lidar com essa multiplicidade ou pluralidade religiosa, nem sempre se traduz em atitudes altruístas ou de respeito, como diz Yang (2012)

Uma pessoa moderna deve ser capaz de compartimentar a sua própria religião escolhida entre muitas... E saber quando suspender a religião e aplicar certo discurso secular, como ao exercer uma função governamental ou pilotar um avião. (YANG, 2012, p. 263)

Existe uma proposta religiosa embutida nas religiões *ayahuasqueiras*, pelo ecletismo que possibilita um diálogo entre as diversas religiões, como diz o ex-guerrilheiro, Alex Polari de Alverga, um dos expoentes da doutrina do Santo Daime no Brasil, “o nosso ecletismo cristão, nossa teologia visionária, nossa prática de alianças espirituais já pressupõe de alguma maneira, nossa total abertura para o diálogo inter-religioso” (ALVERGA, 2009 p. 89),

entende que dessa forma pode contribuir para a construção da paz, na medida em que estão abertos a diversas manifestações religiosas.

Em relação a possível preconceito entre os moradores da comunidade Paraíso Tropical contra os religiosos do Santo Daime ou da União do Vegetal, a apuração dos resultados irá mostrar que não, não existe, mais, diz o senso comum que “quem não é visto, não é lembrado”, a invisibilidade dos religiosos na comunidade, pelos motivos elencados, pode colaborar com tal resultado.

Se o ecletismo ou (sincretismo) religioso dos grupos *ayahuasqueiros/hoasqueiros* conseguira atrair outras vertentes religiosas, absorvendo novos elementos culturais, só o tempo ou outro estudo poderá dizer, por hora, importante concluir que a prática religiosa é privativa do ser cognoscente, e que este é dotado de capacidade para buscar, ampliar e desenvolver conhecimentos, de maneira a permitir a construção de boas relações sociais, ancoradas em ações de solidariedade, beneficência ou mesmo dádivas, nas relações entre família, amigos ou vizinhos, baseadas na tolerância e, principalmente, no respeito por quaisquer fenômenos social que efetivamente (des) conhece principalmente o fenômeno religioso.

## CAPÍTULO IV – LOTEAMENTO – COMUNIDADE PARAÍSO TROPICAL

### 4.1 – Loteamento – Aspectos Legais

Loteamento é um instrumento básico de política urbana e ambiental, quando por meio de lei, o poder público municipal faz a divisão de terras com grande extensão em lotes menores, originando uma Área de Interesse Social, destinadas a construção de moradias a populações de baixa renda. (AMAZONAS, 2014).

A Lei nº 1837, de 16 de janeiro de 2014, dispõe sobre Áreas de Especial Interesse Social, previstas no Plano Diretor Urbano e Ambiental do Município de Manaus. Através do Art. 50, instituiu o loteamento Paraíso Tropical como Área de Especial Interesse Social, esta Lei define parâmetros diferenciados para parcelamento e uso do solo e para construções nessa área (IMPLURB, 2018).

As demais Leis que versam sobre a matéria estão dispostas nas Leis n.º 6766, de 18.12.1979, que dispõe sobre o Parcelamento de Solo Federal, 1838 de 16.01.2015 que dispõe do Uso e Ocupação do Solo Municipal e 605 de 24 de julho de 2001, que dispõe sobre o Código Ambiental do Município (IMPLURB, 2018).

Conforme SEMSA, 2018 trata-se de uma área de 803.565,31 m<sup>2</sup> - perímetro 4.112,73 m<sup>2</sup> e população estimada em 1.150 pessoas, números extraídos dos lotes regularizados com IPTU emitido.

O órgão público estimou a população, tendo como base o IPTU, mas, indígenas e não indígenas não entram na conta, já que esses lotes são ocupações desordenadas, por outro lado, há muitos lotes vazios, para venda ou aluguel, extensas faixas de terras são ocupadas por grandes galpões de empresas, das mais diversas atividades, prestadoras de serviços, (oficinas mecânicas, terraplenagem e engenharias) comercial (panificadoras) industrial e de lazer (clubes noturnos, chácaras para aluguel de eventos), cujos proprietários e empregados não são residentes no loteamento/comunidade.

Ao iniciarmos as pesquisas de campo (figura 27), localizei 70 moradores (não indígenas), sendo entrevistados cinquenta e dois nas áreas demarcadas em amarelo, conforme procedimento metodológico avista-se também, muitos espaços vazios, ao bater a porta fui informada pelos funcionários, chamados de caseiros de que o proprietário reside “na cidade”, vem somente nos fins de semana.



**Figura 27 – Imagem por satélite – loteamento Paraíso Tropical**



Fonte: <https://earth.google.com/web/@-3.01723934,-0.05471697,57.10/03/19>.

Nessa análise verificamos *in loco* lotes sem quaisquer atividades, que estão para a venda, aluguel ou troca, somente na via principal, do lado direito, visualizamos cinco propriedades com placas alusivas, por questões de espaço, exemplificamos apenas dois casos, através das (figuras 28 e 29).

**Figura 28 – Lote para vender**



Fonte: acervo da autora, 2019.

**Figura 29 – Lote para alugar**



Fonte: acervo da autora, 2019.

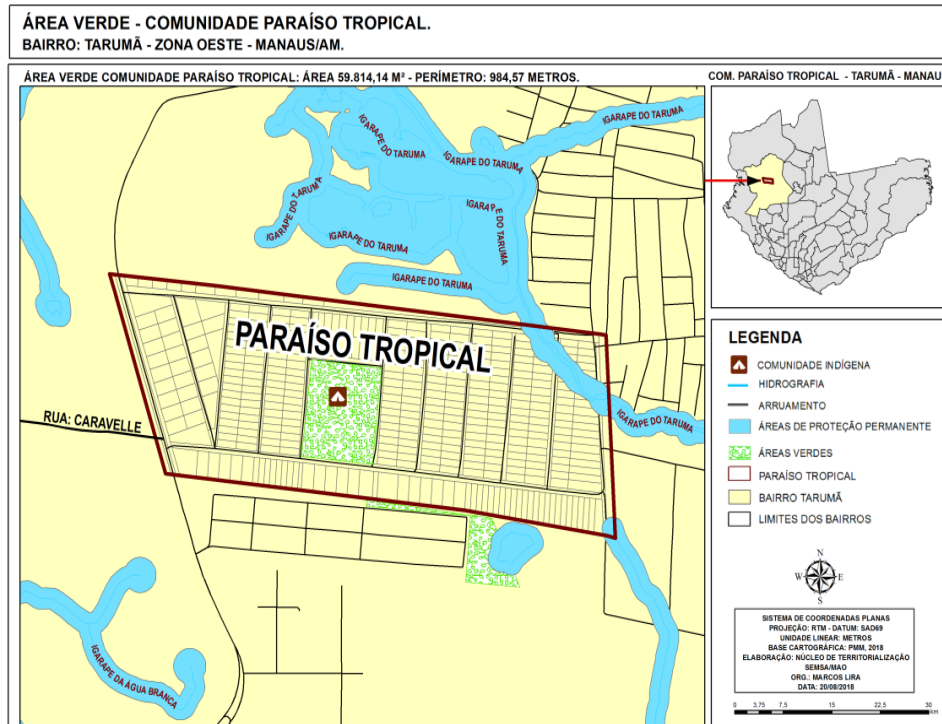
Segundo o IMPLURB (2018), o proprietário de nome Mervyn Lowe loteou essas terras em 1987, o projeto foi aprovado pela Prefeitura de Manaus em 1990, pelo Decreto municipal 373 de 05/03/1990, sendo alterado pelo Decreto Municipal 6948 de 05/12/1990.

Somente na rua principal e mais 04 ruas há asfaltamento, luz e água, posto que o poder público só atenda aos lotes regularizados, estando às ocupações desordenadas, sem os serviços públicos, o que ocasiona improvisos, os chamados “gatos”, poços artesianos dentre outros, quanto a Unidade Básica de Saúde, Delegacia de Polícia, Escolas, feiras e comércio

em geral são encontrados nas comunidades próximas; Parque Riachuelo, Campos Sales, Parque Solimões e Parque São Pedro.

A figura (30) demonstra a área do loteamento fornecido pela Secretaria Municipal de Saúde através dos Sistemas de Coordenadas Planas da Base cartográfica da Prefeitura de Manaus.

**Figura 30 – Loteamento - Paraíso Tropical - PMM**



Fonte: SEMSA (2018).

A Avenida Principal que dá acesso a Comunidade (loteamento) Paraíso Tropical está a poucos metros da Rua Caravelle, endereço das igrejas *ayahuasqueiras*, dividida pela Avenida do Turismo.

#### 4.1.1 Conceitos Socioantropológico de Comunidade

Não há grandes dificuldades para entender o significado da palavra Comunidade, a própria etimologia, traduz essa pseudofacilidade, “Comunidade vem do latim *communitas*, comunidade, companheirismo, comum, geral, compartilhado por muitos, público”. (ORIGEM DA PALAVRA, 2018).

No entanto, nas ciências sociais, o conceito de comunidade foi descrito e interpretado de diversas maneiras, segundo Fernandes (1973 p. 3), a questão consiste em saber o que interessa ao sujeito-investigador, “se ele observa, descreve e interpreta as unidades sociais objetivadas... como as instituições, os grupos e camadas sociais, ou a comunidade e a

sociedade enquanto tais”. Sendo assim buscamos um caminho teórico conceitual que possa explicar o objeto de estudo ora investigado como comunidade, não só pelas noções tradicionais de localidade e vizinhança, mas, pelas ações e relações sociais existentes, face a face ou virtual, entre os moradores do loteamento Paraíso Tropical e os grupos religiosos *ayahwasqueiros/hoasqueiros* da Rua Caravele, ambos localizados no mesmo bairro, divididos pela Av. Tarumã 1 km distante, para Fernandes (1973),

O estudo de comunidade é um método comum das ciências sociais, em que um problema relativo à natureza, interconexões ou dinâmica do comportamento e atitudes é explorado contra o fundo ou no contexto de outros comportamentos de outros indivíduos que integram a vida de uma comunidade em particular. (FERNANDES, 1973, p.169).

Fichter (1967, p. 164 -165) atrela a existência de comunidade ao meio físico e as necessidades que se estabelecem entre os indivíduos os quais geram ações de cooperação, “é um grupo territorial de indivíduos com relações recíprocas, que serve de meios comuns para lograr fins comuns” e continua... ”os membros da comunidade tem consciência das necessidades dos indivíduos dentro e fora de seu imediato e tendem a cooperar estreitamente”

Em que pese outras interpretações, no caso do loteamento Paraíso Tropical, há um ideal forte entre os moradores: legalizar o lote, fazendo jus ao atendimento dos serviços públicos, água, luz e asfalto, dentre outros serviços básicos, apesar de que muitos moradores adquiriram seus lotes dos primeiros indígenas que ali chegaram e venderam esses lotes, mantêm com esses, relações de cooperação, a água, por exemplo, (retratada no próximo item deste capítulo) é procedente dos poços artesianos sob controle dos indígenas.

É inegável que a palavra comunidade provoca bons sentimentos, afetos, a tendência é pensar em coisas boas, solidariedade, respeito pela vida em comum. Diz o pensador, “é como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada..., ninguém vai rir de nós e sempre haverá alguém para nos dar as mãos em momentos de tristeza” (BAUMAN, 2001, p.08).

Para Tönnies (1944) a essência da comunidade são relações de reciprocidade entre os seres humanos ligados de forma orgânica pela vontade, ao afirmarem-se reciprocamente, encontrar-se-á alguma espécie de comunidade, em outras palavras, a vida em comunidade baseia-se em relações sociais, o pensador reconhece as relações de dependências uns dos outros, assim diz,

A teoria da comunidade se deduz, segundo as determinações da unidade completa das vontades humanas, de um estado primitivo e natural que, apesar de uma separação empírica e que conserve através desta, caracteriza-se diversamente segundo a natureza das relações necessárias e determinadas entre os diferentes indivíduos que dependem uns dos outros (TÖNNIES, 1944, p. 96)



Nos tempos antigos, os vizinhos eram conhecidos pelos nomes e história de vida, a socialização da vida em comunidade era realizada porta a porta, emprestar um punhado de sal ou uma colher de açúcar era motivo para confirmar laços de afetividade, hoje pela dinâmica da vida moderna e principalmente pelo fator segurança, as relações face a face estão esmaecendo. Segundo Bauman, (1998, p.8) “o homem civilizado trocou um quinhão das suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança”, traduzidas por cercas, portões eletrônicos e circuitos internos de TV.

Por outro lado, as redes sociais estão substituindo as relações sociais cara a cara, falar, escutar e transmitir imagens aproxima e ao mesmo tempo distancia pessoas, contudo, é inegável que estas, dizimaram fronteiras, erguendo pontes entre os atores sociais, e, na esteira da globalização, novas análises emergiram, no sentido de relativizar a questão da localização enquanto fator principal para definir o sentido de pertencer à determinada comunidade, o que não exclui a necessidade de construir relações sociais face a face, conforme diz Palácios, ambas as maneiras podem coexistir,

O sentimento de pertencimento, elemento fundamental para a definição de uma comunidade, desencana-se da localização: é possível pertencer à distância. Evidentemente, isso não implica a pura e simples substituição de um tipo de relação, mas possibilita a coexistência de ambas as formas, com sentimento de pertencimento sendo comum às duas. (PALÁCIOS, 2001, p.7)

Na comunidade Paraíso Tropical, há um grupo de *whatsapp*, que propaga para todos os residentes que participam do grupo, notícias, avisos e alertas, assim diz o noticiário.

Os moradores da comunidade Paraíso Tropical, no bairro Tarumã, na Zona Oeste, denunciam a situação de abandono que assola quem mora do local. Além dos buracos espalhados pelas vias, em dias de chuva, as casas são invadidas pela lama e é comum os motoristas ficarem atolados no local. Um grupo no aplicativo *whatsapp* foi criado para os populares se ajudarem devido à situação precária (MARQUES, 2018).

Sobre o lugar em que se vive e o cotidiano, Santos (2008), explica a força do lugar antevendo o aumento da população diante da globalização, dando pistas para analisar o lugar e o espaço como elo entre o indivíduo e o mundo: “O espaço se dá ao conjunto dos homens que nele exercem um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada qual” (SANTOS, 2008, p.27).

O pensamento de Santos (2008) reflete as diferenças sociais entre os proprietários de lotes regularizados, expresso na (figura 31) e lotes não regularizados (figura 32).

**Figura 31 – Lote comercial regularizado**

Fonte: Acervo da autora. (2018).

**Figura 32 – Lote residencial não regularizado**

Fonte: Acervo da autora, (2018).

Sobre as relações de vizinhança, diz a proprietária do lote regularizado, o qual denominaremos de proprietária do lote verde,

Os moradores no entorno são invasores, mais é gente boa, estou aqui há 16 anos, e o poder público, nunca cumpriu seu papel, não há esgoto, água encanada, saneamento básico, só energia que ligaram há pouco tempo atrás, a nossa área verde foi invadida pelos índios, sabemos que nas terras invadidas se tiver 10% de índios é muito, antes era tudo rural, hoje é tudo área urbana, somente essa rua principal é asfaltada, mesmo assim cheia de buracos, a insegurança é grande, quanto a empregar os moradores aqui do entorno, é difícil, afinal são invasores, já chegaram aqui com esse estigma sobre eles mais de vez em quando pego para alguns serviços tipo diário, não conheço liderança formada aqui em nome dos proprietários dos lotes, a relação de vizinhança é só um cumprimento, todo mundo passa de carro, e cada guarda o seu quadrado, talvez o meu caseiro conheça mais os vizinhos, quanto aos grupos ayahuasqueiros da Rua Caravele, conheço só o Santo Daimé que fica aqui na comunidade próxima Parque Riachuelo, mas participaria de alguma sessão caso fosse convidada, sou católica, mais não tenho problemas em ir a outros cultos. (Proprietária LOTE VERDE)

Observa-se na comunidade Paraíso Tropical como já relatado, a presença de várias empresas, chácaras e sítios, destinados ao lazer e descanso aos finais de semana, ou para aluguel em eventos diversos, desta forma a relação com os vizinhos são meras cordialidades, resumindo no fugaz bom dia ou boa tarde.

Destarte pelos caminhos teóricos conceituais apresentados e apesar de tratar se de ocupações desordenadas (invasão), deferimos nesta pesquisa o loteamento Paraíso Tropical como uma pequena comunidade em processo de formação, cujos moradores buscam legalizar os lotes, o que conseqüentemente trará serviços públicos básicos, (água, luz e asfalto), e os tipos de relações de vizinhança que nos interessa nessa pesquisa são tensões por questões religiosas, ambientais, solidariedade e beneficência vivenciadas entre os sujeitos.

#### 4.1.2 – Indígenas – por um pedaço de terra batida para viver

No processo de levantamentos prévios para esta pesquisa, nos deparamos com um achado, uma pequena comunidade indígena multiétnica, segundo Matos (2015, p. 76), ao se referir à realidade do campo de pesquisa, diz: “não ter claro o que se busca (o que não é o caso), pode ficar à deriva, mas não o impede de revelar achados até então não planejados”.

Inseridos em um pedaço de chão de terra batida, no centro da comunidade Paraíso Tropical, situa-se uma Comunidade Indígena constituída por aproximadamente 250 famílias, em sua maioria das etnias: Miranha, Mura e Kokamas.

O terreno mede aproximadamente 220x110, dispendo de 06 ruas em paralelo a Rua Principal do loteamento: Ruas: Maranhãs, União dos Povos Indígenas, Aximaçu, Yawaretê, Andirá e Tapira, pelo GPS constata-se a seguinte localização: Lat: -3,01754, Lng: -60,05456 Rua D, 139 e Lat: -3,01755, Lng: -60,05457 (SOUZA, 2017).

Sabe-se que 60% dos indígenas do Brasil vivem na Amazônia, principalmente nos estados de Rondônia e Roraima (ALLI; SAUAYA, 2006), a maioria vive em terras demarcadas. As reservas indígenas brasileiras ocupam 12,5% do território nacional, FUNAI (2018).

A Carta Magna de 1988 é um importante marco no reconhecimento dos direitos dos povos indígenas. Em 2005, o Governo Lula, demarcou extensa área com mais de 1,7 milhão de hectares localizada no Estado de Roraima, a reserva indígena Raposa Serra do Sol no estado de Roraima (ALLI; SAUAYA 2006).

Em 2011 sob a liderança de Sebastião Castilho Gomes, da etnia Kokamas, famílias indígenas de 18 etnias, construíram as primeiras casas. Pouco tempo depois, a área foi reivindicada pelo espólio de Melvyn Lowe dando início as ações de desapropriação dessas terras.

Em 2011, outra invasão formada por líderes indígenas foi registrada bairro Tarumã, Zona Oeste de Manaus. O local, que recebeu o nome de “bairro Nações Indígenas” abrigava, na época, aproximadamente 80 famílias que invadiram uma área verde do bairro. Antes de 2011, duas mobilizações semelhantes foram realizadas. Ambas acabaram sendo desarticuladas e os indígenas perderam suas moradias depois que os donos das terras reagiram e tiveram o pedido de reintegração de posse acatado pela Justiça. O nome Nações Indígenas é uma referência à diversidade étnica de seus ocupantes. Eram pelo menos dez etnias de diferentes regiões dos Estados do Amazonas e de Roraima que ocupavam no local. (VASCONCELOS, 2014).

Após deixarem esse terreno, passaram a ocupar outro, mais abaixo da pista principal do loteamento. A pesquisa de Souza (2017) versa sobre a questão dos Indígenas urbanos no

Brasil e em especial sobre essa ocupação no Bairro Tarumã por indígenas, bem como retrata aspectos sociais dessas minorias, assim diz,

Estudar a presença do indígena nas metrópoles brasileiras traz inúmeros desafios, dentre eles destacamos o reconhecimento dos povos indígenas nas cidades. Nesse sentido, é preciso destacar que no imaginário da sociedade brasileira atual, existe o estereótipo de que o índio é um indivíduo habitante de aldeias carente de civilidade e, por obrigação, deve assimilar a cultura do não índio. Esse arbítrio acerca dessa ideia é resultado do processo civilizatório, fortalecido até hoje, decorrente do preconceito de que o índio de hoje é igual ao dos tempos passados. (SOUZA, 2017, p. 52).

As reflexões do pesquisador relacionam o passado de exploração, escravização e morte as populações indígenas na Amazônia Séc. XVII, impetrado pelo colonizador, conforme diz Matos (2015), “nossa história é marcada por quem aqui chegou e não pela história de quem aqui estava... marcada pela orientação econômica, pela orientação religiosa... de uma sociedade que não admite indolência” (MATOS, 2015, p. 117).

Por outro lado, o processo civilizatório que se deu no ambiente amazônico, trouxe aos indígenas, a cultura do não índio, continua Matos,

Daí para frente, o processo civilizador ocidental penetrou nas aldeias e em grupos indígenas de forma coercitiva para, em seguida, ser assimilada de forma mais espontânea por eles a ponto de não escaparem desse processo e aos mecanismos de autocontrole. (MATOS, 2015, p.139)

O Poder público não os reconhece como indígenas, enquadrando-os sob a forma da lei como invasores de Área Verde e especuladores de terra, instaurando o conflito. Segundo os líderes Mura e Miranha,

No início, o Jair da etnia Miranha vendeu mesmo muitos lotes, enganando muita gente, ele hoje está preso, tá pagando pelos erros dele, mas nós fiquemos aqui, e cada vez chegando mais nosso parentes, cuidamos para que aqui não permaneça ninguém que não seja índio, queremos formar o Bairro Nações Indígenas, que está sendo reflorestado pelos indígenas, não reconhecemos esse nome de Paraíso Tropical (VALE, 2018).

De acordo com Souza (2017) a migração para os centros urbanos pode acontecer de forma voluntária ou forçada,

[...] a busca do espaço urbano por um determinado grupo indígena pode ter vários motivos: a falta de terra e de incentivo para manter seu espaço no meio rural; a busca de recursos para cuidar da saúde; o estudo em escolas e universidades; maior possibilidade de vender seu artesanato; a visibilidade da situação dos povos no país, entre outras questões. (SOUZA, 2017, p. 59)

Outras razões que podem explicar o deslocamento dos indígenas para os centros urbanos, em busca de melhores condições de vida, é o fato de que as políticas públicas só

chegam às aldeias localizadas em reservas legalmente reconhecidas pelo governo (RICHTER; ROCHA; GUIRAU (2013 apud SOUZA, 2017, p. 59).

As lideranças do Bairro Nações Indígenas são unânimes em afirmar que manterão suas culturas mesmo em centro urbano, longe de suas origens, demonstrando resistência e afirmação identitária. Segundo Santos (2008),

Hoje a mobilidade se tornou praticamente uma regra... Desterritorialização é, frequentemente, uma palavra para significar estranhamento, que é, também, desculturização. Vir para cidade grande é, certamente, deixar atrás uma cultura herdada para se encontrar com outra. Quando um homem se encontra com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação... No lugar novo o passado não está. (SANTOS, 2009, p. 328)

Sabe-se que uma das formas de preservação da cultura é manter a língua/idioma/dialeto de um povo vivo. Segundo o Líder Kocama, “tantos os muras, como os Kocama comunicam-se entre si pela sua própria língua o nhengatu é falado por muitos aqui” (VALE 2018). Os indígenas pleiteiam do poder público políticas de inclusão social, para começar o reconhecimento de suas identidades como indígenas e permanência na terra,

Não queremos asfalto, se entrar asfalto deixa de ser comunidade indígena, queremos o chão de terra batida queremos um reservatório de 25 mil litros d’água, luz com tarifa social para todos e a construção de um centro social, onde possamos vender os artesanatos. (SANTOS, 2018).

As estruturas quanto às necessidades básicas na comunidade indígena são precárias, a água necessidade biológica e inerente à manutenção da vida, é distribuída através de 03 poços artesianos, instalados em 03 casas, o maior deles com 86m de profundidade, (figura 33), no inverno Amazônico as ruas de barro, se transformam em lamaçais, (figura 34)

**Figura 33 – Poço artesiano -**



Fonte: Acervo da autora (2018).

**Figura 34 - Rua no inverno**



Fonte: Acervo da autora (2018).



A água do maior poço possui laudo do Órgão competente quanto á pureza e potabilidade, de acordo com Sr. Augusto – Líder Miranha, atende à demanda de 230 casas da comunidade.

Entende-se que a água além de necessidade básica se transformara em um fator de organização social entre os indígenas, neste aspecto, corrobora (Matos, 2015),

A captação da água foi um marco primitivo no processo de organização social, ou melhor, civilizador... Imaginemos, assim como presenciamos nos dias atuais, em período de estiagem, a água torna-se um elemento de convergência de muitas espécies. (MATOS, 2015, p. 93).

Sem dúvidas, a água além de fator de organização social, também nos permite refletir os ensinamentos de Norbert Elias (2008), de que cada indivíduo está em uma interdependência funcional com o outro ou outros Matos (2015), nesse caso, a água, é controlada a partir de 03 moradores para atendimento a 230 casas, pelo que nos foi transmitido, não há problemas entre estes, a entrevista foi interrompida com um morador que pedia para conectar a sua mangueira, ao mesmo tempo em que desconecta a do outro, sem que haja perturbação da ordem social.

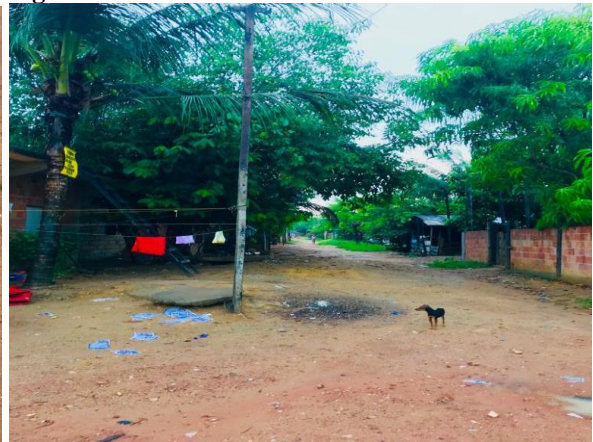
Em relação ao esgoto, foram construídos bueiros (figura 35) as águas servidas são despejadas diretamente num pequeno igarapé próximo, que por sua vez segue até a Cachoeira Grande do Tarumã contribuindo para a poluição desta, conforme demonstrado no item memória sociais, quanto à energia elétrica, o popular “gato”, abastece, posto que a concessionária de energia não possa executar serviços na área pela questão legal envolvida, a (figura 36), demonstra uma das ruas no verão.

**Figura 35 – Bueiros**



Fonte: Acervo da autora (2018).

**Figura 36 – Rua no verão**



Fonte: Acervo da autora (2018)

As casas são construídas com materiais aproveitados de restos de construção, lona, poucas de alvenaria, nenhuma de palha, (figura 37) com algumas modernidades como ar-condicionado. Segundo (Matos, 2015), a prática do agroflorestal, isto é, espécies como

ingazeiros, açazeiros, mangueiras, cupuaçuzeiros, coqueiros entre outras espécies em idade adulta, visualizadas a frente das casas comprovam o longo tempo de ocupação da área pelos indígenas (Figura 38).

**Figura 37 – Casa com refugio de construção**



Fonte: Acervo da autora (2018).

**Figura 38 – Árvores e outras plantas**



Fonte: Acervo da autora (2018).

Em três casas da etnia kocama, há plantação do cipó *Banisteriopsis Caapi*, uma das plantas sagradas do chá *ayahuasca*, segundo o líder kocama,

Tomamos o chá quando sentimos que tem maldade em cima da gente, pra olhar as traições, os inimigos, conhecer as cidades, olhamos os animais, as serpentes, na verdade, só os kocama usam, vem de nossa raiz vem da nossa cultura, aqui usamos só o cipó, não é misturado, índio se beber mingau de milho é só milho. (VALE, 2018).

Na fala do sujeito social identificamos a forma simbólica como estes preparam o chá *ayahuasca* diferente do feitio realizado no âmbito do Santo Daime e União do Vegetal, em relação aos grupos religiosos *ayahuasqueiros* da Rua Caravele, os indígenas afirmaram conhecer alguns membros, pois já realizaram alguns serviços nas igrejas destes, tem conhecimento do uso do chá *ayahuasca*, porém discordam da forma tanto do uso como do preparo da beberagem, mas percebe-se que não gostam de abordar o assunto.

Quanto às relações sociais entre seus vizinhos e outras instituições sociais como as Igrejas, segundo o Líder Miranha Augusto,

É de paz, porém, algum tempo atrás, soubemos que alguns pastores das igrejas evangélicas estavam dizendo que os cocares que usamos que representa nossas crenças, era do demônio, fizeram uma reunião com eles e pedimos respeito a nossa cultura e as nossas crenças. (SANTOS, 2018).

O líder da etnia mura acrescenta que antes de entrar para a Igreja Pentecostal, onde se batizou, deixou claro para os pastores, “tenho minha própria cultura, e não vou abandoná-la, só vou aos cultos usando meu cocar e colar”, Santos (2018), mas entende que o avanço das

igrejas pode interferir nos elementos culturais da comunidade, continua ... “depois que muitos indígenas se batizaram, as danças que fazíamos nos dias de festa, foram diminuindo, mais no geral toda ajuda é bem-vinda”. Apesar de frequentar a Igreja Pentecostal, afirma que é a Igreja católica, através da arquidiocese e da paróquia localizada na comunidade próxima quem mais ajuda em termos de representa-los juntos as autoridades.

Ainda sobre a influência das Igrejas Evangélicas, diz o líder mura, “o índio deixa de ser índio quando passa a ser crente” (SANTOS, 2018) revelando preocupação quanto à perda da cultura. Durante a pesquisa, pode-se constatar a realização de vários cultos nas Igrejas, bem como a concentração na leitura da bíblia por indígenas emoldurando a paisagem na comunidade.

As reflexões de Matos (2015), na esteira da teoria eliasiana, retratam peremptoriamente, a realidade dual dessas minorias carentes, entre a promessa salvadora das igrejas e a manutenção e sobrevivência de sua cultura, diz o pensador,

Na teoria Eliasiana vemos que todo o processo de integração causa desintegração interna. Destaco não em comunidades amazônicas ditas caboclas ou ribeirinhas, mas em áreas indígenas que se torna mais evidente a ocorrência do fato. Com os anos de contato, que vem desde o período dos colonizadores os religiosos para catequizar, o escrito que incorporou o indígena em seu contingente, posteriormente outras religiões indígenas, os indígenas passaram e passam por um processo de desintegração interna. Nesse processo, muitos deixaram de se comunicar em seu dialeto, havendo a necessidade de formação de professores para o resgate deles; no aspecto religioso, catequizou-se o nativo, negando o seu deus e prevalecendo o nosso deus, incrementando o catolicismo e as religiões evangélicas; o pajé perdeu sua função para a medicina do não índio e a tecnologia dos medicamentos prevaleceu sobre a técnica dos medicamentos à base de ervas da medicina; as regras de etiqueta e de boas maneiras da civilização ocidental foram impostas e são cada vez mais exigidas, portanto a formalização das condutas, do autocontrole se fez notar. (MATOS, 2015, p. 60-61).

Os problemas sociais da comunidade indígena perpassam pelas horas de lazer, não há nada a fazer no tempo livre, (Centro Social está desativado), refiro-me a quaisquer atividades recreativas ou culturais em espaços que permitam socialização. Nesse vácuo, o bar localizado entre as esquinas das ruas principais da comunidade, materializa para os indivíduos a fuga das desventuras, por meio da bebida alcoólica.

De acordo com uma moradora não indígena, “os finais de semana é que são elas, música alta, muita bebida, briga e com certeza outras coisas que não presta” (MORADORA LOTE BRANCO, 2018), mais uma vez, recorremos às reflexões de Matos (2015), que fundamentado na visão de Norbert Elias e Dunning (1992) explica esse problema social.

Elias e Dunning (1992), ao tratarem a ingestão de bebida alcoólica no momento o lazer, evidenciam que o consumo de álcool provoca depressão dos centros inibidores do cérebro e é provável que as pessoas bebam acompanhadas, pois com a depressão



desses centros, facilita-se a estimulação amigável, recíproca, com certo nível de emotividade, sendo substancial a sociabilidade. Porém para certos indivíduos, a quantidade de ingestão de álcool propicia a perda relativamente rápida da habitual armadura de restrições profundamente embutidos no processo civilizador. Com isso, se evidencia a abertura a uma prazerosa excitação, que se apresenta individualmente ou em grupo e se configura em problema social (MATOS, 2015, p. 63)

A Associação da Comunidade Indígena ou o Centro Social está localizado na última rua. Em 2018 no local havia o que sobrou de um chapéu de palha (figura 39), em 2019, os indígenas conseguiram materiais para dar início à reforma conforme (figura 40), com previsão para reativação das atividades no segundo semestre de 2019.

**Figura 39 – Associação CNI 2018**



Fonte: acervo da autora, (2019).

**Figura 40 – Reforma CNI 2019**



Fonte: Acervo da autora, (2019).

Os indígenas tentam provar sua identidade, diante da desconfiança do poder público e da sociedade que desconfiam de suas intenções quanto o uso da terra, agrava o fato de que essas ocupações estarem dentro de uma APA - Área de Proteção Ambiental, Tarumã-Ponta Negra, caracterizada no primeiro tópico desse capítulo.

No aspecto legal, segundo a (SEMMAS,2018) os indígenas ocuparam uma Área Verde, infringindo a lei. A legislação específica nas instâncias Federal, Estadual e Municipal, definem o conceito de Área Verde, instituído pela Lei Federal nº 12.651, de 25 de maio de 2012, Art. 3º, inciso XX, que reza:

Área verde urbana: espaços, públicos ou privados, com predomínio de vegetação, preferencialmente nativa, natural ou recuperada, previstos no Plano Diretor, nas Leis de Zoneamento Urbano e Uso do Solo do Município, indisponíveis para construção de moradias, destinados aos propósitos de recreação, lazer, melhoria da qualidade ambiental urbana, proteção dos recursos hídricos, manutenção ou melhoria paisagística, proteção de bens e manifestações culturais (BRASIL, 2012).

Essa pequena comunidade multiétnica indígena, instalada no seio da comunidade Paraíso Tropical, nos remete a entender alguns contextos históricos e legais. Desde a época do Serviço de Proteção ao Índio – SPI, extinto em 1967, substituído pela Fundação Nacional do Índio- FUNAI, antropólogos destacados passaram a atuar na formulação das políticas indigenistas brasileiras (Darcy Ribeiro, Eduardo Galvão, dentre outros), embora considerassem inevitável a integração dos índios à sociedade nacional, defendia que o órgão indigenista não se comprometesse a estimular este processo, segundo Darcy Ribeiro isso é redefinição de juízo conforme as palavras de Luiz Bueno Horta Barbosa sobre o propósito do S.P. I, “não incorporar párias, mas fazer do índio, um índio melhor”. (RIBEIRO 2003, p. 133).

Por esse pensamento, o indígena desde tempos antigos fora visto como um pária da sociedade era preciso saber conviver com ele no espaço urbano, desde que este se tornasse invisível.

As reflexões de Elias (1994) sobre as relações sociais descreveram a diferença e a desigualdade social entre estabelecidos e *outsiders*, os da boa sociedade e os de fora da sociedade, embasados em seus estudos sobre uma pequena comunidade da Inglaterra chamada de Winston Parva, assim diz,

O modelo de uma figuração estabelecidos-*outsiders* que resulta da investigação de uma comunidade pequena... Pode funcionar como uma espécie de “paradigma empírico”, aplicando-se como gabarito a outras configurações mais complexas desse tipo (ELIAS, 1994, p. 21).

A comunidade Paraíso Tropical, por ser uma Área de Interesse Social do Município, (AMAZONAS 2014), conforme já caracterizado, possui infraestrutura em serviços públicos destinados aos proprietários de lotes regularizados, em sua maioria empresários, o que pode ocasionar por parte desses, atitudes ou comportamentos que ensejam estigmatização aos indígenas, e outros moradores, como pessoas de menor valor humano, tratando-os com certo ar de superioridade ou indiferença. Diz a proprietária de lote vermelho:

Olhe, não tenho nada contra eles, se eles não mexerem em nada, está tudo certo, cada um cuida da sua vida, mais de vez em quando a polícia vem aqui, pois eles invadiram essas terras, daí é briga, por mim, a presença deles aqui é indiferente (PROPRIETÁRIA LOTE VERMELHO, 2018).

Nesse caso não se trata do poder econômico, posto que os moradores da comunidade sejam oriundos de camadas sociais mais baixas da população de Manaus, mais a exceção, o estigma procede dos empresários, donos de sítios, chácaras e clubes, que exercem atividade empresarial na área, mas não residem.

Trata-se de exclusão social, do estigma criado pelo não indígena de que o indígena é indolente, da segregação, do “eu” e “eles”, e nessa comunidade é apenas um invasor, implícito nos comentários de proprietários de lotes regularizados.

Os grupos indígenas deixaram suas aldeias, inserindo-se na sociedade branca, mais continuam tentando manter elementos de sua cultura, como forma de preservar sua identidade, mesmo inseridos na cultura dos não indígenas.

Durante a realização desse estudo, os indígenas demonstraram apreensão por conta do discurso do novo governo do país em relação às questões indígenas, mais, a resistência em provar a identidade e manter a cultura viva é uma luta contínua, conforme Ribeiro,

O vigor do conservantismo dos grupos indígenas, sua tenaz resistência a mudança e a força do sentimento de identificação tribal que leva estes minúsculos grupos étnicos a lutar por todos os meios para conservar sua identidade e sua autonomia. (RIBEIRO, 1962, p. 133)

A cidade reproduz a lógica do capitalismo, segundo Santos (2013 p. 12) a cidade é “onde tantas necessidades emergentes não podem ter respostas, está fadada a ser tanto o teatro do conflito como o lugar geográfico e político das possibilidades de solução” o Bairro Tarumã cresceu de forma desordenada, com amplos espaços para poucos privilegiados, entre Marinas, condomínios luxuosos, propriedades privadas, etc.

Infelizmente os indígenas não fazem parte desse seletivo grupo, no passado eram eles os estabelecidos e donos da terra, atualmente se tornaram *outsiders*, com ou sem estigmas de invasores. Os espaços urbanos das cidades não são para todos, a esse respeito, diz Oliveira (2003),

O desprezo pela cultura local e a supremacia da cultura imposta são visíveis nas formas do espaço urbano de Manaus, os obstáculos são removidos para dar lugar na selva a uma cidade “digna” e sem os males tópicos, para receber os “civilizados”. A segregação está na lógica da produção da cidade, visto que a cidade não é produzida e apropriada igualmente. Manaus não era uma cidade para todos, nem sem males para todos. Havia um urbanismo proposto no final do século passado sob o signo da exclusão. Os excluídos eram os pobres, os caboclos e os índios. (OLIVEIRA, 2003, p. 160)

Palavras que reverberam na contemporaneidade, carregadas de preocupações, anseios e medo por parte dessas minorias, posto que a presença destes naquela região desperte desconfiança, medo e preconceito, ao mesmo tempo em que mostram que apesar de suas diferenças culturais, estão inseridos em uma rede de interdependências entre parentes, vizinhos, órgãos públicos e privados, formando o que Elias (2008) chamou de figurações.

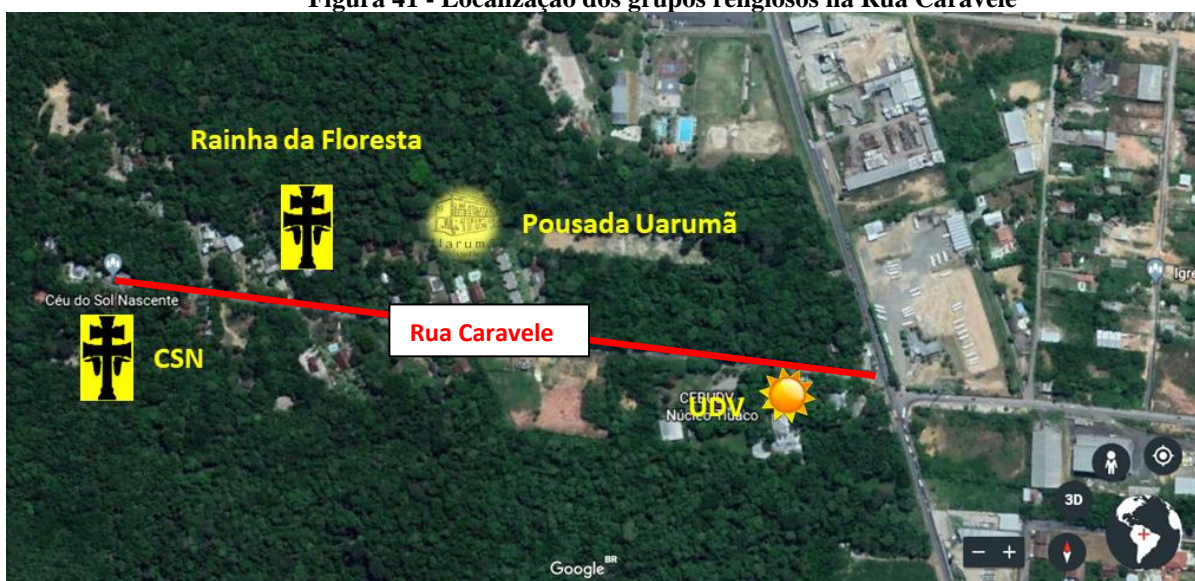
## CAPÍTULO V – SE ESSA RUA FOSSE MINHA: RELAÇÕES DE VIZINHANÇA – AS FIGURAÇÕES SE REVELAM

### 5.1 – Rua Caravele – Questões ambientais – tensões sociais

Morar, rezar e viver em um lugar próximo a dádivas naturais como igarapés, matas, reservas naturais, nem sempre se traduz em paz e tranquilidade do lado de fora do muro. Como disse Bauman, (2007, p. 13) “o bem-estar de um lugar, qualquer que seja nunca é inocente em relação à miséria do outro”. Muros altos, portões de ferro e cachorros bravios, denunciam a preocupação com a segurança e a intenção de manter distante o mundo lá fora, é o que se visualiza ao descer a Rua Caravele, moradias em formato de chácaras e sítios, inseridos em uma paisagem que descortina a natureza, entrecortada por lajes e telhas.

A Rua Caravele (figura 41) possui aproximadamente um km de extensão a partir de sua entrada pela Avenida do Turismo, diz os antigos moradores que a rua era conhecida como “Rua da Macumba” por conta de um famoso terreiro de Umbanda, da Dona Felicidade, chamado Urubatan da Guia que funcionou por 84 anos no local, frequentado pela classe política de Manaus. Conta Sr. Júlio morador da Rua e caseiro da União do Vegetal, que o nome Caravele, deve-se a um modelo de uma aeronave, cujo empresário do ramo de aviação mora na rua, afirmativa que não conseguimos confirmar, também é chamada por outros de rua mística, por conta da maioria dos moradores serem membros do Santo Daime.

**Figura 41 - Localização dos grupos religiosos na Rua Caravele**



Fonte: - <https://earth.google.com/web/@-3.01723934,-0.05471697,57.10/03/19>.



Há dois condomínios residenciais como o Onerom Manaus, com 08 casas construídas, todas habitadas e um em fase de construção o Residencial Bella Sonata, a propaganda da construtora faz alusão à tranquilidade do local.

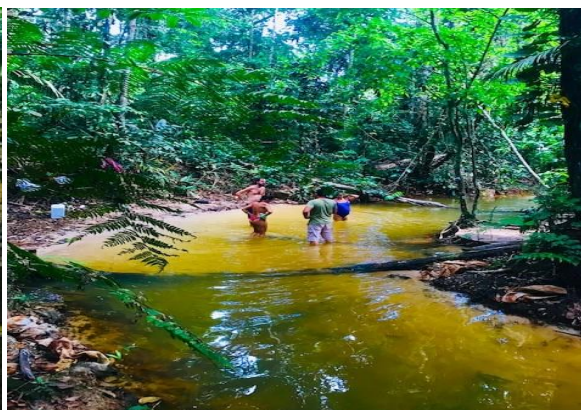
Ao final da Rua Caravele ouve-se de imediato o som de águas, trata-se do Igarapé da Água Branca, (figura 42 e 43) um corpo d'água urbano e espaço de socialização para os moradores, (maioria Daimistas), cuja nascente está nas terras onde se localiza o Aeroporto Internacional Eduardo Gomes. Inserido em uma Área de Proteção Ambiental do Tarumã – Ponta Negra está sujeito às consequências do crescimento desordenado da cidade de Manaus especialmente do Bairro Tarumã por conta do processo intenso de ocupações irregulares, especulação imobiliária, conforme relatado no capítulo I desse estudo.

**Figura 42 – Igarapé da Água Branca**



Fonte: acervo da autora, (2018).

**Figura 43 – Espaço de socialização**



Fonte: Acervo da autora, (2018)

Sr. Jó Fernandes Farah morador da Rua Caravele a mais de 20 anos é Daimista e Presidente da ONG Mata Viva, tem forte atuação na preservação e monitoramento do Igarapé da Água Branca, mantém uma página no Facebook, intitulada: águabrancaonline em defesa do último igarapé limpo de Manaus, onde divulga pesquisas, denuncia ameaças, compartilha ações e notícias sobre a situação do Igarapé, assim diz,

Tenho consciência que entrei numa Área de Proteção Ambiental de um jeito errado... Hoje pago um preço muito alto, nossa luta enquanto ONG Mata Viva é cuidar do entorno da casa, as pessoas jogam lixo no igarapé porque não tem coleta de lixo, nossa abordagem é mostrar um projeto, onde vamos ajudar a tirar a casa das margens do igarapé, deixamos de falar no Tarumã, para focarmos no Igarapé da Água Branca, daí começou a chegar vocês, pesquisadores,... Esse igarapé é um milagre urbano, é obrigação de essa cidade manter esse milagre, eu era urbano, detestava mata, o daimismo me ajudou a ter consciência ambiental. (FARAH, 2019).

A preocupação do Sr. Farah faz sentido, conforme Soares (2016) relatou no estudo intitulado “Análise sobre a alteração da paisagem em micro bacia do igarapé da água branca”,

pelo Centro Gestor e Operacional do Sistema de Proteção da Amazônia – Regional Manaus, 2016, conclui que,

Os resultados da análise dos dados e informações mostraram que as áreas impactadas pela ação do homem foram 31,48% ao longo desses trinta anos um total de 183,83 hectares de floresta desmatada, um valor bem significativo dado o tamanho total da área ocupada pela micro bacia... Os dados de antropização do ano de 2016 revelam que o processo de uso e ocupação dentro da área da micro bacia aumentou subitamente num intervalo de dez anos, onde em 2006 o acréscimo era de 3,79% saltou para 6,25% em 2016, um quantitativo de 36.53 há afetados pela ação do homem, 14 há a mais, comparada ao ano de 2006. (SOARES, 2016, p. 36).

Conhecer de perto o Igarapé da Água Branca é deixar-se levar pela emoção e lembrar-se dos igarapés mortos, retratados nesse estudo, de um tempo em que a vida social do manauara girava em torno dos balneários do Tarumã, conforme Matos (2015, p. 82), “é um equívoco dizer que, ao chegar à área de pesquisa o pesquisador se desfaz de toda sua experiência de vida que a academia nos faz distanciar, esfriar nossas emoções, mais pode ser revelador para o resultado da pesquisa” principalmente quando se está diante de um lugar de grande importância para os sujeitos da pesquisa.

É o que acontece ao contemplar as águas límpidas daquele Igarapé, não há que se falar ou escrever sobre as relações sociais, figurações e redes de interdependências, (ELIAS, 2008) que se desenvolvem na Rua Caravele e adjacências, sem atentar para a importância do Igarapé da Água Branca, pela relevância ambiental e pelo valor sagrado deste para os religiosos *ayahuasqueiros*. Esse curso d’água perpassa ou pela frente ou pela lateral de alguma igreja Daimista, é um espaço de consentimento social, em suas margens ocorrem rituais xamânicos, em suas águas, aplicam-se medicinas indígenas: rapé, sananga e kambó.

Segundo Meslin (2014), nas organizações religiosas, o espaço sagrado, não necessariamente é a igreja mais um espaço que o homem declara como sagrado e nele estabeleça relações com o divino.

Em Elias (2008) as figurações são situações (circunstâncias) onde os sujeitos se encontram, formando uma rede de relações de interdependências funcionais que entrelaça a todos, em uma cidade, vila, rua, igarapé ou onde quer que os sujeitos estejam vivendo, as figurações tornam possíveis essas ligações, às vezes visíveis e explicitas outras invisíveis e ocultas, mais existentes.

Entende-se que as relações que se desenvolve no entorno do Igarapé Água Branca estão inseridas nestas figurações, compreender tal conceito nos ajuda a explicar às diversas relações sociais (conflitos/tensões/amizade) desenvolvidas nessa Rua e as margens do Igarapé

Água Branca, posto que grande parte dos moradores pertença a um dos grupos religiosos, objeto desse estudo.

Segundo Simmel (2006 p. 9), “duas pessoas que se encontram e se acotovelam num ônibus, não poderiam dizer que estão se sociando”, para esse pensador, sociedade é um conceito abstrato e significa a interação psíquica entre dois indivíduos. Para Elias (2008), basta algumas pessoas sentarem a volta de uma mesa e jogarem cartas, para formar uma figuração, as suas ações são interdependentes, exemplos similares, análises distintas.

Em Elias (2008) temos que a figuração seria o padrão mutável entre os jogadores, pela estratégia com que cada jogador programa seu jogo e pelo que são no todo, ou seja, cada jogador é interdependente do outro, e essa interdependência entre aliados ou adversários gera a figuração, (circunstância) posto que a atitude do sujeito A, é interdependente do sujeito B, o que liga uma pessoa a outra, passa longe do pensamento de que cada indivíduo possa ser analisado no que Elias chamou de *Homo Clausus*, um homem fechado em si mesmo e tal pensamento está fora do estudo sociológico, posto que somente a psicologia e a psiquiatria estudem a pessoa e sua individualidade latente.

Analisando o exemplo de Simmel (2006), basta que um viajante do ônibus, tome alguma atitude intempestiva como pular pela janela, assaltar ou passar mal, para envolver os passageiros em relações de interdependências, no mínimo a viagem será interrompida ou cancelada, afetando a vida de todos.

Retornando ao Igarapé da Água Branca, Sr. Farah realiza trabalhos de preservação, recolhimento de lixo, plantação de mudas, dentro de suas limitações físicas e emocionais, mais haverá sempre uma interdependência funcional em relação aos outros moradores tanto para o bem (manutenção e preservação do Igarapé), quanto para o mau, (destruição/poluição) do mesmo.

Elias (2008) diz que as pessoas são voltadas umas às outras de várias formas, entende-se que para preservar o Igarapé da Água Branca é necessário à participação de todos e esse é o maior problema, face aos interesses individuais de cada grupo ali presente, religiosos, empresários e moradores, sem contar com os órgãos ambientais, que na fala do ser social, “é uma lenda urbana, não existe”. (FARAH, 2018).

De fato, as relações de interdependências entre as pessoas são mutáveis em seus vários estágios de vida, o que explica os interesses divergentes em torno da manutenção e preservação do Igarapé da Água Branca. E este curso d'água é um símbolo da luta e resistência pela preservação do último igarapé de água limpa em território urbano, ligando emocionalmente as pessoas em torno deste, sobre isso diz Elias,

Este tipo de ligação não é menos significativo da interdependência humana...as valências emocionais que unem as pessoas, quer indiretamente pela sua ligação a símbolos, constituem um nível a parte de ligações...o indivíduo que formou esta ligação será tão profundamente afetado quanto esta unidade social, a qual está afetivamente ligado se for conquistada ou **destruída, depreciada** (grifo nosso) ou humilhada. (ELIAS, 2008 p. 150)

O desalento em relação à atuação de Órgãos ambientais sobre a manutenção e preservação do Igarapé da Água Branca deve-se ao fato, conforme Farah (2018), de que o igarapé fazia parte da rede de balneários da cidade de Manaus, o que obrigava o Órgão Ambiental a fazer exames de balneabilidade, através da coleta da água de três em três meses, mais, por questão de custos, pararam de fazer, ou seja, “tiraram o igarapé do mapa, transmitindo uma mensagem aos invasores e ocupantes de áreas irregulares que isso é um córrego d’água, você pode jogar seu esgoto, desmatar, afinal não está no mapa”. (FARAH, 2018), no fundo isso implica na falta de percepção de interdependência que permeia em uma sociedade atomizada.

As questões ambientais da Rua Caravele, conforme diz o dito popular dá “pano para manga” no que tange a tensões sociais, conflitos, como diz Matos (2015 p. 96), “a espécie humana e, portanto, nossa sociedade é a única na esfera terrestre que se mostra capaz de dominar a natureza em prol de si, sem dar atenção às consequências”.

Algumas destas questões se resolvem a base de diplomacia, repito o Igarapé da Água Branca é espaço de lazer para os moradores, mais também espaço sagrado onde ocorre o uso de medicinas indígenas como o rapé, a sananga e o kambó, bem como rituais de xamanismo, já relatado, tais práticas trazem ações concretas sobre a natureza local, como o uso de fogueiras, nesse caso, segundo Farah (2018), exerce vigilância e orienta os praticantes para que a área da fogueira seja limpa ao término do ritual.

Segundo Farah (2018), a mobilização por parte dos moradores (religiosos ou não) da Rua Caravele se dá mais pelo apoio através das redes sociais,

O apoio que tenho de todos são nas redes sociais, elas são mais fortes e mais importantes do que relação face a face, os empresários, os poderosos só temem a mídia, a opinião pública, quanto à relação face a face aqui na Caravele (no que tange as questões ambientais) existe mais é rara, no Daime a gente aprende a não esperar pelos outros... Se eu esperar alguma atitude do meu irmão está errado, pois o irmão está ali procurando a cura como eu... A ayahuasca é bebida de cura. Não faço campanha não existe aquele mutirão... vamos lá! Mas, recebo ajuda de amigos agrônomos, pesquisadores das Universidades, e tenho um amigo Daimista que sempre traz mudas para plantar, eu recebo. (FARAH, 2018).

Tal “apoio” não deixa de ser contraditório, haja vista que a natureza está na gênese das religiões *ayahuasqueiras*, a esse respeito, diz Albuquerque (2011 p. 171),



“Dentre os fundamentos da religião do Santo Daime, que implicam em uma concepção de educação destaco o fato de se estruturar uma concepção da floresta ou da natureza como *locus* essencial da vida a chamada ecologia religiosa”. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 171);

O fato de que na Rua Caravele é à igreja e a casa de muitos *ayahuasqueiros*, não significa união entre todos, diz Elias (2008 p. 97) “não somos certamente bons um com os outros, em sociedade a maioria das pessoas não se conhece face a face”, o apoio por meio das redes sociais como dito, consegue reduzir a neutralidade ou apatia de muitos, porém, não é o suficiente diante dos desafios do devir.

Maués e Villacorta (2011 p. 39) destacaram o discurso sobre proteção à natureza de mulheres pajés (assim como a natureza, pajelança ou xamanismo está na gênese das religiões *ayahuasqueiras*) em Colares-PA, uma delas muito respeitada em sua meio, conhecida como D. Maria Rosa concedeu a seguinte fala aos pesquisadores, “o homem precisa estar em harmonia com a natureza, precisa das energias da natureza, precisa das suas ervas, dos seus frutos, dos seus rios, igarapés, olhos d’água... por isso não podemos destruir a natureza”, ainda segundo os estudiosos, esse discurso ecológico foi encontrado na fala de muitos Colarenses, que sempre estavam atentos quanto à derrubada de árvores, caça de animais silvestres e preservação de igarapés.

Manter aquele habitat preservado é garantia de tranquilidade para continuidade dos rituais *ayahuasqueiros/hoasqueiros* no futuro e quiçá a formação de uma comunidade Daimista/vegetalista, dificultando ou mesmo barrando a chegada de fábricas, construtoras ou outras atividades que possam ameaçar os recursos naturais daquele lugar, não há dúvidas, da tensão que paira sobre a sobrevivência do Igarapé da Água Branca, diante do poder do capital, mais, diz um adágio popular, “uma andorinha só, não faz verão” refletindo que a consciência de interdependência entre todos está longe.

Com efeito, a luta pela preservação daquele braço d’água se dá dentro de uma lógica perversa capitalista, construtoras, imobiliárias, bem como o espraiamento da cidade de Manaus rumo à zona oeste (retratado no capítulo I), atrelado ao momento político pelo qual o país atravessa em relação às questões ambientais, torna o futuro do igarapé da água branca, nebuloso, o que poderá afetar as práticas ritualísticas desse grupo religioso junto à vizinhança de grandes condomínios que rumam naquela direção.

Quanto aos moradores da comunidade Paraíso Tropical, segundo a pesquisa de campo, desconhecem a existência do Igarapé. Segundo a Associação dos Moradores - Amorc, cuja representante é Juliana Belota já retratada nesse estudo, a manutenção do Igarapé da Água Branca é dependente, não só da união dos moradores da rua, mais dos órgãos públicos de

fiscalização para coibir e punir práticas que depreciem o meio ambiente, na teoria eliasiana seria a ordem invisível entre as pessoas, pois são as funções que umas exercem para com as outras.

### 5.1.2 – O barulho do vizinho te incomoda?

A dinâmica social, as interdependências produzem tensões e conflitos, polarizando a vida entre encontros e desencontros, entendimentos e desentendimentos, os quais nem sempre os atores sociais se dispõem ao diálogo, principalmente se o conflito for permeado por questões ambientais ou quiçá intolerância religiosa. Para Elias (2008), tensões e conflitos tem um papel centralizador na evolução social, assim diz, “tensões e conflitos entre grupos que estão a perder funções e outros que adquirem funções novas ou as aumentam é uma característica estrutural vital de toda a evolução”. (ELIAS, 2008, p. 189)

O ritual do Santo Daime é eminentemente musical, cantado a pleno pulmão por todos os membros, acompanhado por instrumentos de percussão, os quais entram madrugada adentro, em datas especiais como o dia de São João, comemorado em 23 de junho termina nos primeiros raios da manhã, há tempos atrás era usado foguetes para celebrar a data.

A Lei municipal 605/2001, que fiscaliza a poluição sonora, caracteriza qualquer ruído que possa prejudicar a saúde física e mental da população extinguiu a expressão, “já passou das 22 horas, não pode mais fazer barulho”, (SEMMAS, 2018), hoje a qualquer hora do dia ou da noite, o crime de poluição sonora acontece. Segundo matéria divulgada no Jornal Em tempo,

De janeiro a junho deste ano, a Secretaria Municipal de Meio de Ambiente – SEMMAS contabilizou 2.095 mil denúncias de poluição sonora na capital. Esse valor é bem acima da média registrada em 2016, quando, no mesmo período, o órgão havia recebido 1.488 denúncias. No balanço anual, o órgão registrou 2.914 casos - sendo que 1.719 mil geraram autos de multa, apreensão, notificação e interdição. Os alvos foram bares, residências, igrejas, casas de shows, oficinas mecânicas, entre outros. (SHARLON, 2017)

Mas, o que exatamente é barulho? Como quantificar e diferenciar, barulho, ruído? De maneira a entender o que para uns seja um som insuportável e para outros um som agradável, segundo Silva,

Para determinadas religiões, seu culto é a expressão máxima e a possibilidade de estabelecer uma ligação espiritual com Deus, enquanto que para a vizinhança os sons produzidos podem ser vistos como um “barulho” intolerável e uma agressão cotidiana (SILVA, 2004, p. 10).

Como forma geral, poluição sonora é o ruído procedente de diversas atividades que direta ou indiretamente possam prejudicar a saúde, segurança e bem-estar da população, ou que estejam em desacordo com os padrões ambientais (SILVA, 2004).

As Igrejas *ayahuasqueiras/hoasqueiras* estabelecidas a Rua Caravele estão em uma Área de Proteção Ambiental – APA, era de se esperar situações de tensão e conflito, posto que como informado, nem todos os moradores da rua são *ayahuasqueiros*, um episódio marcante, aconteceu num desses rituais, conta Maria Maciel, membro fundadora da Igreja do Santo Daime Céu do Sol Nascente,

Era noite de São João, ouvimos grande estrondo, fomos surpreendidos em pleno trabalho pelo vizinho, que derrubou com seu Jipe, o portão de ferro que dá acesso a Igreja, estava bastante exaltado, a polícia fora chamada ao local para acalmar os ânimos (MACIEL, 2018)

Difícil entender se o comportamento do vizinho fora motivado pelo barulho dos fogos ou se há alguma subjetividade na atitude que possa ensejar preconceito e intolerância religiosa, fica, porém, evidente, que inerente às figurações, o descontrole das emoções convergem para o conflito, sem levar em conta as consequências (ELIAS, 1991, p. 171).

O papel desempenhado pelo processo civilizador Elias (2002) é importante à medida os indivíduos aprendem a lidar com seus próprios impulsos e emoções, para isso existem as leis que garantem os direitos e deveres de todos, regulando a vida em sociedade, neste caso, a querela fora parar na justiça.

Após o episódio, os Daimistas aboliram o uso de foguetes, estive presente em diversos rituais, dois deles em datas festivas que se prolongaram até os primeiros raios da manhã e não constatei o uso de artefatos dessa natureza, segundo os Daimistas o uso de foguetes fora abolido dos rituais, tal atitude demonstra a organização do grupo pelas relações de interdependências Elias (2008), no sentido de respeitar o meio ambiente e os moradores não *ayahuasqueiros*, adequando os rituais aquele ambiente.

Quanto a União do Vegetal por possuir um ritual silencioso, sem uso de instrumentos musicais não apresenta problemas com a vizinhança, a localização logo na entrada da rua, que faz esquina com a Avenida do Turismo auxilia no isolamento acústico.

Mas, não se pode olvidar que as tensões e conflitos existentes na Rua Caravele, quer seja por questões ambientais, sociais ou religiosas, aconteçam somente em função da ação humana intencional entre (vizinhos), os processos são engendrados pelo emaranhado de ações e planos de outras pessoas, (empresários, governantes) ou no caso do vizinho descontrolado, a esposa, o filho pode ter incentivado reclamado do barulho dos foguetes, corroborando para a

postura de enfrentamento, conforme (MENNELL, 1998).

Essas redes, nas quais as pessoas são presas em alianças, conflitos e balanços flutuantes de poder, tem dinâmicas próprias, cujas características nem sempre são fáceis de perceber, tanto por sociólogos, quanto pelas próprias pessoas nelas emaranhadas. O entrelaçamento das ações leva a emergência de padrões e processos aparentemente independentes de qualquer ação individual e além de seu controle (MENNELL, (1998 p.258) apud LANDINI, 2007, p. 47).

Por outro lado e apesar dos conflitos, tensões, ausência de mobilizações por parte de seus moradores (religiosos ou não), as figurações são redes de interdependências que liga todos os moradores da Rua Caravele, a questão ambiental traz no bojo dilemas, de um lado a maioria entende à necessidade de preservar aquele ambiente, de outro, a não participação efetiva ocasiona a ausência de ações concretas de maneira a fortalecer e consolidar a Associação de Moradores – Amorc, como entidade representativa perante a sociedade e poder público em geral, objetivando fazer frente às tentativas de agressão aquele ambiente natural.

### 5.1.3 - Trocas na Rua Caravele e outras figurações na comunidade

As redes de interdependências entre os sujeitos se ampliam e não se reduzem a tensões por questões ambientais, como, por exemplo, há troca de mudas de plantas diversas entre estes ou das plantas sagradas, a folha *Psychotria Viridies* e o cipó *Banisteriopsis caapi*.

Dos quatro grupos religiosos *ayahuasqueiros/hoasqueiros* da Rua Caravele, as maiores áreas de plantio e cultivo do mariri estão nos terrenos da União do Vegetal, seguidas pela Igreja Daimista Céu do Sol Nascente com maior produção de folhas (chacrona ou folha rainha) que produz para consumo próprio e de outras igrejas em Manaus, exportando o excedente para outros países, as demais possuem plantios pequenos, o que forma relações de escambo.

As Igrejas *ayahuasqueiras/hoasqueiras*, são fechadas, ora por sua crença de que quem quiser e for merecedor achará o caminho da espiritualidade sozinho, ora pelas instruções da Resolução nº. 01 do CONAD, (2010) que numa espécie de tábua dos dez mandamentos, deixou claro que os rituais com *ayahuasca/Hoasca* deveriam ser realizados com “discrição” e sem alardes ou propaganda, o que não impede de pessoas baterem as suas portas, tentando tomar o chá pelo efeito psicoativo tão somente, assim diz, o hoasqueiro um, da União do Vegetal,

Todo tipo de gente bate aqui na porta, pessoas fisicamente debilitadas, em crises existenciais, gente pensando que aqui é uma Clínica de Reabilitação para drogados pede para beber o chá, sem passar pela orientação dos Mestres (Hoasqueiro 1).

Percebe-se o cuidado na recepção de futuros membros, ainda segundo o hoasqueiro 1, “teve um novato que pulou o portão, o vegetal mostra o bom e o ruim e tem gente que não aguenta, o vegetal não mata, é comprovadamente inofensivo, fomos pegar ele lá fora”. Na pesquisa de campo identifiquei que nenhum membro da União da Vegetal mora na Rua Caravele, apenas nas proximidades da Comunidade Paraíso Tropical.

A história dos grupos religiosos estabelecidos a Rua Caravele, perpassa por dissidências, mudanças, de um lado da rua para o outro, apesar de já relatado do ponto de vista histórico, ressalto alguns aspectos das relações sociais, no sentido de analisar outras figurações na Rua Caravele.

A primeira dissidência ocorreu quando a Igreja Céu do Sol Nascente saiu do terreno onde se localiza a Pousada Uarumã de propriedade da Família de Juliana Belota atravessou a rua e se estabeleceu em novo terreno, de propriedade do Sr. Chester Gontijo, segundo Costa (2015) descrito pela vizinhança como “o dono da Igreja”.

Nova dissidência ocorreu em 2017, quando alguns membros fardados, foram alertados pela liderança da Igreja CSN de que não poderiam fazer uso de medicinas indígenas (sananga e rapé) durante os rituais, ato contínuo, os membros fardados se retiraram da Igreja CSN e fundando o Movimento dos Txais, incorporando o nome de Rainha da Floresta, usando as instalações no terreno do Sr. Jô Fernandes.

No início de 2019, a Igreja do Santo Daime Rainha da Floresta – Movimentos dos Txais deixaram o terreno do Sr. Jô Fernandes Farah, passando a se reunir provisoriamente no chapéu de palha – Centro de Convivência da Pousada Uarumã, (figura 44), posteriormente reformaram a estrutura da velha igreja, a primeira da Rua Caravele (figura 45) voltando a ocupa-la, (figura 46)

Sobre essas dissidências, mudanças, assim diz Juliana Belota,

A questão não é essa o uso ou não de medicinas, essa questão está na superfície, o pano de fundo é outro... É de como legitimar uma coletividade e uma a relação de grupo que tenha como critério as decisões da coletividade... Todas as religiões sofrem esse processo de dissidências, o ser humano se não tiver uma norma de conduta para abalizar toda essa experiência dessa vivência espiritual que ocorre com o Santo Daime da mesma forma que ocorre com as técnicas de meditação estática de consciência, você não tem como encaminhar o grupo de uma maneira totalmente harmônica, porque o ser humano é próprio o conflito existencial, nas relações o ser humano busca esse estado de iluminação de transcendência. (BELOTA, 2018).

**Figura 44- Local provisório rituais RF/Txais** **Figura 45 – Antes da reforma RF-Txais**



Fonte: Acervo da autora, 2019.



Fonte: Acervo da autora, (2019)

**Figura 46 – Rainha da Floresta depois da reforma – visão externa e interna.**



Fonte: Adir Dinele, (2019).

A fala de Juliana pode ser interpretada a luz das reflexões de Norbert Elias (2008), sobre o Poder nas relações humanas, como uma característica estrutural de todas as relações, o poder não é eterno, se apresentara no centro das figurações, pendendo de um lado para o outro.

Entre idas e vindas, de um lado da rua para o outro, importante analisar que a igreja enquanto estrutura é só madeira, tijolos etc., a mudança não seria consolidada, se os membros não acompanhassem, materializando uma figuração demonizada por muitos, “o poder” cuja influência impulsiona a mudança tanto de lugar (físico) como de liderança.

Para Elias (2008), o poder é uma ocorrência cotidiana, o equilíbrio é multipolar, construído a base das relações de interdependência funcional entre todos, em outras palavras, tanto o novo dono da igreja que possui o capital (conhecimentos, recursos) quanto os membros que frequentarão a igreja estarão interligados, um não existe sem o outro.

Na medida em que somos mais dependentes dos outros do que eles são de nós, este tem poder sobre nós, que nós tenhamos tornado dependente deles pela utilização que fizeram da força bruta ou pela necessidade de sermos amados, pela necessidade de

dinheiro, **de cura** (grifo nosso), de estatuto, de uma carreira ou simplesmente de estímulo. (ELIAS 2008 p. 101)

Outras reflexões podem ser ancoradas em Pierre Bourdieu, no que ele chamou de Campo de poder, como espaço de tensões e lutas diz que

*[...] constituye un sistema de líneas de fuerza; esto es, los agentes os sistemas de agentes que forman parte de el pueden describirse como fuerzas que, al surgir, se oponen y se agregan, confiriéndole su estructura específica em un momento dado del tiempo” (BOURDIEU, 2002, p. 9).*

As palavras bourdieunianas podem ser interpretadas como um conjunto de pessoas disputando posições de poder dentro de um espaço simbólico, que ele chamou de “Campo”, neste caso, seria o campo religioso, então, aquele que detém o maior capital social, (que não se restringe ao econômico) em forma de conhecimentos, prestígios, concentrará maior poder, ressaltando que o poder será consolidado na medida em que haja aceitação entre os membros. Na visão bourdieuniana,

A autoridade propriamente religiosa e a força temporal que as diferentes instâncias religiosas podem mobilizar em sua luta pela legitimidade religiosa dependem diretamente do peso dos leigos por elas mobilizados na estrutura de força entre as classes. (BOURDIEU 2002, p. 70).

Entende-se que o “dono” de uma Igreja do Santo Daime, está inserido no campo e sistema de forças descrito por Bourdieu, posto que detenha conhecimentos da doutrina de Mestre Irineu com adoção da linha de Padrinho Sebastião Mota de Melo, por ser proprietário de um terreno onde cultiva as plantas sagradas, a matéria prima do chá *ayahuasca* e por ser associado a Céu de Mapia, leia-se – Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal – ICEFLU/Boca do Acre-AM.

Por executar o calendário de rituais e ter conhecimento do feitiço (como preparar o chá), dentre muitos saberes da doutrina, e, principalmente a fé de que o chá do Santo Daime é um sacramento, por meio da qual se obtém curas através do autoconhecimento proporcionado pela expansão da consciência, tendo as figuras de Mestre Irineu e Padrinho Sebastião como mensageiros da paz, força e amor, numa posição análoga a Jesus Cristo, simbolizada pela cruz de duas hastes, um dos principais símbolos da fé Daimista.

Quanto a União do Vegetal, possuem uma figuração centralizada, um novo núcleo só é formado quando a quantidade de pessoas de um determinado Núcleo extrapola a capacidade deste, sendo designado um Mestre para dirigir o novo núcleo.

Dessa maneira, as figurações enquanto estrutura de pessoas mutuamente orientadas, umas às outras revelaram relações de interdependência funcional entre os sujeitos da Rua

Caravele, por meio de tensões sociais, ambientais as quais seguem conforme as transformações sociais visíveis ou invisíveis em seu próprio ambiente ou comunidades próxima, como a comunidade Paraíso Tropical em sua rotina.

O cotidiano é a história vivida dia após dia entre os diversos atores sociais, o bairro demarca o espaço urbano que divide a cidade. Em uma visão simplista e até “romântica” os moradores se identificam, se socializam, criando laços afetivos e sentimentos de pertença, o bairro é um espaço de convívio mútuo, durante os dias da pesquisa de campo na comunidade Paraíso Tropical em que fiquei de “campana” na taberna para colher entrevistas, percebi práticas antigas como comprar fiado, revelando relações de confiança entre os sujeitos.

Vida privada e vida cotidiana como objetos de conhecimento científico são temas da atualidade, são temas da consciência social contemporânea e o são porquê de algum modo são problemas para a sociedade. (MARTINS, 2000, p. 95)

Destarte, é na vida cotidiana que o ser social ora se recolhe ora se expõem conforme seus anseios, medos ou interesses, nas palavras de Martins (2000) torna-se cotidianidade, ou seja, um dia a dia alienado, sem sentidos, ou como diz uma frase de efeito, “viver um dia de cada vez” é o que se percebe na fala dos moradores da Comunidade Paraíso Tropical, confirmando a análise do estudioso ao se referir ao tempo da vida cotidiana como um tempo sem duração, vivido no instante, no agora.

Nem sempre “a proximidade espacial cria um conhecimento mútuo, pelo menos aproximativo” (PROST, 1992, p. 116), por outro lado às redes sociais, exercem hoje, importante papel para aproximação e construção de novas relações sociais, mais não substituem os afetos, amizade e solidariedade, vai longe o tempo em que vizinhos partilhavam uma xícara de sal, açúcar, etc., ou jogavam conversa fora sob o balançar das antigas cadeiras de “macarrão”, colocadas estrategicamente à frente das casas, preferencialmente ao entardecer, refletindo Bauman, trocamos uma porção de felicidade por um quinhão de segurança, formando uma sociedade individualizada, enclausurada.

As Igrejas *ayahuasqueiras/hoasqueiras* estão estabelecidas a Rua Caravele há mais tempo que os moradores da comunidade Paraíso Tropical, independente dessa comunidade ser uma ocupação desordenada, indígenas e não indígenas tornaram esse espaço, seu lugar de moradia, mais, não há encontros no dia a dia entre estes, de maneira a estabelecer vínculos de amizade, fraternidade.

Assim diz a moradora (M.42 anos) do lote laranja, “todo mundo pensa que somos bandidos, que invadimos terra para enricar, pegar o terreno e vender, tem muito vagabundo



que faz isso, mais isso tem em todo lugar”, criando categorias entre os com lotes regularizados (empresários) e os sem lotes regularizados.

Poderíamos afirmar que consolida na comunidade Paraíso Tropical uma espécie de estratificação social, de um lado proprietários de lotes regularizados (maioria empresários), de outros moradores de lotes não regularizados facilmente percebido pelas ligações clandestinas de energia à frente das casas, tais diferenças, implícitas ou explícitas, se aceitas de maneira geral, torna-se parte da própria organização da vida cotidiana (HILLMAN, 1974).

Por outras palavras, em uma sociedade capitalista, a pobreza não tem lugar, foi depositada no residual urbano, nas periferias e nas favelas (MARTINS, 2000).

A entrada para a comunidade Paraíso Tropical, caracterizada no Cap. IV deste estudo está localizada praticamente à frente da Rua Caravele, na Avenida do Turismo, os moradores enfrentam questões legais quanto regularização dos lotes, tal situação dificultou a realização dessa pesquisa, pelo medo destes em dar informações, alguns concordaram em participar da pesquisa, com a condição de não assinarem o termo de livre consentimento, retardando a realização da mesma, as figuras (47, 48 e 49) demonstram o contraste entre a Avenida principal e as demais ruas da comunidade, bem como as moradias dispersas.

**Figura 47 - Avenida Principal da comunidade . Figura 48 - Rua Transversal - CPT**



Fonte: Acervo da autora, (2019)



Fonte: Acervo da autora (2019)

**Figura 49 – Moradias a margem esquerda da Avenida Principal - CPT**



Fonte: acervo autora, (2019).

Quem desce à ladeira de aproximadamente três quilômetros da Avenida principal que dá acesso à comunidade Paraíso Tropical tem-se a visão do vazio, há diversos lotes a venda, do lado esquerdo da Avenida não há moradias. Do lado oposto, assim que se avistam as primeiras casas, nota-se o levantamento de muro, separar e manter distância são uma espécie de estratégia de luta urbana pela sobrevivência, posto que a casa seja construída para proteger o ser social e não para integrá-lo a comunidade. (BAUMAN, 2007).

Em relação a possíveis interações com os religiosos *ayahuasqueiros/hoasqueiros* da Rua Caravele, resultados preliminares, demonstram que são mínimos, mais que existem pequenas relações de interdependências funcionais: um pedreiro que é chamado para serviços de construção ou reparos nas igrejas, uma diarista que faz faxina na casa de um religioso, ou qualquer trabalho sazonal que requeira mão de obra emergencial pode ser atendida por indivíduos residentes na comunidade, mesmo porque o trabalho com a preparação das práticas ritualísticas do Santo Daime e União do Vegetal seja realizada de forma voluntária pelos seus membros, conforme diz Juliana Belota,

Essa grande invasão Paraíso Tropical, virou uma grande periferia, não temos como se integralizar com esse processo que é muito intenso, as pessoas que invadiram desconfiguraram a comunidade, o Santo Daime tem movimento de integralização com o Bairro Nações indígena, seus representantes em geral... Não sou só eu com a Pousada que emprego algumas pessoas, mantendo relações de amizade, sociabilidade, não só com a questão do ayahuasca, mas pela vulnerabilidade social deste, pois sofrem a intervenção policial, são levados a Procuradoria Geral, que não chega a tomar a terra, mais estabelecem uma série de condições dentro de uma perspectiva tradicional. (BELOTA,2018).

A fala de Juliana direcionada aos indígenas manifesta preocupação pelos problemas enfrentados por essa minoria, porém, a comunidade Paraíso Tropical possui outros atores em situação de vulnerabilidade social, como venezuelanos e os não indígenas que residem à frente e nas laterais das ruas ocupadas pelos indígenas, os quais adquiriram lotes de terceiros, inclusive dos primeiros grupos indígenas que ocuparam a área.

Durante as incursões pela comunidade os resultados apontam que poucos moradores da comunidade conhecem as Igrejas *ayahuasqueiras* da Rua Caravele.

Quanto às necessidades de saúde, estudo, lazer e segurança pública, os moradores dessa comunidade se dirigem as comunidades mais próximas, como Parque Riachuelo, Campos Sales e Parque São Pedro. Em relação à religião, nota-se a presença de várias igrejas evangélicas no entorno destas, na apuração dos resultados, será apresentado, a religião professada pelos moradores da comunidade.

Apesar da presença de diversas empresas na localidade, segundo o morador (J. 38 anos) do lote amarelo, “eles não gostam de empregar ninguém daqui, pensam que somos bandidos”, outro problema relatado pela moradora é a questão das drogas, continua... “fecho meu comércio as 20 hs, pois logo começa um entre e sai de carros, que ninguém sabe quem são e o que vieram fazer para essas bandas”.

Sobre a questão de as empresas não absorver mão de obra da comunidade, conversei com uma empresa local, que concedeu a seguinte entrevista,

É verdade, não empregamos pessoas aqui de perto, estatisticamente está comprovado que quando o empregado mora próximo, ele atrasa muito, já empregamos no passado e não deu certo. Tem também a questão da escolaridade, aqui só é admitido com o segundo grau. (EMPRESA Z)

No cotidiano da cidade, comunidade, do bairro ou das ruas, há cidadãos de primeira, segunda, terceira classe e cidadãos sem voz, sem espaços com pouco acesso às instituições públicas e privadas (VELHO, 1997, p. 146). Em *A Natureza do Espaço, Técnica e Razão*, Santos (2001, p. 317) disse que cada lugar é, a sua maneira o mundo, e que o espaço é um conjunto de homens com práticas desiguais, cujo uso, “tem que ser disputado a cada instante, em função da força de cada um”.

Não sei! Expressa as respostas dos *ayahuasqueiro/hoasqueiros* da Rua Caravele, quando perguntado se sabe o nome da comunidade vizinha, do outro lado da Avenida do Turismo. Há diversos fatores que distanciam os protagonistas desse estudo, a começar pela avenida que os separa, pelo isolamento das igrejas por entre as matas e pelo padrão de comportamento que deve ser adotado pelos religiosos *ayahuasqueiros/hoasqueiros*, quanto à

discrição de seus rituais no uso da *ayahuasca*, tanto pelo convencimento espiritual, conforme já relatado, como pela Resolução do Conselho Nacional Antidrogas – CONAD, que orienta quanto à postura a ser adotada perante a sociedade de forma geral, Santos (2001) ao explicar sobre as relações sociais de vizinhança, disse que, “tal sociabilidade será tanto mais intensa quanto maior a proximidade entre as pessoas envolvidas”, o que efetivamente não é o caso.

A comunidade por ser uma área de ocupações desordenadas, não é atendida pelos serviços públicos, obviamente que ninguém pode trazer para si, uma responsabilidade que é do poder público quanto ao atendimento das necessidades básicas: saúde, escolas, água tratada e energia elétrica, contudo, o ser humano socializa com outros de sua espécie por interesses, necessidade, afinidades, em grupos, irmandades, mais, fora todos esses interesses e grupos específicos, esses encontros podem ser marcados pelo sentimento de ajuda mútua, chamado por Simmel (2006) de sociabilidade, assim diz,

O impulso da sociabilidade em sua pura afetividade se desvencilha das realidades da vida social e do mero processo de sociação como valor e como felicidade... ultrapassa atritos e classes mais simples, por preencher a vida, coisa que o racionalismo busca nos conteúdos concretos. (SIMMEL, 2006, p. 64).

Na visão de Norbert Elias (2008), a história, os fenômenos sociais e culturais são marcados por longos processos de transformações sociais, confrontando os saberes adquiridos, surgindo novas figurações como uma espécie de amalgama que liga todos em uma rede de interdependências funcionais.

O cenário de não proximidade entre os sujeitos desta pesquisa, quiçá poderá ser alterado no futuro, na medida em que as pesquisas científicas avançam na descoberta das propriedades terapêuticas do chá *ayahuasca* para tratamento de doenças como a depressão, de maneira que os *ayahuasqueiros/hoasqueiros* possam convidar a vizinhança para participar da comunhão do chá, promovendo transformações no âmbito das relações sociais de vizinhança na comunidade onde estas estão inseridas, transformando o uso do chá *ayahuasca/hoasca* em uma ação solidária e beneficente.

A solidariedade, por se tratar do sentimento de identificar-se em relação ao sofrimento do outro, pode trazer a motivação necessária para agir em prol daqueles que sofrem, sendo as relações sociais de vizinhança formadas a partir de redes de solidariedade, por outro lado, a violência e insegurança do lugar onde se vive, assim como o efeito de uma sociedade individualista, “cada um por si”, fragilizam atitudes solidárias, esvaziando as palavras bíblicas, “mais bem aventuradas é dar que receber” Bíblia (1969, p. 169).

Repito as palavras de Bauman (1998 p.44) “as pessoas trocaram um quinhão de felicidade, por um quinhão de segurança”, ou seja, a felicidade em dar, fora trocada pela segurança.

Por outro lado, a manifestação de solidariedade a favor de uma comunidade é desestimulada pela existência de barreiras sociais que impedem aproximações, fora questões religiosas, o medo, estigmas e preconceitos são por vezes muralhas intransponíveis.

Segundo Mauss (1974), não há contradição entre a experiência da solidariedade comunitária e a espontaneidade da dádiva que representa uma forma de contrato voluntário ou um sistema de trocas, oriundo de vários acontecimentos na sociedade, nascimento, enfermidades, ritos e trabalhos realizados sem a intenção de auferir vantagem por um dos lados, sem a existência de motivações econômicas ou ganhos pecuniários, o pensador faz alusão ao fato de que o ser social ao ser solidário (colocar-se no lugar do outro) pode ser motivado a doar algo que o outro necessite em várias situações que acontecem na vida em sociedade, doenças, desemprego, fome, etc.

Mauss (1974) em *Ensaio Sobre a Dádiva Forma e Razão da Troca nas Sociedades Primitivas* (1974), analisou o significado de elementos presentes em rituais africanos que colaboraram para formação de uma teoria geral da obrigação, que versa sobre as relações formais de troca (contratos) embasando áreas do direito civil nas sociedades modernas. Segundo Mauss não se tratavam de rituais de simples trocas de bens, riquezas entre indivíduos, posto que envolvesse toda a coletividade, as dádivas trocadas deveriam ser retribuídas, assim diz, “dois elementos essenciais do *potlach* propriamente dito estão claramente atestados: a honra e a obrigação de retribuir as dádivas recebidas” (MAUSS, 1974, p. 50). Presentear alguma coisa a alguém é presentear a si.

É preciso retribuir a outrem aquilo que na verdade é parcela de sua natureza e substância, aceitar alguma coisa de alguém, é aceitar alguma coisa de sua essência espiritual, de sua alma. (MAUSS, 1974, p. 56)

Segundo o *Dicionário Aulete*, a solidariedade cultural do ser social, histórico e ativo na sociedade o faz identificar-se com os problemas dos outros, o levando a ajudar o outro por laço de união fraternal, amizade, companheirismo e irmandade (AULETE; GEIGER, 2019).

A vida em sociedade liga a todos de alguma forma, há sempre um encontro, uma dependência, por menor que seja eis o cerne da teoria eliasiana. Os resultados demonstrarão que apesar do distanciamento entre os sujeitos da pesquisa, pelas razões explicitadas, há relações de interdependências funcionais dentro de figurações específicas.

As religiões *ayahuasqueiras/hoasqueira* no âmbito da solidariedade, das dádivas que se manifestam também por meio de ações de beneficência, destacam-se as ações sociais dos membros da União do Vegetal, as quais receberam o reconhecimento do poder público, através de títulos de utilidade pública federal, estadual e municipal, onde Núcleos regionais foram laureados, mais, não há nenhum título municipal ou estadual concedido para Núcleos da UDV, estabelecidos em Manaus/Amazonas.

Associação Beneficente Casa da União foi à primeira entidade beneficente da UDV, criada em 10 de fevereiro de 1982, em Brasília (DF), atualmente, são 30 entidades beneficentes dirigidas por sócios e vinculadas a Núcleos do Centro Espirita Beneficente União do Vegetal, elas prestam atendimento social, educacional, médico-hospitalar, financeiro e cultural a sócios do centro e da comunidade nos quais os Núcleos estão inseridos. (UDV, 2018).

Segundo a Coordenação de Beneficência do Núcleo Tiuaco, cada coordenação de Núcleo tem um plano de curto, médio e longo prazo, no ano de 2018, realizaram um trabalho com os idosos do núcleo, acima dos 80 anos que moram sozinhos para assistir um cinema.

O Núcleo Menino Deus, localizado também no Bairro Tarumã, distribui garrafadas de ervas medicinais (remédio caseiro) que são produzidas fora desse Núcleo, voltadas para atendimento as pessoas da comunidade de forma geral, a Coordenadora de Beneficência do Núcleo Tiuaco concedeu a seguinte entrevista,

O Departamento de Beneficência da União do Vegetal vem se estruturando com o passar do tempo, o uso do vegetal pra gente já é um benefício enorme tá aberto a toda a comunidade, as pessoas que sabem que aqui tem o chá podem vir e usufruir desse benefício ela já chega..., agora esse trabalho de atender as pessoas é feito de maneira geral pela Casa da União, não departamentalizada por cada Núcleo, a presidente da Casa União promove essa ação e todos os monitores de cada Núcleo aderem, por exemplo, tem frequência de sopa lá no CECON (SANTOS 2018).

Em relação à Comunidade Paraíso Tropical, a Coordenação de Beneficência do Núcleo Tiuaco não conhece,

Eu realmente não conheço essa comunidade a Associação é discreta, para gente ir lá, não há diretriz formal, a União do Vegetal trabalha dentro de grande obediência pra gente não se envolver com situações que envolvam responsabilidades maior perante as autoridades locais, recentemente, arrecadamos alimentos para os venezuelanos, posteriormente para os moradores que perderam suas casas no incêndio no bairro de educandos. Mais já existe dentro do âmbito da União do Vegetal diretriz de atendimento a comunidade como o dia do bem, quem está na rua pode se beneficiar, aonde as pessoas podem tirar identidades, marcar consultas de clínica geral, encaminhamento de exames, escolhemos uma área, que poder ser lá, poder ser lá, mais não há diretriz (SANTOS, 2018).

O fato de que poucos membros da UDV morem nas proximidades da Comunidade Paraíso Tropical dificulta um intercâmbio de notícias sobre seus moradores, da mesma forma

o acesso a esta se dá atravessando Avenida do Turismo, pouco à frente da entrada da Rua Caravele, tornando a pequenina Comunidade um tanto quanto invisível.

Em relação ao conhecimento dos membros das Igrejas do Santo Daime sobre essa comunidade, as interações são também funcionais, segundo Juliana Belota, presidente da Associação de Moradores da Rua Caravele, há projetos, de levar atividades culturais à pequena comunidade indígena, inserida naquela comunidade, tais como artesanato, mais de uma forma geral desconhecem a comunidade Paraíso Tropical.

As sociedades se desenvolvem quando seus indivíduos aprendem a estabilizar suas relações, a dar, receber, retribuir e trocar, este é um dos grandes segredos da solidariedade (MAUSS, 1974). Para Bauman (2007), há um senso palpável e crescente de desconexão local em relação a lugares e pessoas fisicamente próximas, mas social e economicamente distantes.

Com efeito, a vida moderna, não deixa espaços para fixar o olhar às partes, a falta de contatos permanentes que contrabalanceie o isolamento cultural, material ou religioso deságua na impossibilidade de manifestar sentimento de solidariedade, afinal, existe um todo de infortúnios a clamar por solidariedade, beneficência ou dádivas, atendidas ou não, ora pela doação de um prato de sopa, ora pela impossibilidade de oferecer uma xícara de chá.

## ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após apresentação dos sujeitos da pesquisa, figurações e relações de interdependências funcionais, aspectos sociais, históricos e em conformidade com a metodologia empregada nesse estudo, apresento o resultado da aplicação do formulário/questionário a 52 moradores da comunidade Paraíso Tropical, os participantes responderam sim ou não a nove perguntas formuladas, e na sequência o resultados das entrevistas semiestruturadas realizadas com 23 membros dos grupos religiosos *ayahuasqueiro/hoasqueiros* da Rua Caravele, acatando princípios éticos, todos os participantes que responderam as questões que lhe foram formuladas, não serão identificados.

### 6.1 – Comunidade Paraíso Tropical.

Os 52 moradores entrevistados moram em lotes não regularizados, na ocasião da pesquisa, percebi grande desconfiança por parte dos moradores, situação amenizada com o passar dos dias, a tentativa de conversar com o administrador do grupo de *whatsapp* da comunidade foi infrutífera, disse-me uma moradora, a quem darei o nome fictício de “Bella flor”, “aqui de vez em quando vem muita gente querendo saber sobre nossa situação, mais a ordem é não assinar nenhum papel”, a fala do ser social, revela medo pela situação de ilegalidade que vivem.

Dessa feita, adotei como estratégia “montar campana” em uma taberna/padaria na esquina que dá acesso as ruas dos não indígenas, contei com ajuda prestimosa da proprietária do estabelecimento que me indicava quem morava nas três ruas logo abaixo, relatando algumas situações vivenciadas pelos moradores, como a questão das empresas que não empregam moradores da comunidade, observei práticas antigas, como a venda no “fiado”, revelando laços de confiança entre os sujeitos.

Em relação ao perfil dos sujeitos entrevistados as tabelas (3 e 4) são autoexplicativas, a média de idade é de 39 anos, sendo que 48,98% dos participantes moram na comunidade a mais de cinco anos revelando estabilidade, posto que essas ocupações desordenadas sejam datadas de 2011 sendo predominante o gênero masculino com 61,54%, normalmente as invasões são lideradas por homens.



**Tabela 3 Faixa etária dos participantes**

Variável	N	N*	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Q1	Mediana	Q3	Máximo
Idade	52	0	39,94	11,28	23,00	29,50	38,00	46,00	72,00

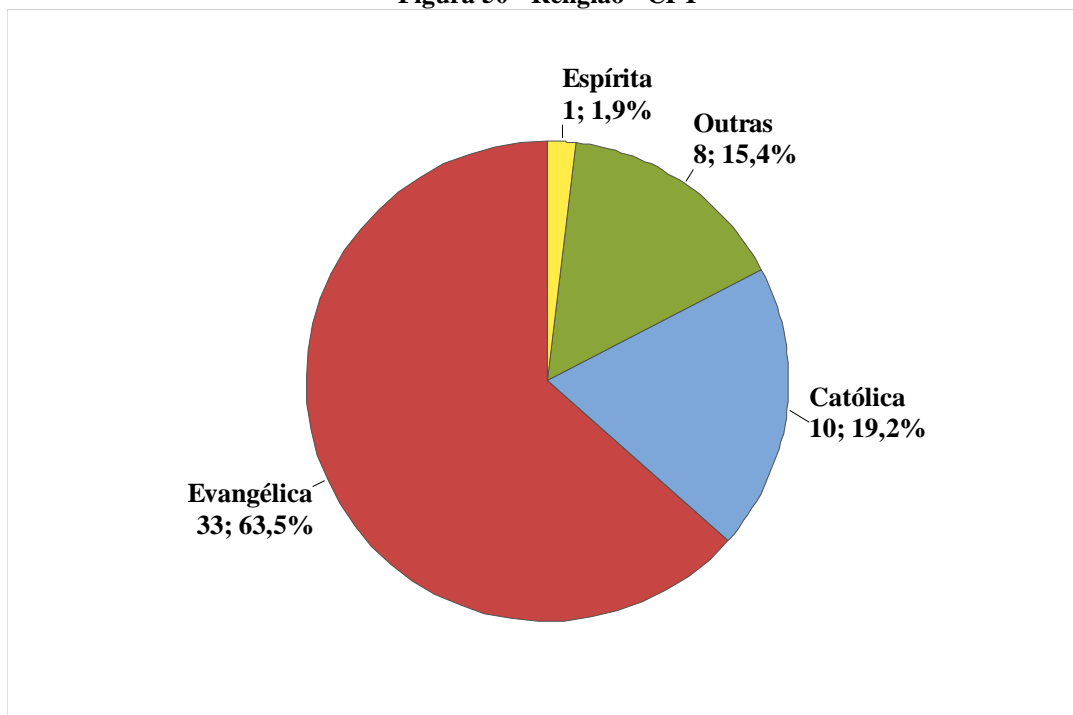
Fonte: Dados da pesquisa (2019)

**Tabela 4 Tempo de moradia e gênero**

Tempo de moradia	Contagem	%	Gênero	Contagem	%
Até 1 ano	10	20,41	Feminino	20	38,46
Entre 1 e 5 anos	15	30,61	Masculino	32	61,54
Mais de 5 anos	24	48,98	N=	52	
N=	49				
*=	3				

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

**Figura 50** - expressa que a maioria (63,5%) dos sujeitos respondeu evangélica como religião professada, nas incursões a comunidade, e especificamente na área da pesquisa, contamos 05 igrejas evangélicas, principalmente – pentecostais.

**Figura 50 - Religião - CPT**

Fonte: Dados da pesquisa, 2019

A medida em que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – 2010, concluiu que o catolicismo perdeu fiéis, inversamente o número de evangélicos cresceu, diz a matéria publicada,

O número de cristãos evangélicos no país cresceu 61% em 10 anos. Havia, em 2010, 42.310.000 evangélicos no Brasil, 22,2% da população, até 2020, não haverá um novo censo oficial, embora existam estudos periódicos que servem para mostrar tendências estatísticas. Com base em um desses estudos, José Eustáquio Diniz Alves, demógrafo da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do IBGE, afirma que essa tendência é mantida e que, “é possível que em 10 ou 15 anos, o Brasil não tenha mais a maioria da população católica. (GUIAME, 2018)

Segundo Miranda (2017), os efeitos da crise econômica contribuíram para o aumento das igrejas evangélicas, principalmente nas periferias das grandes cidades, atraindo principalmente negros e pobres, a rede de solidariedade e cultura da filantropia, levam ao crescimento dessa vertente religiosa, assim diz,

Dentro desse processo alguns estudos analisam o crescimento de igrejas pentecostais como a Assembleia de Deus, como “sistema de franquia” e ainda organizada em forma de “dinastia”, segundo o Reitor da Faculdade de Educação e Teologia e Presidente da Ordem Federal de Teólogos do Brasil, Jorge Leibe de Souza Pereira vê outras explicações para o fenômeno, entre eles o fortalecimento da teologia da prosperidade, que prega a qualidade de vida, levam as pessoas a aspirarem coisa melhor, não na eternidade, mais no presente. (MIRANDA, 2017, p.2).

Segundo Berger (2017),

O pentecostalismo moderno deve ser o movimento que mais rapidamente cresce na história. O Fórum Eclesiástico sobre religião e vida pública, de Washington, opera o mais confiável censo religioso em curso. Uma estimativa recente é de cerca de 600 milhões de pentecostais (ou cristãos carismáticos) os termos são mais ou menos sinônimos. (BERGER, 2017, p. 59).

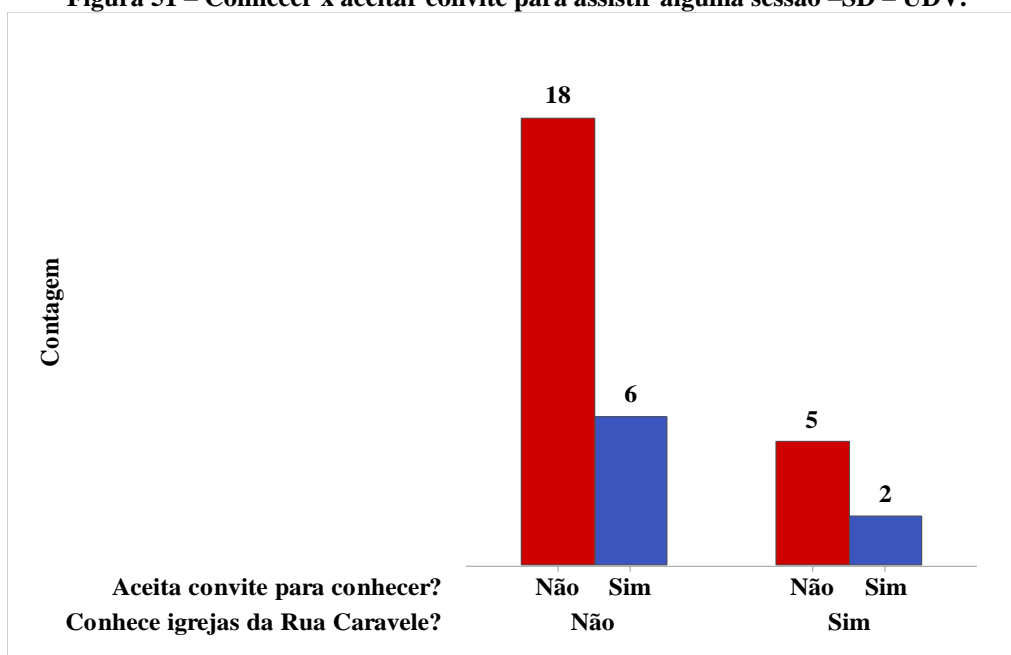
O ser social é multifacetado Barros e Mauricio (2009), ultrapassa obstáculos para a realização de seus cultos, na comunidade é comum se deparar com moradores fazendo a leitura do que pude identificar como sendo a Bíblia debaixo de árvores e ao caminhar pelas ruas enlameadas, ouve-se músicas e orações propagadas por meio de caixas de som, alguns cultos ocorrem em locais improvisados como nos fundos dos quintais das casas em terra batida, indicando o nascimento de mais uma igreja na comunidade.

**Figura 51** – responde se os moradores conhecem ou não, as Igrejas do Santo Daime e União do Vegetal estabelecidas á Rua Caravele, 18 participantes disseram não, não conheço, a estes perguntamos se aceitariam um convite para participar do ritual *ayahuasqueiro*, somente 2 disseram que sim, aceitariam o convite.

Em sendo a maioria dos sujeitos da comunidade evangélicos conforme demonstrou a figura (50), faz sentido o resultado. Os Evangélicos de uma forma geral, especialmente a vertente pentecostal não vê com bons olhos religiões sincréticas.

Segundo Berger (1985), os pentecostais acreditam que os rituais ligados as religiões de matriz afro fazem apologia ao satanismo com reverências a demônios e outras entidades espirituais do mau.

**Figura 51 – Conhecer x aceitar convite para assistir alguma sessão –SD – UDV.**



Fonte: Dados da pesquisa, 2019

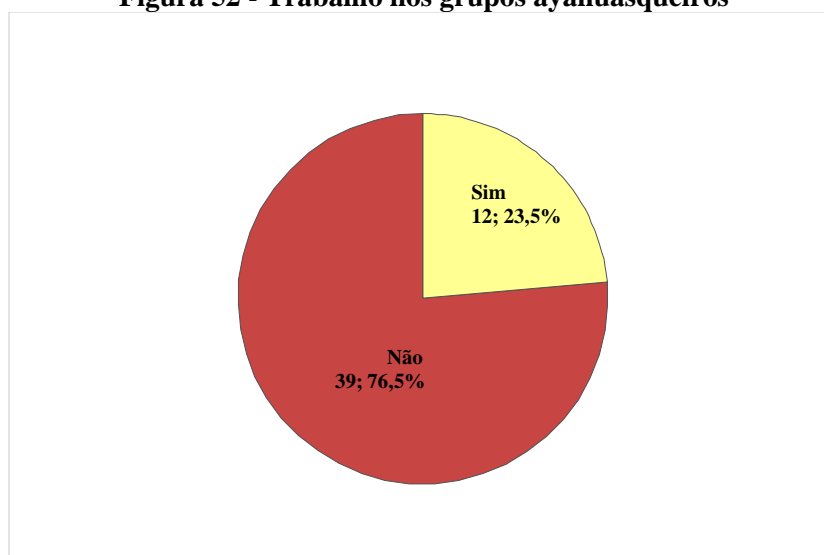
No entanto, Ammerman (2005) contrapõem Berger (1985), ao refletir sobre pluralismo religioso na vida cotidiana em comunidades americanas e mexicanas, diz,

Os pentecostais americanos e mexicanos ...podem realizar o culto separadamente no fim da semana, mas podem também trabalhar lado a lado numa cozinha pública para os pobres ...este ecumenismo ao nível de rua é outra maneira de pluralismo...empenham-se numa convivência com os outros, no seu ambiente social, evitando contradições diretas e chegando acordos com base no viver-e-deixar-viver. (AMMERMAN, 2005, p. 289-301)

Alguns sujeitos demonstraram curiosidade a respeito da pesquisa, pediram mais esclarecimentos, outros diziam, “nada haver com a minha fé”, na sociedade moderna e na vida cotidiana, encontros e desnecontros fazem parte das redes de interdependências, laços situacionais podem mudar conforme a convivência.

**Figura 52** – Perguntamos aos sujeitos se estes já realizaram algum trabalho, como por exemplo, pedreiro, carpinteiro, mateiro ou doméstico em algum dos grupos religiosos da Rua Caravele, 12 sujeitos responderam sim, destes, 04 concordaram em assinar o termo de livre consentimento, 08 sujeitos concordaram em participar sob a condição de não se identificar, o que claramente foi respeitado, mais, indaguei os motivos e transcrevo a fala de um deles sob o nome fictício de “Tarumã”, “ não quero perder esse bico, sei lá se eles vão gostar da gente ficar dizendo que trabalhou lá”. Revelando como já dissertado, as teias finas e invisíveis que ligam os protagonistas desse estudo, sustentado por Norbert Elias (2008) por meio das redes de interdependências funcionais.

**Figura 52 - Trabalho nos grupos ayahuasqueiros**

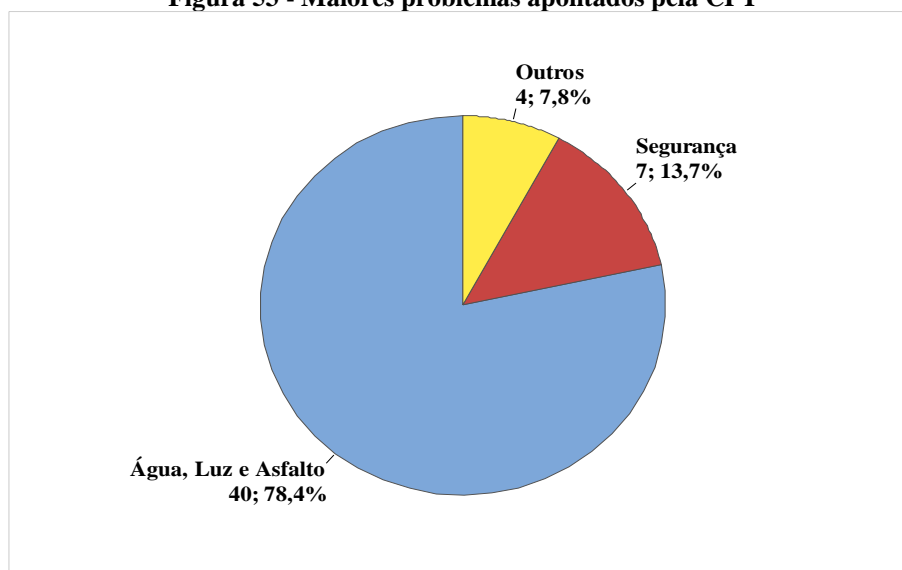


Fonte: Dados da pesquisa, 2019

Percebi boa receptividade e relações de amizade em relação aos grupos religiosos *ayahuasqueiros/hoasqueiros*, boa acolhida e relações de trabalho, porém, os entrevistados fizeram questão de deixar claro que as relações se restringem ao trabalho e que não conhecem nada sobre as Igrejas Santo Daime e União do Vegetal da Rua Caravele, essa postura lembra um dito popular, “ não sei, não vi e não quero saber” .

**Figura 53** - revela que 78,4% dos sujeitos participantes da pesquisa, apontaram como os maiores problemas sociais da comunidade, a falta de água encanada, luz e asfalto, apesar de que os próprios moradores proveram a solução, água é usada dos poços artesianos sob controle dos indígenas, energia elétrica é garantida pelo popular “gato”, sendo o asfalto o item que estes não tem como trazer á porta das casas, ocasionando grandes transtornos durante o inverno amazônico.

**Figura 53 - Maiores problemas apontados pela CPT**



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Entende-se que os sujeitos buscam cidadania e direitos sociais, é como se não existissem para o Estado, uma moradora relatou que não consegue comprar nada a prazo por não ter comprovante de água ou luz, precisa do favor alheio para tanto.

Segundo Marshall (1967) o conceito de cidadania pode se dividir em três partes: civil; composto por direitos relativos a liberdade individual, de crença, a propriedade privada, a justiça, dentre outros, política; o direito de participar do poder público, votar e ser votado e o social; o direito a um bem estar mínimo que garanta qualidade de vida, assegurados pelo Estado.

O art 6º da Constituição Federal de 1988, define uma série de direitos sociais, regulamentados por outras leis, como por exemplo, educação, saúde, alimentação, trabalho, moradia, transporte, lazer, segurança, Previdência Social, dentre outros, porém, populações carentes, desconhecem seus direitos ou não tem condições de exigilos efetivamente, infelizmente a desigualdade social no Brasil é promovida pela divisão em classes sociais, os privilegiados (1ª classe) o poder econômico permite resolver seus problemas, os de segunda classe são sujeitos aos rigores e benefícios da lei e os de terceira classe, que são as populações marginalizadas, residentes nas periferias das grandes cidades brasileiras.

O acesso a energia elétrica pode tornar-se direito social estendido a todos os brasileiros, a Proposta de Emenda Constitucional 44/2017, deverá alterar o artigo 6º da Constituição Federal, segundo o Senador Telmário Mota (PTB-RR),

o acesso á energia elétrica é de fundamental importância para garantir a dignidade humana, quando a gente torna (o acesso á energia elétrica) um direito social previsto

na constituição, assim como a educação, saúde, transporte, segurança, etc, isso passa a ser obrigação e não programa de governo “A” ou “B”. (MOTA,2017).

Consultado o site do Senado Federal, consta como Relator atual: Senador Zequinha Marinho em 30/04/2019 – Comissão, Justiça e Cidadania (Secretária de Apoio à Comissão, Justiça e Cidadania) cujo último status diz, ” Pronta Para a Pauta na Comissão” Mota (2017) , a questão que se coloca no futuro dos moradores da Comunidade Paraíso Tropical é o conhecimento sobre esse direito social e como exigí-lo, posto que o poder público os considera como invasores, em outra análise, fica a pergunta, qual será o tratamento do Governo a essas populações, de maneira a assegurar esse direito social caso seja aprovado a proposta a emenda da Constituição n° 44?, assunto que enseja análises de outras áreas do conhecimento, como o direito, não contemplado nesse estudo.

Quanto à água o Caput do artigo 5° da Constituição Federal do Brasil de 1988, afirma que o direito à vida é uma garantia inviolável de todos os brasileiros e estrangeiros residentes no País, e a vida depende do acesso à água potável, sem esta não há vida, “negar água ao ser humano é negar-lhe o direito à vida” (MACHADO, 2002, p.13). O direito humano a água é o direito de todos disporem de água suficiente, potável, consumível, acessível e a preço razoável para uso pessoal e doméstico, infelizmente para a Comunidade Paraíso Tropical, não há luz no final do túnel no sentido de formalizar/legalizar esse acesso, por analogia do asfalto também.

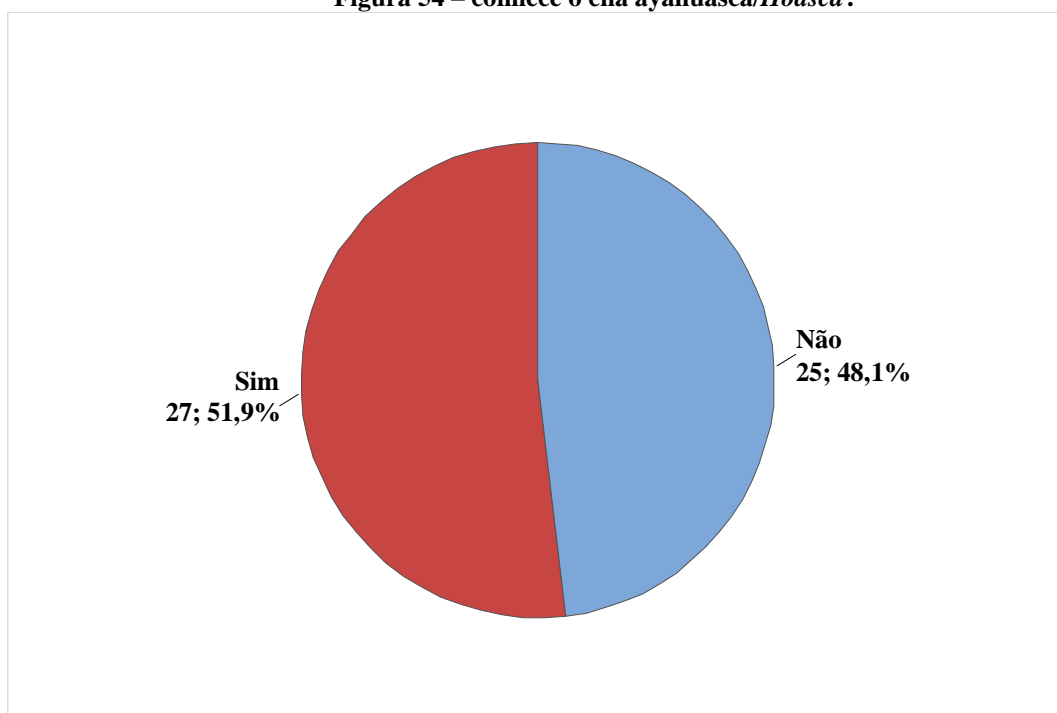
A segurança é apontada como o segundo maior problema da comunidade, cerca de 13%, fui diversas vezes alertada para ter cuidado com minhas andanças pelas ruas da comunidade, por conta da insegurança, a Delegacia mais próxima fica na comunidade Campos Sales.

**Figura 54** - revela se os sujeitos da pesquisa conhecem ou não o chá *ayahuasca* ou *Hoasca*, para nossa surpresa 51,9% afirmaram conhecer, as respostas a esse questionamento deixam um rastro de dúvidas quando comparado ao resultado da pergunta n° 2 sobre conhecer ou não as Igrejas do Santo Daime (nome mais conhecido do que *ayahuasca/Hoasca*), 18 participantes responderam não, ou seja, 34% disseram que não conhecem. O fato da pergunta se referir a bebida como “chá”, nos faz refletir em duas direções, a) cultura, em várias casas da comunidade, percebem-se plantas que produzem chá, como capim santo, erva cidreira, hortelãzinha dentre outros.

Segundo Jorge (2015), a bebida mais consumida no mundo é o chá, o uso do chá começou a ter um caráter medicinal e usado como bebida a partir da infusão das folhas de chá, á milênios, “chá” é uma planta, a *Camellia sinensis*, que traduzido do latim significa

“Camélia da China”, a bebida teve origem na civilização oriental, se incorporou em diversas culturas ocidentais, tornando-se parte de rituais e símbolos, o chá é sinônimo de requinte (chá das cinco – Inglaterra), de tradição (Japão/China), ou símbolos de fé e cura, como na religião do Santo Daime e União do Vegetal. A matéria prima do chá são plantas, ervas, amplamente descritas no livro sagrado dos cristãos, “aí de vocês, mestre da Lei e fariseus, hipócritas! Vocês dão o dízimo até da folha de hortelã, da erva doce e do cominho, mas se esquecem das coisas importantes – a justiça, a misericórdia e a fidelidade. (BIBLIA, 1969 p.809), tratei das plantas como origem das religiões *ayahuasqueiras* no Cap. II.

**Figura 54 – conhece o chá ayahuasca/Hoasca?**



Fonte: Dados da pesquisa, (2019)

b) indígenas e negros contribuíram para o surgimento de uma medicina popular, o chá *ayahuasca* procede do etnoconhecimento dos povos indígenas de origem inca, decerto, os indígenas vizinhos a esses moradores influenciaram nessas respostas posto que em algumas casas indígenas haja plantações do *Banisteriopsis caapi*, uma das plantas que produzem o chá *ayahuasca*.

**Figura 55** - perguntamos aos sujeitos se eles concordavam com a expressão popular “Religião não se discute”. Procuramos através de uma linguagem simples, um adágio popular, saber a concordância ou não quanto a discutir sobre religião, 88,5% responderam que concordavam que religião não deve ser discutida, deve ser respeitada.

Em princípio parece uma pergunta com resposta óbvia, mais o olhar do pesquisador deve sobressaltar o quantitativo para se deter no qualitativo, afirmar que “religião não se discute” tem-se como uma “verdade ocidental”, mais, a medida em que a conversa avançava para outros assuntos da vida em comunidade, pelos menos 06 pessoas me perguntaram detalhes sobre o assunto pesquisado e porque escrevo sobre essa temática e diante de minhas explicações recebi conselhos, observações para tomar cuidado “com isso”.

Segundo DaMatta (2010, p. 168), “o contato direto com o objeto de estudo, traz certos dilemas”, posto que o indivíduo diante do pesquisador pode apresentar uma linha de atuação desvinculada a preconceitos, assevera Goffman (2009),

Quando um indivíduo se apresenta diante de outros, terá motivos para procurar controlar a impressão que estes recebem da situação [...] outras vezes, o indivíduo estará agindo calculadamente, mas terá, em termos relativos, pouca consciência de estar procedendo assim. (GOFFMAN 2009, p. 11-23)

O autor usou os termos “representação” e “fachada” para analisar o comportamento do indivíduo entrevistado ou observado, o cenário, aparência, maneira de agir, a idealização dos valores reconhecidos e aceitos pela sociedade, o “politicamente correto” se ajusta a compreensão e às expectativas do saber viver em sociedade, “assim, quando o indivíduo apresenta seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade” (GOFFMAN 2009 p. 41)

**Figura 55 - Religião não se discute**



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.



Segundo o dicionário (Aulete, 2019), discussão é a análise minuciosa de um assunto, onde se levanta os prós e os contras, no campo de pesquisa somos apenas ouvintes e observadores, caso esse papel fosse abandonado, a religião *ayahuasqueira* seria motivo de discussão, não no sentido etimológico da palavra, mais no sentido da discordância.

**Figura 56 -** Perguntamos aos sujeitos da pesquisa se tem conhecimento de alguma ação social (beneficente) voltada para a comunidade Paraíso Tropical praticada por grupos religiosos, caso a resposta fosse SIM, foi solicitado que o participante assinalasse o nome do grupo religioso. O resultado apontou que 42 participantes desconhecem tais ações, um informou que conhece ações realizadas pela Igreja católica, 2 informaram que as Igrejas Evangélicas realizam aulas de alfabetização e leitura as pessoas da comunidade, 4 entrevistados, informaram outros grupos, se referiam a grupos políticos em épocas de campanha e aos grupos religiosos dos Mormons e das Testemunhas de Jeová, que batem de casa em casa.

Weber (2004) enfatiza que a sociologia se propõe a compreender as forças sociais, essas por sua vez, perpassam por noções de conduta ética, valores, gênese de sua obra referência, “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, analisou o significado da ação social por meio dos motivos que as determinam, uma ação é social quando é voltada para o outro, refere-se a quatro tipos de ações: a) ação social racional com relação a fins, tendo como elemento principal a racionalidade, escolhendo-se os meios para atingi-las b) ação social racional com relação a valores, não qual não é o fim que determina a ação, mais os valores, seja este moral, ético, político ou religioso, c) ação social afetiva determinado por afeto e estado sentimental do ser social, como por exemplo, orgulho, loucura, paixão etc. d) ação tradicional que tem como fonte motivadora a tradição e os costumes locais.

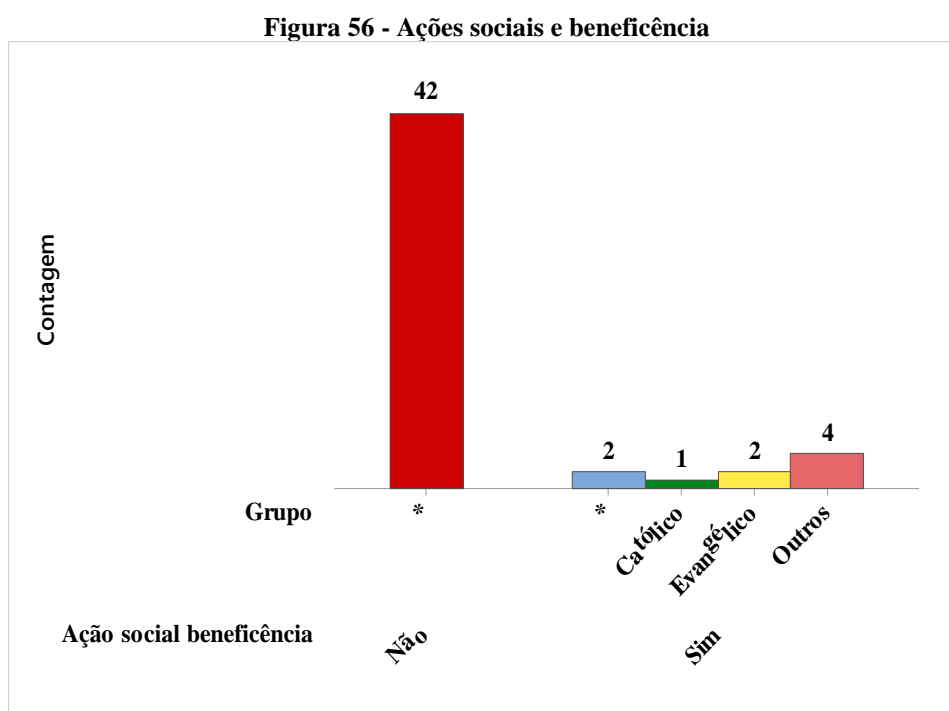
Segundo Norbert Elias (2008 p. 128),

Weber destruiu a sociedade transformando-a numa massa de ações mais ou menos desordenadas, efetuadas por indivíduos adultos separados, independentes e autoconfiantes...para aqueles que se inclinavam por esse modo de pensar, a sociedade humana surge como sendo um mero *flatus vocis*.

Em que pese à crítica um tanto quanto escatológica de Elias, em relação à análise weberiana, o mesmo reconheceu a grandeza e a importância desse pensador para a sociologia entendemos que em Weber (2004) o indivíduo é analisado por suas motivações os quais dão o *start* ou o ponto inicial para o “proceder” na direção do outro, motivados por valores morais, éticos, políticos, religiosos, ou por loucura e paixão ou ainda pelas tradições e costumes da sociedade vigente, ao realizar (ou para realizar) uma ação social, x ou y, entende-se que o

indivíduo está inserido em determinada figuração e ao concretizar essa ação social, formará uma rede de interdependência entre os atores sociais, (motivo + ação social) = necessidade do outro, ou seja, uma análise não exclui a outra.

A maioria dos sujeitos da pesquisa respondeu desconhecer ações sociais praticadas por grupos religiosos na comunidade, os que lembraram alguma ação, direcionaram suas respostas a grupos políticos ou religiosos, neste caso empregamos a ação social racional relativa a valores, principalmente o político e religioso, para compreender, no âmbito da teoria weberiana, o resultado dessa pergunta.



Fonte: Dados da pesquisa, (2019).

Consta, ainda, na pergunta entre parêntese à palavra beneficência, que significa, “Hábito e ato de fazer benefícios, auxílio, prática de obras de caridade ou filantropia” Ferreira (2019). Os sujeitos da pesquisa informaram desconhecer tais atos, durante a visita, alguns venezuelanos solicitaram a essa pesquisadora roupas e outros itens de primeira necessidade.

A comunidade demonstra estar em compasso de espera, no aguardo da decisão do poder público para regularização dos lotes, é perceptível que mais do que outros tipos de ajuda esta é a maior preocupação dos moradores, refletindo na frase de moradora do lote roxo “aqui, vivemos um dia de cada vez”.

## 6.2 – Grupos Religiosos ayahuasqueiros

Responderam as nove perguntas contidas na entrevista semiestruturada – 23 colaboradores, distribuídos nas Igrejas do Santo Daime Céu do Sol Nascente, Rainha da Floresta, Pousada Uarumã e União do Vegetal, entre os meses de dezembro de 2018 a março de 2019.

1. Quanto à idade e tempo que bebe o chá *ayahuasca/Hoasca*:

A média de idade é de 40 anos, sendo o mais jovem com 19 anos e o mais idoso com 83 anos.

2. Quanto ao tempo em que tomam o chá *ayahuasca*, a média entre os sujeitos é de 23 anos, sendo que o mais jovem bebe há 03 anos e o mais antigo há 54 anos.

3. Pedimos aos participantes para mencionar 03 benefícios que o chá *ayahuasca/Hoasca* trouxe para sua vida, apontamos na tabela (05) os dez benefícios que aparecem em maior quantidade nas respostas dos sujeitos.

**Tabela 5 Benefícios do chá ayahuasca/Hoasca**

Colocação	Benefícios	Quant.	%
1°	Parou de beber/fumar	6	26,08
2°	Disciplina na vida	5	21,73
3°	Curas físicas e espirituais	4	17,39
4°	Melhoria nas relações familiares	3	13,04
5°	Melhoria nas relações afetivas (relacionamentos de forma geral)	2	8,44
6°	Crescimento Material	2	-
7°	Melhorou memória e percepção	3	13,04
8°	União sentido de irmandade	2	-
9°	Saiu da depressão	2	-
10°	Melhorou concentração nos estudos	1	0,28
<b>TOTAL</b>			100%

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A análise das respostas dos sujeitos participantes encontra eco na obra de Maria Betânia Barbosa Albuquerque, (2011), que elencou nove saberes da *ayahuasca*, divididos em questões morais, sociais, medicinais e espirituais, demonstrando como o uso da bebida interfere na vida dos usuários.

Segundo Albuquerque (2011) as plantas que produzem a bebida *ayahuasca*, *Hoasca* ou daime como são denominadas, são plantas de poder, portanto, professoras ensinam e

produzem saberes, promovendo transformações no comportamento dos usuários em relação a) questões morais: não fumar ou beber, b) sociais: relacionar-se com a sociedade, plantas e animais c) medicinais: cura e prevenção de doenças d) espirituais: contatar com espíritos, aprender rezas e prepara-se para a morte, diz Luz, (2002, p.62) apud Albuquerque (2011, p. 138):

Desse modo, se é da planta que se extrai o conhecimento para se viver corretamente, esta é de suma importância para a reprodução cultural e harmonia dos grupos que a utilizam, o uso da *Banisteriopsis caapi* é um fator de coesão grupal, servindo a definição das fronteiras culturais do grupo.

Ainda segundo Albuquerque (2011, p.77),

Os saberes da ayahuasca podem ser um exemplo, entre tantos, de como cada prática, cada forma de relacionamento que se tem com o mundo gera também o seu regime de verdade, sua própria epistemologia alcançada apenas sob um ângulo epistemológico que respeita a diversidade de conhecimentos existentes no mundo.

A religião cria uma espécie de mecanismo de controle, estabelecendo novos padrões de conduta, conforme as crenças, rituais e os símbolos nelas contidas, segundo a pesquisadora, pode-se concluir que o chá ayahuasca/*Hoasca* promove conhecimentos que serve de base para transformações em diversas áreas da vida do ser social.

4. Perguntamos aos participantes se conhece ou já ouviu falar no loteamento/comunidade Paraíso Tropical, localizado do outro lado da Avenida do Turismo, quase em frente à entrada da Rua Caravele.

**Tabela 6 O Sr. conhece a Comunidade Paraíso Tropical?**

Respostas	Quantidade	%
<b>SIM</b>	3	13,0%
<b>NÃO</b>	20	87,0%

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A maioria (87%) dos sujeitos afirmou não conhecer a Comunidade Paraíso Tropical, tornando aquela comunidade invisível, de acordo com Elias (2008) as valências emocionais abertas, (carências, necessidades) substitui a imagem do *homo Clausus*<sup>16</sup>, pela imagem de um homem aberto, possibilitando entender quais as relações que ligam umas pessoas as outras, constituindo as bases da sua interdependência, para isso não podemos considerar as relações

<sup>16</sup> Um homem fechado em si mesmo (ELIAS, 2008 p. 148)

sociais entre as pessoas somente do ponto de vista das relações afetivas, emocionais, entre seus pares.

Em espaços pequenos e homogêneos, os atores sociais se encontram, se esbarram, há um contato, uma pessoa é o elo entre muitas outras pessoas, enquanto a figuração for pequena será mais fácil à interação, o conhecimento entre todos, diz Elias (2008, p.150), “enquanto a unidade se mantiver pequena, a configuração incluirá toda a tribo”. O Bairro Tarumã, local onde moram, reza e convivem os sujeitos dessa pesquisa abriga diversas comunidades, maiores e mais antigas, (Parque Riachuelo, Campo Sales, Parque São Pedro etc.), todas começaram a partir de ocupações desordenadas, continua Elias (2008, p. 150),

À medida que as unidades sociais se tornam maiores e mais estratificadas, encontra-se novas formas de ligação emocional, simultaneamente com ligações interpessoais, encontrar-se-ão ligações unindo as pessoas a símbolos de unidades maiores, por exemplo... Bandeiras e conceitos carregados de aspectos emotivos

É no convívio social, na rua, na esquina, na parada de ônibus que os moradores do bairro estabelecem as redes de interdependências funcionais, demonstram suas valências, dando espaço a um homem aberto em detrimento do homem fechado Elias (2008) o que efetivamente não é o caso entre os sujeitos da pesquisa, as igrejas *ayahuasqueiras* são “discretas, mais não secretas” (UDV, 2018), porém há uma linha tênue entre discrição e isolamento.

5. Perguntamos aos participantes se já sofreram preconceito ou intolerância por parte dos seus vizinhos da rua e de comunidades próximas.

**Tabela 7 O Sr, já sofreu algum preconceito por parte de seus vizinhos?**

Respostas	Quantidade	%
<b>SIM</b>	03	
<b>NÃO</b>	20	

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Os três sujeitos que apontaram preconceitos, na realidade, informaram que o mesmo ocorreu no lugar de trabalho. Os rituais *ayahuasqueiros* ocorrem de madrugada, as Igrejas estabelecidas a Rua Caravele são estilo sítios ou chácaras cujas barreiras arquitetônicas, a exemplo dos portões grandiosos, impossibilita a visão externa dos vizinhos de muros, na realidade alguns vizinhos moram na cidade permanecendo no local os caseiros, funcionários que tomam conta da propriedade, conversei com dois proprietários por telefone, os quais disseram que nada tem a relatar sobre as práticas ritualísticas do Santo Daime e União do Vegetal, da mesma forma os funcionários.

Mais uma vez percebi a verdade do adágio popular, “não sei, não vi e nem quero saber”, quanto ao vizinho que teve um entrevero com a Igreja do Santo Daime Céu do Sol Nascente, este foi o único a revelar estar incomodado com a presença dos rituais do Santo Daime próximo ao seu muro, porém, a conversa foi informal, não tendo esta pesquisadora autorização para transcrever os motivos alegados por esse vizinho para quebrar o portão da Igreja durante a realização de um trabalho com o daime, até porque a querela como dito, fora parar na justiça.

Decerto, as figurações sociais que formam as redes de interdependências não são sinônimos de harmonia, diz Elias, “Imaginamos o todo, como sendo algo mais ou menos de harmonioso, a vida comum dos seres humanos não é certamente harmoniosa... está cheia de contradições, de tensões e explosões” Elias (2004, p. 30), que o diga esse imbróglio antigo da Rua Caravele.

6. Perguntamos aos participantes se em nome do grupo religioso *ayahuasqueiro/hoasqueiro* em que se reuni se participou de alguma ação social, beneficente voltada a alguma comunidade próxima.

**Tabela 8 -Em nome do seu grupo religioso o Sr (a) participou de alguma ação social, beneficente voltada à comunidade Paraíso Tropical?**

Respostas	Quantidade	%
<b>SIM</b>	7	30,4%
<b>NÃO</b>	16	69,6%

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Beneficência é filantropia, ato de fazer benefícios, auxílio, práticas de caridade Ferreira (2019) que podem resultar em ações sociais a favor de grupos com vulnerabilidade social, ambas são compreendidas como ajuda ao próximo enquanto prática social.

Ao longo da história, a igreja católica teve papel fundamental nessas práticas, suas orientações aos fiéis, procuravam espelhar os ensinamentos de Cristo, tendo no sermão da montanha, “as bem-aventuranças” Bíblia (1969, Matheus Cap. 5 vs 3-16) o exemplo maior de conduta a seguir,

A igreja primitiva institucionalizou a atenção às viúvas e aos órfãos, bem como os enfermos, especialmente durante as epidemias, a igreja católica é a mais antiga instituição da humanidade é a maior instituição de caridade do planeta...a igreja administra 115.352 Institutos sanitário, de assistência e beneficência em todo mundo. “A igreja primitiva institucionalizou a atenção às viúvas e aos órfãos, bem como os enfermos, especialmente durante as epidemias” (CAVALCANTI, 2019, p. 1).

Infelizmente no Brasil as práticas de beneficência e filantropia são práticas isoladas, normalmente ligadas às instituições religiosas, entidades assistenciais, associações comunitárias dentre outras, após a queda do império e o nascimento da República, o Estado se fortaleceu em práticas assistenciais, se separando da igreja, diferenciando a prática do bem da caridade, a palavra caridade é procedente do latim “*cáritas*” “uma virtude teológica da religião cristã que consiste em amar a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo” (ACADEMIA DA FILOSOFIA, 2019).

Não há incentivos a práticas de beneficência ou filantropia no Brasil, já que o sujeito doador é punido por meio da cobrança de tributo estadual, que retém até 5% do valor das doações.

As contribuições em dinheiro a organizações são isentas de Imposto de Renda. Mesmo estando isenta do Imposto de Renda, caso a doação possua um valor bem elevado estará sujeita ao pagamento de taxa estadual, conhecido como Imposto sobre Transmissão Causa Mortis e Doação. (CHILDFUND BRASIL, 2019).

Nossa percepção é que os 07 sujeitos que responderam sim, estavam se referindo às ações sociais praticadas principalmente pela União do Vegetal na cidade de Manaus, relatado pela Coordenação de Beneficência do Núcleo Tiuaco, distribuição de sopa para os acompanhantes do Centro Oncológico de Manaus ou voltadas aos imigrantes venezuelanos que fogem a crise econômica no país vizinho ou ainda as doações para às famílias desabrigadas pelo incêndio de grande porte que destruiu muitas casas em bairro local ocorrido em Dezembro de 2018, segundo (THÉVENIN, 2017, p.52),

O termo beneficente é visto por seus adeptos sob dois aspectos, em primeiro lugar por trazer aos seus adeptos a cura e a transformação (salvação/liberação dos males que afligem o espírito humano), considerado pelos mesmos como um benefício, em segundo lugar pelo Departamento de Beneficência do Centro que tem realizado diversas ações de assistência social no Brasil e nos países onde a UDV tem chegado.

O fato de a comunidade Paraíso Tropical ser uma área de ocupações desordenadas, formada por indígenas e não indígenas, cuja localização é no sentido oposto a Rua Caravelle, traz questões éticas e legais, como ajudar pessoas a margem da lei? Quais ações podem ser feitas de maneira a não infringir a lei? A sabedoria popular dá à resposta, “fazer o bem sem olhar a quem”.

Apropriamo-nos dessa sabedoria para sugerir que as práticas sociais planejadas pelos grupos religiosos *ayahuasqueiros* em especial pela Coordenação de Beneficência da União do Vegetal – Núcleo Tiuaco, seja dado a conhecer as pessoas da Comunidade, quanto à data, horário e local em que ocorrerá, oportunizando o acesso desses vizinhos, membros que moram nas proximidades da comunidade podem mediar essas interações.

7. Perguntamos aos participantes se convidaram pessoas de comunidades próximas para visitar seu grupo religioso.

**Tabela 9 O Sr já convidou alguém das comunidades próximas para visitar seu grupo religioso?**

Respostas	Quantidade	%
<b>SIM</b>	zero	
<b>NÃO</b>	23	100

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Esse pode ser o cerne da questão em relação a não proximidade dos grupos *ayahuasqueiros* e a comunidade fronteira, fora o fator geográfico, o fato de não poder divulgar ou convidar o vizinho para participar nos rituais, afasta a possibilidade de desenvolver relações sociais, no Santo Daime, há um hino que diz que convidar alguém é um erro fraternal, segundo um membro da União do Vegetal (T.42 anos), diz

É orientação do Mestre, não convertemos pessoas, não doutrinamos, não formamos fanáticos, a espiritualidade desperta de dentro para fora e não de fora para dentro, não vamos buscar as pessoas, dizer que esse é o caminho. As pessoas conhecendo alguém da religião, vendo a conduta daquela pessoa, o pensamento, às vezes desperta dentro de si a vontade de querer conhecer o chá *Hoasca*.... Então damos muita importância a busca da pessoa, ao querer da pessoa, o que é orientado é que a busca venha da pessoa...cada um tem um tempo na espiritualidade, quando a pessoa quer ir, ela encontra...as oportunidades aparecem, as portas se abrem.

Segundo Santos (2009, p.318), “não são apenas as relações econômicas (e religiosas) que devem ser apreendidas numa análise da situação da vizinhança, mais a totalidade das ações” ao que acrescento e das “necessidades”.

8. Perguntamos se o participante tem conhecimento de algum foco de tensão que envolva questões ambientais, (desmatamento, queimadas, lixo, barulho) etc. entre seu grupo religioso e a vizinhança no entorno e Comunidade Paraíso Tropical.

**Tabela 10 -Tensão por questões ambientais**

Respostas	Quantidade	%
<b>SIM</b>	3	13,0%
<b>NÃO</b>	20	87,0%

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Em que pese a Rua Caravele, estar dentro de uma APA os sujeitos da pesquisa em sua maioria (86,95%) desconhecem problemas ambientais ou ameaças que pairam sobre aquele ambiente natural, quer seja pela construção de condomínios de alto padrão no Bairro Tarumã (em andamento) ou pelo desmatamento irregular nas proximidades da Igreja,



(Avenida do Turismo), denunciadas pela ONG Mata Viva, somente alguns líderes das Igrejas se posicionaram em relação às ameaças, o Igarapé da água branca, amplamente retratado no Cap. V, não é sequer conhecido por vários sujeitos da pesquisa, as boas práticas ambientais, estão restritas ao ambiente interno das igrejas, segundo a União do Vegetal,

Por ter sido criada na Floresta Amazônica e ter na base de seu ritual o uso do chá *Hoasca*, preparado a partir de duas plantas nativas da região (Mariri e Chacrona), a União do Vegetal nasceu com a vocação de respeito, zelo e preservação do meio ambiente, a partir dessa realidade, sócios da União do Vegetal fundaram, em 1990, uma organização não governamental para implementar suas ações ambientais: a Associação Novo Encanto de Desenvolvimento Ecológico que, em 2010, transformou-se em Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), apta a realizar projetos de preservação e desenvolvimento sustentável. (UDV, 2018).

Ressalta Araújo (2013), que o igarapé poderá sofrer assoreamento, perda da mata ciliar se não for monitorado quanto ao seu uso e preservação.

Por diversas ordens de razão, as questões ambientais adquiriram visibilidade nos meios de comunicação social e dos cientistas na orientação e efetivação das políticas ambientais. A participação dos atores sociais é essencial no sucesso dessas políticas, esse processo de conscientização atinge a sociedade, pressionando uma mudança de comportamento do homem em relação ao meio ambiente.

Por outro lado, o único foco de tensão mencionado pelos sujeitos refere-se ao desentendimento envolvendo a Igreja Céu do Sol Nascente e o vizinho ao lado ou ao barulho de um clube nas proximidades.

A ausência desse conhecimento ou conscientização quanto às questões ambientais esvazia a Associação dos Moradores (AMORC) no que tange a representatividade perante a sociedade e órgãos ambientais, como relata a Presidente da Associação, Juliana Belota,

Eu convoco os moradores para deliberarmos sobre as ações ambientais, aparecem um ou dois, ninguém está preocupado com a preservação do meio ambiente. Quando convocados para uma festa, aparecem até os antigos proprietários de lotes. (BELOTA, 2018).

Dizer que “a união faz a força” é recitar a sabedoria popular, mais faz sentido, ao passo que ecoa como uma necessidade, ou motivação no sentido de repensar posturas que possam garantir a preservação daquele ambiente natural, contribuindo dessa forma para a manutenção dos rituais *ayahuasqueiros* no devir, baseadas nas relações de interdependências funcionais, se não houver consciência, união e ação no sentido de fiscalizar e interagir junto a Órgãos públicos de controle, a paz e a tranquilidade futura, necessária aos rituais *ayahuasqueiros* estará comprometido, um passo importante no olhar dessa pesquisadora, seria tornar a AMORC e a ONG Mata viva, os interlocutores nesse processo.

9. Perguntamos ao participante se tem conhecimento sobre a contratação de algum profissional para serviços diversos (pedreiro, carpinteiro, doméstico, outros) para serviços nas igrejas que morem na Comunidade Paraíso Tropical.

**Tabela 11 - Conhecimento sobre contratação de trabalhador?**

Respostas	Quantidade	%
<b>SIM</b>	7	30,4%
<b>NÃO</b>	16	69,6%

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A contratação desses profissionais é realizada pelas lideranças das igrejas, sendo assim, (69%) afirmou não ter conhecimento sobre esses trabalhadores postos que os trabalhos para manutenção das igrejas são realizados de forma voluntária pelos próprios membros.

Porém, as pessoas enxergam o trabalhador em função da atividade que exercem, o tema da invisibilidade social de determinados profissionais tais como pedreiro, carpinteiro e empregada doméstica, etc., foi alvo de tese de doutorado<sup>17</sup>, um estudante varreu as ruas por anos para vivenciar o dia-a-dia dos garis e tentar interagir com as pessoas no cotidiano, constatou que bastava colocar a roupa de gari para se tornar invisível, há uma relação real entre invisibilidade social e determinados trabalhos, sem glamour, status e reconhecimento social, como se a atividade laboral fosse de pouca ou nenhuma importância, normalmente seus semelhantes não notam sua presença. (TAVEIRA, 2017).

Essas são as redes de interdependências funcionais existentes entre os sujeitos da pesquisa.

<sup>17</sup> Tese de doutorado: Moises e Nilce: retratos biográficos de dois garis, um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. DA COSTA. Fernando Braga. Universidade de São Paulo. 2008. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-09012009-154159/público/costafernando\\_pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-09012009-154159/público/costafernando_pdf). Acesso em: 04 de junho de 2019.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que atingi os objetivos desta pesquisa, identifiquei relações sociais de vizinhanças entre os grupos religiosos *ayahuasqueiros/hoasqueiros* e a comunidade Paraíso Tropical, por meio das redes de interdependências funcionais, identifiquei relações sociais por questões ambientais, averigüei que não existe ações sociais, beneficência entre os protagonistas dessa pesquisa, explicitarei os motivos, o poder público liberou o uso do chá *ayahuasca* para uso religioso, mais proibiu o “badalar dos sinos”, estudiosos afirmam que á bom tempo, as religiões *ayahuasqueiras* deixaram o isolacionismo da floresta, entendo que, elas deixaram a floresta, atravessaram o atlântico, estão no mundo, mais precisam se manter discretas, apesar de “não secretas” como afirma a União do Vegetal, o que as tornam de certa forma “invisíveis” perante a comunidade onde estão inseridas, mantendo com a vizinhança, pequenas relações de interdependências funcionais conforme demonstrado nos resultados.

Em relação ao preconceito e intolerância, a análise dos resultados da pesquisa apontou quem nem sempre o que se fala reflete o que se pensa, apropriei-me da história e trajetória de Raimundo Irineu Serra e José Gabriel da Costa mentores do Santo Daime e União do Vegetal para dissertar sobre estigmas e preconceitos, tendo como cenário a Amazônia em fins do Séc. XIX e XX e como inspiração a trágica história dos miseráveis soldados da borracha que segundo o Euclides da Cunha, contribuíram para escrever a “última página dos gêneses”, por meio deles demonstrei que nem todo nordestino veio para Amazônia para fugir da seca, enricar e voltar, pelo menos esses dois homens, chegaram, fincaram raízes, construíram uma religião unindo elementos do universo simbólico da floresta e de outras culturas e matrizes religiosas.

Revelei figurações, tensões sociais e questões ambientais por conta da preservação do último igarapé de água limpa em território urbano, o igarapé da água branca, mostrando relações de indiferença e neutralidade entre os sujeitos da pesquisa, fiz alertas. No debate entre alucinógeno ou enteógeno, demonstrei que o diálogo entre dois mananciais de conhecimento ciência e religião é possível, posto que ambos estejam na base da sociedade, para isso dissertei sobre a saga dos religiosos *ayahuasqueiros* na busca pela legalização para uso religioso da *ayahuasca* de maneira a clarificar a importância da permuta nessa relação.

Adotei como estratégia de abordagem me aproximar gradualmente dos grupos religiosos *ayahuasqueiros/hoasqueiro*, após certa resistência, bebi na terceira visita o chá do Santo Daime, conversei com pessoas antigas nas práticas ritualísticas e no tempo de moradia da Rua Caravele, ouvi líderes e associados, levei um geógrafo para mapear tanto a Rua

Caravele como a Comunidade Paraíso Tropical, me preparei fisicamente para estar presente em dois rituais bailados cujo término ocorreu nos primeiros raios da manhã, o que não foi fácil por conta do corpo que anuncia a proximidade da dita “melhor idade”, visitei diversos Órgãos públicos em busca de dados sobre o loteamento Paraíso Tropical e questões ambientais envolvendo o Bairro Tarumã, submeti meu projeto a avaliação de uma Comissão Científica composta por Doutores e Mestres *hoasqueiros* na cidade de Brasília-DF, cuja aprovação me permitiu participar nos rituais, bem como apresenta-lo perante 130 pessoas aproximadamente.

Busquei apoio para as leituras em colegas do mestrado, doutorado e professores do Programa Sociedade e Cultura na Amazônia. Parti do princípio, que para compreender e analisar relações sociais, construídas entre vizinhos, seria necessário conhecer o bairro, a rua, a forma como vivem e rezam os protagonistas deste estudo, para isso resgatei memórias, aspectos ambientais e demográficos do Bairro Tarumã, ancorada em Émile Durkheim denominei tanto o Santo Daime como a União do Vegetal como religião e não como seita, encontrei nos estudos de diversos pesquisadores e nos resultados da pesquisa os motivos que levaram estes a defender o uso da *ayahuasca* como um saber que pode promover mudanças no comportamento humano.

Por outro lado, escrever sobre uma Comunidade em processo de formação, sob o estigma de invasores é opor-se a qualquer juízo de valor sobre o que levou o ser social a margem da lei, é uma ética própria do pesquisador, produzir conhecimento desinteressado dos aspectos legais, políticos e econômicos, disse Edgar Morin, que a produção do conhecimento deve se sobrepor as proibições e tabus que possam limitá-lo, reconheço que o livro *Ciência com Consciência* teve grande influência em minha *práxis* científica, foi o primeiro livro que li ao iniciar essa jornada acadêmica.

Outro grande desafio foi relacionar as religiões *ayahuasqueiras* aos teóricos da sociologia/antropologia, especialmente Norbert Elias, posto que a religião seja vista pelos clássicos da sociologia como fantasia, “cabendo à ciência e ao sociólogo destruir mitos”, acredito que consegui trazer outras reflexões, os conceitos de comunidade, figuração, redes de interdependências e poder elucidaram caminhos. Dos diversos aprendizados desta experiência, a primeira lição aprendida é de que todo pesquisador que fixar o olhar em um objeto de estudo, especialmente um fenômeno que expõem suas certezas, se arvorando na prática científica, precisa manter o espírito livre de quaisquer preconceitos, paradigmas ou “prenoções”, conforme orientações durkheimiana, pois somente esta liberdade permitirá seguir adiante.

Quanto à experiência em tomar o chá do Santo Daime, *ayahuasca* ou *Hoasca*, a primeira vez foi marcante, senti uma grande força a toldar a visão, perfazendo imagens que formavam mosaicos ou mandalas multicoloridas, de maneira a impedir a continuação da leitura dos hinários, uma espécie de visão em “3D”, tive apenas única miração que de alguma forma fez-me conformar com uma situação pessoal vivenciada, acreditei que foi uma resposta para alguns tormentos pessoais mal resolvidos nessa etapa da vida.

Com a frequência nos rituais e continuando a tomar *ayahuasca/Hoasca* ou daime às visões ou mirações não eram tão nítidas como da primeira vez. Por conta da condição de pesquisadora, de certa forma me auto policiava quanto às quantidades ingeridas, atenta as palavras de Elias quanto a manter certo distanciamento de maneira a compreender um todo. A antropologia diz que precisamos ver o outro, de dentro, mais com olhar de fora, para Edgar Morin na *práxis* científica, servimos a dois deuses complementares e antagônicos, um é um deus que nos manda sacrificar tudo pela *scienti* e ou outro nos diz que é preciso ser ético e humano. Foi no ritual de cura que “vomitei as tripas”, segundo a fé Daimista tem o significado de purificação do corpo, nada que os cuidados das jovens fardadas não atenuassem o desconforto, voltei ao bailado na sequência, senti-me mais leve, e, na beleza da noite enluarada, contemplei as estrelas, fiz várias reflexões sobre a vida.

Nesta pesquisa, descobri muito de minhas raízes, como o fato de que o primeiro uso da *Hoasca* de forma compartilhada aconteceu na vila onde nasci Plácido de Castro (hoje município) Acre, pelas mãos de José Gabriel da Costa ou Mestre Gabriel da União do Vegetal, e vários seringais por onde os Mestres passaram, faz parte das memórias de minha mãe que nesse final de pesquisa conta com 93 anos de idade.

Beneficência e solidariedade não são inerentes à natureza humana, são construtos sociais, históricos, em conformidade com o processo civilizador dos povos, nos primórdios, esteve atrelado a confissões religiosas, tendo o Estado, ora se omitido, ora se manifestado por meios de políticas públicas de atendimento as demandas sociais, porém, pode ser praticada por meio de diversas ações que passam ao largo de questões políticas ou religiosas. Independente de crenças, modo de vida ou das circunstâncias, há pessoas do outro lado da rua, da avenida ou das muralhas, a construção de pontes, poderá alcançá-las.

Dito isto, um misto de emoções, entre tristeza e euforia se apodera do espírito ao dar início a essas linhas finais, pelo avançar do tempo que anuncia o prazo final desse programa de estudos, bem como pela mente exaurida, assim, repito como um “mantra”, as palavras de Norbert Elias, gravadas na mente, “ não existe ninguém que nunca tenha estado envolvido numa teia entre pessoas, sempre dependeremos uns dos outros”.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA DA FILOSOFIA. **Caridade**. Disponível em: <https://academiadefilosofia.org/conteúdo/publicações/artigos/>. Acesso em: 02 jun. 2019.

ADEMI, **Associação das empresas do mercado imobiliário do Amazonas**. Disponível em: <http://www.ademi-am.com.br/spip.php?article755>. Aquavilletarumãcolméia. Acesso em 20 de setembro de 2018.

ADMNISTRADOR. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Revista Veja destaca pesquisa com ayahuasca**. Disponível em: <https://neuro.ufrn.br/blog/index.php/2018/07/06/revista-veja-destaca-pesquisa-sobre-ayahuasca/>. Acesso em 24 de abril de 2019.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. **ABC do Santo Daime**. Belém: Eduepa, 2007.

\_\_\_\_\_, Maria Betânia Barbosa. **Epistemologia saberes da ayahuasca**. Belém: Eduepa, 2011.

ALLI, Sérgio; SAUAYA Thais. **Amazônia. Povos da Floresta**. São Paulo: Ed. Salesiana. 2006.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de, SANTOS, Glademir Sales (Org). **Estigmatização e território: mapeamento situacional dos indígenas em Manaus**. Manaus: EDUA, 2008.

ALVERGA, Alex Polari. **Uma doutrina cristã na selva amazônica**. Revista Comunicações do ISER. Rio de Janeiro nº 63 2009. Disponível em: [http://www.iser.org.br/sites/default/files/ISER\\_63.Pdf](http://www.iser.org.br/sites/default/files/ISER_63.Pdf). Acesso em 20 mar. 2019

AMAZONAS. **Decreto Lei nº. 605 de 24 de julho de 2001**. Institui o Código Ambiental do Município de Manaus. Disponível em: <https://semmas.manaus.am.gov.br>. Acesso em 02 ago. De 2018.

AMAZONAS. **Decreto Lei nº. 9.556 de 11 de abril de 2008. Dispõe sobre a criação da Área de Proteção Ambiental-APA, Tarumã-Ponta Negra**. Disponível em: <https://semmas.manaus.am.gov.br>. > Acesso em 04 ago. De 2018.

AMAZONAS. **Decreto Lei nº. 1.401, de 14 de janeiro de 2010**. Dispõe sobre a criação e divisão dos bairros da cidade de Manaus, com estabelecimento de novos limites. Diário Oficial do Município nº 2365. Disponível em: <http://dom.manaus.am.gov.br>. Acesso em 20 ago. 2018.

AMAZONAS. **Lei Complementar nº. 002 de 16 de janeiro de 2014**. Dispõe sobre o Plano Diretor Urbano e Ambiental do Município de Manaus. Disponível em: <http://implurb.manaus.am.gov.br/planodiretordemanaus>. Acesso em 20 ago. 2018.

AMAZONAS. **Decreto Lei nº. 1837 de 16 de janeiro de 2014.** Dispõe sobre as Áreas de Especial Interesse Social previstas no Plano Diretor Urbano e Ambiental do Município de Manaus. Disponível em: [http://implurb.manaus.am.gov.br/area de especial interesse social](http://implurb.manaus.am.gov.br/area-de-especial-interesse-social) >. Acesso em: 15 ago. de 2018.

AMAZONAS, Governo do Estado. **Histórico do Prosamim.** Disponível em: <http://prosamin.am.gov.br/o-prosamim/historico-do-prosamim/> >. Acesso em: 02 jan.2018

AMMERMAN, Nancy T. Altares modernos da vida cotidiana. *Religious narratives. Community Service, and Everyday Public Life.* 2005. In: Talking Faith Seriously. Editado por Mary Jo Bone, Brent Coffin e Richard Higgins. Cambridge. Harvard University Press p.146-174. In. BERGER, Peter L. **Os múltiplos altares da modernidade: Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista.** Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2017.

AMORIM, Angeline Ugarte. **Angeline Ugarte Amorim: depoimento** [02.10.2018]. Entrevistador: MELO Delta Paula. 2018. 2. Celular sonoro. Entrevista concedida ao Projeto de pesquisa se essa rua fosse minha: ayahuasqueiros e a comunidade paraíso tropical tarumã, Manaus/AM. (um estudo das relações de vizinhança). PPGSCA/UFAM. 2018.

ANDRADE, Afrânio Patrocínio. Dissertação de Mestrado: **O Fenômeno do chá e a religiosidade cabocla. Um estudo centrado na União do Vegetal.** São Paulo: Instituto IMES, 1995.

ARAÚJO. M. I. **Manaus e seus recursos naturais: Uso, proteção e fiscalização.** Dissertação (Mestrado Profissional em Meio Ambiente e Organizações Empresariais Sociais). Vila Velha: Escola Superior Aberta do Brasil, ESAB, 2013.

ARAÚJO, Ariadne. NEVES, Marcos Vinicius. **Soldados da Borracha. Os heróis esquecidos.** São Paulo: Escrituras Editora, 2015.

ASSIS, Glauber Loures de. LABATE, Beatriz Caiuby. Dos Igarapés da Amazônia para o outro lado do Atlântico: a expansão e internacionalização do santo daime no contexto religioso. **Revista eletrônica religião e sociedade.** Rio de Janeiro, 2014.

AULETE, Caldas; GEIGER, P. **Dicionário Aulete Digital.** Léxicon Editora Digital, 2019. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em 20 de março de 2019.

BARBIÉRI, Luiz Felipe. OLIVEIRA, Mariana. STF **decide que sacrifício de animais em cultos religiosos é constitucional.** Disponível em: <https://g1.globo.com/politicos/noticia/stf-decide-que-e-constitucional-sacrificar-animais-em-cultos-religiosos-ghtml28.03.2019>. Acesso em 30 mar. 2019.

BARRETO, Gustavo. Seringueiros da Amazônia e “regatões” árabes: união contra a exploração. **Amazônia, Borracha e Comércio.** 20 de maio de 2014. Disponível em: <http://midiaacidada.org/seringueiros-da-amazonia-e-regatoes-arabes-uniao-contra-a-exploracao/>. Acesso em 02 jun. 2019.

BARROS, Marcelo. MAURICIO, Jorge. OXANGUIÃ, Vera. **O candomblé bem explicado** – noções bantu, ioruba e fon. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

BARTOLI, Estevam. **Apropriação da terra urbana na cidade de Manaus: a natureza loteada no bairro Tarumã**. Artigo publicado. ACTA Geográfica, Ed Especiais Cidades na Amazônia Brasileira, UFAM, 2011.

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia. Análise do Processo de desenvolvimento**. Manaus: Valer – EDUA ; INPA, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_, Zygmunt. **Comunidade – a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007

BBC. **Porque mais de 900 pessoas se mataram por causa desse homem** Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151118\\_jim\\_jones\\_massacre](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151118_jim_jones_massacre): Acesso em 29 out.2018.

BELOTA, Juliana. **Juliana Belota: depoimento** [05.08.2018], [05.09.2018], [10.03.2019] Entrevistador: MELO Delta Paula. 2018. 2. Celular sonoro. Entrevista concedida ao Projeto de pesquisa se essa rua fosse minha: ayahuasqueiros e a comunidade paraíso tropical tarumã, Manaus/AM. (um estudo das relações de vizinhança). PPGSCA/UFAM. 2018.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia Formação Social e Cultural**. Manaus: Ed. Valer, 1999.

\_\_\_\_\_, Samuel. **Romanceiro da Batalha da Borracha**. Manaus: Imprensa Oficial, 1992.

BENVENUTI, Nenê. **Os incríveis anos 60 – 70... e eu estava lá**. São Paulo: Ed. Novo Século, 2009.

BENTES, Norma. **Manaus realidade e contrastes sociais**. Manaus: Ed. Valer, 2014

BERGER. Peter L. **O dossel sagrado; elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

\_\_\_\_\_, Peter L. **Os múltiplos altares da modernidade. Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2017.

BERTOLIN, Josué. **Ciência e fé em debate: perspectivas históricas**. Dissertação de Mestrado Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências. Pós-Graduação em História Social. São Paulo. 2015.



BIBLIA, Sagrada. **Antigo e novo testamento**. Tradução João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil. 1969.

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual itinerário de um conceito**. Brasília: Talheres Gráficos, 2002.

\_\_\_\_\_, Pierre. **O Poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 2010.

\_\_\_\_\_, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. In, Sergio Miceli (org), 2º edição. São Paulo: Perspectivas, 1987.

\_\_\_\_\_, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papyrus 1997.

BRANDÃO, Maria do Carmo. RIOS, Luís Felipe, **O catimbó-jurema do Recife** pag. 160-165. In: Encantaria Brasileira – o livro dos mestres, caboclos e encantados. Pradi, Reginaldo (Org). Rio de Janeiro: Editora P, 2011.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil 1988**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2016.

BRASIL. Lei nº 6.938 de 31 de agosto de 1981. **Dispõe sobre a Política Nacional de Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em 02 ago. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000. **Regulamenta o art. 225 da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em 13 ago. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.605 de 12 de fevereiro de 1998. **Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de conduta e atividades lesivas ao meio ambiente**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em 10 ago. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.433 de 08 de janeiro de 1997. **Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos, cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em 28 ago. 2018.

BRITO, G de S. **Farmacologia humana da Hoasca. Chá preparado de plantas alucinógenas usado em contexto ritual no Brasil**, in: LABATE, B.C e ARAÚJO, W, S. (Orgs.), o uso ritual da ayahuasca. São Paulo: Fapesp; Mercado de Letras, 2004.

CAJUEIRO, Iolanda. Depoimento [03.03.2019]. **Iolanda Cajueiro**. Entrevistador: MELO Delta Paula. 2018.. Entrevista concedida ao Projeto de pesquisa se essa rua fosse minha: ayahuasqueiros e a comunidade Paraíso Tropical Tarumã, Manaus/AM. (um estudo das relações de vizinhança). PPGSCA/UFAM. 2018.

CASCUDO, Luís Câmara. **Meleagro: depoimento e pesquisa sobre a magia branca no Brasil**. Rio de Janeiro: Agir, 1951.

CAVALCANTI, João. **A igreja católica a maior instituição de caridade do mundo**, disponível em: <https://portalconservador.com/quem-somos/>. Acesso em: 05 jun. 2019.

CÉU DO SOL NASCENTE. **Igreja do santo daime**. Disponível em: <https://ceudosolnascente.wordpress.com/about/>. Acesso em: 20 out. 2018

CHIARADIA, Clovis. **Dicionário de Palavras Brasileiras de origem indígena**. São Paulo: Ed. Lumiar, 2009.

CHILD. FUNDBRASIL. **Imposto sobre doação em dinheiro o que você precisa saber** <https://www.childfundbrasil.org.br/blog/imposto-sobre-doacao-em-dinheiro-o-que-voce-precisa-saber/>. Acesso em 30 mai. 2019.

CONAD – Conselho Nacional de Políticas Sobre Drogas. **Resolução nº 1, de 25 de janeiro de 2010**. Brasília – DF. Disponível em: [http://www.idacefluris.org.br/sistema/imagem/noticia/a676\\_\\_CONAD\\_Reso](http://www.idacefluris.org.br/sistema/imagem/noticia/a676__CONAD_Reso). Acesso em 10 set. 2018.

COSTA, Luiz Henrique Barreto de Moura. Dissertação de Mestrado. **Xamanismo nos rituais do Santo Daime em Manaus**. Universidade Federal do Amazonas. Manaus. 2015

COSTA, Joaze Bernardino. **Hoasca ciência, sociedade e meio ambiente**. Campinas-SP: Mercado das Letras. 2011

COUTO, José Geraldo. **Brasil: anos 60**. São Paulo: Ed. Ática 1995.

CRUZ, Manuel Braga Da. **Teorias Sociológicas. Os fundadores e os clássicos**. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

CUNHA, Euclides da. **A margem da história**. São Paulo. Martin Claret. 2006

DICIONÁRIO DOS SIMBOLOS. **Significado dos símbolos e simbologia**. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br>. Acesso em 30 de setembro de 2018

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa. O sistema totêmico na Austrália**. Tradução Paulo Neves. SP. Martins Fontes 1996.

\_\_\_\_\_, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. SP - Martin Claret 2006.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução Pola Civelli. São Paulo. Perspectiva, 1972

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1994.

\_\_\_\_\_, Norbert **Introdução à sociologia**. Lisboa: São Paulo. Edições 70. 2008 p. 13-191

\_\_\_\_\_, Norbert **A busca da excitação do lazer. In a busca da excitação.** Norbert Elias e Eric Dunning, Lisboa: Difel 1992

\_\_\_\_\_, Norbert **O processo civilizador** vl. 1. Rio de Janeiro, Ed. Zahar 2002.

\_\_\_\_\_, Norbert **A condição humana.** Lisboa: Difel Difusão editorial. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil 1991.

FARAH, Jó Fernandes. Depoimento [03.04.2018]. Entrevistador: MELO Delta Paula. 2018.. Entrevista concedida ao Projeto de pesquisa. Se essa rua fosse minha: ayahuasqueiros e a comunidade paraíso tropical tarumã, Manaus/AM. (um estudo das relações de vizinhança). PPGSCA/UFAM. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Dicionário do Aurélio.** Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/beneficencia>. Acesso em 02 de junho de 2019.

FERNANDES, Florestan. **Comunidade e Sociedade. Leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação.** São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1973

FICHTER, **Sociologia.** Editora Herder. São Paulo, 1967. Pp 164-165, tradução de Hebe Guimaraes Leme. In: Fernandes, F. (Org). **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação.** São Paulo. Ed. Nacional – USP, 1973 p 153-155.

FILLAIRE, Bernard. **As Seitas.** São Paulo. Ed. Ática. 1997

FROES, Vera. **História do povo Juramidam – a cultura do Santo Daime.** Manaus. Suframa. 1986.

FUNAI – Nacional. Fundação do índio. Disponível em: [www.funai.gov.br](http://www.funai.gov.br). Acesso em 25 de outubro de 2018.

G1. Ciência e saúde. **Físico e astrônomo brasileiro Marcelo Gleiser é o vencedor do prêmio Templeton 2019.** Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/03/19/fisico-e-astronomo-brasileiro-marcelo-gleiser-e-o-vencedor-do-premio-templeton-2019.ghtml>. Acesso em maio 2019.

GAZETA DO POVO **‘Brasil acima de tudo’: conheça a origem do slogan de Bolsonaro’** Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/brasil-acima-de-tudo-conheca-a-origem-do-slogan-de-bolsonaro-7r6utek3uk1axzyruk1fj9nas/2019>. Acesso em 10 de março de 2018.

GOFFMAN, Erving. **Estigmas: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** RJ. Guanabara. 1988

\_\_\_\_\_, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis. RJ. Vozes. 2009.

GONTIJO, Chester: **Chester Gontijo** depoimento [03.04.2018]. Entrevistador: MELO Delta Paula. 2018.. Entrevista concedida ao Projeto de pesquisa. Se essa rua fosse minha: ayahuasqueiros e a comunidade paraíso tropical tarumã, Manaus/AM. (um estudo das relações de vizinhança). PPGSCA/UFAM. 2018.

GROB, C.S; McKenna, D.J; CALLAWAY, J.C; BRITO, G.S; ANDRADE, E.O; OBERLENDER, G; SAIDE, O.L, LABIGALINI Jr, E; TACLA, C; MIRANDA, C.T; STRASMAN, R.J; BOONE, K.S e NEVES, E.S; “**Farmacologia Humana da Hoasca: efeitos psicológicos**”, in: LABATE, B.C e ARAÚJO, W.S (Orgs). O uso ritual da ayahuasca. Mercado de Letras. Campinas. São Paulo; Fapesp p. 653-669.

GROISMAN, Alberto. **Eu venho da floresta. Um estudo sobre o contexto simbólico do uso do santo daime. Florianópolis – SC.** Editora da UFSC. 1999

GUIAME. **Valor Econômico.** 01 de março de 2018. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/brasil-tera-maioria-evangelica-em-2020-segundo-estatisticas.html>. Acesso em 25 de maio de 2019.

HILLMAN, Arthur. **Organização da comunidade e planejamento.** Tradução Carneiro, Marília D. Menezes, Marina Teles. Rio de Janeiro: Ed Agir, 1974.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2000 e 2010.** Banco de dados SIDRA. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus>. Acesso em 20 de outubro de 2018.

ICEFLU. **Igreja do culto eclético da fluente luz universal:** Disponível em [www.santodaime.org](http://www.santodaime.org). Acesso em 20 de setembro de 2018.

IMPLURB. **Instituto Municipal de Planejamento Urbano de Manaus.** Disponível em: [implurb.manaus.am.gov](http://implurb.manaus.am.gov). Acesso em 10 outubro de 2018.

JORGE. Sandra. **Conheça e entenda a história do chá no Japão e saiba como a bebida se tornou tão popular.** Disponível em: <https://www.chabeneficios.com.br/historia-do-cha-no-japao/>. Acesso em 28 de maio de 2019.

JUNG. C.G. **Espiritualidade e transcendência.** Seleção e edição de Brigitte Dorst. Petropolis. Rio de Janeiro. Ed. Vozes 2015

LABATE, Beatriz Caiuby. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos.** Campinas. Mercado de Letras, 2004.

\_\_\_\_\_, Beatriz Caiuby, GOULART, Sandra Lucia (org.) **O uso ritual de plantas de poder.** São Paulo. Mercado de Letras, 2005.

LANDINI, Tatiana Savoia. **Jogos habituais – sobre a noção de habitus em Pierre Bourdieu e Norbert Elias.** X Simpósio Internacional Processo Civilizador. Campinas, 2007. Disponível em: [http://www.uel.br/grupo-estudo/processocivilizadores/portugues/sitesanais10/Artigos\\_PDF/Tatiana\\_Landini](http://www.uel.br/grupo-estudo/processocivilizadores/portugues/sitesanais10/Artigos_PDF/Tatiana_Landini). Acesso em 20 julho de 2018

\_\_\_\_\_, Tatiana Savoia. **A Sociologia Processual de Norbert Elias.** IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Ponta Grossa – Paraná 2006. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processocivilizadores/portugueses/sitesanais/anais9/mesa>. Acesso em 15 de março de 2019.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica. Uma poética do Imaginário.** Manaus. Editora valer. 2015.

LUNA, Luís Eduardo. **Narrativas da alteridade: a ayahuasca e o motivo de transformação em animal**. In Beatriz Caiuby Labate e Sandra Lucia Goulart (Orgs). O uso ritual das plantas de poder. Campinas, Mercado das Letras, 2005. Pp 333-354.

LUZ, Pedro. **O uso ameríndio do caapi**. In Beatriz Caiuby Labate e Wladimir Sena Araújo (Orgs). O uso ritual da ayahuasca. Campinas: Mercado das Letras: São Paulo: FAPESP, 2002 pp 35-65.

MACHADO, Paulo Affonso Leme. **Recursos Hídricos: Direito Brasileiro e Internacional**. São Paulo, Malheiros, 2002.

MACKENNA, Dennis J. **Ayahuasca: uma história etnofarmacológica**. In Ralf Metzner (Org). **Ayahuasca: alucinógenos, consciência e espírito da natureza**. Tradução de Marcia Frazão. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002 pp. 172-194.

MACIEL, Maria. Maria Maciel: depoimento [02.10.2018]. Entrevistador: MELO Delta Paula. 2018. 2. Celular sonoro. Entrevista concedida ao Projeto de pesquisa. Se essa rua fosse minha: ayahuasqueiros e a comunidade paraíso tropical tarumã, Manaus/AM. (um estudo das relações de vizinhança). PPGSCA/UFAM. 2018.

MACRAE, Edward. **Guiado pela Lua – xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do santo daime**. São Paulo. Brasiliense. 1992

MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, ciência e Religião**. Lisboa: Edições 70, 1988

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso**. 8ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARINHO, Marcus: **Marcus Marinho** depoimento [30.03.2019]. Entrevistador: MELO Delta Paula. 2019.. Entrevista concedida ao Projeto de pesquisa. Se essa rua fosse minha: ayahuasqueiros e a comunidade paraíso tropical tarumã, Manaus/AM. (um estudo das relações de vizinhança). PPGSCA/UFAM. 2018.

MARQUES, Vanessa. **A Crítica caderno cidades**. Jornal a Crítica Buracos isolam moradores no Tarumã e comunidade cria grupo no Whatsapp 07/05/2018. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/buracos-isolam-moradores-no-taruma-e-comunidade-cria-grupo-no-whatsapp>. Acesso em 20 maio 2019.

MARTINS, José de Souza. **A Sociabilidade do homem simples. Cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo, Hucitec, 2000.

MASSELA, Alexandre Braga. **O naturalismo metodológico em Émile Durkheim**. São Paulo. Goiânia. Editora UFG 2006.

MARSHALL, Thomas Humphrey. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro. Zahar, 1967.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo. Editora Boitempo.2005.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. **Ethos e figurações na Hinterlândia amazônica**. Manaus. Valer – FAPEAM. 2015

MAUÉS, Raymundo Heraldo; VILLACORTA, Gisela Macambira. **Pajelança e Encantaria Amazônica**. In: Encantaria Brasileira o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro, Pallas 2011. P. 15-39

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In: Sociologia e Antropologia VI.II Edusp 34-184.1974.

MENNELL, Stephen. **Norbert Elias – an introduction**. Dublin: University College Dublin Press, 1998

MESLIN, Michel. **Fundamentos de antropologia religiosa – a experiência humana do divino**. Petrópolis – RJ. Ed. Vozes, 2014

METZNER, Ralf (Org). **Ayahuasca: alucinógenos, consciência e o espírito da natureza**. Tradução de Marcia Frazão. Rio de Janeiro. Gryphus, 2002

MIRANDA, Inaê. Estudo revela que Brasil ganha igreja a cada hora. Publicado em 02/04/2017. Disponível em: [http://correio.rac.com.br/\\_conteudo/2017/04/campinas\\_e\\_rmc/474792-estudo-revela-que-brasil-ganha-igreja-a-cada-hora.html](http://correio.rac.com.br/_conteudo/2017/04/campinas_e_rmc/474792-estudo-revela-que-brasil-ganha-igreja-a-cada-hora.html). Acesso em 26 de maio de 2019.

MONTEIRO, Ana Vitória Vieira. **Xamanismo a arte do êxtase**. São Paulo. eBooksBrasil. 2006

MONTEIRO, Raimundo. **Mestre da Udv**. Entrevista concedida Jornal de Rondônia. Disponível em: <https://www.newsrondonia.com.br/caderno-de-entrevistas-12/outubro-de-2013>. Acesso em 20 setembro de 2018.

MOREIRA, Paulo. MACRAE, Edward. **Eu venho de longe. Mestre Irineu, e seus companheiros**. Salvador: EDUFBA – ABESUP. 2011

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução Maria d. Alexandre, Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil 2001.

MOTA, Telmário. **Proposta de Emenda à Constituição, nº 44 de 2017**. In: SENADO. Federal. Atividade Legislativa. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/matéria/131846>. Acesso em 27 de maio de 2019.

OLIVEIRA, José Aldemir; Alecrim, José Duarte; Gasnier Thierry Ray Jehlen. **Cidade de Manaus**. Visões interdisciplinares. Manaus. EDUA. 2003

OLIVEIRA, José Aldemir; COSTA, Daniele P. A análise da moradia em Manaus (AM) como estratégia de compreender a cidade. **Revista eletrônica de Geografia y Ciências Sociais**. Universidade de Barcelona vl. XI nº 245. 2007. Disponível em: <http://www.ub.geocrit/sn-24530htm>. Acesso em 20 setembro de 2018.

OLIVEIRA, Igor Oliveira: depoimento [02.10.2018]. Entrevistador: MELO Delta Paula. 2018. 2. Celular sonoro. Entrevista concedida ao Projeto de pesquisa. Se essa rua fosse

minha: ayahuasqueiros e a comunidade paraíso tropical tarumã, Manaus/AM. (um estudo das relações de vizinhança). PPGSCA/UFAM. 2018.

ORTIZ, Renato. **A consciência fragmentada**. Ensaios de cultura popular e religião. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1980

PALÁCIOS, M. **O medo do vazio: comunicação, sociabilidade e novas tribos**. In: RUBIM, A.A (Org). Idade mídia. Salvador. UFBA 2001.

PALAVRA. Origem da. Disponível em: [www.origemdapalavra.com.br](http://www.origemdapalavra.com.br). Acesso em 25 de out. 2018.

PEIRANO, Mariza. **Rituais, ontem e hoje, ciências sociais. Passo-a-passo**. Rio de Janeiro. Zahar 2003.

PEREIRA. Deusamir. **Amazônia (In) sustentável. Zona Franca de Manaus estudo e análise**. Manaus. Ed. Valer 2006

PRANDI, Reginaldo. **O Candomblé e o Tempo: Concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras**. Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 16 Nº. 47, 2001.

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. **História da vida privada: da primeira guerra aos nossos dias**, Vol. V. São Paulo, Cia das Letras 1992.

RABELO, Rui Fabiano Baptista. **Mestre Gabriel, o mensageiro de Deus**. Brasília: Pedra Nova 1992.

REVISTA PESQUISA FAPESP. **A utopia do Maluco-beleza estudo sobre Raul Seixas revela o complexo e amplo movimento de contracultura no Brasil entre as décadas de 1960 e 1970**. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2008/01/01/a-utopia-do-maluco-beleza/>. Acesso em 02 de junho de 2019.

RIBEIRO, Darcy. **A política indigenista brasileira**. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura (Serviço de Informação Agrícola) p. 133-143. 1962. IN: FERNANDES, Florestan. **Comunidade e Sociedade. Leituras básicas de introdução ao estudo macrossociológico do Brasil**. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1975

RIBEIRO, João Júnior. **Augusto Comte e o positivismo**. Editora Edicamp. São Paulo.2003

RICHTER, Andrezza, SILVA, Caroline Rocha, GUIRAU, Karine Michelle. **A cidade como local de afirmação dos direitos indígenas**. São Paulo. Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, 2013.

ROBERTSON, Roland. **The sociological interpretation of religion**, Oxford: Blackwell, 1970.

ROCHA. Karol. **A Crítica**. Em 27 de maio de 2016. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/uniao-de-comunidade-protege-unico-igarape-limpo-de-manau-da-poluicao>. Acesso em 10 de março de 2019.

RODRIGUES, Donizete. **O que é religião? A visão das ciências sociais.** Aparecida-SP Ed. Santuário. 2013

RODRIGUES, Donizete. **Patrimônio cultural, memória social identidade:** uma abordagem antropológica. Universidade da Beira Interior – Covilhã Portugal. Disponível em: [www.ubimuseum.ubi.pt](http://www.ubimuseum.ubi.pt). Acesso em 20 de setembro de 2018

SANCHIS, Pierre. **Religião, cultura e identidades. Matrizes e matizes.** Petrópolis. RJ. Vozes 2018

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** Coleção para um novo senso comum vl. 4. São Paulo. Cortez 2008.

SANTOS Junior, Paulo Marreiro dos. **Manaus da Belle Époque:** tensões entre culturas, ideais e espaços sociais. XXVII simpósio nacional de história conhecimento. História e Diálogo social. Natal- RN. 22 a 26 julho 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364530560\\_ARQUIVO\\_ma](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364530560_ARQUIVO_ma). Acesso em: 10.02.2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção.** São Paulo. Ed. Universidade de São Paulo. 2009

SANTOS, Milton. **A Urbanização brasileira.** São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 2013.

SANTOS, **José Augusto Santos:** depoimento [10.10.2018]. Entrevistador: MELO Delta Paula. 2018. 2. Celular sonoro. Entrevista concedida ao Projeto de pesquisa. Se essa rua fosse minha: ayahuasqueiros e a comunidade paraíso tropical tarumã, Manaus/AM. (um estudo das relações de vizinhança). PPGSCA/UFAM. 2018.

SANTOS, **Maria do Socorro Dias de L:** depoimento em 20.01.2019 Entrevistador: MELO Delta Paula. Celular sonoro. Entrevista concedida ao Projeto de pesquisa. Se essa rua fosse minha: ayahuasqueiros e a comunidade paraíso tropical tarumã, Manaus/AM. (um estudo das relações de vizinhança). PPGSCA/UFAM. 2018.

SANTOS, Ademir Barros. **Fundamentos da circulação de saberes nos espaços religiosos de matriz africana: análise no Ilê Alaketu Asê Omô Logunédê.** 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos - Campus Sorocaba. Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED-SO. Disponível em <https://repositorio.ufscar.br/handle/UFSCar/9631>. Acesso em 28 mai. 2019.

SECRETO, María Verónica. **Soldados da Borracha. Trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas.** São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo. 2007

SEMMAS. Secretaria Municipal de meio ambiente e sustentabilidade de Manaus. (**Unidades de Conservação e Apas**). Disponível em: [semmas.manaus.am.gov.br](http://semmas.manaus.am.gov.br) . Acesso em 02 out. 2018.

SEMSA. Secretaria Municipal de Saúde. **Sistemas de Coordenadas Planas. Base Cartográfica. PMM.** 2018. Disponível em. [semsa.manaus.am.gov.br](http://semsa.manaus.am.gov.br). Acesso em 18 maio.



2018. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/131846>. Acesso em 27 de maio de 2019.

SHARLON, Isac. **O som do bar da igreja ou da casa do vizinho te incomoda, saiba o que fazer.** Disponível em: <https://d.emtempo.com.br/dia-a-dia/78067/o-som-do-bar-da-igreja-ou-da-casa-do-vizinho-te-incomoda-saiba-o-que-fazer> 21 de julho de 2017. Acesso em 10 de março de 2019.

SILVA, Solange Teles. **Aspectos jurídicos da poluição sonora.** In: Poluição sonora no meio ambiente urbano. Silva, Solange Teles. Dantas, Fernando Antônio de Carvalho. (Org). EDUA AM - 2004.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia.** Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_, Georg. **Essays on religion.** New Haven: Yale University Press 1997.

SOARES, B. Randielly. **Análise sobre as alterações da paisagem na micro bacia do igarapé da Água branca.** Centro Gestor e Operacional do Sistema de Proteção da Amazônia Centro Regional de Manaus – CR – MN – Relatório Final. 2016. Disponível in: <https://aguabrancaonline.blogspot.com/2016/09/>. Acesso em: 15.jan. 2019.

SOUSA, Edson. **Edson R. Sousa: depoimento [20.10.2018].** Entrevistador: MELO Delta Paula. 2018. 2. Entrevista concedida ao Projeto de pesquisa. Se essa rua (mística) fosse minha: ayahuasqueiros e a comunidade paraíso tropical tarumã, Manaus/AM. (um estudo das relações de vizinhança). PPGSCA/UFAM. 2018.

SOUSA, Silane. **Jornal a Crítica. Grupo denuncia estado de não investigar crimes de intolerância religiosa no AM.** 05.03.2019. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/em-busca-das-garantias>. Acesso em: março de 2019.

SOUZA. Fabricio Filizola. **Índios citadinos: a constituição de uma comunidade multiétnica no Bairro Tarumã, Manaus, Am.** Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia Universidade Federal do Amazonas/UFAM – 2017.

TAVEIRA, Valéria Cristina Barbosa. **O servente de Pedreiro e a exclusão social nas relações de trabalho: análise sócia jurídica.** Disponível em: [http://www.trt24.jus.br/arq/download/biblioteca/24opiniaio/O\\_SERVENTE\\_DE\\_PEDREIRO\\_E\\_A\\_EXCLUSAO\\_SOCIAL\\_NAS\\_RELACOES\\_DE\\_TRABALHO](http://www.trt24.jus.br/arq/download/biblioteca/24opiniaio/O_SERVENTE_DE_PEDREIRO_E_A_EXCLUSAO_SOCIAL_NAS_RELACOES_DE_TRABALHO). Acesso em: 30 de mai. 2019.

THÉVENIN, Julliem Marius Reis. Tese de doutorado. **A natureza nos caminhos da ayahuasca: territorialidade, arranjos institucionais e aspectos fitogeográficos de conservação florestal na Amazônia (Rondônia-Brasil).** Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/150410?locale-attribute=es>. Acesso em 28 mai. 2019.

THUILLIER, Pierre. **De Arquimedes a Einstein: a face oculta da invenção científica.** Rio de Janeiro, Zahar 1994.

TOCANTINS, Leandro. **Amazônia: natureza, homem e tempo – uma planificação ecológica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidades e Sociedades como entidades típico-ideais**, 1944. In: Fernandes, F. (Org). *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo. Ed. Nacional – USP, 1973 p 96-116.

TÚLIO, Silvio. **Juiz Contraria Pais Testemunhas de Jeová**. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2019/03/07/>. Acesso em 10 de março de 2019.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e ante estrutura**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1974.

TYLOR, Edward. **Primitive culture. Researches into the development of mythology**, philosophy, religion, language, art and custom – volume I, London, John Murray. 1920.

UDV. **Centro Espírita Beneficente União do Vegetal**. 2018. Disponível em: <http://udv.org.br/>. Acesso em: 20 jul.2019.

VALES, Pedro dos Santos. **Pedro dos Santos Vales: depoimento** [25.10.2018]. Entrevistador: MELO Delta Paula. 2018. 2. Celular sonoro. Entrevista concedida ao Projeto de pesquisa. *Se essa rua fosse minha: ayahuasqueiros e a comunidade paraíso tropical tarumã, Manaus/AM. (um estudo das relações de vizinhança)*. PPGSCA/UFAM. 2018.

VASCONCELOS, Vanessa. **Com a ocupação supostamente indígena, invasão ilegal de terra se expande na zona norte**. *Jornal A crítica*. 09 novembro 2014. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/com-a-ocupacao-supostamente-indigena-invasao-ilegal-de-terra-se-expande-na-zona-norte>. Acesso em abril 2018.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro, Zahar, 1997

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução José Marcos M. Macedo. São Paulo. Companhia das letras. 2004.

WEBER, Max. *The Protestant Sects and the Spirit of Capitalism*. In. *From Max Weber: Essays in Sociology*, Editado por H.H. Gerth & C Wright Milss. Nova York: Routledge, 2009 p.302-322. In. BERGER, Peter L. **Os múltiplos altares da modernidade. Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis. RJ Vozes, 2017 p. 93,94.

WIKIMAPIA. Org. Disponível em <http://wikimapia.org/#lang=pt&lat=-3.062696&lon=-60.058136&z=12&m=w&show=/14998248/pt/Tarum%C3%A3>. Acesso em 20 de Outubro de 2018.

YANG, Fenggang. **Secularização por agenciamento e experiências chinesas nas modernidades múltiplas**. Petrópolis. Vozes 2012.

## **APÊNDICES**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Parecer: 2.995.801

PROTOCOLO DE PESQUISA APROVADO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1206512.pdf	19/09/2018 22:09:48		Aceito
Outros	cv_lattes_orientador.pdf	19/09/2018 22:04:22	DELTA PAULA MELO	Aceito
Orçamento	orcamento_novo.pdf	19/09/2018 22:02:04	DELTA PAULA MELO	Aceito
Outros	Coleta_dados_entrevista.pdf	19/09/2018 21:59:15	DELTA PAULA MELO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_mestrado_.pdf	19/09/2018 21:57:41	DELTA PAULA MELO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tole_novo.pdf	19/09/2018 21:55:56	DELTA PAULA MELO	Aceito
Outros	Pousada_Uaruma.pdf	25/08/2018 15:03:00	DELTA PAULA MELO	Aceito
Outros	U_D_V.pdf	25/08/2018 15:02:12	DELTA PAULA MELO	Aceito
Outros	Igreja_Ceu_Sol_Nascente.pdf	25/08/2018 14:59:23	DELTA PAULA MELO	Aceito
Outros	Igreja_ceu_Rainha_da_Floresta.pdf	25/08/2018 14:58:54	DELTA PAULA MELO	Aceito
Outros	Comunidade_bairro_Taruma.pdf	25/08/2018 14:58:16	DELTA PAULA MELO	Aceito
Outros	AMORC.pdf	25/08/2018 14:57:38	DELTA PAULA MELO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	25/08/2018 11:28:17	DELTA PAULA MELO	Aceito
Folha de Rosto	Paula_folhaderosto0001.pdf	25/08/2018 11:26:02	DELTA PAULA MELO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Nº 17 – DOU de 26/01/10 – seção 1 – p.57

**CASA CIVIL**  
**GABINETE DE SEGURANÇA INSTITUCIONAL**  
**CONSELHO NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS****RESOLUÇÃO Nº 1, DE 25 DE JANEIRO DE 2010**

Dispõe sobre a observância, pelos órgãos da Administração Pública, das decisões do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas - CONAD sobre normas e procedimentos compatíveis com o uso religioso da Ayahuasca e dos princípios deontológicos que o informam.

**O PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS - CONAD**, no uso de suas atribuições legais, e tendo em vista as disposições contidas no artigo 10 do Decreto nº. 5.912, de 27 de setembro de 2006, e

Considerando o Relatório Final elaborado pelo Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT), instituído pela Resolução nº. 5 - CONAD, publicada no D.O.U. de 10/11/2004;

Considerando que o referido Relatório Final foi aprovado pelo CONAD, consoante Ata de sua 2ª Reunião Ordinária, realizada em 06 de dezembro de 2006;

Considerando que o Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT) baseou-se, em seu Relatório Final, na legitimidade do uso religioso da Ayahuasca, como matéria já examinada e decidida pelos plenários do antigo Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN) e do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD), cabendo ao GMT, no âmbito de sua competência, definida na Resolução nº. 5 - CONAD, 2004, identificar normas e procedimentos compatíveis com o uso religioso da Ayahuasca e implementar o estudo e a pesquisa sobre o uso terapêutico da Ayahuasca em caráter experimental;

Considerando que nas seis reuniões de trabalho o Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT) discutiu a seguinte pauta (Introdução, itens 8 e 9 do Relatório Final): *"cadastramento das entidades; aspectos jurídicos e legais para regulamentação do uso religioso e amparo ao direito à liberdade de culto; regulação de preceitos para produção, uso, envio e transporte da Ayahuasca; procedimentos de recepção de novos interessados na prática religiosa; definição de uso terapêutico e outras questões científicas (item 8 do Relatório Final);*

Considerando que o objetivo final do Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT), nos termos da Resolução nº. 5 - CONAD, 2004, é identificar *"o que é preciso fazer"* para atender aos diversos itens que integram os direitos e obrigações pertinentes ao *"uso religioso da Ayahuasca"* (item 9 do Relatório Final);

Considerando a decisão do INCB (International Narcotics Control Board), da Organização das Nações Unidas, relativa à Ayahuasca, que afirma não ser esta bebida nem as espécies vegetais que a compõem objeto de controle internacional;

Considerando, finalmente, as "Proposições" do Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT), em seu Relatório Final, numeradas de 1 a 3 e suas respectivas alíneas;  
Resolve:

Art. 1º Determinar a publicação, na íntegra, do Relatório Final, do Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT), fazendo-o parte integrante da presente Resolução.

Art. 2º Independentemente da publicação oficial, dar ampla publicidade à presente Resolução, com o anexo Relatório Final, através da entrega deste expediente a todos os conselheiros integrantes do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD), inclusive para encaminhamento às instituições que representam, para os fins previstos na ementa da presente Resolução.

Art. 3º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

JORGE ARMANDO FELIX

**ANEXO****GRUPO MULTIDISCIPLINAR DE TRABALHO - GMT- AYAHUASCA****RELATÓRIO FINAL****I - INTRODUÇÃO**

1. O CONAD é o órgão normativo do Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - SISNAD - e suas decisões "deverão ser cumpridas pelos órgãos e entidades da Administração Pública integrantes do Sistema" (arts. 3o, I, 4o, 4o, II e 7o, do Decreto no 3.696, de 21/12/2000). Assim, no exercício de sua competência legal aprovou parecer da CATC que, por sua vez, adotou pareceres do colegiado que o precedeu - o CONFEN - e abordou outros aspectos pertinentes ao tema "o uso religioso da ayahuasca" cumprindo destacar a observação final e as conclusões do parecer que o CONAD aprovou: "que fique registrado em ata, para fins, inclusive de utilização pelos interessados, que não pode haver restrição, direta ou indireta, às práticas religiosas das comunidades, baseada em proibição do uso ritual da Ayahuasca".

2. O referido parecer concluiu: "a) a câmara ratifica as decisões anteriores do colegiado, com os aditamentos do presente parecer, conforme referido no ponto no 4; b) recomenda-se a consolidação, em separata, de todas as decisões supracitadas, para acesso e utilização dos interessados; c) a liberdade religiosa e o poder familiar devem servir à paz social, à qual se submete a autonomia individual; d) deve ser reiterada a liberdade do uso religioso da Ayahuasca, tendo em vista os fundamentos constantes das decisões do colegiado, em sua composição antiga e atual, considerando a inviolabilidade de consciência e de crença e a garantia de proteção do Estado às manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, com base nos arts. 5o, VI e 215, § 1o da Constituição do Brasil, evitada, assim, qualquer forma de manifestação de preconceito".

3. A Resolução nº 05 - CONAD, de 10 de novembro de 2004, tem por objetivo contribuir para a plena implementação do que foi discutido e aprovado "sobre o uso religioso da Ayahuasca", e para tanto foi constituído o GMT que, assim, terá por premissas as questões decididas pelo CONAD, para laborar, com ampla liberdade, no "estudo do que é preciso fazer", ou seja, na formulação de documento que "traduza a deontologia do uso da Ayahuasca".

4. O Grupo Multidisciplinar de Trabalho, instituído pela Resolução nº. 5 CONAD, de 04 de novembro de 2004, para levantamento e acompanhamento do uso religioso da Ayahuasca, bem como para a pesquisa de sua utilização terapêutica, em caráter experimental, foi oficialmente instalado pelo Ministro-Chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República e Presidente do Conselho Nacional Antidrogas, JORGE ARMANDO FELIX, em 30 de maio de 2006, no Palácio do Planalto, em Brasília-DF, e teve como objetivo final a elaboração de documento que traduzisse a deontologia do uso da Ayahuasca, como forma de prevenir seu uso inadequado.

5. AYAHUASCA, aqui, é referida de modo genérico, para manter a uniformidade do texto e a harmonia com a nomenclatura utilizada nos atos oficiais do CONAD, mas é conhecida por diversos outros nomes, conforme a comunidade que o usa no Brasil ou no Exterior, destacando-se as expressões mais conhecidas "HOASCA", "SANTO DAIME" e "VEGETAL", compostos, indistintamente, pelo cipó *Banisteriopsis caapi* (jagube, mariri etc) e pela folha *Psychotria viridis* (chacrona, rainha etc.).

6. Nos termos da referida Resolução, o GMT foi composto por seis estudiosos(1), indicados pelo CONAD, das áreas que atenderam, dentre outros, os seguintes aspectos: antropológico (representado pelo Dr. Edward John Baptista das Neves MacRae), farmacológico/bioquímico (Dr. Isac Germano Karniol), social (Drª Roberta Salazar Uchoa), psiquiátrico (Dr. Dartiu Xavier da Silveira Filho) e jurídico (Drª Ester Kosovski) e seis membros, convidados pelo CONAD, representantes dos grupos religiosos que fazem uso da Ayahuasca, eleitos em Seminário realizado em Rio Branco nos dias 9 e 10 de março de 2006, a saber: Linha do Padrinho Sebastião Mota de Melo: Alex Polari de Alverga; Linha do Mestre Raimundo Irineu Serra: Jair Araújo Facundes e Cosmo Lima de Souza; Linha do Mestre José Gabriel da Costa: Edson Lodi Campos Soares; Linha Independente (Outras Linhas): Luis Antônio Orlando Pereira e Wilson Roberto Gonzaga da Costa. Considerando que a linha do Mestre Daniel Pereira de Matos, popularmente conhecida como linha da Barquinha, decidiu não participar do GMT, conforme carta endereçada ao CONAD, foi realizada durante o seminário eleição entre os suplentes já eleitos das linhas presentes para o preenchimento da vaga em aberto. Nesta ocasião foi eleito mais um representante da linha do Mestre Raimundo Irineu Serra.

(1) A especialista na área de psicologia, indicada pelo CONAD, Dra Eroy Aparecida da Silva declinou de sua participação no GMT.

7. O GMT contou com o apoio da Secretaria Nacional Antidrogas, representada pela Diretora de Políticas de Prevenção e Tratamento, Drª Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte, e da Assessoria Executiva do CONAD, representada pelas Sras. Déborah de Oliveira Cruz e Maria de Lourdes Carvalho. Em suas reuniões ordinárias contou com o apoio do Dr. Domingos Bernardo Gialluisi da Silva Sá, Jurista, Membro Titular do CONAD e da Câmara de Assessoramento Técnico Científico, também representada pelo Dr. Marcelo de Araújo Campos e pela Drª Maria de Lourdes Zenel.

8. Além da primeira reunião em que os membros do GMT foram empossados, foram realizadas mais seis reuniões de trabalho na Sala de Reuniões da Secretaria Nacional Antidrogas, nos dias 28/06, 28/07, 28/08, 23 e 24/10 e 23/11, todas registradas em atas, durante as quais se discutiu a seguinte pauta: cadastramento das entidades; aspectos jurídicos e legais para regulamentação do uso religioso e amparo do direito à liberdade de culto; regulação de preceitos para produção, uso, envio e transporte da Ayahuasca; procedimentos de recepção de novos interessados na prática religiosa; definição de uso terapêutico e outras questões científicas; Ayahuasca, cultura e sociedade; e, sistematização do trabalho para elaboração do documento final.



9. O objetivo final do GMT, nos termos da Resolução nº 05/04, do CONAD, é identificar "o que é preciso fazer" para atender aos diversos itens que integram os direitos e obrigações pertinentes ao "uso religioso da Ayahuasca". O "estudo" desse "o que é preciso fazer" constituiu-se, exatamente, nas atividades desenvolvidas pelo GMT, traduzindo, assim, a "deontologia do uso da Ayahuasca": (*deon*, do grego: "o que é preciso fazer" + *logos*, também do grego: "estudo").

## II - HISTÓRICO DA REGULAMENTAÇÃO DO USO DA AYAHUASCA

10. A instituição do Grupo Multidisciplinar de Trabalho expressa dever constitucional do Estado Brasileiro de proteger as manifestações populares e indígenas e garantir o direito de liberdade religiosa. Representa o coroamento do processo de legitimação do uso religioso da Ayahuasca no país, iniciado há mais de vinte anos, com a criação do 1º Grupo de Trabalho do CONAD (na época CONFEN), designado para examinar a conveniência da suspensão provisória da inclusão da substância *Banisteriopsis caapi* na Portaria nº 02/85, da DIMED (Resolução nº. 04/85, do CONFEN).

11. Este primeiro estudo, após dois anos, com a realização de várias pesquisas e visitas às comunidades usuárias em diversos Estados da Federação, principalmente ao Acre, Amazonas e Rio de Janeiro, resultou em extenso relatório (2), de setembro de 1987, subscrito pelo então Conselheiro do CONFEN, Doutor Domingos Bernardo Gialluisi da Silva Sá, Presidente do Grupo de Trabalho, que concluiu que as espécies vegetais que integram a elaboração da bebida denominada de Ayahuasca ficassem excluídas das listas de substâncias proscritas pela DIMED.

(2) Vide Dossiê Ayahuasca - GMT (2006)

12. Esta conclusão foi aprovada pelo plenário do antigo Conselho Federal de Entorpecentes, em reunião de setembro de 1987, de sorte que a suspensão provisória da interdição do uso da Ayahuasca, levada a termo pela Resolução nº 06, do CONFEN, de 04 de fevereiro de 1986, tornou-se definitiva, com a exclusão da bebida e das espécies vegetais que a compõem das listas da DIMED.

13. A despeito disso, em 1991, em face de denúncia anônima, por iniciativa do então Conselheiro do CONFEN, Paulo Gustavo de Magalhães Pinto, Chefe da Divisão de Repressão a Entorpecentes do Departamento de Polícia Federal, a "questão do uso da Ayahuasca" foi reexaminada.

14. Disso resultou mais uma vez, por parte do CONFEN, a realização de estudos acerca do contexto de produção e do consumo da bebida, desenvolvidos pelo Doutor Domingos Bernardo Gialluisi da Silva Sá, o qual, em parecer conclusivo de 02/06/92, aprovado por unanimidade na 5ª Reunião Ordinária do CONFEN realizada na mesma data, considerou que não havia razões para alterar a conclusão proposta em 1987, no relatório final já mencionado (3).

(3) Vide Dossiê Ayahuasca - GMT (2006)

15. Dez anos depois, em face de denúncias de uso inadequado da bebida Ayahuasca, a maior parte divulgada na imprensa e outras tantas dirigidas aos órgãos do Poder Público, notadamente CONAD, Polícia Federal e Ministério Público, fato que está amplamente documentado na consolidação das decisões e estudos do CONAD e de outras instituições acerca do uso da Ayahuasca, novo Grupo de Trabalho foi definido pela Resolução nº 26, de 31 de dezembro de 2002.

16. De acordo com esta resolução, o GT deveria ser composto por diversas instituições(4), com base no princípio da responsabilidade compartilhada, agora com o objetivo de fixar normas e procedimentos que preservassem a manifestação cultural religiosa, observando os objetivos e normas estabelecidas pela Política Nacional Antidrogas e pelos diplomas legais pertinentes. Não há registro de que este grupo tenha sido constituído.

(4) Ministérios da Justiça, Relações Exteriores, Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Departamento de Polícia Federal, ANVISA, IBAMA, FUNAI, OAB, Associação Médica Brasileira, Associação Brasileira de Psiquiatria e confissões religiosas usuárias do chá Ayahuasca.

17. Em 24 de março de 2004 o CONAD solicitou à Câmara de Assessoramento Técnico Científico a elaboração de estudo e parecer técnico-científico a respeito de diversos aspectos do uso da Ayahuasca, ocasião em que o referido órgão de assessoramento do CONAD emitiu parecer apresentado e aprovado na Reunião do CONAD de 17/08/04, o qual serviu de fundamento à Resolução nº 5, do CONAD, de 04/11/04, que institui o atual Grupo Multidisciplinar de Trabalho.

## III - ANDAMENTO DAS REUNIÕES

18. A fim de atender aos termos da resolução que o instituiu, o GMT teve como primeira tarefa, depois de eleger o Presidente e o Vice-Presidente do Grupo, respectivamente Dr. Dartiu Xavier da Silveira Filho e Edson Lodi Campos Soares, a elaboração do Cadastro Nacional das Entidades Usuárias da Ayahuasca - CNEA.

19. Acerca desse tema, muitos foram os questionamentos levados em consideração pelo grupo, a começar pela finalidade do referido cadastro, que não deve servir de mecanismo de controle estatal sobre o direito constitucional à liberdade de crença (art. 5º, VI, CF). Discutiu-se também acerca de sua objetividade, de sorte que não constassem exigências que viessem a invadir o direito individual à intimidade, vida privada e imagem dos usuários (art. 5º, X, CF).

Nesse sentido, chegou-se ao consenso de que responder ou não ao cadastro seria uma faculdade das entidades.

20. Fixados esses parâmetros, o formulário de cadastro foi colocado à disposição dos interessados, acompanhado de carta explicativa e cópia da Resolução nº. 05/04, do CONAD. Até a presente data foi cadastrada quase uma centena de entidades, dando também uma dimensão parcial das diversas práticas que são adotadas pelas entidades que fazem uso da Ayahuasca no Brasil. O cadastro continua disponível às entidades interessadas.

21. O GMT procurou destacar e consolidar as práticas que para as próprias entidades representam o uso religioso adequado e responsável, anteriormente estabelecidos na "Carta de Princípios", resultado do 1º Seminário das entidades da Ayahuasca, realizado em Rio Branco em 24 de novembro de 1991. Nas discussões priorizaram-se os seguintes temas: definição de uso ritual, comércio, turismo, publicidade, associação da Ayahuasca com outras substâncias, criação de novos centros, auto-sustentabilidade das entidades, procedimentos de recepção de novos interessados, curandeirismo, uso terapêutico, assim como definição de mecanismos para tornar efetivos os princípios deontológicos formulados. A maior parte das deliberações do grupo foi consensual e estão sintetizadas no item V - Conclusão.

#### IV - TEMAS DISCUTIDOS

##### IV.I - USO RELIGIOSO DA AYAHUASCA

22. Ao longo de décadas o uso ritualístico da *Ayahuasca* - bebida extraída da decocção do cipó *Banisteriopsis caapi* (jagube, mariri etc.) e da folha *Psychotria viridis* (chacrona, rainha etc.) – tem sido reconhecido pela sociedade brasileira como prática religiosa legítima, de sorte que são mais do que atuais as conclusões de relatórios e pareceres decorrentes de estudos multidisciplinares determinados pelo antigo CONFEN, desde 1985, que constatavam que "*há muitas décadas o uso da Ayahuasca vem sendo feito, sem que tenha redundado em qualquer prejuízo social conhecido*" (5).

(5) Vide Dossiê Ayahuasca - GMT (2006)

23. A correta identificação do que é uso religioso, segundo os conceitos e práticas ditadas, a partir das próprias entidades que fazem uso da Ayahuasca, permitirá assegurar a proteção da liberdade de crença prevista na Constituição Federal. Considerando a ocorrência de registros de uso não religioso da Ayahuasca, sua identificação possibilitará prevenir práticas que não se amoldam à proteção constitucional.

24. Trata-se, pois, de ratificar a legitimidade do uso religioso da Ayahuasca como rica e ancestral manifestação cultural que, exatamente pela relevância de seu valor histórico, antropológico e social, é credora da proteção do Estado, nos termos do art. 2º, "caput", da Lei 11.343/06 (6), e do art. 215, §1º, da CF. Devem-se evitar práticas que possam pôr em risco a legitimidade do uso religioso tradicionalmente reconhecido e protegido pelo Estado brasileiro, incluindo-se aí o uso da Ayahuasca associado a substâncias psicoativas ilícitas ou fora do ambiente ritualístico.

(6) "Art. 2º Ficam proibidas, em todo o território nacional, as drogas, bem como o plantio, a cultura e a exploração de vegetais e substratos dos quais possam ser extraídas ou produzidas drogas, ressalvada a hipótese de autorização legal ou regulamentar, bem como o que estabelece a Convenção de Viena, das Nações Unidas, sobre Substâncias Psicotrópicas, de 1971, a respeito de plantas de uso estritamente ritualístico-religioso" (grifo nosso).

##### IV.II - COMERCIALIZAÇÃO

25. O GMT reconhece o caráter religioso de todos os atos que envolvem a Ayahuasca, desde a coleta das plantas e seu preparo, até seu armazenamento e ministração, de modo que seu praticante de tudo participa com a convicção de que pratica ato de fé e não de comércio. Daí decorre que o plantio, o preparo e a ministração com o fim de auferir lucro é incompatível com o uso religioso que as entidades reconhecem como legítimo e responsável.

26. Quem vende Ayahuasca não pratica ato de fé, mas de comércio, o que contradiz e avilta a legitimidade do uso tradicional consagrado pelas entidades religiosas.

27. A vedação da comercialização da Ayahuasca não se confunde com seu custeio, com pagamento das despesas que envolvem a coleta das plantas, seu transporte e o preparo. Tais custos de manutenção, conforme seja o seu modo de organização estatutária, são suportados pela comunidade usuária. E é evidente, também, que a produção da Ayahuasca tem um custo, que pode variar de acordo com a região que a produz, a quantidade de adeptos, a maior ou menor facilidade com que se adquire a matéria prima (cipó e folha), se se trata de plantio da própria entidade ou se as plantas são obtidas na floresta nativa, e tantas outras variáveis.

28. Historicamente, porém, de acordo com a experiência das entidades religiosas chamadas a compor o Grupo Multidisciplinar de Trabalho, esse custo é partilhado no seio da instituição por meio das contribuições dos membros de cada entidade. Os sócios respondem pelas despesas de manutenção da organização religiosa, nas quais estão incluídos os gastos com a produção da Ayahuasca, com prestação de contas regular.

29. O uso religioso responsável na produção da Ayahuasca é delineado a partir da constatação das práticas das entidades: a) cultivar as plantas e preparar a Ayahuasca, em princípio, para seu próprio consumo; b) buscar a sustentabilidade na produção das espécies; e, c) quando não possuir cultivo próprio e nenhuma forma de obtenção da matéria prima na floresta nativa - sem prejuízo de buscar a auto-suficiência em prazo razoável - nada obsta obter o chá mediante custeio das despesas tão somente, evitando-se que pessoas, grupos ou entidades se dediquem, com exclusividade ou majoritariamente, ao fornecimento a terceiros.

##### IV.III - SUSTENTABILIDADE DA PRODUÇÃO DA AYAHUASCA

30. A cultura do uso religioso da Ayahuasca, por se tratar de fé baseada em bebida extraída de plantas nativas da Floresta Amazônica, pressupõe responsabilidade ambiental na extração das espécies.

As entidades religiosas devem buscar a auto-sustentabilidade na produção da bebida, cultivando o seu próprio plantio.

##### IV.IV - TURISMO



31. Turismo, como atividade comercial, deve ser evitado pelas entidades, que por se constituírem em instituições religiosas, não devem se orientar pela obtenção de lucro, principalmente decorrente da exploração dos efeitos da bebida.

32. A Constituição Federal garante o livre exercício dos cultos religiosos, que tem como consequência o direito à propagação da fé através do intercâmbio legítimo de seus membros. Neste sentido todos têm direito de professar a sua fé livremente e de promover eventos dentro dos limites legais estabelecidos. O que se quer evitar é que uma prática religiosa responsável, séria, legitimamente reconhecida pelo Estado, venha a se transformar, por força do uso descomprometido com princípios éticos, em mercantilismo de substância psicoativa, enriquecendo pessoas ou grupos, que encontram no argumento da fé apenas o escudo para práticas inadequadas.

#### IV.V - DIFUSÃO DAS INFORMAÇÕES

33. A publicidade da Ayahuasca também tem sido motivo de deturpações e abusos, notadamente na Internet. Observa-se, principalmente neste meio de comunicação, o oferecimento de toda espécie de cursos e oficinas remuneradas, cujo elemento central é o uso da Ayahuasca associado a promessas de experiências transformadoras descomprometidas com o ritual religioso.

34. A partir das experiências das entidades e de suas práticas rituais, verifica-se que o uso ritual responsável é incompatível com a publicidade e a oferta de promessas de curas milagrosas, de transformações pessoais arrebatadoras e com a indução das pessoas a acreditarem que a Ayahuasca é o remédio para todos os males. É consenso no GMT que quem faz uso religioso responsável não divulga informações que possam induzir as pessoas a terem uma imagem fantasiosa da Ayahuasca e trata do tema com discrição, sem fazer alardes dos efeitos da substância.

#### IV.VI - USO TERAPÊUTICO

35. Para fins deste relatório "terapia" é compreendida como atividade ou processo destinado à cura, manutenção ou desenvolvimento da saúde, que leve em conta princípios éticos científicos.

36. Tradicionalmente, algumas linhas possuem trabalhos de cura em que se faz uso da Ayahuasca, inseridos dentro do contexto da fé. O uso terapêutico que tradicionalmente se atribui à Ayahuasca dentro dos rituais religiosos não é terapia no sentido acima definido, constitui-se em ato de fé e, assim sendo, ao Estado não cabe intervir na conduta de pessoas, grupos ou entidades que fazem esse uso da bebida, em contexto estritamente religioso. Em outra condição se encontram aqueles que se utilizam da bebida fora do contexto religioso.

Isto nada tem que ver com uso religioso, e tal prática não está reconhecida como legítima pelo CONAD, que se limitou a autorizar o uso da substância em rituais religiosos.

37. A utilização terapêutica da Ayahuasca em atividade privativa de profissão regulamentada por lei dependerá da habilitação profissional e respaldo em pesquisas científicas, pois de outra forma haverá exercício ilegal de profissão ou prática profissional temerária.

38. Qualquer prática que implique utilização de Ayahuasca com fins estritamente terapêuticos, quer seja da substância exclusivamente, quer seja de sua associação com outras substâncias ou práticas terapêuticas, deve ser vedada, até que se comprove sua eficiência por meio de pesquisas científicas realizadas por centros de pesquisa vinculados a instituições acadêmicas, obedecendo às metodologias científicas. Desse modo, o reconhecimento da legitimidade do uso terapêutico da Ayahuasca somente se dará após a conclusão de pesquisas que a comprovem.

39. Com fundamento nos relatos dos representantes das entidades usuárias, verificou-se que as curas e soluções de problemas pessoais devem ser compreendidas no mesmo contexto religioso das demais religiões: enquanto atos de fé, sem relação necessária de causa e efeito entre uso da Ayahuasca e cura ou soluções de problemas.

#### IV.VI - ORGANIZAÇÃO DAS ENTIDADES

40. O crescimento do uso da Ayahuasca e a facilidade com que se pode comprar a bebida de pessoas que a produzem sem compromisso com a fé têm levado ao surgimento de novas entidades, que não possuem experiência no lidar com a bebida e seus efeitos, assim como fazem mau uso da Ayahuasca, associando-a a práticas que nada têm a ver com religião. O uso ritual caracterizado pela busca de uma identidade religiosa se diferencia do uso meramente recreativo.

41. O uso religioso responsável da Ayahuasca pressupõe a presença de pessoas experientes, que saibam lidar com os diversos aspectos que envolvem essa prática, a saber: capacidade de identificar as espécies vegetais e de preparar a bebida, reconhecer o momento adequado de servi-la, discernir as pessoas a quem não se recomenda o uso, além de todos os aspectos ligados ao uso ritualístico, conforme sua orientação espiritual.

42. Embora se reconheça o ato de fé solitário e isolado, usualmente a prática religiosa se desenvolve coletivamente. É recomendável que os grupos constituam-se em organizações formais, com personalidade jurídica, consolidando a idéia de responsabilidade, identidade e projeção social, que possibilite aos usuários a prática religiosa em ambiente de confiança.

#### IV.VII - PROCEDIMENTOS DE RECEPÇÃO DE NOVOS ADEPTOS

43. Além dos princípios inerentes a cada uma das linhas doutrinárias na recepção de novos membros, é razoável e prudente que ao se ministrar a Ayahuasca seja levado em conta o relato de alterações mentais anteriores, o estado emocional no momento do uso e que eles não estejam sob efeito de álcool ou outras substâncias psicoativas.

44. Antes de ingerir pela primeira vez, o interessado deve ser informado acerca de todas as condições que se exigem para o uso da Ayahuasca, conforme a orientação de cada entidade. Uma entrevista prévia, oral ou escrita,

deve ser realizada no sentido de averiguar as condições do interessado e a ele devem ser dados os esclarecimentos necessários acerca dos efeitos naturais da bebida.

45. É recomendável que cada entidade acompanhe os participantes até a finalização de seus rituais, excetuada a saída previamente solicitada em casos excepcionais e com a anuência do responsável.

#### IV.VIII - USO DA AYAHUASCA POR MENORES E GRÁVIDAS

46. Tendo em vista a inexistência de suficientes evidências científicas e levando em conta a utilização secular da Ayahuasca, que não demonstrou efeitos danosos à saúde, e os termos da Resolução nº 05/04, do CONAD, o uso da Ayahuasca por menores de 18 (dezoito) anos deve permanecer como objeto de deliberação dos pais ou responsáveis, no adequado exercício do poder familiar (art. 1634 do CC); e quanto às grávidas, cabe a elas a responsabilidade pela medida de tal participação, atendendo, permanentemente, a preservação do desenvolvimento e da estruturação da personalidade do menor e do nascituro.

#### V - CONCLUSÃO:

a. Considerando que o CONAD, acolhendo parecer da Câmara de Assessoramento Técnico Científico, reconheceu a legitimidade do uso religioso da Ayahuasca, nos termos da Resolução nº 05/04, que instituiu o GMT para elaborar documento que traduzisse a deontologia do uso da Ayahuasca, como forma de prevenir seu uso inadequado;

b. Considerando que o GMT, após diversas discussões e análises, onde prevaleceu o confronto e o pluralismo de idéias, considerou como uso inadequado da Ayahuasca a prática do comércio, a exploração turística da bebida, o uso associado a substâncias psicoativas ilícitas, o uso fora de rituais religiosos, a atividade terapêutica privativa de profissão regulamentada por lei sem respaldo de pesquisas científicas, o curandeirismo, a propaganda, e outras práticas que possam colocar em risco a saúde física e mental dos indivíduos;

c. Considerando que a dignidade da pessoa humana é princípio fundante da República Federativa do Brasil, e dentre os direitos e garantias dos cidadãos sobressai-se a liberdade de consciência e de crença como direitos invioláveis, cabendo ao Estado, na forma da lei, garantir a proteção aos locais de culto e a suas liturgias (CF, arts. 1º, III, 5º, VI);

d. Considerando a decisão do INCB (International Narcotics Control Board), da Organização das Nações Unidas, relativa à Ayahuasca, que afirma não ser esta bebida nem as espécies vegetais que a compõem objeto de controle internacional;

e. Considerando, por fim, que o uso ritualístico religioso da Ayahuasca, há muito reconhecido como prática legítima, constitui-se manifestação cultural indissociável da identidade das populações tradicionais da Amazônia e de parte da população urbana do País, cabendo ao Estado não só garantir o pleno exercício desse direito à manifestação cultural, mas também protegê-la por quaisquer meios de acautelamento e prevenção, nos termos do art. 2º, "caput", Lei 11.343/06 e art. 215, *caput* e § 1º c/c art. 216, *caput* e §§ 1º e 4º da Constituição Federal. O Grupo Multidisciplinar de Trabalho aprovou os seguintes princípios deontológicos para o uso religioso da Ayahuasca:

1. O chá Ayahuasca é o produto da decoção do cipó *Banisteriopsis caapi* e da folha *Psychotria viridis* e seu uso é restrito a rituais religiosos, em locais autorizados pelas respectivas direções das entidades usuárias, vedado o seu uso associado a substâncias psicoativas ilícitas;
2. Todo o processo de produção, armazenamento, distribuição e consumo da Ayahuasca integra o uso religioso da bebida, sendo vedada a comercialização e ou a percepção de qualquer vantagem, em espécie ou *in natura*, a título de pagamento, quer seja pela produção, quer seja pelo consumo, ressalvando-se as contribuições destinadas à manutenção e ao regular funcionamento de cada entidade, de acordo com sua tradição ou disposições estatutárias;
3. O uso responsável da Ayahuasca pressupõe que a extração das espécies vegetais sagradas integre o ritual religioso. Cada entidade constituída deverá buscar a auto-sustentabilidade em prazo razoável, desenvolvendo seu próprio cultivo, capaz de atender suas necessidades e evitar a depredação das espécies florestais nativas. A extração das espécies vegetais da floresta nativa deverá observar as normas ambientais;
4. As entidades devem evitar o oferecimento de pacotes turísticos associados à propaganda dos efeitos da Ayahuasca, ressalvando os intercâmbios legítimos dos membros das entidades religiosas com suas comunidades de referência;
5. Ressalvado o direito constitucional à informação, recomenda-se que as entidades evitem a propaganda da Ayahuasca, devendo em suas manifestações públicas orientar-se sempre pela discrição e moderação no uso e na difusão de suas propriedades;
6. A prática do curandeirismo é proibida pela legislação brasileira. As propriedades curativas e medicinais da Ayahuasca – que as entidades conhecem e atestam – requerem uso responsável e devem ser compreendidas do ponto de vista espiritual, evitando-se toda e qualquer propaganda que possa induzir a opinião pública e as autoridades a equívocos;
7. Recomenda-se aos grupos que fazem uso religioso da Ayahuasca que se constituam em organizações jurídicas, sob a condução de pessoas responsáveis com experiência no reconhecimento e cultivo das espécies vegetais sagradas, na preparação e uso da Ayahuasca e na condução dos ritos;
8. Compete a cada entidade religiosa exercer rigoroso controle sobre o sistema de ingresso de novos adeptos, devendo proceder entrevista dos interessados na ingestão da Ayahuasca, a fim de evitar que ela seja ministrada a pessoas com histórico de transtornos mentais, bem como a pessoas sob efeito de bebidas alcoólicas ou outras substâncias psicoativas;

9. Recomenda-se ainda manter ficha cadastral com dados do participante e informá-lo sobre os princípios do ritual, horários, normas, incluindo a necessidade de permanência no local até o término do ritual e dos efeitos da Ayahuasca.

10. Observados os princípios deontológicos aqui definidos, cabe a cada entidade e a seus membros indistintamente, no relacionamento institucional, religioso ou social que venham a manter umas com as outras, em qualquer instância, zelar pela ética e pelo respeito mútuo.

**PROPOSIÇÕES:**

**1. QUANTO ÀS PESQUISAS DO USO TERAPÊUTICO DA AYAHUAS - CA EM CARÁTER EXPERIMENTAL:**

a. Devem-se fomentar pesquisas científicas abrangendo as seguintes áreas: farmacologia, bioquímica, clínica, psicologia, antropologia e sociologia, incentivando a multidisciplinaridade;  
b. Sugere-se ao CONAD que promova e financie, a partir de 2007, pesquisas relacionadas com o uso e efeitos da Ayahuasca.

**2. QUANTO À QUESTÃO AMBIENTAL E AO TRANSPORTE :**

a. Sugere-se ao CONAD que considere a possibilidade de intercâmbio com o CONAMA, se possível lançando mão do auxílio das entidades religiosas, no sentido de estabelecer medidas de proteção às espécies vegetais que servem de matéria prima à Ayahuasca, por meio de legislação específica para essas plantas de uso ritualístico religioso, as quais não podem ser tratadas indistintamente como um produto florestal não madeireiro.

**B.** Sugere-se ao CONAD ainda, que faça os encaminhamentos devidos junto aos órgãos competentes do Estado, no sentido de regulamentar o transporte interestadual da Ayahuasca entre as entidades, ouvindo-se previamente os interessados.

**3. QUANTO À EFETIVIDADE DOS PRINCÍPIOS DE ONTOLÓGICOS :**

a. Sugere-se ao CONAD que estude a possibilidade de fixar mecanismos de controle quanto ao uso descontextualizado e não ritualístico da Ayahuasca, tendo como paradigma os princípios deontológicos ora fixados, com efetiva participação de representantes das entidades religiosas.

b. Solicita-se ao CONAD apoio institucional para a criação de instituição representativa das entidades religiosas que se forme por livre adesão, para o exercício do controle social no cumprimento dos princípios deontológicos aqui tratados.

c. Sugere-se ainda, caso os princípios deontológicos aqui definidos sejam acatados, que disto seja dada ampla publicidade, preferencialmente com a realização de um segundo seminário organizado pelo próprio CONAD auxiliado pelo Grupo Multidisciplinar de Trabalho, do qual devem participar todas as entidades, sem prejuízo do encaminhamento formal do ato a todos os órgãos dos Ministérios Públicos e da Magistratura Federal e Estaduais, Polícia Federal e Secretarias de Segurança Pública dos Estados.

Brasília, 23 de Novembro de 2006.

Dartiu Xavier da Silveira Filho

---

Presidente do GMT - Representante do CONAD  
Edson Lodi Campos Soares

---

Vice-Presidente do GMT – Representante de Mestre José Gabriel da Costa  
Paulina do Carmo Arruda V. Duarte

---

Representante da Secretaria Nacional Antidrogas/GSIPR  
Domingos Bernardo Gialluisi da Silva Sá

---

Representante da Câmara de Assessoramento Técnico-Científico do CONAD  
Ester Kosovsky

---

Membro do GMT - Representante do CONAD  
Edward John Baptista das Neves MacRae

---

Membro do GMT - Representante do CONAD  
Roberta Salazar Uchôa

---

Membro do GMT - Representante do CONAD  
Isac Germano Karniol

---

Membro do GMT - Representante do CONAD  
Jair Araújo Facundes

---

Membro do GMT - Representante de Mestre Raimundo Irineu Serra  
Cosmos Lima de Souza

---